

INSTITUTO DAS
FILHAS DE MARIA AUXILIADORA.

"CRONISTORIA"

2

4Q3.2
Portuguese

INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

"CRONISTORIA"

O INSTITUTO EM MORNESE
PRIMEIRA EXPANSÃO — 1872 - 1879

2.º VOLUME



Aos cuidados de
Ir. G. Capetti

Tradução:

INSPETORIA NOSSA SENHORA DA PENHA

Rio de Janeiro — 1988

APRESENTAÇÃO

Este segundo volume da "CRONISTORIA" abrange o importante período de vida do Instituto: da sua fundação à véspera da transferência de Madre Mazzarello de Mornese para Nizza Monferrato.

São anos de fervor e vitalidade que assinalam o florescimento do espírito primitivo, o prosseguimento das primeiras fundações, também fora da Itália, as duas primeiras expedições missionárias ao Uruguai e Argentina.

Anos fecundos, marcados por lutos freqüentes e provas não comuns que revelariam, através até das insídias do inimigo, a grande missão de bem confiada ao Instituto, e que iriam abrilhantar a admirável assistência do Altíssimo a ele prodigalizada desde os primórdios.

A narração decorre subdividida ano por ano: às indicações com as quais são evidenciados os vários acontecimentos ou simples episódios (como se notou no volume precedente) correspondem as notas marginais do original datilografado, colocadas para facilitar a pesquisa.

O contexto foi revisto e em parte elaborado várias vezes, em anos sucessivos, à medida que surgiam outras notícias ou esclarecimentos sobre determinados fatos. Isto o atestam as várias correções e repetidos acréscimos à minuta e a já lembrada correspondência de Madre Clélia com D. Amadei e D. Ceria, conservada no Arquivo.

A compilação foi feita sobre documentos que ainda não tinham sido publicados, e foram depois inseridos nos volumes XI — XII — XIII das Memórias Biográficas de D. Bosco. Crê-se oportuno, para não aumentar a volumosa parte dos “Allegati” não transcrever na íntegra o texto de tais documentos, mas remeter às Memórias Biográficas com as indicações devidas.

Na revisão para a imprensa houve o cuidado de conservar a fidelidade devida ao texto original, salvo alguns retoques na forma e ligeiras transposições, para maior clareza.

Numa antiga memória, conservada no Arquivo, onde se recorda o vivíssimo desejo de Madre Daghero e de suas Conselheiras de ter uma simples, mas completa ‘Cronistória’ do Instituto, lêem-se, entre outros, estes critérios informativos para a sua compilação: “Valer-se de todos os possíveis testemunhos escritos ou verbais, de todos os documentos esparsos, desordenados, incompletos e até indecifráveis, de que se pudesse dispor, para extrair deles uma narração bem particularizada, a ponto de pôr em evidência a bela simplicidade e a robusta virtude primitiva e, mais ainda, o encaminhamento, o apoio, o vigor paterno e materno das duas figuras fulgentíssimas: D. BOSCO e MADRE MAZZARELLO.”

Parece-me que o volume presente corresponde a tais critérios.

Roma, 02 de fevereiro de 1976
Festa da Apresentação do Senhor

Irmã Giselda Copetti

O primeiro volume da Cronistória fecha-se com a partida de Dom Sciandra — (10 de setembro) enquanto o colégio começava a sua ativa e serena regularidade, sustentada pela observância dos deveres comunitários e pessoais, uma piedade fervorosa, e alegres recreações diárias.

Esta segunda parte da Cronistória inicia-se com um particular, omitido precedentemente, e que pode projetar uma luz sobre as manobras do inimigo de todo bem, fazendo ressaltar o mérito de quem, nas inevitáveis lutas dos inícios, caminha com o espírito firmemente ancorado na fé de que a obra é do Senhor.

AS PROVAS NÃO FALTAM

Ainda não haviam transcorrido 10 ou 12 meses do festivo 5 de agosto, quando uma carta do Sr. Arrigotti chamava Corina, então noviça muito feliz, para que fosse visitar a avó doente.

— Corina vai voltar para sua casa?!... Àquela casa?... Nunca mais voltará, nem conseguirá desvencilhar-se das mãos do pai. Deverá deixar o hábito religioso, vestir-se quem sabe como... e quem sabe, em meio a quantos perigos!... Estas e semelhantes expressões se ouviam na pequena comunidade de Mornese. E todas rezavam, como quando a gente quer se livrar de uma grande desgraça.

Irmã Corina estava desolada, imaginando facilmente o que a esperava entre seus familiares. Mas não podia eximir-se ao convite do pai, conhecendo sua irascibilidade, e entre soluços, repetia que não queria partir se não fosse acompanhada por uma das Irmãs.

A Vigária, naturalmente, comunicou-se com o bom Diretor Padre Pestarino. Ele não conseguiu falar com o Bispo. Decidiu-se que a

Mestra das Noviças, Irmã Felicina Mazzarello, acompanhasse Corina à sua casa. Ambas não usariam o hábito religioso, para atenuar os choques com a família Arrigotti e, possivelmente, facilitar a volta de Corina a Mornese.

No dia 20 de agosto, antes do amanhecer, toda a Comunidade estava em movimento, pois, além de se amarem muito entre si, esta era a primeira partida dolorosa depois da inesquecível data de "N. Senhora das Neves". E era quase certo que a pobre Corina deveria sujeitar-se às imposições paternas e não voltaria a vestir o hábito religioso.

A despedida foi de silêncio e lágrimas, mas a Vigária, com a energia da sua vontade, soube logo dominar o próprio coração e o das outras, exortando-as à oração unida aos pequenos sacrifícios, para obter a força necessária para quem ia e para quem ficava.

Sim, também para quem ficava, porque, se a presença do Sr. Bispo poderia ser como a cinza sobre o fogo do descontentamento mornesino, não faltavam motivos para prever que, depois da partida dele, tal fogo aumentasse.

— Rezemos e estejamos alegres, Irmãs; o Senhor e a Virgem estão conosco!... teriam repetido, mais do que as palavras, o olhar e a atitude da Vigária. Toda a casa tornou-se um claustro, nas horas sérias de oração e trabalho, e um centro de expansão, nas horas de jogos e cantos, nos pátios e corredores.

As várias notícias vindas de Tonco não eram realmente consoladoras; mas no dia 17 de setembro, o inesperado e feliz retorno de Corina ao colégio, veio dar, ao menos por uns dias, novo rumo à situação da Comunidade.

Aconteceu o seguinte: Na família Arrigotti, certamente conforme um plano pré-estabelecido, todos haviam circundado a boa Corina de atenções verdadeiramente paternas e fraternas; mas não se encontrando mais diante daquela jovem leviana e frívola de outros tempos, e começando a suspeitar o que de fato acontecera não pouparam nem seduções, nem ofertas, nem imposições violentas para atraí-la às festas e encontros mundanos e para afastá-la das práticas de piedade.

Não podiam negar que estivesse mais hábil no piano, no canto, no desempenho das ocupações domésticas e no bom trato social. Até o Sr. Arrigotti, se orgulhava diante dos amigos. E Corina, aproveitando a oportunidade, convencera o pai a deixá-la voltar a Mornese, para não interromper os estudos e ainda permitir-lhe levar com ela a irmãzinha, Ida. Tranqüilizou-o também quanto ao aspecto econômico: em vista

das aulas dadas por ela às alunas do colégio, a pequena não teria qualquer despesa, enquanto seria bem cuidada sob todos os aspectos.

As motivações foram acolhidas e o colégio se alegrou pelo esperado retorno.

Faltou todavia conseguir alguma coisa: maneiras diferentes de sentir e de agir por parte dos conterrâneos.

Os mornesinos não voltaram ao seu natural bom-humor. Durante a permanência do Bispo limitaram-se a dizer entre os dentes: "Vocês vão ver que depois daquela cerimônia do dia 5 o colégio ficará com as Irmãs e nós seremos passados para trás."

Tendo partido Dom Sciandra, as novas Irmãs passaram a morar no Colégio, enquanto o Pe. Pestarino se estabeleceu na vizinha casa Carante.

Então os mais ousados passaram a atacar abertamente com críticas mordazes e palavras verdadeiramente ofensivas.

— Por quanto tempo permanecerão lá em cima, fechadas e isoladas? Será que dentro de pouco tempo não vamos vê-las voltar às próprias famílias envergonhadas, constrangidas pela fome?

Seria então o momento oportuno para provar a virtude daquelas pobrezinhas.

Aquelas "pobrezinhas", ao invés, estão felizes com o seu hábito que faz lembrar um pouco os frades mendicantes. Amam o véu azul que durante a comunhão e nas saídas de casa as envolve como um pedaço do céu e lembra sua consagração à Mãe Celeste.

Mas, da parte de quem as conheceu como pobres camponesas e não as vê bem como religiosas... o mínimo que podem esperar é uma gargalhada maliciosa, que as deixa vermelhinhas...

Por isso, algumas Irmãs prefeririam um castigo a saírem de casa por qualquer motivo.

"QUE IMPORTA O QUE DIZEM?..."

Mas a Vigária não transige e, com bondade revestida de firmeza, não se deixa abater e diz a uma e a outra: "Que importa o que dizem? Agora somos religiosas e devemos deixar que nos reconheçam como religiosas, sem nos incomodar com ninguém. O essencial é que gloriifiquemos o Senhor e nos façamos santas..."

Até o vestido listrado que Irmã Pampuro e Ir. Rosa Mazzarello usavam em vez do de lã, devido ao serviço que faziam nos dias de semana, despertou o sarcasmo dos conterrâneos.

Irmã Teresa é a encarregada das compras para a comunidade. Irmã Rosa se ocupa nos trabalhos mais humildes e pesados da casa. Ambas, portanto, são as mais expostas aos olhares das pessoas de fora e dos operários, que entram e saem do colégio.

— Olhem só — comentam os amigos e os não amigos — estas duas, são as empregadinhas. As outras, as patroas que dão as ordens.

A PRIMEIRA CONFERÊNCIA SEMANAL

A partir do dia 15 de setembro, primeiro domingo depois da partida do Sr. Bispo, a Vigária começou a pôr em prática o artigo das Regras que prescreve a conferência semanal à Comunidade.

Apresentou-se com sua humildade habitual, dizendo que não somente ela, pobre Vigária, deveria fazer a casa caminhar segundo as Constituições e os desejos de D. Bosco, mas que cada uma das Irmãs deveria e poderia ajudá-la e aconselhá-la. Por isso, cada uma poderia e deveria manifestar o próprio parecer e dar suas opiniões, a fim de que tudo pudesse correr do melhor modo possível.

Partindo de tal princípio de fraterna liberdade e filial abertura de coração, é natural que cada uma lhe manifeste o que sente e o que percebe a seu redor; e é desse modo que Irmã Maria pode se dar conta de tudo o que acontece dentro e fora da casa, servindo-se disso para o bem de cada uma e de todas.

Portanto, a quem vai contar-lhe que no lugarejo se diz ou se desaprova isto ou aquilo, ou se interpreta mal tudo o que elas fazem ou deixam de fazer, Irmã Maria diz apenas breves e fortes palavras de confiança e anima sempre à constante alegria e ao sacrifício, mesmo quando a prova se tornasse mais dura, porque o Senhor e N. Senhora jamais abandonarão quem reza e trabalha na fidelidade às Constituições e a D. Bosco.

A Vigária sabe melhor do que qualquer outra, que as flechas mais pontiagudas são para o Pe. Pestarino: o que é que dizem contra ela e suas companheiras em comparação com o que amargura o seu Diretor, antes tão amado e agora tão mal visto? Dizem que, além de ter enganado seus conterrâneos, com relação ao “colégio falido”, ele não deixa nem ao menos a ilusão de dar mais alguma vantagem à terra natal, deixando-lhe parte da herança paterna, já que gastará tudo com aquelas “beatas”. Para se dedicar inteiramente a elas — dizem — acabará não se ocupando mais dos outros, os quais, se lhe devem muito, podem também dizer que têm algum crédito com ele... por causa daquele bendito colégio...

ADMIRÁVEL PRUDÊNCIA DO PADRE PESTARINO

O pobre Pe. Pestarino procurou logo levar os menos hostis a pensamentos de fé, repetindo que ele e D. Bosco foram simples instrumentos nas mãos de Deus, que sozinho conduziu os acontecimentos a esse final absolutamente imprevisível também para eles... Com os mais violentos finge não saber, não ver, nem ouvir, pois qualquer explicação poderia irritá-los ainda mais... e ele quer vê-los todos pacificados.

É claro que uma palavra seria suficiente para esclarecer todo o equívoco e afastar toda suspeita de traição. Mas seria preciso revelar aquele veto... e então o mau humor se voltaria contra as autoridades que, inconscientemente, haviam cooperado para a realização do plano divino.

O mal, nesse caso, seria maior que o remédio e ele prefere assumir toda a reprovação e a responsabilidade do que aconteceu. O bom Deus e o seu superior sabem a verdade e isso lhe basta.

Tanta virtude talvez seja compreendida mais tarde. No momento, não. É verdade que nem todos os mornesinos se revoltaram, mas os inimigos se mostram tão ferrenhos, que ameaçam até atacá-lo... e acabar com o traidor... Porém a esse ponto, até os tímidos e silenciosos se levantam, e chegam a formar um grupo. A fim de proteger a pessoa e a casa do seu santo vigário montam guarda, também durante a noite, aliviando assim o coração dos bons, especialmente das Irmãs. Por isso com razão, no colégio, se pensa que suas penas são rosas em comparação com os espinhos que afligem o pobre Pe. Pestarino. Não lhes resta outra coisa senão aumentar o fervor das orações e o empenho da vontade em fazer o bem.

A PRIMEIRA ESCOLA DE HUMILDADE

A nota desafinada que, meses antes, havia desagradado a todas, não existia mais: a professora de Fontanile, pouco maleável e já nossa conhecida, havia saído de Mornese, quando as Irmãs deixaram a Casa da Imaculada.⁽¹⁾ Eliminada a causa, estava eliminado o efeito.

Mas alguém perguntou, quase com tristeza: “Quem lecionará, agora?”

Há duas semanas D. Bosco mandara de Turim, a senhorita Angela Jandet, professora e a Vigária não tardou a consolar-se e a consolar as outras, dizendo: “Esta poderá substituir a outra.”

(1) Cf. Cronistória I, 247 e seguintes.

De fato, quis experimentá-la, encarregando-a de alguma anotaçãozinha, de algumas notas com relação à casa ou de trabalhos fora de casa, enquanto estudava seu caráter e espírito.

Logo que a casa se organizou, depois da partida do Bispo, não se esquecendo de que D. Bosco havia falado de alunas, também internas, para instruir e educar, sente o dever de preparar todas para a nova missão. Estabelece por isso o tempo, o lugar e as Irmãs que deveriam receber algumas aulas de Jandet, já professora. Entre as alunas está também ela, a Vigária, Irmã Maria.

“A humildade faz bem a todos, e especialmente a mim”, repete a si mesma.

Não fará mal também à nova professora que, entre os seus belos dotes de piedade e boa educação, não deixa de ter sinais evidentes de orgulho.

Eis-nos pois, diante de uma turma de estudantes jovens e adultas, vestidas de hábito ou não, cada qual com sua dose de boa vontade e também de orgulho. E primeira na vitória sobre si mesma, a Vigária, que, nos exercícios de escrita, sente a mão lenta e pesada.

Perto dela, porém, e atrás dela, quem pode deixar de se sentir arrastada a uma tal mortificação da inteligência, do coração e da vontade?

Também isso pode servir ao Senhor para dissipar mais depressa qualquer amargura mornesina. Assim não importa se alguma lágrima desponta entre os sorrisos, nem sempre dominados pelas alunas, quando a professora faz notar os enormes erros de linguagem falada ou escrita.

Outra fonte de humilhação acrescentou-se às demais. Não poucas mães, com medo de que D. Bosco queira transformar em Irmãs as melhores jovens da região, prendem em casa as próprias filhas. Por isso diminui o número de alunas, a quem fazer o bem e de quem receber algumas liras capazes de aliviar os apuros financeiros da casa.

O tempo da colheita e da vindima também contribui um pouquinho para isso.

NOVAS POSTULANTES E POBREZA ANTIGA

De Turim e de outros lugares chegam postulantes que deveriam abrir o coração. Realmente abrem. Mas . . . são todas pobres. Assim, o pessoal aumenta e os meios de subsistência diminuem. A única renda segura está na confiança em Maria Auxiliadora, no sempre querido

ecônomo S. José, na virtude e na palavra segura de D. Bosco. A Vigária reaviva tal lembrança entre as Irmãs que, junto com ela, rezam, com fervor, o Pai Nosso quotidiano à Divina Providência.

— Não temos trabalho? Iremos procurá-lo, como já fizemos outras vezes, diz Irmã Maria. Irmã Petronila, só ou acompanhada, como pode, apresenta-se também às senhoras que estavam acostumadas a dar-lhes roupa branca e vestidos para fazer ou consertar. Vai também bater à porta das famílias onde se entende um pouco de costura e permanece ali o tempo necessário para cortar camisas, saias, roupas para crianças. Nunca volta ao colégio de mãos vazias. Assim, pouco a pouco vão persuadindo as famílias de que as Irmãs não deixaram, nem jamais deixarão de amar sua terra, que não estão enclausuradas e que sempre darão o melhor de si, para ainda serem muito úteis à sua querida Mornese.

D. Bosco não desconhece a situação atual de suas filhas. Manda-lhes roupas brancas novas e velhas, e também peças de vestuário para fazer e consertar para os seus do Oratório. Manda-lhes também roupa de cama, enxergões e tudo quanto lhe parece útil para as crescentes necessidades da casa, encorajando-as sempre e repetindo que N. Senhora abençoa e abençoará cada vez mais sua nova família.

Padre Pestarino, que desejaria dar milhões a D. Bosco, não consegue esconder o sofrimento por vê-lo preocupado também com elas. Repete sempre: “Pobre D. Bosco! tão necessitado e pensa em nós!” Isso é como uma espada no coração da Vigária e de suas primeiras colaboradoras.

O céu deve sorrir diante de tais almas que sofrem com amor e por amor, pois, sem que o saibam, até de longe, se fala delas e de seu futuro promissor.

PREVISÕES CONSOLADORAS

No dia 3 de novembro a marquesa Fassati, filha da família De Maistre, escreve de Turim à sua Mãe: . . . “não sei se a senhora sabe que D. Bosco está iniciando também uma fundação feminina. Parece que as meninas do bairro, vendo-o passar, ajuntam-se muitas vezes ao redor dele para dizer-lhe: “Cuide de nós também, como dos meninos. Ninguém pensa em nós”.

Já faz dois anos que em Mornese um certo número de jovens vêm se formando à vida religiosa e ao espírito bosqueano. D. Bosco deu-lhes uma Regra, que vai estudando e aperfeiçoando. Em seguida fará

construir para elas uma casa na Praça Maria Auxiliadora. Elas farão pelas meninas o que os “Bosquinhos” fazem pelos meninos. Além disso cuidarão da roupa da casa de D. Bosco que, somando todas as obras, já se encontra hoje à frente de 6.200 pessoas...”⁽²⁾

O PRECIOSO DOM DO MENINO JESUS

O ano se fecha com uma carícia do céu. A entrada da jovem Emilia Mosca, neta do intrépido arquiteto Carlos Bernardino Mosca, que lançando a Ponte Mosca sobre o rio Dora, em Turim (1823-30), conseguiu o título de Conde e a amizade do rei Carlos Alberto. Por parte da mãe, a jovem descendia dos Condes Bellegarde de St. Lary.

Desde a infância Emília não teve muita riqueza e agora, no dia 30 de dezembro foi para o colégio como professora de Francês. Tinha especiais dons que indicavam a fineza de sua educação. Em sua frente, o sulco revelador de um pensamento habituado à introspecção e no olhar o vislumbre da intuição pronta e segura. Um sorriso doce lhe amenizava o ardor dos olhos, e manifestava uma vontade já senhora de si pelas lutas. A dor é, para as almas nobres, formadora por excelência e a jovem de apenas 20 anos, sempre sofreu.

Tendo ido a Voldocco para encontrar-se com seus dois irmãos, alunos do Oratório, conhecera D. Bosco, ao qual seu pai recomendara que conseguisse um lugar conveniente para Emília como professora e D. Bosco, por meio de Pe. Cagliero, a encaminhara a Mornese.

Ao lhe falar, disse gracejando: “E você, senhorita, irá de boa vontade? Tome cuidado, porém, porque lá em cima há um vento especial... Vá bem preparada. Ainda não teve vontade de se tornar religiosa?”

Na monótona viagem de Novi a Mornese, montada em um humilde burrinho, na companhia do pai de Cinina⁽³⁾ a senhorita Emília recordou, com tristeza, as palavras de Dom Bosco.

— Religiosa? — pensava entre seus botões. Agora não tenho vontade nenhuma de me tornar freira. Irei lecionar e ganhar algo para ajudar meu pai.

Chegando ao colégio, iniciou logo as aulas.

(2) Carta de 3 de novembro de 1872 (original em francês encontrado no Arq. Centr. Sales. de Roma).

(3) *Cinina*: assim chamada devido ao sobrenome do pai, *Cinin* (v. Cronistória, I, 231).

MADRE MAZZARELLO INTUI O ESPÍRITO DE EMÍLIA MOSCA

Muito observante do dever e do horário da casa, era sempre a primeira na Igreja e nas aulas. Modesta na sua apresentação, livre de cuidados excessivos, tinha todavia algo de distinto e senhoril que fazia parecer seda o algodão com que se trajava, e dava um toque de elegância também à veste mais simples: tanto que se distinguia das demais.

M. Mazzarello habituada a ler nos corações e a conseguir deles — mesmo inconscientemente — vitórias sobrenaturais, intuiu logo a profundidade daquela natureza ardente, mediu a potência da ascese nos caminhos da perfeição e, depois de alguns dias, perguntou-lhe em tom de brincadeira, se não poderia vestir-se mais simplesmente. . . “pois aqui, quem a vê?”

M. Mazzarello sabia, por experiência própria, quanta energia é necessária a uma jovem para vencer a inclinação natural de aparecer. Assim que percebeu em Emília, aceitação, conduziu-a sem dificuldade, a refletir sobre a vaidade das honras, a vantagem de colocar como fundamento só a fé, o bem, a gratidão a Deus pelos seus dons.

A jovem professora era perspicaz em aprofundar as reflexões de M. Mazzarello. Sabia valorizar quanto ouvia, notando ainda a seu redor o quanto vê de generosa virtude embora sob humildes aparências. Tudo isto ela aprofundava mais do que se poderia pensar. Depois de um mês pediu às Irmãs que a aceitassem como postulante.

Sendo acolhida, percorreu, sem esmorecimento, o novo caminho. Colocando-se sob o manto da Auxiliadora, hauriu, assim, a força de perseverar.

A NOVIÇA CLARA SPAGLIARDI SE RETIRA

A entrada da jovem Emília, providencialmente, veio preencher o vazio deixado pela noviça Clara Spagliardi. A jovem recebera o hábito religioso como as demais noviças, das mãos de D. Bosco. Vendo a virtude que reinava em Mornese, participava do fervor das Irmãs que a circundavam, mas não conseguira trabalhar energeticamente sobre sua natureza pouco maleável e achava duro o sacrifício.

Sua saúde precária a levou enfim, a depor o hábito religioso e voltar para casa. Evidentemente seu lugar não era em Mornese.

ANO 1873

SÁBIO PROJETO DO FUNDADOR

Se Mornese era um viveiro de almas ricas do amor de Deus e do zelo pela juventude, o disciplinado governo religioso feminino era conhecido apenas teoricamente também pelo Pe. Pestarino. D. Bosco então, tomou as providências necessárias a esse respeito.

No último domingo de janeiro ele se apresenta à Madre Enrichetta Dominici, Superiora Geral das Irmãs de Sant'Ana em Turim, conhecidas também como Irmãs da Marquesa Barolo. Expôs a ela seu projeto de conseguir por um certo tempo, duas de suas Irmãs para fazerem o papel de Irmãs mais velhas e guiarem na prática da disciplina religiosa, as Irmãs mais novas de Mornese, ricas somente de boa vontade na prática da disciplina religiosa.⁽¹⁾ Madre Enrichetta atendeu ao pedido de D. Bosco e nos inícios de fevereiro, a assistente e a secretária-geral do Instituto Barolo, Madre Francisca Garelli acompanhada por Ir. Constância Gattino, foram enviadas a Mornese, para saber de que se tratava. Permaneceram somente duas ou três semanas, sem que a Comunidade imaginasse o motivo.

OS PRIMEIROS QUADROS DA "VIA SACRA" NO COLÉGIO

Agora as Irmãs já têm na capelinha da Casa a sua maior riqueza: JESUS SACRAMENTADO. Aí fazem todas as práticas de piedade. Falta-lhes porém, a Via Sacra. Para as Irmãs, especialmente para M. Mazzarello tal falta causava uma certa tristeza. Parecia que a Virgem das Dores se lamentava do altar. "Não farão mais juntas a Via Dolo-

(1) Anexo (Allegato) n. 1.

rosa? Causava-me tanto prazer quando vocês tiravam dez minutos para me acompanharem e a meu Filho, até o Calvário.”

As boas Irmãs não queriam deixar a Virgem das Dores sozinha. Como tinham apenas o pão indispensável, pediram à Mãe do Céu que providenciasse alguém que pudesse cobrir a despesa dos quadros.

Ao aproximar-se da Quaresma foram atendidas. Dia 27 de fevereiro, o Guardião dos Franciscanos, Frei Cândido, do Convento de Santa Maria das Graças, em Gavi, viera benzer e erigir uma simples mas devota Via-Sacra, que com as estações colocadas ao redor da parede da Capela, atraíam os olhares e os corações das Religiosas para os sofrimentos de Jesus. ⁽²⁾ Assim, na Quaresma deste ano, muitas vezes as jovens e também as externas acompanharão esta ou aquela Irmã neste devoto exercício. Jesus receberá no Colégio uma reparação amorosa pelas muitas transgressões ao preceito da penitência.

Nestes mesmos dias, o Pe. Pestarino avisou à Comunidade, por disposição de D. Bosco que logo chegariam duas Irmãs de Sant’Ana para permanecerem algum tempo com elas a fim de ensinar-lhes como organizar a vida religiosa da Comunidade.

As F.M.A. ficaram surpreendidas e pensaram com um certo achanamento, na própria miséria. M. Mazzarello reconduziu logo os ânimos à calma e a uma espera serena com uma das suas vivas aclamações: “Seja louvado o Senhor! Aprenderemos a ser Irmãs de verdade.”

No início da Quaresma chegaram as boas Irmãs de Sant’Ana; Madre Francisca Garelli já conhecida e apreciada e Ir. Ângela Alloa.

HUMILDE CORDIALIDADE

As Irmãs foram recebidas com sentimento de humilde gratidão que se transformou em admiração, quando se soube que a primeira delas tinha deixado as suas ocupações para atender a D. Bosco e ajudar suas Filhas.

Depois da acolhida cordial, foi uma disputa em pedir esta ou aquela opinião, esta ou aquela orientação. Elas lhes ensinaram como responder aos pedidos de aceitação das educandas e das postulantes, como sistematizar os enxovais das jovens, como distingui-los, como colocar as meninas no dormitório, no refeitório, na capela, nos passeios, como tratar com os parentes das alunas, como regular-se na correspondência, etc,

(2) Anexo (Allegato) n. 2.

A PRIMEIRA A ACONSELHAR-SE

M. Mazzarello seguia tudo, interessava-se por cada coisa, porque era seu dever e porque o Pe. Pestarino repetia-lhe sempre que era ela a responsável. Mas o que lhe importava sobretudo era a própria formação à santidade e jamais uma aluna foi mais solícita em interrogar e obedecer à própria mestra do que ela. Meditação, presença de Deus, observância dos votos, são auxílios para tornar-se humilde: eram as lições que lhe interessavam. Sobre estes assuntos fixava a sua atenção e a de suas Irmãs. No entanto dava provas luminosas da sua humildade e do seu critério. A cada novo ensinamento, especialmente de ordem material dizia sorrindo: “Se não fôssemos tão atrasadas, até aqui já teríamos chegado. Isto eu não saberia mesmo fazer: minha culpa, porque sou muito ignorante. Ó ignorância! Quantas loucuras nos fazes cometer!”

Ela não percebia que as duas Mestras ficavam admiradas com sua humildade, pois era evidente, especialmente em M. Mazzarello que a falta de cultura, antes de lhe ofuscar o discernimento natural, desenvolvera-o, colocando-a num nível que muitas pessoas da alta sociedade não teriam atingido.

Em Ir. Maria, a piedade e a delicadeza de coração supriam a falta de instrução e o desconhecimento das normas de urbanidade.

As Irmãs de Sant’Ana o reconheceram e embora deplorando a excessiva pobreza de vida e de renda, a ausência de normas externamente disciplinares, perceberam a superioridade moral de M. Mazzarello.

CONFESSOR EXTRAORDINÁRIO — 1.ª QUARESMA NO COLÉGIO

Veio também o confessor extraordinário, o Sac. João Garino, enviado por D. Bosco e as Irmãs de Sant’Ana puderam admirar a seriedade com a qual todas cumpriram este dever prescrito pela Igreja. Nem se admiraram, pois viam como faziam a meia hora de meditação todas as manhãs, recolhidas e ajoelhadas e como durante o dia se lembravam do propósito tomado. Viam que todas, também as educandas, assistiam à Santa Missa com um fervor desenvolvido e se aproximavam da Mesa Eucarística.

Neste fervor de espírito descobriam a secreta energia que conservava as novas Irmãs serenas e alegres, apesar de tanto trabalho e pobreza.

O seu jejum quaresmal era particularmente austero. Ir. Maria, sempre muito parca na alimentação, parecia viver, propriamente, de ar.

É notável, de outra feita, a confiança que fez um dia à Ir. Petronila. “Na quaresma eu sacio minha fome só aos domingos.”

Para as Irmãs de Sant’Ana, naturalmente, o alimento era preparado de certo modo e quantidade diferente, segundo o que prescrevem as Regras, embora almoçando no mesmo refeitório, numa mesa à parte.

PRIMEIRA SEMANA SANTA NO COLÉGIO

Na Páscoa, as Irmãs de Sant’Ana voltaram a Turim, para os Exercícios Espirituais e as F.M.A. pediram-lhes que retornassem o mais breve possível, “de outra forma — concluiu M. Mazzarello em nome de todas: como nos santificaremos como quer nosso Pai e Superior D. Bosco? Celebraram as funções litúrgicas da Semana Santa e a Páscoa, porém felizes porque em companhia das alunas.

O fervor da pequena comunidade culminou na adoração de Jesus no Santo Sepulcro na noite de 5.^a-feira santa. O Diretor concedeu, sem dificuldade, uma alteração no horário, ou melhor, despertou-lhes tal desejo, dando-lhes a perceber como seria justo que Irmãs, consagradas e Jesus, fizessem uma vigília de oração junto ao Santo Sepulcro.

Todas as noviças, postulantes e educandas pediram para participar da vigília. Assim, todas ficaram na Igreja cerca de uma hora, depois das orações comunitárias. Em seguida, as jovens, noviças e Irmãs foram repousar e M. Mazzarello quanto tempo ficou? O Pe. Pesarino lhe tinha permitido a vigília sem fixar um limite, ao menos uma vez ela poderia conceder um pouco de desabafo ao seu desejo de permanecer em adoração a Jesus Sacramentado por mais tempo. Segundo algumas testemunhas este tempo durou toda a noite.

Foram estes também, dias de conforto espiritual para o Diretor. Ano passado — pensou ele — na Semana Santa a capela ficou deserta, um lugar vazio, o coração crucificado junto ao Coração de Jesus, na expectativa dos próximos acontecimentos. Agora, o desejo de D. Bosco tornou-se realidade. As pobres filhas de Mornese são Irmãs Salesianas. D. Bosco é seu Pai e as assiste com um coração verdadeiramente paterno.

O Aleluia é uma festa! A boa Ir. Corina vibrou seus melhores acordes e Luizinha Arecco, com sua bela voz, entoou o cântico da alegria. As jovens externas presentes, participaram assim, da alegria

da Comunidade. Sentiam-se imersas num verdadeiro clima de bem-estar espiritual.

O Pe. Pestarino distribuiu o horário das funções litúrgicas de maneira que as do Colégio não impedissem as da Paróquia e somente concorressem para o bem das almas. Acorreu à Paróquia para as confissões e funções pascais e dispôs-se a atender a todas as necessidades das Irmãs e de seus conterrâneos.

Estes perceberam que o seu temor de perdê-lo era exagerado e que o Vigário sempre foi o amigo fiel de suas almas. Todavia, a primitiva simpatia que lhe tinham, não mais voltou.

VOLTA DAS IRMÃS DE SANT'ANA

Depois da Páscoa, 13 de abril, retornam as Irmãs de Sant'Ana e, para maior proveito da Comunidade, pensaram em prodigalizar-lhes auxílio e orientação mais eficazes. Uma mostrar-lhes-á praticamente, como educar as postulantes na disciplina religiosa, e outra ocupar-se-á de quanto se refere à casa. Assim puderam ver como as FMA eram verdadeiras abelhas industriosas para recolher o necessário ao sustento da vida.

No colégio de Mornese fez-se de tudo, começando pelo tear. No silêncio absoluto da casa, o cantar rítmico da lançadeira, parecia uma voz de súplica que toca o coração de Deus, na busca do pão quotidiano: pão material e pão espiritual.

A máquina de tecer foi colocada no andar térreo. Do tecido que era produzido até os vestidos confeccionados, aos diversos conjuntos de roupa branca, às cobertas de algodão e alcochoadas, tudo era executado com o máximo cuidado e mais cordial gratidão ao Senhor e a todos os enviados pela sua Providência.

SOCORROS PROVIDENCIAIS

Era belo ver as primeiras companheiras de Ir. Maria e das outras Irmãs chegarem trazendo pano para um vestido ou um conjunto de lençóis e no avental um pouco de feijão, de grão de bico ou farinha de milho; depois correrem à porta da cozinha, antes que Ir. Maria o percebesse e quase às escondidas entregarem a pequena oferta, dizendo: Ir. Teresa, sou dos Mazzarello... experimente se ficam bem cozidos. Em seguida, dirigirem-se à sala de costura para ordená-la.

Mas, Ir. Teresa Pampuro que tinha boas pernas, avisava logo a Ir. Maria que agradecia as companheiras com um lindo sorriso: "O teu bom Anjo te contou que estávamos precisando disto?"

Também o irmão mais novo de Ir. Maria vinha algumas vezes carregado de provisões, não excluindo garrafas de óleo e de vinho. E ficava satisfeito quando as Irmãs corriam para aliviar-lhe o peso e dar-lhe uma medalha ou imagem como lembrança. Mais contente ainda ficava quando a própria Ir. Maria se entretinha um momento com ele, sob o pórtico e lhe dizia uma daquelas palavras que lhe faziam bem por toda a semana. “Mas esta minha irmã Maria é sempre tão solícita.”

Às vezes, Ir. Maria ficava preocupada vendo o que lhe traziam de casa e dizia “Mas, nós somos tantas; ora estas coisas não nos bastam. Depressa, volta para casa e diga à mamãe que...”

O irmão não lhe dava tempo de terminar: voltava e sem passar pelo terreno do colégio, através da vinha e do bosque, seguia pela Estrada “Val Gelata” e em dois saltos chegava à casa para transmitir o recado.

A mãe suspirava: “Pobres filhas! É preciso pensar sempre que lá em cima há muitas pessoas! E dizer que aqui em casa, nada nos falta!...” Entretanto, enchia uma cesta, os bolsos do garoto, verificando se tudo estava bem e: “Corre, mas fica atento... E cumprimenta-as!”

Também os irmãos de Ir. Petronila e os parentes das outras Irmãs mornesinas levavam sempre alguma coisa, especialmente pão fresco e batatas. Porém considerando a necessidade delas, tudo aquilo não passava de migalhas.

UM TEMOR

As Irmãs de Sant’Ana percebiam tudo isto, admiravam o fervor que ali reinava. Não obstante, preocupadas se questionavam: “O bom espírito destas queridas Irmãs de D. Bosco, desejosas de imitar o Fundador, a natural tendência de Ir. Maria em inculcar seu espírito no nascente Instituto, serão suficientes para um feliz êxito? Não é possível que as postulantes, especialmente as de família de melhores condições possam adaptar-se a tanta simplicidade campestre, a tanto trabalho e sacrifício!” E decidiram conversar com D. Bosco.

PRIMEIRO MÊS DE MAIO NO COLÉGIO

Inicia-se o mês de maio no Colégio. O quadro da Auxiliadora está enfeitado de flores: flores do campo e do jardim, e além disso, ramalhetes espirituais desde que o Pe. Pestarino, depois da leitura da tarde, propõe UMA FLOR para ser praticada no dia seguinte.

Existe entre todas uma porfia: quem enriquecerá o jardim da própria alma com o perfume oferecido à Virgem SS.?

Nenhuma novidade, nenhum acréscimo de orações. Do levantar-se pela manhã ao último suspiro antes do adormecer, tudo feito com maior pureza de intenção, com exata pontualidade. O que Ir. Maria recomendava que praticassem, era ela a primeira a fazê-lo.

A Virgem se compraz e prepara uma flor para a casa: uma postulante de limpidez de alma incomum. Chama-se Henriqueta Sorbone, de Rosignano Monferrato.

Ela mesma narra: “Durante o mês de maio, nós nos encontrávamos reunidas, um grupo de camponesas — na casa de duas irmãs que tinham um irmão salesiano.⁽³⁾ Chegou justamente este irmão e começou a contar as maravilhas de D. Bosco, sua santidade e seus milagres. Eu já o conhecia de fama, por haver ouvido minha mãe falar nele. Escutava admirada e pensava: “Deve ser muito bom viver assim perto de um santo. Nós apenas ouvimos falar dos santos. Seria uma grande felicidade somente vê-lo!” Todos bebiam dos lábios daquele narrador, o que este dizia e a um certo ponto disse às irmãs: — Em tal dia D. Bosco virá a Borgo S. Martinho. Podem ir lá e eu farei que vocês o vejam.

E dirigindo-se a mim:

— Você também, Henriqueta. Borgo não fica longe.

— Eu? Meu pai não me deixa sair nem para visitar vovô.

VER UM SANTO VIVO

O desejo de ver um santo entusiasmou-me tanto que insisti com meu pai até que ele consentiu. Partimos: Angelina, Ermelinda e eu, às 3 da manhã, sempre a pé. Chegamos a Borgo pelas 7 horas, aí fizemos a Comunhão na Paróquia, lanchamos e fomos ao Colégio Salesiano. D. Bosco chegaria às 11 horas. Acompanhadas pelo irmão Rossi passamos para uma saleta onde trabalhavam algumas senhoras encarregadas da rouparia dos salesianos. À primeira vista, pensamos serem aquelas as Irmãs Salesianas, mas não eram.

Às 11 horas, aumentam os clamores e as notas alegres da banda. Há um grande movimento em todo o colégio, principalmente no corredor, por onde D. Bosco passaria. — D. Bosco passará por aqui, onde vocês estão. Poderão beijar-lhe as mãos. — Do lugar onde está-

(3) Angelina e Ermelinda Rossi, irmãs de Marcello, coadjutor salesiano.

vamos, só se via o caminho e o amplo corredor salesiano, regurgitante de pessoas; quem agitava o chapéu, quem batia palmas; por toda a parte se gritava: — “Viva D. Bosco!” Pareciam loucos de alegria. Mais que com os olhos, eu o via com o coração: parecia-me ver um milagre!

D. Bosco se aproximava (lentamente porque todo o povo o detinha. Tomava suas mãos para beijá-las. Queria ser abençoada por ele). Eu me sentia comovida e agitada por um frêmito estranho e estava gelada.

ENCONTRO DESEJADO

Finalmente ele chegou ao portão... Ei-lo no corredor onde estávamos. Emocionada beijei suas mãos sem poder dizer uma palavra, mas eu o fitei bem. Queria saber como era um santo vivo.

D. Bosco olhou-me por um momento e apontando-me disse:

— Você irá a Mornese.

— Mornese? O que é Mornese?

— Uma bela cidade, verá — e abaixando a voz: — iremos almoçar e depois ver-nos-emos.

Às 2 da tarde mandou-me chamar e logo que me viu:

— Como se chama?

— Henriqueta Sorbone, de Rosignano Monferrato.

— Como vai?

— Bem, Sr. D. Bosco.

— Quantos anos tem?

— Dezoito completos.

— Gosta de estudar?

— Sim, Sr. D. Bosco. Minha mãe desejava que eu fosse professora, mas, morreu e eu tenho que pensar nas minhas irmãzinhas.

— E quantas irmãs tem?

— Quatro e dois irmãos...

— Nunca pensou em ser Irmã?

— Na verdade, minha mãe ofereceu sua vida para que suas filhas fossem consagradas ao Senhor.

— Bem, veremos, veremos... — e olhou-me como para significar que pensaria em mim. E eu:

— Mas, Sr. D. Bosco, o meu pároco prometeu que se eu fosse boa e cuidasse bem das minhas irmãs, ele pensaria em mim. Sabe, eu não gostaria de apoiar-me em duas estacas.

— Fique tranqüila, fique tranqüila, entender-me-ei com seu vigário.

— E as minhas irmãs? E o meu pai?

— Oh! A Divina Providência velará também pelas suas irmãzinhas. Em Mornese temos o Instituto das F.M.A. Lá poderão estudar.

— Quem são as F.M.A.? São Irmãs?

Então me lembrei daquelas senhoras que de manhã vira na lavanderia e:

— Mas, eu gosto das Irmãs vestidas como se vêem nas imagens.

D. Bosco sorriu.

— As Irmãs de Mornese vestem-se como você já viu. Lá chegando, estudará. Se for boa, ficará com as Irmãs e poderá fazer muito bem. Disse-me tantas coisas que então, não podia entender perfeitamente e que mais tarde aconteceriam.

Em seguida tirou do bolso um pedaço de papel azulado, escreveu algo e entregou-me, dizendo:

— Por enquanto retorne a Rosignano e leve isto ao Vigário, ⁽⁴⁾ mas siga logo para Mornese. Antes de entrar naquela casa santa deixe a vontade do lado de fora.

Guardei o bilhete e saí, não sei se feliz ou nervosa e na saída ainda me dirigi mais uma vez a D. Bosco para saudá-lo:

— “Ciarea” D. Bosco.

Ele me fitou com um olhar paterno e tomado de um repentino sentimento, disse com voz vibrante: “Deixemos este mundo traidor!”

Parecia-me ver junto a mim uma fera pronta para me esfaquear e eu pensei que o mundo deveria ser uma coisa feia, pois, D. Bosco tão doce e manso falava deste modo.

Já eram 3 horas. Portanto, a conversa durou uma hora. Depois de mim, recebeu as 2 irmãs, minhas amigas.

Quando saíram, eu lhes perguntei se haviam recebido, também, um bilhete para o Vigário, mas não o receberam, fiquei calada.

(4) Anexo (Allegato) n. 3.

CONSEQUÊNCIAS DO ENCONTRO

Apenas cheguei a casa, apressei-me naturalmente em entregar o bilhete, e qual não foi a minha surpresa quando notei que ao lê-lo o Vigário ficou sério e me disse:

— Bem, quiseste agir sozinha. Eu lavo as minhas mãos. Eu me arrependi de entregar-lhe o bilhete sem o ler.

Dias depois o Vigário chamou meu pai e lhe disse que de Mornese chegara um telegrama: “Esperamos a jovem Henriqueta Sorbone. Sac. Domingos Pestarino por D. Bosco”.

Penso que D. Bosco acenou ao Pe. Pestarino todas as dificuldades que surgiriam com a minha partida e que este quisera dissipar toda a dúvida com um telegrama.

O que se seguiu depois certamente viu-o minha pobre mãe do Paraíso, intercedendo por mim, pois não faltou o essencial: — ir a Mornese.

Encerrava-se em Mornese o mês mariano e os ânimos cada vez mais se enchiam de gratidão à Virgem que se dignara chamá-las, pobres, humildes, incultas, para fazer-lhe coroa ao invés de outras, ricas em qualidades e méritos.

Em junho não se fazem práticas especiais para honrar o Coração de Jesus, a não ser uma leitura especial à tarde. Como o Pai Fundador, assim a Filha primogênita é muito unida a Jesus e ama com ternura seu Sacratíssimo Coração e deseja que por todos seja amado. Assim, freqüentes jaculatórias brotavam de seu coração e da leitura extraía aplicações práticas para conservar toda a Comunidade unida ao Senhor.

HENRIQUETA SORBONE EM MORNESE

Dia 6, primeira sexta-feira, chegava a esperada Henriqueta Sorbone. Seu pai, bom e fervoroso católico não quis impedir a vocação de sua filha mais velha, depois que D. Bosco dela mesma cuidara. Ele mesmo a acompanhou de trem até Serravalle e daí a Gavi, de ônibus. No coração do pai travou-se uma amorosa batalha. Seus olhos se encheram de lágrimas e os lábios pronunciaram:

“— Você vai ser religiosa, mas nem pense que lá chegando lerá: ‘Quem entra por esta porta não mais sairá, nem viva nem morta!’” A jovem olhou para o pai e calou-se.

Ouçamos dela mesma: “A idéia de não sair mais, nem viva nem morta” deixou-me um pouco apreensiva, mas desde que conversara com D. Bosco estava disposta a tudo, mesmo a morrer.

Tendo chegado a Gavi, paramos em casa da Sra. Jerônima Verdona, “a senhora Momina”. Era irmã do maior pregador da época, Pe. Verdona que embora cego, iluminava milhares e milhares de almas no caminho da salvação eterna. Aqui, habitualmente, paravam todos os que se dirigiam a Mornese.

Recebido com muita bondade, encontramos Cinin, o comissário das Irmãs, ótimo Senhor, protestante a quem fui confiada por ordem do Pe. Pestarino. Meu pai a ele me entregou, recomendou e partiu sozinho. Pobre papai!

Cinin colocou minha bagagem no burrinho que seguiu sob o seu comando. Nós o seguimos a pé. A estrada era longa. O senhor que me acompanhava não conversou comigo, talvez por respeito e tive então um longo tempo para voltar ao passado.

REMINISCÊNCIAS QUERIDAS

“Se minha mãe estivesse viva, como ficaria feliz! Parece-me vê-la. Um dia voltando da escola, como de costume, para saudá-la, acostumada a ser acolhida com um sorriso, encontro-a pensativa e triste:

— Tome sua merenda Henriqueta, disse-me colocando-me nas mãos um pedaço de pão e procurando esconder a meu olhar, uma lágrima furtiva. Não consegui comer naquele momento! Fixei meus olhos naquele semblante triste e vi minha mãe elevar os olhos ao céu e ajuntando as mãos, dizer com voz suplicante:

— Senhor, eis-me. Tomai minha vida se vos agrada, a vós entrego as minhas filhas, são vossas! Cuidai delas!

Nada compreendi. Percebi apenas que minha mãe sofria e eu sofria também. Aquelas palavras ficaram impressas no meu coração.

Certa vez perguntei à minha mãe o que as Irmãs faziam. Ao que ela me respondeu: — Renegam à própria vontade, minha filha. — Como?

— Por exemplo, as superiores mandam tirar água com cestos ou encher de pedras sacos sem fundo. Se a Ir. renunciar ao próprio juízo e obedecer, o cesto conservará a água e o saco furado, as pedras.

Ou então: a ordem de carregar sobre os ombros grandes sacos pesados. . . Se a Irmã renega a si mesma e experimenta remover o peso, todas as pedras poderão tornar-se leves como penas.”

Caminhando até Mornese, como estas santas palavras me faziam pensar!

Lembrava-me também da recomendação de D. Bosco: “Antes de entrar naquela casa santa deixe sua vontade do lado de fora.”

E pensava. Aquele santo está também de acordo com minha mãe. Mas deverei carregar pedras nas costas? Parecia-me já recurvada sob aquele peso. Sentia faltarem-me as forças. É mais do que morrer! E colocar água num cesto... Que quantidade? Por quanto tempo? Bem, é mais do que morrer!

Já se avistava o colégio das Irmãs. Mas Mornese estava longe e era preciso subir muito para alcançá-la.

Enfim, o burrinho faz um bom caminho e pára diante de uma casa. Chegamos. Voltei-me à esquerda da entrada e para obedecer a D. Bosco balbuciei a meia-voz: “Coloco-a aqui, minha vontade, pois, pretendo entrar sem você para abraçar só a vontade de Deus.”

Mas o coração batia descontroladamente!

A famosa porta abriu-se. Entrei... Na verdade não sairei jamais, nem viva nem morta?

Depois de alguns minutos de espera, que me pareceram assaz longos, vieram ao meu encontro três Irmãs, duas vestidas de preto, com uma touca branca (as Irmãs de Sant’Ana) a outra vestida num tom de café, com um véu na cabeça a modo de uma renda. Que significaria esta diferença? Para tirar-me do embaraço, a vestida da cor do café perguntou-me, com um forte sotaque genovês:

— Como lhe agrada mais: assim ou assim?

— Melhor assim — e me aproximei dela — porque me parecem frades.

— Bem — disse-me aquela à qual me dirigi — bem e seja bem-vinda.

Depois do almoço, fiquei sabendo que aquela era a Superiora da Casa, com o título de Vigária e logo percebi o grande coração que possuía.

ABERTURA MORNESINA

Era primeira sexta-feira do mês, dia escolhido no colégio para honrar o Sagrado Coração. Respirava-se um ar de festa em toda a casa. Demais, a Vigária queria que se festejasse sempre a chegada de uma postulante, a fim de que se sentisse em casa e por isso dis-

pensou o silêncio à mesa. Para esta recém-chegada, serviu-se também um ovo inteiro no almoço e algumas batatas fritas, que é o cúmulo da possível generosidade e a única gulodice aconselhada pelo Pe. Pestarino.

A VIGÁRIA COMPREENDE O VALOR DE HENRIQUETA E A PREPARA

Dias depois Henriqueta foi encarregada da assistência das internas. Quem poderia desempenhar tal ofício melhor do que ela que por quatro anos fora mãe e irmã dos irmãos e irmãs menores? Fizera um bom tirocínio e a sua experiência pessoal com relação à infância, seu tato psicológico ingenuamente fino, seu temperamento jovial, revelavam traços de uma educadora segundo o coração de D. Bosco e de Irmã Maria Mazzarello.

A Vigária nela confiava e admirava a cândida abertura de uma alma sem dobras. Observava-a de longe, deixando que agisse livremente com as meninas e também, livremente, dela se aproximavam as Irmãs de Sant'Ana, com as quais se entretinha muitas vezes com plena confiança.

Tendo herdado da própria mãe o gosto pela piedade e tendo oportunidade de observar as Irmãs de Sant'Ana, quando em certas horas particulares entregavam-se à oração, Henriqueta, tocada pelo profundo recolhimento delas, com sua particular candura perguntou:

— O que vocês fazem quando ficam diante do altar, de olhos fechados?

— Escutamos o Senhor.

— Como se faz para escutar o Senhor?

Diante de uma tão santa curiosidade, que é um meio de formação espiritual, elas a satisfaziam plenamente, tanto que, sem que ela o percebesse, a encaminharam nas vias do espírito. Com outro tanto de interesse de mãe, seguiam-na na assistência das meninas nos recreios, no dormitório, na sala de costura, dando-lhe sugestões práticas para o conhecimento da índole e formação dos caracteres e normas individuais para a conservação da roupa e do asseio pessoal das alunas e da casa.

Riqueta — como se chamava familiarmente — escutava tudo, fazia tesouro do menor ensinamento, mas também tudo referia à Ir. Mazzarello, que para provar melhor a inclinação da filha, saía, às vezes, com uma pergunta:

— Quer ser Irmã de Sant'Ana?

A resposta, com afeto crescente era sempre a mesma:

— Não, eu fico com a senhora em Mornese.

Realmente as Irmãs de Sant'Ana ficariam bem felizes em levá-la, e Henriqueta o compreendia, embora, na sua delicada prudência e retidão religiosa, não lhe fizeram, jamais, um convite formal.

PROPOSTA DAS IRMÃS DE SANT'ANA

As Irmãs de Sant'Ana se ofereceram, ao invés, para cuidar de suas irmãzinhas. Henriqueta pelo seu ofício de Assistente das educandas, sempre se preocupou com suas irmãs menores, e, algumas vezes suspirando diz:

— Quem sabe como se sentirão perdidas! E o Senhor ficará contente se as deixar, quando sentem mais necessidade de orientação? Tenho outras irmãs, mas sou a mais velha e é meu dever sacrificar-me por elas.

As boas Irmãs de Sant'Ana, certa vez, a viram mais preocupada que de costume, e lhe disseram com muita caridade: “Quer nos dar as suas duas irmãzinhas? Fique ciente de que as trataremos bem. Assim, não terá mais que se preocupar com elas.”

Bela era a proposta, ainda mais que Henriqueta na sua humildade, pensou: “Eu já estou por conta desta casa... se estas boas Irmãs cuidarem das minhas irmãs menores, será uma grande caridade para todos.” Referiu isto à Vigária, que a fitou comovida e, interrompendo-a: “Não, Henriqueta, agradeça as boas Irmãs, mas também suas irmãzinhas — já lhe disse — são nossas. Fique tranqüila Henriqueta.”

E Henriqueta, agradecida, ficou tranqüila e feliz. Vencida completamente pelo fascínio de D. Bosco e pela bondade da Vigária, é então toda de Maria Auxiliadora, e, um episódio desconhecido pelas outras, importante demais para ela, confirmou a sua dileção.

HUMILDADE DESENVOLTA

Numa tarde, depois do jantar, Irmãs e postulantes estavam reunidas no jardim, durante o recreio, fazendo uma roda ao redor das Irmãs de Sant'Ana, que divertiam alegremente a Comunidade. Sem que o percebessem, desceram a lembranças pessoais, que davam a perceber sua origem de família rica, com parentes importantes, servidas por domésticos.

Ir. Mazzarillo as escutava com atitude serena. Depois, querendo, como sempre, humilhar-se na presença de todos, assentou-se numa cadeirinha que mais parecia colocá-la no chão, disse lentamente: “Pobre de mim! Meu pai é um pobre camponês e minha mãe, é uma santa senhora capaz de fazer apenas aquilo que em casa, como pobres, se costuma fazer!”

Tendo dito isto, com muita graça e sem ferir ninguém, deu um outro tom à conversa.

Henriqueta, atenta, sentia-se atraída pela boa Vigária tão simples e humilde como sua querida mãe.

PREVISÃO DA VOLTA DO SR. BISPO

Os preparativos para a próxima volta de D. Sciandra que desde o ano passado prometera aceitar nova estada em Mornese, reconduziram D. Bosco convidado pelo Pe. Pestarino, para um melhor acordo com relação ao apartamento devido ao Bispo, na Casa Carante.

A visita, muito breve pela urgência dos compromissos, permitiu a D. Bosco constatar o clima espiritual, que reinava entre suas filhas. Dia 3 de julho, na verdade, escrevendo de Mornese ao Pe. Rua, revelava sua impressão: “Aqui faz muito frio, se bem que haja muito fogo de amor de Deus.”⁽⁵⁾ Provavelmente, é deste período — no qual D. Bosco foi outras vezes a Mornese, em preparação aos Exercícios Espirituais, durante e depois deles — uma particular recomendação paterna: de **DAR MUITO VALOR À OBEDIÊNCIA RELIGIOSA.**

De suas palavras não se conservou o texto, mas sabemos que o Pe. Pestarino fez deste tema uma especial conferência, anotando os conceitos sobre o próprio caderno manuscrito das Regras, em duas páginas, de comentário ilustrativo, nas vésperas dos Exercícios Espirituais.

Havia em Mornese postulantes, noviças e jovens professoras, às quais se deveriam esclarecer os conceitos da Vida Religiosa, também com exemplos práticos, como se nota nos mesmos apontamentos do Pe. Pestarino:

— Qual aviso ou conselho nos deixou D. Bosco?

Que temos necessidade de pessoas que obedeçam e não mandem, que não se mostrem descontentes, mas, conservem um semblante sereno ao serem corrigidas de qualquer defeito ou falta.

Em que consiste a estima e a veneração que se deve aos superiores?

(5) Anexo (Allegato) n. 4.

Não pretender que façam do nosso jeito, que sigam nossos caprichos, mas reconhecer que procuram fazer bem à nossa alma, manter a ordem e o espírito de Jesus Cristo, com a mortificação. Ocorre reconhecer que o afeto dos Superiores não está nas demonstrações externas em cumprimentos mundanos, mas em sacrificarem-se por nós, de todas as maneiras, em pensar no nosso bem, em rezar por nós, em aconselhar-nos e em despendar sua vida e sustento para nosso proveito.

O que se deve praticar no novo Instituto?

Conhecer e explicar as Regras, ter espírito de mortificação e de obediência, não deixar de se unir às Superiores que têm a solicitude de promover o bem do Instituto, que conhecem a vida de comunidade, enquanto todos nós não conhecemos ainda ou conhecemos bem pouco este gênero de vida. Se formos advertidas de um defeito, demos importância a isto, muito valor ao aviso.

Nas coisas essenciais para o bom andamento da casa, na execução de todas as Regras, agir com espírito de submissão e união com a Superiora, também nas pequenas coisas. As Superiores podem, na sua maneira de agir, ser pouco agradáveis. O que não nos autoriza a faltar-lhes ao respeito e à obediência, querendo acomodar as Regras ao nosso capricho. Arriscamo-nos, assim, a dar valor à franja do tecido sem perceber que o tecido é coisa boa e genuína. ⁽⁶⁾

SANTO RETIRO EM PREPARAÇÃO ÀS NOVAS PROFISSÕES E VESTIÇÕES

Perto do dia 15 do mês, acolhido com alegria, chegou o Bispo D. Sciandra, e à tarde do dia 28 iniciaram-se os Exercícios Espirituais presididos por D. André Scotton, arcebispo de Breganze e do jesuíta Pe. Luiz Portaluri: ambos enviados por D. Bosco. Participaram dele as 11 Irmãs professoras, as 3 noviças que se preparavam aos Santos votos, as 9 postulantes, que se dispunham à Vestição Religiosa e também umas 10 senhoras convidadas por D. Bosco e os pregadores.

Todas as manhãs, o Bispo celebrava a Santa Missa para as exercitandas e comovia-se com o cântico dos louvores que devotamente elas entoavam depois do Pai Nosso em preparação à Santa Comunhão.

“VENI SPONSA CHRISTI”

O Pe. Pestarino quis que na profissão religiosa se cantasse o “Veni Sponsa Christi” e cria seu sobrinho Mestre de Capela,

(6) Original no Arq. Geral das FMA, Roma.

O mesmo José narra-nos:

“Com relação à segunda profissão — 5 de agosto de 1873 — lembro-me que meu tio recomendou-me que preparasse o canto. Mas, como fazer?”

O tempo era curto e não havia nenhum canto adaptado à circunstância, nem teria tido tempo de procurá-lo em Turim.

Em boa hora chegou-me às mãos um do Pe. Cagliero para a Comunhão com as palavras: “VENI DULCIS JESU”. Experimentei aplicar àquela música as palavras da antífona: “VENI SPONSA CHRISTI” e para minha satisfação, percebi que as palavras adaptavam-se bem a ela. Entendia-se que o coro era composto de Filhas do Colégio (não sabia se internas, postulantes ou Irmãs) que conheciam a música como eu conheço o sânscrito.”

Soubemos que para cantarem havia algumas meninas da sala de costura, as educandas, entre as quais Luiza Arecco, com a sua aveludada voz de flauta e a noviça Maria Grosso que desconhecia música, mas, de vivíssima expressão e que, como a Arecco, dava à sua voz todo o sentimento do coração.

ANSIEDADE E VITÓRIA DE IR. CORINA

Uma das três noviças que se prepararam aos votos era Ir. Corina Arrigotti, que sempre muito devota e exemplar nada mais desejava do que consagrar-se a Jesus. Mas, com apenas 19 anos os Superiores não permitiriam a profissão religiosa sem o consentimento, ao menos implícito do pai. Quando ela se dispunha a escrever-lhe para pedir-lhe licença não só de ser Irmã, mas, ficar sempre com as Irmãs, o pai e a irmã chegaram para reconduzi-la à família: os superiores, mesmo com tristeza, disseram-lhe que deveria obedecer ao pai. Entretanto, procuraram persuadi-lo a respeito do desejo da filha e que se ele deixasse Corina tranqüila no Colégio ela seria feliz e gozaria também de mais saúde. O pai cedeu e tomando um papel, escreveu: “Consinto em tudo aquilo que minha filha quiser”.

Teria compreendido o que sua filha queria e o que ele permitiria? Que sua filha vestiria o hábito religioso? Que seria noviça?

Talvez não, mas o importante é que tendo partido os seus, Corina recomeçou os Exercícios e foi admitida, com alegria geral, à Santa Profissão.

CHEGADA DE D. BOSCO

Para aumentar a alegria, chegou D. Bosco, acompanhado do Pe. Cagliero.

Quando se percebeu a alegre chegada, o prolongado som da campainha chamou a comunidade, não reunida em oração, naquele momento. Cada uma acorreu com a maior rapidez possível.

O bom Pai as saudou sorrindo, desceu logo da carruagem e circundado por sua diletta família, seguiu a pé o trecho em direção à casa do Pe. Pestarino e que podemos chamar dos salesianos adidos ao colégio. Foi andando devagar, dirigindo, paternalmente, a palavra a todos e, mais do que nunca, mostrando-se bem cordial às duas ótimas religiosas de Sant'Ana, que participavam fraternalmente desta festa de chegada.

Chegando à Casa Carante, D. Bosco fez menção de ajoelhar-se diante do Bispo, mas ele o impediu, abraçando-o com efusão. Irmãs e jovens voltaram aos próprios trabalhos, enquanto transparecia nos semblantes sua alegria interior.

D. Bosco, como verdadeiro Fundador e Pai, quis ver com os próprios olhos como corriam as coisas. Assim visitou o colégio e tendo encontrado aqui e acolá, algumas de suas filhas de trabalho, vestidas de xadrezinho ao invés de lã cor de café disse, com uma certa tristeza:

— Não, não... é melhor iguais... todas iguais. E no seu olhar paterno havia tanta bondade... Falou em particular com aquelas que quiseram e atendeu também confissões. Muitas quiseram fazer a confissão geral. Entre elas, a postulante Henriqueta Sorbone que se preparava para vestir o hábito religioso e depois encontrando-se com D. Bosco, num momento em que estava sozinho:

— “D. Bosco, irei ao Paraíso?”

D. Bosco pára um instante e, com um doce sorriso:

— “Já estás no paraíso. Já estás.”

Também na fisionomia de Emília Mosca, — a srta. que alguém pensava não teria podido adatar-se — o bom Pai leu a firmeza que faz os santos e talvez percebeu desde então o caminho desta alma heróica em virtude.

Silenciosa e humilde, Emília passou quase todo o tempo do seu postulando ensinando às Irmãs, postulantes e educandas e tinha apenas uma hora livre, para fazer algum trabalho, o mais baixo possível ou para fazer algum bordado em branco, no qual era muito habilidosa, com o intuito de contribuir com um pequeno lucro.

Tem somente um empenho: humilhar-se, fazer-se toda para todos, divertir-se de preferência, nos recreios com as postulantes mais simples e com as Irmãs encarregadas dos trabalhos mais duros. Uma só é a sua preocupação: evitar que a tratem com preferências.

Ir. Mazzarello, que a conhecia e não lhe poupava o pão da humilhação, do qual é ávida, quer porém que não abuse de suas forças, e não podendo oferecer-lhe um alimento que compensasse o cansaço do ensinamento (e que ensinamento!) exige que ao menos se sustente com um trago de vinho.

Mas, Emília era abstinência.

Vença-se — dizia a Madre — e comece a tomar um pouco de vinho branco depois, pouco a pouco, o vermelho, o bom vinho de Valponasca. Embora a postulante procurasse eximir-se de qualquer exceção, Ir. Mazzarello ficava firme e Emília obedecia.

D. Bosco com suas palavras paternas aumentava o brio daquele caráter viril, oferecendo-lhe, como às outras Filhas, o dom de sua caridade.

D. BOSCO DEVE ANTECIPAR A PARTIDA

Mas, não há rosa sem espinho. Enquanto D. Bosco se dispunha a se entreter com as noviças e postulantes sobre a próxima função, foi chamado, por telegrama a Turim. Então, a conferência foi substituída por um adeus. O bom Pai lhes disse que os pregadores e o Bispo dariam as assim chamadas LEMBRANÇAS e ensinariam como tornarem-se boas religiosas e que, para serem sempre generosas com Deus e serenas em meio às dificuldades, não se esquecessem de que o MUNDO ESTÁ CHEIO DE LAÇOS E QUE PARA SE MANTEREM DELE AFASTADAS, TAMBÉM COM A MENTE, ERAM NECESSÁRIAS A OBEDIÊNCIA DA REGRA, A ORAÇÃO CONTÍNUA, A CARIDADE, A HUMILDADE.

Antes de sua partida, Ir. Mazzarello apresentou-lhe uma jovem postulante mornesina, Teresina Mazzarello, com 15 anos apenas e de saúde um pouco delicada. A jovem pediu para fazer a vestição mas encontrou um pouco de resistência no Pe. Pestarino e na Ir. Mazzarello, que preferiram prepará-la melhor para tal passo. D. Bosco olhou-a, conversou um pouco com ela, pediu informações particulares à Ir. Mazzarello e finalmente concluiu:

“Deixem-na fazer a vestição. Se morrer pouco depois, irá para o Paraíso.”

A COROA DE ROSAS

Preparou-se, rapidamente, o hábito religioso, mas não se sabia como fazer para conseguir a coroa de rosas brancas, já que 8 estavam preparadas e não se contava com uma flor, nem haveria tempo de mandar comprar outras em Ovada. Resolveu-se o problema tirando-se uma rosa de cada coroa: assim também para Teresina Mazzarello ficou pronto o diadema das virgens de Jesus.

O uso de coroa era novo em Mornese. Talvez tivesse sido sugerido pelas Irmãs de Sant'Ana, as quais a usavam nas vestições e Profissões: coroas não de rosas, mas de flores de laranjeira alternadas com algumas rosinhas.

D. Bosco partiu, sem pronunciar-se a favor ou contra esta novidade. Nada mais disse sobre a diferença de hábito, notada naquelas Irmãs encarregadas de certos trabalhos de casa. Talvez tivessem sido boas as razões apresentadas e deixou à experiência a decisão.

O PRIMEIRO ANIVERSÁRIO ABRE-SE COM PRÁTICA DAS LEMBRANÇAS

D. Bosco partiu com o Pe. Cagliero nas vésperas do encerramento dos Exercícios, depois de ter assegurado às Irmãs e Noviças que no dia da Profissão se recordaria delas, de modo especial, na Santa Missa, no altar da Auxiliadora.

As exercitandas, embora um pouco tristonhas, recobriram seu sereno recolhimento.

E o dia 5 de agosto chegou!

Pela manhã, D. Scotton fez a "prática das Lembranças", recordando que o nosso coração é o templo do Espírito Santo. Disse que é preciso fazer com ele como com os templos materiais: limpá-lo freqüentemente e cuidar bem que, em todos os cantos, entre a luz da divina graça, para impedir que se formem teias que o estragariam e o tornariam indigno de hospedar o Senhor.

NOVAS VESTIÇÕES E PROFISSÕES — A PALAVRA DO BISPO

Depois, como de costume, o Bispo celebrou a Santa Missa e distribuiu a Comunhão.

Às 9 horas, embora cansado e com pouca saúde, quis celebrar a função, que se tornou mais solene com sua presença.

As nove postulantes, tendo pedido com o formulário prescrito para serem admitidas ao Instituto, foram depor as vestes do século e revestir o sagrado hábito da religião. Depois voltaram ao altar para receber, das mãos do Sr. Bispo, a medalha abençoada, que traz a imagem da Virgem Auxiliadora. As três Noviças da 1.^a vestição, Ir. Rosina Mazzarello, a querida sobrinha de Ir. Petronilla, — Ir. Maria Grosso, Ir. Corina Arrigotti, emitiram os votos trienais e receberam das mãos do Bispo, primeiro o crucifixo, depois a simbólica coroa de rosas vermelhas, que as assemelham às jovens mártires, prontas ao sacrifício.

Do coro desprendem-se as notas festivas do: “Veni, Sponsa Christi, accipe coronam quam tibi Dominus praeparavit in aeternum” que arranca lágrimas de mais de um assistente.

Quando cessou a música, visivelmente comovido, o Bispo tomou a palavra: explicando-lhes o trecho do Evangelho de Marta e Maria, disse-lhes que escolheram a parte melhor, a parte de Maria, mais querida a Jesus, deixando a outra parte às filhas do século.

Ir. Maria Mazzarello, ficou atenta a tudo, em parte regulando-se pelo que haviam feito no ano anterior, em parte, aconselhando-se com as boas Irmãs de Sant’Ana.

Com verdadeira comoção acompanhou as três novas professoras no momento em que pronunciavam as sublimes palavras, que as consagravam a Jesus.

Duas delas, Ir. Rosina Mazzarello e Ir. Maria Grosso, haviam sido por ela seguidas desde a infância, e cresceram na sua sala de costura. A outra, Ir. Corina, foi uma recente conquista da Virgem, em cuja alma pôde ver o trabalho da graça.

OUTRAS NOVIDADES

Saindo da Igreja, às alegrias pelas novas noviças e professoras uniu-se o ‘oh!’... sem fim pela novidade surgida durante a função.

Parecia-lhes que o permanecer durante todo o dia com a cabeça descoberta, não era muito religioso. Que o lenço de crochet, usado para as pequenas saídas e para ir à Igreja, exigia muito tempo de confecção. Demais o manto celeste desbotava e ficava feio. Pensou-se então em adotar uma touca preta e por primeiro a colocaram às novas noviças. Logo depois vinha a Ir. Mazzarello, e depois dela, todas as outras professoras e noviças. As Irmãs encarregadas dos trabalhos mais

duros a usariam, mas só em dias de festa, bem como o avental negro. E hoje é dia de festa!

Depois do almoço, uma outra novidade! O uso da touca levaria, conseqüentemente a cortar os cabelos. As religiosas de Sant'Ana mostraram que entre as renúncias do seu estado, deveria também haver esta renúncia, a dos cabelos, ornamento tão natural às mulheres. Assim, todas se prontificaram a oferecer a Deus este pequeno sacrifício.

AS COROAS À AUXILIADORA

A noite, depois das orações, a Ir. Mazzarello conduziu as professoras e noviças diante do altar de Jesus e como lhe foi sugerido pelas mestras de vida religiosa, animou-as a oferecerem a própria coroa à Auxiliadora, para que a Mãe Celeste ornasse o seu coração com as virtudes caras ao Senhor e lhes preparasse uma coroa no céu.

Um dia depois, a casa retoma o andamento normal.

Os dois pregadores assinaram a ata da função. ⁽⁷⁾ Depois deixaram Mornese e D. Scotton volta a Turim, para dar a D. Bosco notícias da função que fora celebrada.

VISITA PASTORAL E CELEBRAÇÃO DA CRISMA

O Bispo continuou a celebrar a Santa Missa na capela do Colégio e quando se dirigia à Paróquia para qualquer celebração, as Irmãs não deixavam de participar.

Dia 19 de agosto, dia escolhido por ele para a visita pastoral e a santa Crisma, as Irmãs levaram também as alunas e aconteceu um fato que revelou como o Bispo valorizava Ir. Mazzarello. As crismandas estavam bem colocadas, junto de suas madrinhas. Para algumas reunidas em grupo, a única madrinha era a Sra. Maria Maccagno Roggero. O Bispo, ao passar, diante de uma das meninas, ficou surpreso com a semelhança dela com a madrinha.

— São parentes? — perguntou. Tendo ouvido que eram mãe e filha: “Não pode”, responde com seriedade. Depois olhou para o lado em que costumava ver as Irmãs. Percebeu a Ir. Mazzarello e chamou-a para ser madrinha da menina. Ir. Mazzarello obedeceu, contente de poder participar de um sacramento, mas, um pouco confusa, ela tão humilde, ver-se escolhida entre outras, também senhoras, mais dignas.

(7) Anexo (Allegato) n. 5.

PRIMEIROS PRIVILÉGIOS DO BISPO

No mesmo dia 19, o Bispo deixou um decreto de privilégios concedidos por ele a D. Bosco e ao Diretor “pro tempore” do Instituto das FMA, em Mornese. Com este ato, enquanto define claramente as relações que devem existir entre o Colégio e a Paróquia, atesta mais uma vez a própria estima pela nova Instituição, pelo seu fundador e pelos membros da família salesiana. ⁽⁸⁾

EXAMES E PREMIAÇÕES NO EDUCANDÁRIO DE MORNESE

No início de setembro o venerado Fundador com outros sacerdotes, vindos de Turim, assistiram aos exames e premiações finais das alunas, mostrando-se satisfeitíssimos.

Poucos dias depois deixou Mornese, com a promessa de voltar no período anual das férias de verão.

PARTIDA DAS IRMÃS DE SANT’ANA

Logo depois partiram as Irmãs de Sant’Ana.

Em Turim apresentaram-se a D. Bosco, e, sendo interrogadas sobre Mornese, respondem com deferência, sem fazer aceno algum sobre a grande pobreza da casa.

“Oh, Ir. Mazzarello pode fazer tudo sozinha. Pode crer, D. Bosco: na sua humildade, ela é uma santa”.

Não se passara um mês e D. Scotton disse-lhe: “Mas D. Bosco, suas filhas são muito atrasadas. Ir. Mazzarello tem uma virtude fora do comum, também as outras são muito boas, mas, muito atrasadas. A casa, sem portaria, com pedreiros para lá e para cá. É melhor que o senhor não se comprometa. Não é possível que sigam adiante”. E D. Bosco: “Bem, bem! Veremos o que N. Senhora deseja! Minhas casas nascem quase sempre na desordem, para depois reentrarem na ordem!”

Ora, duas religiosas modelo, que viveram na intimidade familiar com suas Filhas de Maria Auxiliadora, lhe garantem que a primeira dentre elas é uma santa, uma santa que resplende pela humildade. Não é este o fundamento seguro de toda a obra?

(8) Anexo (Allegato) n. 6.

IRMÃ MAZZARELLO INSISTIA EM PEDIR UMA SUPERIORA

Ir. Mazzarello voltava sempre a insistir com o Pe. Pestarino para que conseguisse de D. Bosco a superiora: “As Irmãs precisam de quem as dirija. Eu também preciso.”

D. Bosco amadurece um outro pensamento.

Todos elogiaram a Mazzarello. Ele mesmo percebeu sua correspondência aos muitíssimos dons de Deus. Por isso crê dever adotar com ela, o sistema que o mesmo Deus usa com seus eleitos e que em outros casos produzem ótimos frutos em meio a seus salesianos: o de experimentar ainda a humildade.

A primeira prova deu bom resultado. As Filhas aproveitaram de todos os modos das boas Irmãs de Sant’Ana e Ir. Mazzarello deu provas de um sábio e luminoso exemplo de humilde deferência para com elas e de submissão simples e ao mesmo tempo prudente.

Advertiu também o Pe. Pestarino de que logo chegaria uma senhora, rica de virtude e méritos, que poderia ajudar as Irmãs numa formação mais completa.

Irmã Maria Mazzarello logo pensou que seria a Superiora e como tal se preparou para recebê-la cordialmente. Pe. Pestarino, sem dar-lhe muitas explicações, deixou que pensasse no que quisesse, mas ordenou-lhe continuar no seu papel de Vigária como lhe confiara D. Bosco e que ele continuaria a ser o Diretor espiritual.

PROPAGA-SE O CONHECIMENTO DO EDUCANDÁRIO DE MORNESE

A “UNIDADE CATÓLICA”, nesse ínterim, traz no seu número de 1.º de outubro a informação seguinte:

“UM BOM INSTITUTO PARA MENINAS — em Mornese, salubérrima cidadezinha da Diocese de Acqui, foi aberto, no ano passado, pela caridade do sacerdote João Bosco, um Instituto no qual pudessem ser acolhidas e cristãmente educadas meninas que, por escassez de meios materiais, não pudessem entrar em outras casas de educação senhoril. Os frutos que se colheram, superaram a expectativa comum. Deram um solene testemunho os professores de Turim, que foram examinar aquelas alunas, nos princípios deste mês. D. Sciandra, Bispo de Acqui, quis honrar o Instituto com sua visita, examinar as alunas na língua francesa, assistir à distribuição dos prêmios, a qual foi animada com poesias, cantos e músicas que denotaram o progresso das alunas.

Também em tempo de férias o Instituto de Mornese fica aberto. A pensão mensal é de £ 20. Para melhores esclarecimentos dirigir-se ao Diretor Pe. Domingos Pestarino, em Mornese (Acqui)".

— A quem se deve tudo isto senão ao paterno e santo pensamento do Pai e dos seus filhos? É certamente de Turim que nos vem esta nova prova de bênçãos celestes, pois nós pobres filhas deste obscuro lugarejo... Assim pensavam Ir. Mazzarello e as suas coirmãs. Nem se enganaram, pois devem a ele também o programa do seu educandário, largamente difundido entre párcos e sacerdotes dos arredores e do Piemonte, juntamente com uma pequena circular assinada de seu próprio punho.

Turim, ... 1872

Mui Reverendo Sr.

tomo a liberdade de apresentar a Vossa Senhoria Reverendíssima o Programa do Educandário Feminino, já em vigor por um ano, em Mornese.

V.S. compreenderá que o fim deste Instituto é educar na religião e na moral as meninas cristãs, por isso, espero muito em sua bondade e peço-lhe fazer conhecer o presente programa e assim, conseguir alguma aluna para a nossa casa.

Cheio de confiança no seu apoio, antecipo os meus mais vivos agradecimentos e peço ao Senhor todas as bênçãos celestes, enquanto com perfeita estima, tenho a honra de professar-me

De V.S. mui reverenda obgmo. servo.

Sac. João Bosco

A SENHORA BLENGINI

Enquanto em outubro as novas educandas iam aumentando o número das já pertencentes à casa, chegou de Turim, a prometida e esperada senhora acompanhada da própria camareira. É viúva do advogado Blengini, senhora finíssima e muito piedosa, desejosa de ser toda do Senhor.

Por isso D. Bosco propôs-lhe Mornese, não precisamente para fazer dela uma Irmã, mas porque a prática que tinha da vida religiosa — tendo sido educada em um mosteiro de Turim — e também o seu trato modesto e ao mesmo tempo dignitoso, seriam de ajuda para suas Filhas. Certo estava de que a primeira beneficiada seria a Ir. Mazzarello.

Recebida festivamente e quase como senhora da casa, a ótima senhora não tardou a sentir-se dona do campo. Para ela e sua camareira foram destinados os quartos mais bonitos e bem dispostos. Por alguns dias, ambas foram servidas à parte, “com bons frangos e boa carne” disse Ir. Petronilla. À espera de ordens precisas para o seu superiorato, Irmã Maria Mazzarello usava de todas as atenções para com ela, pedia-lhe conselhos para tudo quanto se referia ao andamento externo da casa, e com o exemplo e a palavra, convidava Irmãs e Postulantes a dela se aproximarem com confiança.

Nada de estranho, portanto, se na Senhora se formasse a idéia de ser assim proposta como mestra de espírito. Verdadeiramente ela possuía bom espírito. O Padre Cafasso, seu confessor, a tornou forte na virtude e piedade, não pensando todavia prepará-la para a vida religiosa, quando perdesse o esposo.

Como pessoa verdadeiramente educada, a Senhora não avançava muito. Falava pouco e não importunava com perguntas. Mas observava muito e depois de poucos dias, começou, muí delicadamente, a dar a perceber à Ir. Mazzarello, que talvez seriam necessárias algumas mudanças, certos melhoramentos.

REZAR POR MAIS TEMPO?

Parecia-lhe muito simples o modo de rezar da Comunidade e quase aconselharia mais alguma prática. Falava com tão amável autoridade que induzia a crer que, de Turim, viera revestida de poderes. Mas, como fazer para rezar por mais tempo? D. Bosco disse: ORAÇÃO CONTÍNUA, mas, explicou o sentido, fazendo compreender que ela CONSISTE NA RETA INTENÇÃO DE FAZER TUDO POR DEUS, COM O FIM DE AGRADAR-LHE, COM O PENSAMENTO E O CORAÇÃO FIXOS NELE, COM FREQUENTES FERVOROSAS JACULATÓRIAS... e determinou o tempo a empregar-se na oração em comum. Demais, se não se trabalha, não se come. Por maior que seja a boa vontade das Irmãs e Postulantes, a mais dura economia de Ir. Giovanna Ferrettino e de Ir. Teresa Pampuro que a ajuda na administração, nada bastaria para afastar uma pobreza que confina com a miséria.

Ir. Mazzarello aconselha-se com o Pe. Pestarino e desde que ele diz que se deveria ir adiante, como no passado, a Senhora deve contentar-se de haver dito boas palavras e nada mais.

E PARA A ALIMENTAÇÃO?

Mais tarde foi a vez da alimentação. No refeitório da comunidade, Irmã Mazzarello cedeu-lhe logo o lugar de chefe da mesa e a colocou perto da Ir. Emília Mosca, para que a servisse como só ela sabe fazer. E a Senhora queria que Ir. Emília se servisse como ela de galinha e verdura mais fina, mas não o conseguiu: a Irmã amava demais a vida comum, para ceder facilmente. Assim a Senhora percebeu facilmente que, especialmente as mais jovens, saíam da mesa com apetite ainda.

Pela manhã o café consistia numa polentinha bem rala de fubá; algumas vezes, faltando a farinha, era necessário renunciar a este pouco e contentar-se com um pão mais escasso, ensopado em água, na tarde anterior, para fazê-lo crescer, ou de um pouco de batata cozida. Ao almoço uma boa polenta, com uma ilusão de mistura; ao jantar, uma sopa de legumes, alguma fruta, conforme a estação e uma pequena quantidade de vinho, misturado com água... Mas tudo era sempre temperado com a mais sincera alegria do mundo.

MORTIFICAÇÃO E CARIDADE

A ilimitada mortificação da Ir. Mazzarello que chegava a privar-se muitas vezes de sua sopa para dá-la aos pobres, à porta, a sua caridade que se industriava de todos os modos para tornar menos penosas as provações e levar escondido, um pedacinho de pão para quem mais precisava, arrastava também as outras. Quem se industriava em tornar mais sem gosto o pobre alimento, unindo a ele um pouco de cinza, crendo-se não observada e a virtuosa indiferença de quem, acostumada a outros tipos de alimentos, serenamente habitua-se à cozinha mornesina: acendia em todas a porfia de mortificação que parecia devesse superar as exigências da natureza.

A Sra. Blengini, embora admirada por tanto fervor, ficava perplexa. Quando uma jovem postulante ou noviça, exortada por Ir. Mazzarello, ia aconselhar-se com ela sobre as vias do espírito, percebia em seu semblante os primeiros traços de uma alimentação insuficiente. Por isso falava com a Ir. Mazzarello que dividia sua preocupação, mas não podia remediar. Não podia. E pensava que, se a Providência as deixava em tanta penúria, talvez fosse para fazê-las entender que era necessário santificar-se com tal meio. Por isso não se incomodava, embora a Sra. se mostrasse inquieta.

MAZZARELLO ENTRA NA VISÃO DE D. BOSCO SOBRE A INSTRUÇÃO

Tornando seu o desejo de D. Bosco sobre a necessidade da instrução, a boa Ir. Mazzarello dispôs, que todas, e ela também, tivessem algumas aulas como nos inícios. Que houvesse aula regular para as alunas internas e externas e Ir. Emília Mosca e Ir. Henriqueta Sorbone se preparassem para os exames de nível primário. Segui-las-iam Ir. Jandet e uma professora, a Srta. Rosa Sala, enviada propositalmente, de Turim, hóspede no Colégio e recebendo salário. Ir. Mazzarello vigiava para que tudo procedesse com ordem e que os estudos não viessem a prejudicar o bom andamento material, disciplinar e moral da casa.

UMA SURPRESA

Uma manhã, sem aviso algum — contou Ir. Petronila — a Sra. Blengini apresentou-se na sala de costura vestida como nós Irmãs, mas com uma modificação: sua touca era branca ao invés de preta. Que surpresa e quanta vontade de rir tivemos! Ir. Mazzarello, porém, conteve-se e... sorriu tão respeitosa-mente que impôs o silêncio a nós também. A Sra. não se ofendeu, mas depois de alguns dias voltou ao hábito secular. Talvez, com esta tentativa quisesse ver como seria acolhida no dia em que mostrasse o desejo de ser religiosa.

A SRA. BLENGINI E DOM BOSCO

Todavia, sempre convencida de poder e dever ajudar o novo Instituto com alguma reforma, julgou necessário abrir-se com D. Bosco. Primeiro, com uma carta, deixada sem resposta. Depois com a própria presença, indo ela mesma a Turim, passar as festas de Natal e talvez o inverno, sempre rígido em todo o Piemonte, mas, rigidíssimo em Mornese, onde as Irmãs não conheciam outro modo de aquecimento a não ser o do amor de Deus.

Apresentou-se a D. Bosco e expôs suas propostas. Ele a escutou com bondade até o fim, mas concluiu que suas Filhas deveriam ser simples em tudo, também na piedade, para não aborrecer a juventude com devoções mais claustrais do que de religiosas de vida ativa. E que deveriam saber mostrar-se tão humildes e desenvoltas que não sugestionassem as pobres meninas que deveriam educar nas virtudes cristãs.

Não aprovou, portanto, as idéias da boa Sra. e ela saiu não muito disposta a mudar seu ponto de vista.

A PRIMEIRA MISSA DE MEIA-NOITE NO COLÉGIO

Na vigília do Natal, por uma carta escrita pelo Pe. Rua, assinada por D. Bosco e com a aprovação de D. Sciandra, o Pe. Pestarino recebeu a licença de celebrar, na capela do Colégio, as três missas da noite de Natal. ⁽⁹⁾

Nem se pode descrever a alegria da comunidade! Quase todas, desde garotas, assistiam a tal festiva celebração anual na própria igreja paroquial e pensavam já com tristeza de serem, este ano, como no ano passado, disto impossibilitadas. As meninas, especialmente não sabiam como manifestar a própria alegria pela novidade e em casa o “Deo Gratias!” mais festivo explodia de cada coração. Ir. Mazzarello, porém, não se deteve no privilégio alcançado e após o comentário do bom Diretor, Pe. Pestarino, fez as próprias Irmãs valorizarem a paternidade do Fundador, que tendo conseguido para si e para as suas casas a preciosa faculdade das três missas de meia-noite, pensou logo em fazer-nos, suas Filhas, dela também participarmos. Por isso o “Deo gratias” das Irmãs assumiu a dupla característica da gratidão a Deus e gratidão filial a D. Bosco.

(9) Anexo (Allegato) n. 7.

O PRIMEIRO TUMULO

Dia 29 de janeiro, enquanto em casa se queria celebrar pela primeira vez a festa de S. Francisco de Sales, os corações, ao invés, devem suplicar ao santo da doce fortaleza a graça de suportar, com merecimento, o primeiro vazio nas suas fileiras: neste mesmo dia morre a boa Ir. Maria Poggio, humilde cozinheira, que, mesmo em meio à falta do necessário, jamais se perturbou e a todas havia acolhido e edificado com seu paciente sorriso.

Falava pouco mas era generosa e exemplar!

A Missa de sufrágio, corpo presente, foi celebrada na capela do Colégio, graças ao decreto que D. Sciandra deixou no último agosto, junto aos privilégios concedidos por ele, ao Instituto.

Sua caridade soube prover a tempo para confortar este primeiro luto das FMA.

DÚVIDA ANGUSTIANTE

Tal morte deixou em Ir. Mazzarello uma dúvida angustiante. Cuidou da falecida com ternura de mãe, mas... a sua morte prematura, não dá motivo de pensar nas observações da Sra. Blengini sobre a escassez da comida? Chorou de pena com um sentimento bem próximo do remorso e falou com o Pe. Pestarino, tão aflito quanto ela e muito preocupado com a vida austera da casa.

Em seguida providenciou-se um pouco de leite, pela manhã, para as Irmãs mais fracas e menos habituadas àquele clima e àquela vida. Todavia, o temor não desapareceu e propôs ao Diretor se não seria

conveniente servir a todas um pouco de café com leite pela manhã, para impedir que outras se enfraquecessem irremediavelmente.

Numa relação que o Pe. Pestarino faz na 1.^a semana de fevereiro, encontramos algumas orientações seguras relativas a este argumento. Nesta relação encontramos também o número de professoras, noviças e postulantes acrescido pela entrada da jovem Paulina Guala — 3 de fevereiro — substituindo a falecida Ir. Maria Poggio.

RELATÓRIO DO PADRE PESTARINO

“Na casa das FMA, em Mornese há 13 professoras (eram 14: uma passou esperamos confiantemente, à vida feliz no Paraíso) 8 noviças, 8 postulantes, 17 internas. Em tudo temos motivo de bendizer e agradecer a Deus.

É para mim motivo de verdadeira consolação constatar nas Irmãs, professoras e noviças, segundo a sua capacidade, o verdadeiro espírito do Senhor e o empenho em formarem-se no espírito das Constituições e seguindo as santas recomendações do grande Pio IX enviadas por meio do Superior Maior D. Bosco: uniformidade no vestir-se, na alimentação, no repouso, no trabalho, nas licenças e em não procurar exceções.

Há poucas semanas, Ir. Mazzarello me pediu conselho se eu achava conveniente providenciar um pouco de café com leite, temendo que algumas postulantes que tinham costume de tomá-lo sentissem falta de um pouco de leite quente. Eu aderi a essa proposta e na hora da conferência, ela me fez a proposta diante de todas. Eu dei a entender que não tinha nada em contrário, antes era algo já pensado por mim mais de uma vez, e que via como um bem.

Começaram as professoras e depois todas a pedir-me que esperasse um pouco mais: sentiam estar em perfeita saúde, tinham mais apetite que pouco. Como no café da manhã não tinham pão, que se lhes dessem “polenta” e castanha cozida, pois todas assim o desejavam e a todas fazia bem.

Eu não respondi muitas palavras. Disse à Ir. Mazzarello que suspendesse por hora, observando se era conveniente ou não.

O que mais se nota com satisfação é a verdadeira união de espírito, de caridade, a harmonia feliz e a santa alegria entre todas na recreação, onde se divertem sempre fraternalmente unidas, também no jogo e no repouso.

Na piedade são edificantes também para mim, no recolhimento como no aproximar-se dos santos sacramentos, na meditação, na récita do ofício divino e nas outras orações e funções. Foi comovente o acompanhamento até à sepultura, da co-irmã falecida.

Muitos, entre o povo, choravam. Os próprios juvenzinhos diziam que era mesmo extraordinário ver a sua atitude e modéstia sem afeição, tanto que as meninas da região diziam sorrindo: “Queremos ir todas ao colégio”.

Nota-se em todas um verdadeiro desapego ao mundo, aos parentes e a si mesmas, o quanto a humana fragilidade consegue. Assíduas e muito atentas ao trabalho. Jamais percebi qualquer pequena reclamação de quem quer que seja. Espontaneamente se interessam pelas coisas da casa.

Preciso dizer que reina bom exemplo, também entre as professoras, mesmo que uma seja leiga para ensinar às meninas e preparar as Irmãs para os exames. Também essa é exemplar na piedade, humilde e respeitosa com todas. Parece, até desejosa de permanecer entre as FMA, ficando claro que nos outros mosteiros onde esteve, embora a princípio tivesse tido vontade de se fazer monja, isto não foi concretizado. Aqui, no entanto veio sem intenção de permanecer, mas o desejo de ficar é mais forte.

De saúde estão todas bem, apesar da morte da Ir. Maria Poggio. Também das alunas não se pode reclamar. Todas inclinadas à virtude. São respeitosas. Algumas já se distinguem muito pela piedade e também para se tornarem FMA.

Preciso repetir que estou satisfeito e contente, e me é de grande conforto vê-las de espírito assim alegre e sempre desejosas que eu vá fazer-lhes conferência, ou simplesmente dizer-lhes “algumas palavrinhas”. Até as pequenas, quando chega a hora da “BOA NOITE”, se recusam a ir para o dormitório, desejando ouvir o Diretor.

Vêm-se, claramente, os frutos das bênçãos do Senhor, da bem-aventurada Virgem e dos Superiores. Uma só coisa desejam: uma visita do superior.

Somente uma coisa não vai bem: As finanças. São poucas as internas, por isso estamos em “deficit”. Vivem simplesmente. Porém a alimentação é saudável.

Temos mais débitos que créditos. Confiamos no Senhor que tudo resolverá por intermédio de D. Bosco e do Pe. Rua... e dos outros colégios com os quais entramos em contato em relação aos débitos contraídos.

EPISÓDIO SIGNIFICATIVO

O Padre Pestarino declara que todas se alegram com as castanhas do café da manhã. Irmã Henriqueta diz: “Saindo da capela, depois da Missa, é uma verdadeira tentação aquele cheirinho gostoso de polenta, ou de “pancotto” muito cozido, ou de castanha seca cozida. É preciso passar o mais longe possível da cozinha, para não cair na tentação da gula. Quando se vai ao refeitório, sobretudo se há castanhas, sente-se quase a necessidade de deixá-las para mortificar a gula. Quando chegamos a fazê-lo de verdade, algumas vezes saímos de lá como havíamos entrado, isto é, em perfeito jejum. Ir. Maria porém, tem dois olhos. . . Uma manhã, acabando de sair do refeitório, me parou e. . .

— Riqueta, estavam boas as castanhas?

— Boas e bonitas!

— Você não as comeu?

— Oh! Que belo prêmio para as melhores das nossas meninas levadas.

— Mas você as comeu?

— Não senhora.

— Pois bem, como você é a maior das meninas levadas, volte ao refeitório e. . . bom proveito das castanhas!

Não foi preciso repetir a ordem. Quer que nos mortifiquemos, mas, não quer que sofram!

Exatamente assim; Irmã Mazzarello é forte e quer tornar fortes suas irmãs com o exemplo da mortificação. Mas é terna de coração a ponto de sofrer quando não consegue dar a cada uma o necessário e o que convém.

AS “RECORDAÇÕES” DO SANTO PADRE

Passam janeiro e fevereiro. D. Bosco se encontra em Roma para trabalhos importantíssimos, segundo o que se diz, em benefício da Igreja e da Pia Sociedade SALESIANA. Parece também que custará a fazer-se rever no Oratório. O Padre Pestarino e a Ir. Mazzarello sugerem à comunidade:

— Rezemos por ele! Rezemos, também, pelo Santo Padre, para que seja confortado neste tempo de angústia e sofrimento. Talvez D. Bosco, com o Santo Padre fale de suas filhas de Mornese!

— Talvez fale?

— Já falou!

De Roma — como se sabe — ele já mandou as preciosíssimas “RECORDAÇÕES” do Santo Padre, precisamente para as queridas FMA:

“Uniformidade na alimentação; uniformidade no vestuário; uniformidade nas licenças; fuga das exceções; observância das Constituições”.

Irmã Maria, entre as alegrias das Irmãs, dispõe que sejam transcritas em cartões apropriados, estas recomendações e que sejam colocadas nos lugares mais freqüentados: sala de trabalho, escadas, refeitório, dormitório e corredores de passagem, para que sejam verdadeiramente recordadas e continuamente convidem à perfeição religiosa.

A repetida palavra: UNIFORMIDADE, aumenta as dúvidas de Ir. Mazzarello.

Portanto, não mais o vestido xadrezinho; certas concessões às mais jovens; às mais vivazes. . .

Chega, Irmã Mazzarello! Faça agora, o que o Diretor mandou fazer; depois, quando vir D. Bosco ou quando vier a superiora da casa. . . E, esta bendita Superiora, quando virá, logo ou não?

PRÓXIMA VISITA DO PADRE CAGLIERO

— Quem virá brevemente — anuncia o Pe. Pestarino — é o Pe. Cagliero. D. Bosco é quem o envia como confessor extraordinário, depois que passarem as quatro tēmporas, para um tríduo de pregação às alunas, em preparação à festa da Páscoa, como é costume nas Casas Salesianas. Através dele, poderemos saber também outras coisas: por exemplo, se a Senhora Blengini voltará ou não para nossa companhia.

De Roma, D. Bosco havia escrito ao Pe. Rua: “Se a Senhora Blengini ainda não viajou para Mornese, diga-lhe que fique tranqüila; aos poucos as coisas se arrumarão. Já lhe escrevi a respeito. Uma carta a espera lá” (1).

Na segunda semana de março chega o Pe. João Cagliero e é recebido com festa.

“Professas e noviças — conta Ir. Henriqueta — nos reunimos para uma solenidade de especial apresentação.

Estávamos todas em silêncio perfeito, quando entram Pe. Pestarino, Pe. Cagliero e Ir. Maria.

(1) MB X, 659.

O Pe. Pestarino está comovido. O Pe. Cagliari mexe e remexe os dedos para afastar um não sei quê de acanhamento e a Ir. Maria não sabe se ri ou se fica séria. Quem rompe o silêncio é o Pe. Pestarino que, em nome de D. Bosco, apresenta o Pe. Cagliari como representante do próprio D. Bosco, para prover melhor e mais rapidamente às necessidades do Instituto. Acrescenta que, por isso, qualquer uma de nós pode livremente expor ao Pe. Cagliari o que diria a D. Bosco. E concluindo, quase em soluço: — “Já posso até morrer sem prejuízo de ninguém” — e sai para deixar-nos a sós com o Pe. Cagliari.

Este, para desviar o pensamento e o coração dessa última expressão e da ausência do Pe. Pestarino dirige o olhar comovido para o nosso grupo — noviças e professoras — e diz num gracejo: “Ora, somos todos “masná” (crianças) mas para dar conselho até as noviças poderão servir.”

A Vigária sorri e nós também, repelindo as lágrimas. O Pe. Cagliari fixando os olhos por um momento em mim e depois em Ir. Emília — que não reconhecera de imediato — procura entreter-nos um pouco falando sobre Turim, sobre D. Bosco e sobre o que acha vantajoso para a comunidade.

PRIMEIROS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DAS ALUNAS

É a primeira vez que as alunas fazem exercícios espirituais, mas compreendem logo a importância do fato e não perdem tempo.

A vinda do Pe. Cagliari assinala uma nova conquista: a da jovem Rosália Pestarino, a dedicada sobrinha do Diretor, há algum tempo em Mornese, ainda em dúvida sobre o caminho a escolher. A preleção do Pe. Cagliari confirma as palavras que lhe dissera D. Bosco em maio de 1870: “Vai ser Irmã”. Isso a inquieta e vai aconselhar-se com ele. Logo depois entra como postulante (15 de março), para grande alegria do tio que nisso encontra um pouco de conforto entre tantas dores.

A seu irmão, Pe. José, que lhe pergunta admirado: “Por que aqui, com estas que nem mesmo são freiras propriamente?”, responde simplesmente: “São tão fervorosas!”

Desde o primeiro dia, porém, afirma que jamais se confessará com seu tio. Quanto ao mais, adapta-se relativamente bem à vida religiosa, embora dê, de quando em quando, alegres risadas, diante daquilo que não pode compreender.

“NO CONFESSOR ESTÁ DEUS”

Durante algumas semanas, a Vigária pede ao pároco que venha ao colégio e Rosália pode, assim confessar-se, mas, depois. . .

— “Crês que poderás manter esta singularidade? Sê forte e vive de fé. Pensa que no confessor está Deus e apresenta-te ao Diretor como fazem todas. Se tiveres outras necessidades, providenciaremos.”

Chega o dia da confissão: confessam-se Irmãs, noviças, postulantes e alunas. Rosália não se move. A Vigária, que tudo viu, aproxima-se da postulante e lhe diz: “Vamos, apresenta-te. Se não queres confessar-te, paciência. Procurarás um outro, mas conquistarás essa vitória. O Senhor a levará em conta.”

Rosalía vai, porém, no momento de falar, foge. Pe. Pestarino, vendo que não há mais ninguém para se confessar, vai para a Sacristia.

A Vigária se aproxima da postulante confusa: “Vitória pela metade, mas não basta. Vou chamar D. Pestarino para que tu possas voltar.” Aberta a janelinha do confessionário, faz o sinal da cruz e esquece completamente quem está do lado de lá.

Fez tudo com singular facilidade e, cumprida a penitência, entre lágrimas, diz à Mazzarello: “É mesmo verdade que no confessor está Deus! Estou feliz!”

DISPOSIÇÕES PATERNAS

A noviça Irmã Henriqueta Sorbone que, por conselho de D. Bosco e do Pe. Pestarino, fora encaminhada para o estudo com Ir. Emília Mosca, não resiste à vida de contínua aplicação. Embora se saia bastante bem, de modo especial na área científica, em que supera Ir. Emília, pede insistentemente e obtém permissão de retornar para junto das companheiras e a seu trabalho onde, com menor esforço, poderá tornar-se útil. A maternal Vigária não esquecerá a angústia desse jovem coração em relação às duas pequeninas irmãs que ficaram em casa, sem ela. Fala ao Pe. Cagliari sobre isto e, depois, convida a noviça para apresentar-se a ele. Este a interroga paternamente e, tomando conhecimento do seu sofrimento, pergunta-lhe: “Gostarias de ter aqui tuas irmãzinhas?”

— “Sim, padre.”

— “E se eu as trouxer, tu me prometes de tornar-te santa?”

— “Sim, padre.”

— “De verdade?”

— “Sim, padre.”

Pe. Cagliero promete trazer as duas meninas.

No lugar de Ir. Henriqueta, coloca para estudar a néo-postulante Rosália. Como foi comprovado que a professora leiga, Senhorita Cândida, que sucedeu a Senhorita Sala, não estava em condições de preparar as duas alunas para obterem o grau elementar, promete que mandará de Turim programas particularizados e testes correspondentes. Como Irmã Corina dominava bem o piano e Ir. Grosso e Ir. Arecco tinham boa voz e poderiam sustentar o canto na capela, combina com o Pe. Pestarino e a Vigária que as aulas de música seriam dadas não só às alunas, mas, também às Irmãs que demonstrassem que poderiam aprender facilmente.

Para todos os outros assuntos é preciso falar com D. Bosco. O Pe. Cagliero explicita o próprio pensamento, somente na descrição da original vestição da Sra. Blengini, que usou uma gorra branca: “Na verdade, alguma coisa branca, para amenizar o preto.”

Numa de suas instruções à comunidade e, respondendo à pergunta de Ir. Petronila, o Pe. Cagliero explica o terceiro conselho do Santo Padre: *uniformidade nas licenças*.

“Isto — diz — diz respeito aos superiores que não devem permitir a uma pessoa o que não permitiriam a outra. Por exemplo, se uma de vocês deseja visitar a família e se, na mesma circunstância a superiora o concedesse também a uma outra, estaria bem, do contrário, não.”

Tendo escutado todas as que lhe quiseram falar e tomando conhecimento de todas as particularidades e necessidades da casa, o Pe. Cagliero deu por encerrada sua tarefa. Na despedida, a Vigária se ajoelhou a seus pés e lhe pediu, diante de todos, que dissesse a D. Bosco para mandar logo uma Superiora. Insiste: agora o senhor bem sabe como sou e viu que, pela minha ignorância, não posso estar à frente de um Instituto que se prepara para o ensino.

— “Você conhece os mistérios de nossa santa religião?” — pergunta-lhe comovido.

— “Oh, sim, por graça de Deus! Aprendi-os desde pequenina. Quem não os sabe?”

— “Então sabe muito. A D. Bosco, por ora, basta isto e que seja obediente.”

Irmã Maria compreende que não encontrou apoio no Pe. Cagliero para seu pedido e ficou muito sentida. Nas Irmãs, porém, renasce a esperança de tê-la como Superiora definitiva, sobretudo por terem

ouvido do próprio Pe. Cagliero: “Podem chamá-la de Madre Vigária! E, se esquecerem, chamem-na de *Madre!*”

BOM BOSCO PELA APROVAÇÃO DAS CONSTITUIÇÕES

Partindo o Pe. Cagliero, chega de Roma uma carta de D. Bosco. Ei-la:

“Diletíssimas filhas em J.C. e Maria Auxiliadora,

O dia 24 deste mês será muito memorável para a nossa Pia Sociedade.

Nossa congregação está definitivamente aprovada pelo decreto de 1.º de março de 1869. Agora se trata da aprovação definitiva das Constituições.

Para esse fim foi escolhida pelo Santo Padre uma Congregação de cardeais que deverão proferir seu parecer sobre este assunto, que é de maior importância para nosso bem presente e futuro.

As intensas orações recomendadas até agora eram dirigidas a este fim. Devemos, daqui por diante, redobrar nossas súplicas junto ao trono divino, a fim de que Deus piedoso disponha para que tudo se cumpra segundo sua maior glória e nossa particular vantagem espiritual.

Unamo-nos, portanto, no espírito de viva fé, e todos os congregados salesianos, com as Filhas de Maria Auxiliadora e as alunas pela divina Providência a elas confiadas, tenham um só coração e uma só alma, para implorar as luzes do Espírito Santo sobre os eminentíssimos purpurados, com um tríduo de orações e de exercícios de piedade cristã. Para que haja uniformidade em nossas súplicas à Misericórdia divina, fica estabelecido:

- 1.º - Começando no dia 21 deste mês, por três dias, todas as Filhas de Maria Auxiliadora farão rigoroso jejum. Quem, por motivos razoáveis, não puder jejuar, recite o Miserere com com três “Salve, Rainha” à Bem-aventurada Auxiliadora, com o versículo Maria, Auxilium Christianorum, o.p.n. Cada uma acrescente as orações e mortificações que julgar compatíveis com suas forças e com os deveres do próprio estado.
- 2.º - Convidem-se as queridas alunas para se aproximarem com maior frequência possível dos sacramentos da confissão e da comunhão.

Pela manhã, que se comece com o canto do “Veni, Creator Spiritus, Emitte Spiritum tuum”, etc. e com o “oremus”: “Deus, qui corda fidelium...”

As orações, o Terço, a Missa, a meditação sejam dirigidas a essa necessidade.

3.º - Ao longo do dia, todas as Filhas de Maria Auxiliadora passem o maior tempo possível diante do SS.Sacramento.

A leitura espiritual e todas as orações comuns sejam feitas na igreja.

4.º - À noite, à hora mais cômoda, se reunirão na igreja e, com a máxima devoção, recitado o Veni, Creator, como pela manhã, se fará a habitual prática em reparação dos ultrajes que Jesus recebe no SS.Sacramento.

Essas nossas humildes súplicas à bondade do Senhor começarão dia 21 e continuarão até a manhã do dia 24 deste mês, inclusive.

A graça de N.S.J.C. seja sempre convosco. Amém.

Af. mo em J.C.

Sac. G. Bosco

Roma, 16 de março de 1874.

N.B. — O Senhor Diretor Pe. Pestarino lerá e explicará a presente às nossas co-irmãs e dela fará comunicação às alunas.

NOBRE COMPETIÇÃO

A carta chega exatamente a tempo, de modo que cada uma possa fazer o que é ordenado pelo Fundador. Jamais obediência alguma encontrou corações tão desejosos de cumpri-la:

“Que são para nós três dias de jejum? E que conforto fazê-lo para obter para D. Bosco bênçãos especiais!” As visitas à igreja, então... Já era um hábito louvável para todas lembrar freqüentemente a Jesus o nome de D. Bosco e dos benfeitores, rezar pelos pecadores, por todos os necessitados. Dois minutos, portanto, nessa habitual visita espontânea, para não se furtar ao empenho do trabalho e da recreação comunitária.

Mas, se o tempo lhes é limitado, não o é a medida e o entusiasmo do fervor. Ir. Mazzarello lhes dá o exemplo. Durante o dia, pouquíssimo se distrai, mas está em adoração diante de Jesus sacramentado, sem mexer as pálpebras, sem sequer mover os lábios. E fora da igreja lhes revela a alegria espiritual, exclamando algumas vezes com ingenuidade: “Faz muito bem um momento sozinha com Jesus!”.

Nesses dias os momentos de oração se prolongam. É uma nobre competição, também entre as moças, para ver quem mais sabe insistir sobre o Coração de Jesus. Espera-se festivamente o dia 24 de março e, certas de serem atendidas, festejam-no afetuosamente.

POBRE CORINA

Exatamente na noite deste dia feliz chega o pai da Ir. Corina, impetuoso como sempre e cheio de ira. Tinha escrito que queria a filha em casa e esta lhe respondera, então, pedindo que a deixasse onde era tão feliz. Vem sem mais, trazendo um vestido secular para que o vista e viaje imeditamente.

A pobre filha fica perplexa. Chora. Suplica, mas o pai, enfurecido, não quer escutar seus motivos. Pronuncia palavras brutais. Ameaça fazer grande barulho e somente após a insistência do Pe. Pestarino se conforma em esperar dois dias.

O bom Diretor, para apaziguá-lo com um gesto de caridade muito seu, hospeda-o, convida-o para almoçar com um bom senhor de Mornese e todos juntos o envolvem de atenções e de ponderações para induzi-lo a julgamentos mais brandos. Mas ele não dá ouvidos: diz que em sua casa não haverá religiosas. Antes que ter uma filha Irmã, prefere vê-la morta.

O Pe. Pestarino acha conveniente deixar que Ir. Corina obedeça a seu pai e, quando ela lhe diz as dificuldades que terá em família para a observância dos votos, ele, para tranquilizá-la, lhe diz que, se quiser, pode considerá-los desfeitos. Mas, Ir. Corina é muito ciosa dos votos que a unem a Jesus, para consentir em rompê-los.

E, com a Virgem da Anunciação, abandonada à providência de Deus, repete: "Ecce ancilla Domini! Fiat... mihi secundum verbum tuum!"

Ir. Felicina, Mestra das noviças, e Ir. Joana Ferretino procuram infundir um pouco de força naquele pobre coração. A Vigária lhe repete quanto, naqueles momentos de prova, pode sugerir-lhe sua experiência da vida e seu amor por aquela pobre vítima que não compreende mais nada, toda fechada em sua dor.

Quando chega o momento de tirar o hábito religioso, Ir. Corina não move um dedo. Deixa-se trocar de roupa. Deixa colocar em sua cabeça uma trança que uma noviça, com gentil lembrança, preparara para ela, a fim de que o pai não a repreenda pelos cabelos cortados. Deixa que coloquem em sua cabeça um lenço de seda... Tudo como querem os outros. Ela não parece presente.

Chegada a hora da partida, dirige-se diretamente a seu pai, acompanhada pelas lágrimas de todas as Irmãs e, por um bom pedaço do caminho, pelas suas companheiras de noviciado.

Passara duas noites em pranto e em oração. Agora, não tem mais forças para caminhar. Não obstante, apenas tinha saído da região, o pai e a irmãzinha Ida montam num bom asno alugado pelo Pe. Pestarino para a febril Corina e a pobrezinha deve segui-los a pé.

Este dia 26 de março — quinta feira da semana da paixão — é para o colégio mais doloroso do que aquele em que se viu morrer a querida Ir. Maria Poggio que partia para os braços da divina Misericórdia. A boa Ir. Corina vai para onde um falso orgulho paterno quer, a todo o custo, disputá-la com Deus.

VIA SACRA EM PRANTOS

Todas as sextas-feiras da quaresma a comunidade faz a Via Sacra ao invés da leitura espiritual. Hoje, última sexta-feira da semana santa, para maior solenidade, o Pe. Pestarino a dirige de sobrepeliz e estola. Começa com aparente calma, mas subitamente se comove. A voz lhe treme. Na quarta estação, um primeiro soluço lhe corta a palavra e ele precisa fazer grande esforço para reter o pranto. Ao final, não se pode conter porque a imagem viva da Mãe divina na subida do Calvário o entenece tanto que se torna necessário que a noviça Ir. Henriqueta Sorbone o substitua, também comovida, como todas as presentes.

Também na quinta-feira santa desse ano, a comunidade se alterna para a adoração a Jesus Eucarístico durante todo o dia e toda a noite. A Vigária é a mais constante, a mais fervorosa em fazer companhia, também na noite da sexta-feira ao divino Salvador e à Virgem dolorosa. Revivem em seu fervor seus primeiros entusiasmos de menina e moça.

O PENSAMENTO EM CORINA

A Páscoa tem um colorido doloroso. O lugar vazio de Ir. Corina diminuiu a alegria à mesa, hoje menos pobre que o comum. Cada coração recorda a pobre irmãzinha que escreve secretamente notícias desoladoras.

Vítima da tirania paterna, está, porém, firme como um rochedo e não se afasta um ponto sequer do programa de retiro que lhe foi traçado em Mornese, disposta a morrer antes que faltar a seus votos religiosos.

A Vigária lhe responde, por intermédio de uma tia de Corina, para evitar-lhe a fúria do pai e, entre outras coisas, encoraja-a com esta garantia: “Nós aqui rezamos muito a Jesus sacramentado, diante do qual há sempre alguém a pedir por você.” Fáz-la também saber que, tendo ouvido de uma postulante como Santa Filomena alcançou inesperadas vitórias também sobre almas insensíveis, as Irmãs fizeram uma novena para a santa, e cada uma até jejuou para obter a conversão de um pai tão inflexível e duro.

NOTÍCIAS DA FAMÍLIA

No dia da Páscoa — 5 de abril — entra definitivamente como postulante, a jovem Teresa Laurantoni, de Massignano (Ascoli Piceno), que já há algum tempo vive em Mornese, primeiro entre as alunas e depois com a comunidade, para um primeiro período de experiência. Filha de um coronel pontifício, tem uma ingenuidade de alma que a torna simples, franca, agradável e é de uma vivacidade tão exuberante que lhe dará muito, muito que fazer.

No dia 6, o Pe. Pestarino se dirige a Valdoco e no dia seguinte chega de Cumiana (Turim) a postulante Rosina Daghero, acompanhada pelo coadjutor salesiano Scavini, adido ao colégio na qualidade de marceneiro. Uma carta do Pe. Pestarino, trazida por ele, anuncia que o Diretor voltará dentro de dois dias.

Na manhã do dia 16, o Pe. Pestarino parte de Mornese para Alessandria, onde espera encontrar D. Bosco, de volta de Roma, contente por ter obtido o que desejava: a aprovação definitiva das constituições da Pia Sociedade Salesiana. Mas, por causa de um atraso, o encontro não acontece e o Diretor escreve de lá ao sobrinho Pe. José, que ficou fazendo suas vezes no colégio.

APROVAÇÃO DAS CONSTITUIÇÕES SALESIANAS E CONSEQUÊNCIAS PARA O INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

Turim, 17 de abril de 1874.

Caríssimo sobrinho,

D. Bosco chegou a Alessandria às seis da manhã e chegou a Turim de improviso. Às oito eu estava a esperá-lo em Alessandria, onde encontrei o Diretor de Sampierdarena, as senhoritas Pastore e Farina de Valenza e Gua, de Acqui. Estivemos juntos até 13:30. Depois parti para Turim onde o encontrei (D. Bosco) na sala com todos os Diretores, dispensando os quais, conversamos muito.

Disse que o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora foi introduzido na Congregação aprovada, de S. Francisco de Sales. Houve muitos obstáculos, contradições e guerras terríveis que não se podem descrever agora e não se poderiam crer se não estivessem escritos. O Senhor ajudou sua obra. Basta dizer que é o fim de tudo. Antes de partir (D. Bosco) foi ao Santo Padre para agradecer-lhe e para despedir-se. Ao ver D. Bosco, Pio IX se pôs a bater palmas, exclamando: Viva D. Bosco!

Depois, perguntou-lhe:

— “D. Bosco, está contente?”

— “Contentíssimo” — respondeu D. Bosco.

— “Também eu estou contente: viva D. Bosco!”, repetiu o Papa.

O resto lhe contarei em casa. Recebi as cartas de Cilin⁽²⁾. De Corina⁽³⁾, nada até agora. Amanhã lhe escreverei. D. Bosco e todos os outros falaram dela e esperam. A senhora Blengini não foi vista ainda: veremos. Escreverei logo. Domingo, 19, festa para D. Bosco.

Saudações a todos e a todas.

Teu af.mo tio

Pe. Domingos Pestarino

P.S.: Lembra-te de enviar para Lerma: se acontecer qualquer coisa aí, escreve.

Portanto, com a congregação salesiana, e como coisa salesiana, vem incluída também a segunda família de D. Bosco, isto é, o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora⁽⁴⁾.

Descrever a consolação que tal carta traz ao colégio é impossível. O retorno do Pe. Pestarino é cheio de alegria, seja pela narração feita por ele do portentoso arco de luz visto por todos, por duas vezes — também por ele — sobre o Oratório, no dia da chegada de D. Bosco⁽⁵⁾, seja pela notícia de que D. Bosco irá logo a Mornese, tendo prometido formalmente: “Irei e faremos um verdadeiro Capítulo.”

Com estas palavras, enquanto cada uma dá vazão à alegria, Rosália Pestarino volta-se para Ir. Petronila e lhe diz: “Agora, a Vigária será eleita Superiora e você será a Vigária”.

(2) Cilin era um sobrinho seu, irmão do Pe. José.

(3) Irmã Corina Arrigotti.

(4) Anexo (Allegato) n. 8.

(5) LEMOYNE GIOVANNI BATTISTA, Vita del ven. servo di Dio Giovanni Bosco (Torino, SEI 1930) II 143.

Mas as palavras caem quase no vazio, porque as Irmãs curiosas para saberem como se desenrolou em Turim a história de Blengini, assaltam com perguntas até de âmbito particular, a condescendente bondade do Diretor.

A SENHORA BLENGINI NÃO VOLTARÁ A MORNESE

Não obstante o pouco ou nenhum desejo de tê-la como superiora, a comunidade nunca pensou em desconhecer os méritos pessoais da cara senhora, especialmente sua boa vontade em ajudar de todos os modos, o nascente Instituto. É fácil, pois, advinhar que voluntariamente voltaria a Mornese, onde deixou entre as alunas uma sobrinha, verdadeiro anjo de inocência e de piedade. Por isso se quis saber algo mais sobre ela, desejo surgido, sobretudo, pela estima, pelo reconhecimento e por um reverente afeto.

Assim, vem-se a saber que a senhora já considerava longa sua permanência em Turim, e quando o Pe. Cagliari, depois de dar relação a D. Bosco sobre Mornese e após novos contatos com o Pe. Pestarino, se apresentou a ela para agradecer-lhe, em nome do próprio D. Bosco, o quanto havia feito pelas Filhas de Maria Auxiliadora, ela se havia mostrado preocupada e quase aflita ⁽⁶⁾.

“A permanência da senhora Blengini entre nós — disse Ir. Petronila — não deixou de ter seus bons frutos, porque nos fez ver ainda mais claramente as vantagens da educação no trato e nas palavras. Fez-nos avaliar melhor o espírito de D. Bosco, unindo-nos ainda mais fortemente a ele e ao nosso Instituto. Talvez, quem sabe, queira presentear-nos com . . . alguma coisa de branco, segundo o que nos disse, entre sério e brincalhão, para parecermos menos escuras!”

Particularmente, o Pe. Pestarino adverte à Vigária que D. Bosco não desaprovava um pouco de branco no hábito religioso das Filhas de Maria Auxiliadora, de modo que não parecessem tão escuras, como o Pe. Cagliari dizia. Além disso, depois das últimas notícias de Mornese, não seria mal que se introduzisse realmente — e com uma certa liberdade — um pouco de café com leite pela manhã. Se ainda não for possível para todas, ao menos para as de constituição mais débil e delicada.

Quanto à superiora, creê que a Vigária pode e deve fazer, ordenando e dispondo para cada Irmã e para a casa como lhe pareça melhor no Senhor, deixando-se até chamar de *madre* pelas que já o

(6) Anexo (Allegato) n. 9.

fazem espontaneamente. Depois, vindo D. Bosco, se decidirá melhor qualquer coisa.

A CARTA DA HUMILDADE

A Vigária, tendo deixado o Pe. Pestarino, seguindo a inspiração do momento, afasta no mesmo instante todas as vozes do amor próprio para dar passagem livre à humildade, e manda seu primeiro ensaio de correspondência epistolar com Pe. Cagliero, escrevendo-lhe:

“Minha carta, sem mais palavras, lhe dirá se eu sou apta para o cargo de Superiora, como deseja nosso venerável pai D. Bosco. O senhor julgará estes escritos, que tenho até vergonha de lhe enviar.

Minha instrução, minha caligrafia que é toda um rabisco de galinha, os despropósitos de gramática e de ortografia são mesmo mais que de uma camponesa ignorante e não sei juntar os próprios pensamentos de modo a poder enviá-los aos Superiores. Diga a D. Bosco que não sou nem mesmo capaz de me dirigir a mim mesma, quanto mais de dirigir os outros” (7).

OUTRAS POSTULANTES E A PEQUENA SORBONE

Durante a confiante espera da resposta, a família aumenta: no dia 25 chegam as duas irmãs Rossi, Angelina e Ermelinda.

As duas irmãs foram trazidas de Borgo S. Martinho, com a amiga Henriqueta Sorbone, para ver D. Bosco.

Como foi dito, o Fundador não apressou a entrada das futuras postulantes, pelo contrário, solicitado, disse à mais velha: “Não, ainda não, fique com sua mãe”. Porém, a boa atuação de Marcelo abreviou o tempo de espera.

Chegando a Mornese, acompanhadas do próprio irmão e da mãe, trouxeram consigo também a irmãzinha Cecília, que entrou como aluna e as duas pequenas Sorbone: Marieta e Angélica. Como se vê, o Pe. Cagliero não se esqueceu da promessa feita à Ir. Henriqueta. Ao contrário, logo que pôde ter um encontro com D. Bosco lhe falou como intercessor. Marcelo Rossi teve, pois, do próprio D. Bosco a ordem de ir a Rosignano e de conduzir logo a comitiva

(7) A carta de Madre Mazzarello não existe mais. Aqui alude-se expressamente a um manuscrito autografado de D. Cagliero, Delegado apostólico na América Central, em preparação do processo pela Causa de Madre Mazzarello, no capítulo *De Humilitate*, pág. 24, VII bis (original no Arquivo Central Salesiano).

a Mornese. Mas... suas irmãs não ficaram prontas logo e a viagem foi adiada por alguns dias.

A comitiva foi acompanhada até Serravalle Scrivia também pelo papai Constantino Sorbone, feliz por mandar as meninas com Riqueta, mas comovido pela separação. Para prosseguir até Mornese, foi alugado um burro para as pequenas Cecília Rossi e Marieta Sorbone que ficaram seguras uma em cada bernal da sela. Angélica, numa cestinha bem amarrada à sela. Os outros seguiam a pé enquanto Marcelo mantinha os olhos presos ao animal, para que a preciosa carga não caísse.

Ir. Henriqueta, no momento da chegada não tem palavras bem como suas irmãs que tentam reconhecê-la assim vestida de hábito e com véu preto; mas logo o coração fala alto e as irmãs, que muito estimam Ir. Henriqueta, sempre alegre, sempre ativa e dedicada noite e dia ao bem das meninas, sorriem comovidas diante de tanta ternura de ambas as partes.

Assim, a acolhida da comunidade aos recém-chegados, especialmente às meninhas, não poderia ter sido mais cordial.

NAS PEQUENAS PENSARÁ A VIGÁRIA

Ir. Henriqueta poderá novamente fazer-se de mãe para suas irmãs. Às vezes não, com medo de se deixar transportar pelo sentimento de excessiva indulgência e talvez também para não despertar ciúme nas outras pequenas, diz à Vigária: "Mas eu não preciso me preocupar com elas, não é verdade?"

A Vigária aprova. Assume a responsabilidade das duas irmãs e, sem mais, procura uma cama para Angélica, tão pequena e vivaz que ainda precisa de um berço com grades.

Para isso, apanha uma espécie de banheira, encontrada entre as coisas em desuso na casa Pestarino, recobre os lados internamente com uma espécie de acolchoado. Prepara um colchãozinho sob medida e, antes do anoitecer, suas mãos espertas asseguram um leito macio e seguro também para Angélica.

CORINA VOLTA

Finalmente o céu ouve tantas orações e reconduz ao redil a pobre Corina, ovelhinha forçadamente dispersa, mas em que estado!

Toda a dureza que um pai obstinado pode exercer contra sua filha, aquele pobre senhor usou com Ir. Corina: tapas, humilhações,

palavras vulgares, fome, proibição de ir à igreja, de rezar, de escrever para Mornese. Positivamente, por pouco mais que durasse a prova, ele teria acompanhado a vítima ao cemitério.

Ir. Corina nunca mais colocou os pés fora de casa para um passeio, nem recebeu visitas. Ficou isolada de todos, na própria família, e as pessoas se perguntavam, admiradas, por que Ir. Corina não frequentava nem mesmo a Missa. Contudo, o bom Deus a consolava, permitindo-lhe assistir o avô agonizante e induzi-lo, antes de morrer, a receber os SS. Sacramentos, com arrebatamento de amor.

Além disso, e era o mais importante, reconduziu-a agora ao amado Instituto por meio do próprio tio do qual se havia servido para levá-la pela primeira vez a Mornese.

Advertido pelo Pe. Pestarino de quanto sofria a pobre Irmã, ele foi a Tonco e conseguiu arrancá-la das garras do pai, expondo suas razões e reprovação e até razões de interesse econômico. O pai, dando-se por vencido, declarou que não queria mais reconhecê-la como filha, nem se comoveu ao vê-la à sua frente de joelhos, a pedir perdão e a prometer rezar sempre por ele. A pobre mártir agora está aqui, pálida e consumida: o retrato do sofrimento.

Feliz por ter retornado, não quer fazer caso do mal que a consume. Ouvindo que as Irmãs estão aprendendo a Missa da Santa Infância, entrega-se logo ao trabalho para ajudar. Puro desejo! Não tem força para se manter de pé, não pode fazer o menor trabalho, não pode alimentar-se e, nos breves passeios que o médico lhe ordena, é preciso quase que carregá-la, porque está sempre numa espécie de torpor, do qual tenta sair em vão. O sofrimento já destruiu quase a melhor parte dela, mas as Irmãs esperam que a Auxiliadora, em seu belo mês, a cure. Rezam com fervor e se esforçam em oferecer-lhe as flores de suas virtudes.

UMA POSTULANTE PARTICULARMENTE QUERIDA DE JESUS

Nossa Senhora dá uma prova de seu carinho com uma outra postulante: a jovem Elisa Roncallo que chega no dia 12 de maio, acompanhada por Pe. Agostinho Mascardi.

Este bom amigo do Pe. Pestarino leva de presente uma casula violácea, da qual o colégio tinha necessidade, e aceita de bom grado o convite do Diretor, para almoçar com ele e com a nova postulante. A jovem, tímida e pensativa, quase não fala, talvez ainda ouça a voz de sua mãe, na despedida. "Você encontrará lá uma Superiora,

que a saberá compreender. Lembre-se, lá no alto está Nossa Senhora, ela será sua mãe.” Aproximando-se de Ir. Mazzarello, se tranquiliza, na segurança de que também a nova mãe daqui de baixo saberá compreendê-la.

ALEGRIA QUE ENTERNECE

A festa da Ascensão — 14 de maio — assume um novo caráter de solenidade. As Irmãs cantam a Missa da Santa Infância e o Pe. Pesarino fica profundamente comovido. No sermão, espontaneamente menciona a rápida expansão do Instituto (não há senão uma casa, mas já existe um Diretor Geral) e elogia as Filhas e as filhinhas quanto ao empenho de cada uma no próprio dever, de modo a tornar visível o progresso geral. Repete, com nova unção, a expressão tantas vezes mencionada: *Flores apparuent in terra nostra*, aplicando-a especialmente às Irmãs, que chama “flores de sua imortal coroa”. Nesse ponto, a voz morre num soluço. O bom padre encerra o sermão e vai, mais enternecido do que de outras vezes, derramar diante do Santíssimo a torrente de seus afetos.

O DIRETOR TROCA A TERRA PELO CÉU

Quinze de maio. Ontem, tudo era festa. Hoje, luto geral. O bom Diretor, o pai de toda Mornese trocou a terra pelo céu. Foi receber o prêmio de todo o bem que semeou aqui.

Esta manhã, como sempre, dirigiu-se à paróquia logo depois de ter tocado a Ave Maria, para confessar e comunicar-se com aqueles que sabia o estavam aguardando. Depois, voltou ao colégio para celebrar a Missa da comunidade e leu a breve meditação sobre o mês de maio, de Muzzarelli, como costumava fazer durante a novena. É uma página sobre a morte e, ao ler: “posso ser eu, podeis ser vós”, é interrompido por imprevisto fluxo de pranto. Acalmando-se e tendo dado a bênção com a relíquia de N. Senhora,⁽⁸⁾ permaneceu em casa para escrever uma carta. Entregou depois ao carteiro encarregado de levar o correio a Castelletto d’Orba e, coisa absolutamente inédita, pediu um pouco de café, quando sua refeição comum era alimento seco ou polenta.

Por volta de dez horas, voltando ao colégio e, passando pela parte das internas, pela sala de costura, pela horta, dá a entender à Vigária que tinha alguma coisa para lhe falar e, olhando lentamente

(8) Cf. a propósito *Cronistória* I, 116.

tudo ao redor, desce ao porão onde trabalham os marceneiros salesianos, Scavini e Vigna. Tendo trocado com eles algumas palavras, se recolhe para ler uma carta, mas de repente vacila e cai, sendo sustentado entre os braços dos dois que correm para segurá-lo.

Acode também o clérigo José Campi, que pede depressa às Irmãs remédio. Pe. Pestarino, que ouve isso, murmura: “Não digas para quem é, do contrário se assustarão”. Mas a língua custa a articular as palavras.

Não disse? O caso é tão inusitado que a cozinheira, Ir. Rosina Mazzarello, faz questão de saber quem está passando mal e o embaraço do marceneiro e a ordem de se retirarem todos não deixa quase nenhuma dúvida sobre a gravidade do caso.

O sobrinho Pe. José, aparece correndo. Percebe logo tratar-se de apoplexia, faz levar o tio para uma poltrona de braços da sala do andar térreo da casa Carante e chama seu pai, médico. Este se encontra no campo, para visitar um doente, mas, advertido com rapidez, corre até o amado enfermo.

Ordena logo que se faça uma sangria atrás da orelha esquerda, gelo na testa, sanapismo nos pés. Chega também o Dr. Paulo Parodi, o mais renomado sanitarista da região, que aprova o diagnóstico e o tratamento.

— “O que se podia e devia fazer está feito — diz — veremos se será preciso repetir, depois.”

A notícia se espalha rapidamente e causa uma penosa consternação também na região. Entre as Irmãs, há quem corra para a igreja para rezar, quem vá ver se pode levar-lhe conforto, prestar algum serviço. Procura-se fazê-lo compreender que se reza por ele, que a comunidade inteira está diante de Jesus Sacramentado.

O pobre Diretor quase não fala mais. Quando sente perto Ir. Maria Mazzarello e Ir. Petronila, abre ainda os olhos, olha-as confusamente e pergunta com dificuldade:

— “Onde estão as filhinhas?”

— “Na igreja rezando pelo senhor.”

— “Muito bem. Rezem. Rezem.”

Num momento se reúnem, à volta do doente, com o pároco, os sacerdote da região mais próxima, o tabelião Traverso, muitos amigos devotados, mas o mal não cede. Ao contrário, a palavra se torna sempre mais difícil, até que cala completamente. Por volta das três se repete o derrame cerebral. Vê-se o pobre corpo todo em tremores,

como oprimido por grande peso, e a alma generosa voa para seu Criador.

São três horas de sexta-feira: o dia dos mais caros mistérios de nossa fé. É justamente a hora em que o santo falecido costumava derramar, em companhia da querida Dolorosa, lágrimas de comovida dor ao se recordar a hora extrema do Salvador.

E hoje começa a novena de Maria Auxiliadora, a doce Senhora de Dom Bosco, pela qual o Pe. Pestarino tanto trabalhou e sofreu, preparando corações que a louvarão perpetuamente.

Este ano, no mesmo dia começa também a novena do Espírito Santo. O dia, portanto, que reunia em si as mais caras devoções do zeloso sacerdote e ele parte para receber o prêmio eterno. Irmãs, Postulantes, alunas choram e rezam. A Vigária, com angústia, pergunta muitas vezes: "Como está o Diretor? Fala? Recupera-se?"

Ninguém tem coragem de dizer-lhe a verdade e seus olhos velados de pranto a impedem de ler a resposta no rosto dos outros.

Mas, em dado momento, os sinos dão a mortal notícia: o Diretor bom está lá, exâmine, sereno, como num sono restaurador. Ir. Maria vai e olha-o atordoada. Depois volta os olhos para o céu e em lágrimas adora, silenciosamente, a vontade de Deus.

Passado um tempo de primeiro aturdimento causado pela tragédia, o sobrinho e o clérigo Campi se dedicam aos cuidados com os caros despojos. Atônitos vêem um prego sob as vestes talares, em substituição ao botão que lhe falta e que diz do habitual espírito de pobreza e de mortificação do santo sacerdote.

E nada é necessário trocar da roupa branca, tal é a ordem das vestes que usa.

Após esse ato de filial piedade, o sobrinho passa um telegrama ao Bispo e outro a D. Bosco, pedindo a este último que mande o mais rápido possível, um sacerdote salesiano para as práticas necessárias. Manda chamar um fotógrafo para fotografar o semblante do querido falecido que, na sua humildade, nunca havia pensado em se deixar retratar em tela ou fotografia por quem tanto o estimava e amava.

Ao redor do santo sacerdote a morte parece ter perdido o seu horror e as alunas obtêm, como as Irmãs, permissão para passarem alguns momentos em oração junto àquele leito que parece um altar.

BENFAZEJO MESMO APÓS A MORTE

A Vigária percebe que, também neste momento, e agora mais do que nunca, pode pedir um auxílio à caridade do Diretor. Para isso mantém consigo a pequena Marieta Sorbone que, desde quando chegou a Mornese, tem os olhos tão inchados, vermelhos e inflamados que precisa ficar em total escuridão.

— Vamos ao Pe. Pestarino — diz — que ele te curará.

Leva-a para junto do venerado cadáver e, chorando e rezando lhe passa delicadamente sobre as pálpebras a santa mão que, durante a vida, sempre fora usada par abençoar e beneficiar.

No mesmo instante a inchação diminui. Desaparece depois e Ir. Maria, segura de sua ação, apanha um paninho embebido no sangue tirado de Pe. Pestarino na vã tentativa de salvá-lo, coloca uma venda na menina.

— Verás que o Pe. Pestarino te curará.

As pobres Irmãs, como se um raio tivesse caído sobre a casa, se perguntavam: “Que será de nós agora que o nosso primeiro pai morreu? Ele tinha tanta paciência com nossa ignorância e sob a aparência um pouco áspera escondia tanta compaixão, tanta providência paternal!”

Até as alunas estão consternadas. No momento em que a notícia da desventura se espalhou pela casa, a pequena Angélica — sozinha fora da igreja — estava sentada num degrau, cantarolando uma cançoneta aprendida em Rosignano. Todavia não sabendo que coisa fosse a morte, compreendeu que se tratava de uma coisa ruim, acontecida ao bom Diretor e caiu num pranto longo e desconsolado. Não choram todas as suas companheiras? E falam sobre o acontecimento: Não ouviremos mais sua voz chamar-nos afetuosamente! Não ouviremos mais suas batidas à janela quando, na hora da refeição, com sua palavra paternal, através da roda, entregava à nossa Assistente Ir. Henriqueta, as poucas frutas que não comia para nos dar! Não mais poderemos fazer-lhe a surpresa de aparecer inesperadamente, no lugar de Ir. Henriqueta, quando batia, para dizer-lhe nosso agradecimento Quanto se divertia com isso aquele santo sacerdote! Mas agora acabou para sempre!...

PRIMEIRA FOTOGRAFIA DE PE. PESTARINO E PREPARATIVOS PARA OS FUNERAIS

Dezesseis de maio: o fotógrafo chega de Ovada e cumpre magistralmente sua difícil tarefa.

Fotografa o defunto em duas posições: de perfil e de frente. Para esta segunda pose manda colocar o leito com o cadáver bem diante da janela e faz realçar a cabeceira da cama de meio metro. Pe. Pestarino é fotografado de corpo inteiro no abandono da morte, mas com uma semelhança perfeita.⁽⁹⁾

Enviado por D. Bosco, chega, no mesmo dia, o Pe. Bodrato, ex-professor de Mornese, amigo, confidente e ex-secretário do morto. Neste momento, ninguém mais adaptado do que ele que estava a par de todos os interesses do Pe. Pestarino é capaz de tratar as coisas com distinção.

Passam por suas mãos e sob seus olhos, os diversos papéis que enchem o escritório do defunto. Ali se encontra a carta que estava lendo no momento em que estava deprimido: é de Irmã Jandet, sempre inquieta consigo e com os outros e sempre necessitada de conforto particular. Uma outra se refere à última solicitação do Oratório de Turim. Era necessário mandar, ao menos um bom adiantamento para o grande débito das Irmãs. E os Superiores encontravam-se em grandíssima necessidade.

Esta tinha chegado no dia anterior, mas Pe. Pestarino não tinha ainda falado à Vigária, desprovida, como ele, de qualquer soma em caixa e, como ele, empenhada em oração para obter socorro da divina Providência, tendo em vista o débito relativo ao Oratório de D. Bosco.⁽¹⁰⁾

CHEGADA DO PE. CAGLIERO

O Pe. Cagliariero chega no dia 17, à noite, e traz consigo os cantores Pe. Lazero e Gastini, para a Missa e as exéquias.

Há o conforto de ainda poder ver o cadáver, pois havia a triste dúvida de chegar muito tarde. O Pe. Pestarino não parece morto: logo que morreu retomou suas feições naturais, assumindo o aspecto de quem descansa após um longo trabalho e já eram passadas quarenta e oito horas da morte.

(9) Do depoimento do Pe. José Pestarino, Molare, outubro de 1924 (Arquivo Geral FMA).

(10) Do testemunho do Pe. Campi e de Ir. Rosália Pestarino (Arq. Geral FMA).

Também muito sofrido, o Pe. Cagliero traz o encorajamento de D. Bosco, as consolações dos salesianos, todos admiradores afeiçoados do falecido Diretor.

— “Aqui estou eu, filhas. Aqui estou eu, mandado expressamente por D. Bosco — diz ao primeiro grupo de Irmãs que lhe vão ao encontro, à sua chegada.

Encontrando-se diante da Vigária e de todos aqueles pobres rostos desfeitos em lágrimas, percebe a angústia das Filhas, que ficaram repentinamente privadas de seu Diretor, e acrescenta: “Coragem, coragem! D. Bosco quer que vos fale de toda sua participação em vossa dor, mas quer, contudo, que estejais tranquilas. D. Bosco não é voso Pai? Não temais. O Instituto seguirá adiante. D. Bosco cuidará dele. E para qualquer necessidade, aqui estou eu. . . Estarei sempre aqui, cada vez que tiverdes necessidade, e ser-vos-á enviado um sacerdote que faça o mesmo por vós.”

Entretém-nas com pensamentos de fé. Depois, quando as vê um pouco aliviadas, para serená-las diz que “como Jesus, vendo os apóstolos muito apegados a sua Humanidade, os havia deixado e subido ao Céu, assim tirou delas o Pe. Pestarino, porque quer as religiosas sempre mais desapegadas que todos e todas, unicamente abandonadas à divina Providência.”

FUNERAIS

Na manhã do dia 18 — já era o quarto dia do falecimento — se realizaram os funerais. Este último tributo é solene como nunca.

Senta-se ao órgão o próprio Pe. Cagliero que acompanha sua Missa fúnebre e sustenta a parte do segundo tenor.

Irmãs, alunas, também as do corte e costura, oratorianas: todos os corações guiados pelo Pe. Pestarino nos caminhos do Senhor.

Não faltam as Novas Ursulinas, que permanecem afeiçoadíssimas a seu Diretor assim como às Irmãs. Não falta quase ninguém das regiões vizinhas, povo e clero até mesmo de Ovada e de Acqui. Se não fosse pelo grande pranto geral, pensar-se-ia mais numa procissão do que num acompanhamento fúnebre.

Cumprida toda a sua missão, quando vê as Irmãs um tanto reconfortadas, o Pe. Cagliero parte, com a promessa de um próximo retorno, mas seu pensamento está muito longe de prever que o anjo da morte voltará breve àquela casa.

MORRE A ALUNA EMÍLIA CHIARA

Após alguns dias de doença que não parecia provocar alarme, no dia 22, morre a aluna Emília Chiara, sobrinha da Senhora Blengini.

Os parentes, chamados com urgência, ao se agravar o mal, chegam quando a bela alma já tinha voado para o seu Deus.

Tendo vindo como aluna, a menina tinha dado à Vigária a relíquia do Santo Lenho, num estojo de prata. Pe. Pestarino a havia mandado preparar para a bênção, mas não a tinha ainda usado. Assim, fica o relicário no colégio como recordação de dois corações fervorosos, já conduzidos ao prêmio eterno.

O NOVO DIRETOR

No dia 23, vigília de Maria Auxiliadora, chega de Varazze o novo Diretor, Pe. José Cagliero, primo do Diretor Geral.

As Irmãs se alegram com isso, mas seu aspecto sofredor não deixa de despertar alguma apreensão. Resistirá a estes ares tão fortes?

Porém ele se dá logo ao trabalho, com muito zelo. Há aqui, é verdade, muita necessidade de sua ajuda. A pobre Ir. Corina se enfraquece cada dia mais, sem que qualquer remédio lhe possa ser útil.

TAMBÉM IRMÃ CORINA NO CÉU

Seu torpor é agora um verdadeiro sono, do qual desperta por poucos minutos e somente à força. Algumas vezes a Vigária a obriga a fazer alguma coisa, para, assim, mantê-la um pouco acordada, mas sem resultado. Permanece adormecida no ato mesmo de passar um tijolo a uma Irmã e, na cozinha, no instante em que responde a uma pergunta de Ir. Pampuro. O médico diz que sofreu muito e não poderá recuperar-se.

Escreveu-se para sua casa logo que voltou a Mornese. Tornou-se a escrever mais tarde para dar notícias da pobre filha, mas não se obteve resposta.

A festa de Maria Auxiliadora é celebrada com devoção, mas cheia de dor, com três túmulos sobre os quais ainda não nasceu uma flor, enquanto um quarto está para se abrir.

Ir. Corina está sempre calma. Feliz por ter voltado para o colégio. Contento também por morrer para unir-se a Jesus, a N. Senhora, a sua mãe. Recomenda que façam seu pai saber que esqueceu tudo e que no céu rezará por ele. Tenta ainda levantar-se todo dia,

se bem que não possa mais dar um passo sem ser sustentada. Tem uma longa agonia, cruciante, com muitas convulsões que a fazem sofrer demais, mas não fala, não dá sinal de compreender a não ser quando o sacerdote lhe leva Jesus e a Vigária ou a Mestra lhe apresentam o Crucifixo para beijar, e quando lhe vêm administrar os santos óleos.

Por todo o dia 5 de junho fica sem sentidos. Finalmente, à noite se acalmam as convulsões: uma grande paz se espalha sobre o rosto de cera. Os lábios se movem num sorriso. A cabeça se dobra sobre o ombro direito com um leve suspiro... Irmã Corina já está entre os braços de seu Deus.

Na Missa de requiem as alunas externas cantam, porque nenhuma da casa consegue emitir uma nota. Irmãs e alunas são tomadas pelo choro e o próprio pároco, Pe. Valle, tendo vindo celebrar, se sente comovido.

Também desta vez toda a região toma parte no cortejo fúnebre de Ir. Corina, conhecida de todos pela bondade de seu caráter, por suas virtudes angelicais e por suas dores.

Com ela morreu a primeira professora de música e a primeira que entendia um pouco de contabilidade e de registros no Instituto.

DOM BOSCO VEM PESSOALMENTE CONFORTAR AS SUAS FILHAS

O Senhor, sempre misericordioso, não deixa por muito tempo suas filhas na dor.

Na proximidade do trigésimo dia da morte do Pe. Pestarino, D. Bosco chega a Mornese com o Pe. Cagliari.

Os amigos lhe vão ao encontro como a um bom pai, mas a comoção tira a palavra a cada um, de modo que chegam quase em silêncio ao colégio. Sobre o portão se acha afixada uma grande faixa com os dizeres: “Entra, o’ Pai, nestes muros. Tuas filhas te esperam como ao sol, após terrível tempestade.”

No interior do pátio, diversos escritos de boas vindas falam do ânimo agradecido e sofredor de todas: “Venha, venha, nosso amado Superior, e como o bom pastor, traga alegria a nossos corações que, há tempos gemem sob o peso das aflições, têm necessidade de ajuda e de conforto.” “Viva Dom Bosco, viva o nosso Superior maior que vem consolar suas angustiadas filhas!”⁽¹¹⁾

(11) Do testemunho de Ir. Luigina Boccalatte.

D. Bosco lê comovido. Volta-se para as pessoas que o acompanham, inclina tristemente a cabeça e pergunta: “E que coisa ainda há de belo nesta casa?” Muitos olhos, como os seus, brilham de lágrimas. O bom Pai saúda a todos, mais com o gesto do que com a palavra, e se retira. Pouco depois, ei-lo entre as filhas.

Como é confortadora esta visita para as Irmãs! O Pai sabe achar as palavras suaves e fortes para valorizar sua dor e para tranquilizá-las sobre o futuro. Mas, sempre humilde e sempre fiel a seu programa de não se exaltar a si mesmo, diz às Irmãs reunidas: “Bem, eu vim para confiá-las pessoalmente ao Pe. Cagliero, agora Diretor Geral, que, desde quando lhes foi apresentado em meu nome pelo inesquecível Pe. Pestarino, tomou em tanta consideração o bem de cada uma de vocês.

E agora, como já lhes adverti, faremos as vestições e as profissões. Há alguns bispos que perguntam se as nossas Irmãs estão preparadas para fazer o bem às juvenzinhas. É preciso que nos apressemos em atendê-los.”

Por esses dias, D. Bosco, mesmo recebendo alguns amigos de Mornese, está plenamente à disposição das filhas. Confessa, conversa em particular, visita a casa. Tem uma palavra para cada uma das alunas que considera boas, em bom número, e muito afeiçoadas às Irmãs. Observa o pátio, onde os pulos, os cantos, os jogos, a harmonia entre Irmãs e jovens lhe asseguram que seu objetivo no Instituto se vai realizando e que a juventude feminina encontrará, cada dia melhor, a formação necessária. Visita a oficina-escola: aprova, aconselha, conforta, consola e encoraja.

PRIMEIRO ACENO DE BORGIO S. MARTINHO E DA ELEIÇÃO DA SUPERIORA

Durante esses dias, enquanto se realizam os exercícios espirituais, na forma permitida pelas circunstâncias, D. Bosco acha também o momento para reunir as professoras e lhes dizer que, já sendo elas em bom número, parece chegado o tempo de abrir as asas para algum pequeno vôo. Na verdade, para começar poder-se-á avançar até Borgio S. Martinho, onde o Diretor solicita sua ajuda para a cozinha e lavanderia.

— “E, como ali, logo depois noutro lugar — ele disse com paternal bondade — deveis ter cuidado com a roupa branca, assim vos peço que vos prepareis bem e vos armeis de muita paciência para não fazerdes como as mulheres que trabalham por dia, que rasgam

e jogam fora toda peça apenas esteja rasgada ou gasta. Não. Não. Não façais nunca assim. Consertai e remendai quando isto acontecer. Algumas vezes as peças consertadas desse modo duram mais que as novas e, depois, é preciso, ainda, observar o voto de pobreza. . .

— Vamos, pois, rápido a Borgo S. Martinho — adomoesta D. Bosco — mas em primeiro lugar faremos quanto vos prometi em abril passado, por meio de nosso caro Pe. Pestarino. Faremos a eleição da Superiora e daquelas que a devem ajudar no governo do Instituto. Faremos vosso primeiro Capítulo ⁽¹²⁾ de modo que tudo aconteça segundo as intenções da Igreja.

Para isso, todas as orações, as mortificações, o trabalho destes dias, sejam para conseguir uma eleição que corresponda à divina vontade, para o maior bem da comunidade.

As Irmãs ficam comovidas com isso. A idéia de uma próxima partida as amedronta: quem deverá ir? Deixar a caríssima casa onde vivem tão felizes, tão unidas ao Senhor? E também as que ficarem, como sentirão a falta das Irmãs!

Corforta-as o pensamento das eleições, certas como estão de que o voto será para a Vigária, a qual repete com os lábios e com o olhar: “Oh! desta vez nos ajustaremos e teremos todas, quem nos poderá guiar!”

O INIMIGO NÃO DORME

Nesses dias acontece um fato novo no colégio: uma senhora que vem ao colégio todos os anos, passando o verão em Mornese e que tem fácil entrada na casa sendo recomendada por um sacerdote, ouve que no domingo seguinte, 14 de junho, a postulante Teresa Laurantoni vestirá o hábito religioso e manifesta compaixão: “Pobre moça! Não resistirá, na verdade, às privações deste Instituto! . . . — vai dizendo a senhora. E, seguindo o coração, encontra meios de se entreter com a postulante e lhe sugerir que espere, que pense antes em outro Instituto. Dá-lhe um relógio e vários objetos preciosos; insinua-lhe o pensamento de que D. Bosco atrai a juventude para tirar proveito do seu trabalho, que busca dinheiro e mais dinheiro. . . que ela, pobrezinha, não se deixe enlaçar, etc. A jovenzinha, talvez sem acreditar, não ousa refutar tais alusões e acusações. Aceita os presentes, pensando que há tempo, sempre, para devolvê-los e sai do encontro

começo — como para os salesianos — indicava-se com este termo o Superior do Instituto (até 1906).

sem resolver nada, apenas prometendo não revelar nem uma sílaba do que ouviu.

Logo que sai, encontra a Vigária que lhe fala da vestição e a jovem, agora sob a influência da conversa, se mostra perplexa e pede tempo para refletir. Mas fica muito admirada ao ouvir, repetidas pela própria Vigária, as palavras e os argumentos ouvidos pouco antes daquela senhora. Ir. Maria, porém, não faz comentários e sem mais, a acompanha ao Diretor Geral, para que lhe fale sobre o assunto.

O Pe. Cagliero ouve, sorri e aconselha a postulante a levar ao altar de N. Senhora os presentes recebidos, repetindo pausada e refletidamente: “Mundo, não és nada mais para mim; eu para ti nada mais sou...” e depois que vá preparar-se para a vestição, prometendo à Auxiliadora querer tornar-se uma religiosa verdadeira.

A postulante obedece e a seu espírito desce a paz prometida aos simples de coração.

ALMAS SIMPLES

Com Teresa Laurantoni deverão receber o hábito também Rosália Pestarino e Ângela Rossi. Esta, vinda de Rosignano para Mornese há menos de dois meses, estava bem longe de pensar na vestição, se bem que tivesse recebido ordem de ir às pregações feitas a propósito pelo Diretor.

Estava por isso, no trabalho, isto é, supervisionando os pedreiros que terminavam parte da casa, quando ouve chamarem-na e se lhe diz que prepare seu melhor vestido para as funções do dia seguinte. O hábito religioso, de cor marrom, para aquela ocasião, lhe será emprestado por uma Irmã. Depois se vestirá como puder. A disposição geral de “uniformidade de vestes” por enquanto não pode ser efetuada seja pela extrema pobreza da casa, seja pela necessidade de destinar algumas Irmãs a trabalhos que estragariam aquele tecido de lã, para elas tão precioso, de cor tão delicada.

AS PEQUENAS PROVAS MORNESINAS

Angelina, feliz pelo dom que N. Senhora quer dispensar-lhe, corre para onde sabe haver um vestido novo, bem feito, muito próprio para a cerimônia. Mas, procura e torna a procurar e não o acha. Vai até à ecônoma. Pergunta-lhe se sabe... e escuta-a responder docemente: “Tem paciência: nós o vendemos para comprar pão”. Sem responder palavra, vai, triste, triste, recompor-se como melhor possa. N. Senhora a olhará com mais boa vontade, assim pobre.

Aqui encontram-se novidades também para Rosália Pestarino. Deixemos que ela mesma faça a narração.

“Estava completamente só, esforçando-me para fixar a atenção num livro, para distrair-me de um pensamento que, naquele momento, não estava disposta a aceitar e me vejo diante do Diretor Pe. José Cagliero que me pergunta:

— “Que fazeis aqui, tão só?”

— “Penso!”

— Rápido! Rápido! Ide vós também à igreja para a vestição: as outras já estão lá!

Sinto uma ordem de Deus e, sem mais demora, assim como me encontro vou para a capela. Não tinha feito nenhum ensaio para responder às perguntas do formulário, mas com a ajuda de Ir. Felicina e de um pouco de amor próprio, consigo fazê-lo como as outras. Oh! se aqui estivesse presente o Pe. Pestarino! Mas ali estava certamente. . . e no Céu devia alegrar-se muito!”

As novas noviças são treze. As professoras, oito. Deveriam ser nove, mas uma, Angela Parotto, precisou voltar para a família. Entre as novas professoras estão Ir. Emília Mosca e Ir. Henriqueta Sorbone: duas pessoas diferentes em relação às quais a Vigária assiduamente trabalha para formar conforme seu próprio espírito de trabalho e mortificação.

A PALAVRA DO PAI

Dom Bosco celebra toda a função, assistido pelos dois Cagliero: Pe. João e Pe. José. Terminado o canto do “Veni sponsa Christi”, Dom Bosco fez um breve discurso de ocasião, explicando a passagem do Evangelho: “Ninguém que, pondo a mão no arado, volta atrás o olhar, é digno do Reino dos Céus”, aproveitando a ocasião para encorajar com santo afeto, suas filhas a prosseguirem, fortes e serenas, no caminho empreendido. No entanto, com a prudência e a doçura que lhe são habituais, rebate as acusações insinuadas ao cândido ânimo da Laurentoni.

AINDA ALGUMAS MUDANÇAS NO HÁBITO RELIGIOSO

Esta função também é marcada por uma pequena mudança no hábito: a gorra preta — lembrando N. S. das Dores — é substituída por uma gorra branca virada para frente, para enquadrar o rosto, coberta por um véu retangular. À saída da igreja, grande festa para as novas Irmãzinhas, noviças e professoras, pela criatividade do veuzi-

nho sobre a gorra, ao qual D. Bosco dedicou um sorriso bom, como para dizer: "Ficarás pouco tempo aí!"

A senhora que com boa intenção tinha tentado a Laurentoni acha meios também desta vez, de tê-la consigo para lamentar-se da palavra rompida. A afirmação da noviça de que fora a Vigária quem lhe repetira tudo aquilo sobre o que ela prometera segredo, sem que pronunciasse uma palavra, exclama: "Estava escondida em algum lugar, ouviu-nos!" E se retira logo para fazer as mais minuciosas indagações. Mas não consegue senão maior confusão, pelo que conclui que, se Ir. Mazzarello tomara conhecimento por inspiração celeste, de seu comportamento, é sinal de que tem o bom Deus do seu lado.

À tarde, D. Bosco se faz ver um momento no pátio, onde com prazer descobre entre as outras oratorianas, também algumas Novas Ursulinas, que vieram saudar as antigas companheiras. O modo como é recebido o persuade de que também é por elas venerado como Pai.

DOM BOSCO E OS MORNESINOS

Na segunda-feira 15, trigésimo dia do falecimento, D. Bosco celebrou pelo Pe. Pestarino na paróquia, seguido por todos os bons moradores, chorando ainda a morte de seu "previn", vivo no coração hoje como ontem, quando dispensava tanto bem em sua Mornese. Todos se mostram comovidos e confortados ao ver que D. Bosco não os abandona, mas dirige-se a eles na dura prova, sempre pródigo de encorajamentos, de sorrisos e, sobretudo, de caridade.

Cada vinda sua tem como consequência a aceitação gratuita de algum rapaz em Valdocco, como aprendiz ou num dos colégios salesianos, como estudante.

Por isso, acabada a Missa, se comprimem a seu redor e o acompanham à casa do pároco. Todos o quereriam em sua própria casa para agradecer-lhe e pedir-lhe que fique mais tempo entre eles. Ele que os tem sempre amado como seu falecido Pe. Pestarino, abençoa os seus filhos.

DOM BOSCO À SENHORA PASTORE

De volta ao colégio, com a alma repleta de tristes recordações, escreve a seguinte carta reveladora de sua afeição ao morto:

"Estimadíssima senhora Pastore,

Estou em Mornese e procuro preencher o vazio deixado pelo saudoso Pe. Pestarino, mas é muito difícil. Apenas um fazia muito e agora muitos estão fazendo pouco. Confiemos em Deus.

São muito fervorosas as Irmãs, as candidatas e as próprias alunas e isto nos faz ter muita esperança. O Diretor atual é um dos meus padres de ótima qualidade, chamado Pe. José Cagliero. Há dois anos era Diretor espiritual em nosso colégio de Varazze e todos se mostram satisfeitos com isso.

Precisaria muito falar com a senhora. Se alguma vez, por algum motivo, tiver que vir a Turim, diga-me. Eu me encontrarei em casa. Em caso contrário, deveremos deixar alguma coisa para os exercícios espirituais dos quais espero que a senhora queira participar, não é verdade?

Estou empenhado neste trabalho e com a ajuda do Senhor, confio poder conduzi-lo a uma situação regular, mas tenho muita necessidade de seu apoio material e moral e, especialmente da ajuda de suas orações. Deus a abençoe e lhe conceda a saúde e a graça de dias felizes e me creia sempre com verdadeira estima e gratidão.

Humilde servidor

Sac. Giov. Bosco

Mornese, 15 de junho de 1874.

P.S.: Ontem houve aqui treze vestições e nove profissões.

PRIMEIRAS ELEIÇÕES E PRIMEIRO CAPÍTULO

No mesmo dia, D. Bosco reúne as Irmãs e diz que este é o momento indicado e prometido para se proceder à eleição regular da Superiora e de suas ajudantes; que todas tiveram meios de saber quem as possa dirigir melhor. Portanto, cada uma reflita seriamente sobre quem tem capacidade de fazê-lo. Depois, uma a uma, se aproxime dele e lhe diga um nome.

Faz colocar sobre a mesinha um Crucifixo e duas velas acesas. Recita-se o "Veni Creator". Em seguida, uma a uma, as Irmãs se aproximam e dizem em voz baixa um nome (pois nem todas ainda saberiam escrevê-lo) e ele o escreve. Fica eleita Superiora Irmã Maria Mazzarello que recebe todos os votos, menos o seu.

As Irmãs estão radiantes de alegria. Se a presença de D. Bosco não as contivesse um pouco, com que ímpeto diriam de seu contentamento! E quando ouvem sua frase: "Agora, sim, podeis chamá-la "madre" ", parece-lhes não haver mais nada a desejar. Como já foi dito, muitas dentre elas já lhe davam mesmo aquele título, ditado

pelo coração mais do que pela espontânea imitação das Irmãs de Sant'Ana, as quais o usam pela regra. Mas... enfim, não era ainda determinado pela obediência. Agora, ao contrário, sentem que as consolará dizê-lo e dá-lo, e todas agradecem ao Senhor. Somente a nova eleita tem ares de resignada: olha D. Bosco como para pedir piedade. Olha as Irmãs e diz com voz apagada: "Bem, se o querem... sabem o quanto valho!"

Procede-se com o mesmo sistema às outras eleições: Vigária, Ir. Petronila Mazzarello; Ecônoma, Ir. Joana Ferrettino; Assistente, Ir. Felicina Mazzarello, irmã da Superiora; Mestra de noviças, Ir. Maria Grasso.

D. Bosco, satisfeito pela união que reinou na escolha das Superiores, sorrindo, diz: "Alegro-me com todas vós que fostes tão concordes na eleição de vossa Superiora. Vê-se que esta é a vontade do Senhor. Não poderia estar mais contente."

DISPOSIÇÕES DE ORDEM E DISCIPLINARES

D. Bosco continua dando algumas normas práticas.

"Acho bom — diz — que a Superiora Geral seja chamada por todas vós de "Mãre" e que esse mesmo título se use também para com as novas eleitas, mas seguido do respectivo nome de batismo ou, melhor ainda, do cargo: assim se dirá: Madre Vigária, Madre Ecônoma, Madre Assistente, Madre Mestra."

Por último, estabelece o cargo de sacristã, devendo apenas uma se ocupar das coisas da igreja e dos sacerdotes. O de porteira, para que uma — e não todas — receba quem chegar e comunique a quem de direito. O de roupeira para que haja uma responsável pela ordem e higiene e a casa tenha o verdadeiro aspecto de casa religiosa.

"Também para as confissões será bom providenciar — continua D. Bosco — que sejam feitas sempre de dia. Se for necessário prolongar o horário até a noite, no inverno, ou pela presença de muita gente (como nas grandes solenidades da Igreja e na festa de Maria Auxiliadora), tenha-se o cuidado de que haja luz suficiente para se poder ler comodamente e se poder ver uma a outra.

Tocando o sino para o jantar, então, cuide-se que nenhuma permaneça na igreja e após as orações da noite, ninguém fale mais, a não ser em casos muito excepcionais. Quero contar-vos um fato que me aconteceu.

Retornando de Roma e encarregado de importante missão da parte do Sumo Pontífice junto à Superiora de um mosteiro de uma

cidade, pela qual devia passar, bati à porta de entrada mas como era quase noite, me disseram para voltar no dia seguinte, porque àquela hora não podiam mais receber ninguém no parlatório. Precisando partir bem cedo, pedi para ser ouvido em qualquer lugar. Então a Superiora reuniu o capítulo para poder deliberar se era conveniente ou não abrir exceção. Foi decidido que não e eu admirei aquelas religiosas tão observantes de suas regras.

Portanto, desejo mesmo que, à noite, após as orações, haja rigoroso silêncio. Ninguém fale, exceto se a Superiora encarregar alguém de alguma missão. Então se falará em voz baixa. Fora disso, nunca.”

A preciosa conferência se encerra com o “Te Deum”, à hora do almoço.

UMA CONFERÊNCIA SOMENTE PARA AS SUPERIORAS

A tarde, reúne-se apenas com as Superiores. Encoraja-as a não se deixarem desanimar pelas mortes havidas e a considerá-las como prova do Senhor e fonte de futuras consolações para a casa. Manifesta-se contente ao ver em todas grande vontade de santificar-se. Dá-lhes avisos preciosíssimos, detendo-se de modo especial neste: “Exorto-vos a fortalecer o mais possível as inclinações das noviças e das Irmãs, no que diz respeito às responsabilidades. Às vezes se pensa que seja virtude fazer renegar a vontade com esta ou aquela tarefa contrária ao próprio gosto. Às vezes, porém, disso resulta prejuízo para a Irmã e também para a congregação.

Seja antes vosso empenho ensinar-lhes a santificar e espiritualizar essas inclinações, tendo em tudo, por objetivo, Deus somente.”

Em seguida repete que, não podendo ele assumir todas e cada uma das necessidades da comunidade, tanto mais que o Instituto deverá aumentar muito e bem depressa, elegeu o Pe. João Cagliero para tomar o seu lugar. Por isso, se dirijam e se faça com que as Irmãs se dirijam a ele diretamente e lhe dêem trabalho, sem receio de perturbá-lo.

D. Bosco parte e por isso toda a comunidade, incluídas as alunas, se reúne para beijar-lhe a mão e receber sua bênção. O Pai sorri, recomenda a todas que se preparem bem para os exercícios espirituais e, dada de coração a bênção de Maria Auxiliadora, volta a Turim com o Pe. Cagliero.

EM TURIM PARA OS EXAMES . . .

Dois dias depois, 17, outra partida. Vão a Turim Ir. Emília Mosca e a noviça de três dias, Ir. Rosália Pestarino. São hóspedes das Irmãs de Sant'Ana, entre as quais poderão preparar-se melhor para os exames de reconhecimento. São acompanhadas por uma boa senhorita de Mornese, a quem são feitas mil recomendações. São as primeiras do Instituto a deixar o ninho materno. São mesmo as primeiras a irem ao encontro da sorte de um exame de magistério. Vão em nome da obediência e entregues a Deus.

Esperando-as na estação se encontram algumas senhoras coopedoras, entre as quais a Condessa Corsi di Nizza Monferrato.

Chegando ao Oratório, dá-se o encontro delas com o Pe. Cagliariero que logo as apresenta a D. Bosco e lhes faz servir depois uma boa refeição, enquanto lhes dá as normas para os meses que deverão passar em Turim.

Nos primeiros dias, como as Irmãs de Sant'Ana estão com a casa ocupada pelas co-irmãs para um curso de exercícios, vão dormir na casa da Condessa Corsi. Depois, para tudo, ficam na casa das Irmãs.

Quando de seu retorno, não têm palavras para elogiar as Irmãs de Sant'Ana, que muito as ajudaram nos estudos e as fizeram sempre tomar parte a todos os atos da comunidade, ainda que no refeitório se realizassem as chamadas penitências. Contam a bondade de D. Bosco que, a cada vez, as recebeu com atenções comovedoras. Se o vísseis — disse Ir. Emília — levantar-se para vir a nosso encontro e nos fazer sentar no sofá; se o ouvísseis informar-se sobre o que nos pudesse acontecer e recomendar-nos ao Pe. Cagliariero, à Condessa Corsi, aos professores. E nós, felizes e comovidas por tanta bondade, parecíamos pintinhos no ninho. Ao passarmos pelo pátio, todos os rapazes nos cumprimentavam. Quantas vezes os ouvimos dizerem também: “Aquelas são nossas Irmãs!”⁽¹³⁾

O delegado para os exames foi o Prof. Cavalleri, do qual, afortunadamente tinham estudado o livro de História. Foi tudo bem, menos o exame de matemática porque não tinham podido preparar-se convenientemente em tão pouco tempo e assim tão sozinhas. Mas D. Bosco disse que ficassem tranquilas. Ele providenciaria mandando um salesiano durante as férias para prepará-las para os novos exames no outono.

(13) Dos depoimentos de Ir. Rosália Pestarino (Arq. Geral, FMA).

NOVAS PREOCUPAÇÕES

Não é somente nisto que D. Bosco pensa, mas também em pagar a notícia de que em Mornese, na segunda metade de agosto, se repetirão os exercícios espirituais para senhoras. Além disso, escreve de S. Inácio para o Pe. Rua para que envie alguém a Mornese, onde o novo diretor, Pe. José Cagliero, encontra-se doente. ⁽¹⁴⁾

Este novo sofrimento para a casa e para todos coloca, quanto parece, de sobreaviso as autoridades civis e sanitárias da Província, dando pretexto a um inquérito de caráter geral, diretamente pelo sindicato de Mornese e em relação ao colégio, suas origens, suas escolas, sua dependência de D. Bosco, etc. Por sorte, reduz-se a um simples aborrecimento mas é sempre um aborrecimento a mais entre os outros que não faltam nunca a quem não procura senão o bem. ⁽¹⁵⁾

UM PRESENTE DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

Como presente de N. Senhora chega — no domingo, 16 — uma outra postulante de Cumiana, Catarina Daghero, prima de Rosa Daghero que entrara em abril.

Órfã de mãe e educada sob a sábia orientação do pai, mostra uma certa reserva de modos, acompanhada de uma vida de piedade e de operosidade doméstica. Vem acompanhada pelo pai e por um tio, sacerdote salesiano. Por isso é convidada com eles a fazer a refeição com o Diretor.

É a primeira que Madre Mazzarelo recebe depois de sua eleição como Superiora e lhe dedica logo especial atenção. Desde quando D. Bosco disse do grande bem que deverá fazer o Instituto, a Madre tem no coração e na palavra um fervor aumentado pela conquista de almas e pela glória de Deus.

OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

No sábado, 22, segundo o que havia prometido D. Bosco, se iniciam os exercícios espirituais, dirigidos pelo Diretor Geral, Pe. Cagliero e pelo vigário forâneo de Canelli, Pe. Mallarini.

São retiros especialmente para as Irmãs. D. Bosco, porém, por carta, convida um discreto número de senhoras piedosas, seja para proporcionar-lhes algum bem, seja porque, conhecendo o Instituto tornem-se suas protetoras e propagadoras.

(14) Anexo (Allegato) ns. 10 e 11.

(15) Anexo (Allegato) n. 12.

A casa está pronta para recebê-las.

Que importa se por isso se deve dormir até no chão? A Madre, sob a palavra de D. Bosco, anima todas a maiores sacrifícios. O desejo de aceitar qualquer dificuldade pelas almas parece que se acende de nova chama cada vez que D. Bosco expressa ou deixa adivinhar um desejo seu. A vontade do Pai se torna sua vontade e ela quer que seja também vontade das Irmãs.

As senhoras vêm de Acqui, de Turim e até de Milão.

Embora as pregações sejam dirigidas a formar as religiosas, os dois pregadores dirigem muitas vezes a palavra também às senhoras. Esclarecem os deveres de uma boa pessoa que vive no mundo e nos recreios alguma das Superiores, mais freqüentemente a Madre, conversa com elas

A FAMÍLIA CRESCE

O fim do retiro — 29 de agosto — traz consigo a grata função de duas profissões e quatro vestições. Entre as novas professoras está a vivacíssima Ir. Teresa Laurantoni que não perdeu nada de sua cândida jovialidade, se bem que procure amenizá-la com uma certa gravidade religiosa.

É tão jovem e sua alegria é tão querida e comunicativa que conquista os corações.

O Diretor Geral entrega o hábito religioso e recebe os santos votos na presença das senhoras e faz o discurso para a ocasião. Seus sábios conselhos, dados com unção e força, atingem tão eficazmente os ânimos que faz compreender toda a razão pela qual D. Bosco disse, no mês de junho: “Se o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora não fosse fundado para outros fins, eu o teria fundado para os exercícios espirituais de senhoras.”

O DIRETOR ESTÁ MUITO DOENTE

Mas todas essas alegrias são abafadas pela dor. O bom Diretor da Casa, Pe. José Cagliero, está em condições de saúde sempre mais inquietantes. Esperava recuperar-se nesses ares saudáveis que se tornam porém, muito fortes para um organismo débil como o seu. Deste modo não só é obrigado a permanecer sempre de cama, mas o médico até diz que não viverá mais do que algumas semanas ou até mesmo, poucos dias.

O Diretor Geral, seu primo, está presente, mas deve partir dentro em pouco.

Durante sua permanência, falou às Irmãs e também às postulantes.

VOCAÇÃO COMBATIDA

Madre Petronila que, na sua condição de Vigária, tem olhos para tudo, quis levar ao Diretor Geral a postulante Catarina Daghero. É um pouco diferente das outras e dá alguma preocupação.

Ainda não se conhece sua alma. Tanto silêncio será fruto de recolhimento ou de fechamento? A humildade que a faz esquivar ao apresentar-se, ao adiantar-se, ao passo que, quando quer, tem tanta argúcia e tanta afabilidade, será de boa essência? E que dizer de sua dificuldade em adaptar-se à nova vida? Terá êxito?

Na verdade, Catarina, tímida e de poucas palavras, parece perdida no meio das outras e manifestou repetidamente o desejo de ir embora, dizendo que lhe parece mesmo não ser chamada para o Instituto onde há sempre tanto movimento, tanto, que não se pode nem mesmo rezar quando se deseja. Oh! ela rezava muito mais e melhor em sua própria casa!

Nos primeiros dias, para dar a entender que não pensava em ficar, esforçou-se para que sua bagagem ficasse na portaria, sem ser tocada. A Madre que, por especial dom recebido do Senhor, tinha bons olhos para discernir as vocações, com mil piedosos recursos procurou fazê-la compreender como Deus a queria exatamente em Mornese.

— Você não veio com o objetivo de fazer-se religiosa?

— Sim, mas não neste lugar.

— Quer, então, que lhe diga uma coisa?

— Diga, sim.

— Bem, parece-me que o Senhor a queira mesmo aqui, na casa da Auxiliadora. Se for embora, perde a vocação e terá um dia que dar contas a Deus.

— Mas aqui não estou de boa vontade, por muitos motivos.

— Desses muitos motivos, não faça caso por enquanto. Não pense nem mesmo que está aqui para ficar. Imagine que veio para um mês de férias.

— Um mês? É muito!

— Muito? Bem, faça de conta que ficará até a noite. Um dia passa depressa e um de cada vez passarão os outros sem que você se dê conta.

Após alguns dias a Madre voltou ao assunto:

— Catarina, quer escrever a seu pai?

— Sim, Madre, se a senhora achar bom.

— Pois bem, sente-se ali e escreva que está bem e contente.

— Mas isto é uma mentira!

— Uma mentira? Não está contente, acaso, de fazer o que o Senhor quer de você? E o Senhor a quer aqui! Agora não pode ver claramente porque seu coração está ainda em sua casa, mas... escreva como lhe digo e ficará feliz de me ter obedecido.

Não muito tempo depois, a postulante Catarina havia tentado novamente comunicar ao pai que ela desejava voltar para casa, mas Ir. Rosália Pestarino, à qual estava confiado o estudo das postulantes, havia advertido a Madre sobre o fato, apresentando-lhe a carta:

— Você vem dentro de quinze dias? havia dito sorrindo a Madre e Catarina corrigiu rápido: Não, não, dentro de três meses, disse suspirando forte.

Ir agora falar ao Pe. Cagliero? A vontade está pronta, mas ao abrir-se a porta, a jovem foge rapidamente.

Também o Diretor fica perplexo para julgar, tanto mais que a mala da jovem ainda está na portaria e voltando ele a Turim, diz à Madre: "O tempo e a oração decidirão."

MORRE O PE. JOSÉ CAGLIERO — O DIRETOR GERAL VOLTA A MORNESE

No dia 5 de setembro morre o Pe. José Cagliero, após ter deixado em Mornese como em Varazze, em apenas três meses, luminosos exemplos de virtude.

Chamado com urgência, chega o Diretor Geral, mas não a tempo de assistir o caro Pe. José.

Diante deste novo túmulo, as Irmãs sentem mais vivamente o desaparecimento do Pe. Pestarino. O Diretor Geral, mesmo na sua dor, tenta dar-lhes conforto e promete ficar um pouco em Mornese, sendo então, eleito também catequista da Pia Sociedade Salesiana.

A boa Vigária, Madre Petronila, lhe diz com simplicidade: "O senhor poderia permanecer definitivamente como nosso Diretor..."

O Pe. Cagliero olha-a com aquele seu sorriso paternal, ao mesmo tempo travesso e responde: “Deveria descuidar de outras tarefas. Contentai-vos com o que vos posso dar... Faremos, vereis, muitas coisas!”

E as fez, na verdade. Ordena cada ocupação segundo as intenções de D. Bosco. Dá uma ajuda nos estudos. Interessa-se pela música. Cuida de tudo, também da recreação. Além disso, muitas vezes fica entre as Irmãs e as moças para alegrá-las como faz D. Bosco. E não deixa de se fazer ver quando permite que a comunidade passeie meia hora ou mais, na vinha do Pe. Pestarino.

Numa dessas circunstâncias — conta Ir. Henriqueta — faz-nos sentar todas no chão, põe-se a contar belos acontecimentos. Entre outros, conta que, no seu primeiro ano de Missa, certa manhã, celebrando, percebe que o coroinha que o ajudava no altar empalidecia e tremia muito. Entrando na sacristia, o pequeno ajudante, todo aflito, o segura pelas mãos e lhe diz:

— Pe. Cagliero sente-se mal? No momento da elevação escorria sangue do cálice e sangue gotejava das suas mãos.

— Isso acontece todas as manhãs e tu só o viste hoje? Se fosses melhor tu o verias sempre.

O rapaz se tranqüilizou e sem demonstrar, na verdade, nenhum ato de soberba.

Quisemos saber qual era aquele coroinha e dizíamos nome após nome. Pe. Cagliero respondia sempre: Não! Não!

Finalmente saiu o nome de Pe. José Cagliero e o Diretor Geral então, se levanta pronto, dizendo: Filhinhos, filhinhos! Por isso compreendemos que havíamos adivinhado e que desde criança o Pe. José Cagliero era um verdadeiro santinho.

O PE. CAGLIERO ADMIRA A INTUIÇÃO ESPIRITUAL DA MADRE

Relacionando-se assim afavelmente com as Irmãos, o Pe. Cagliero tem meios de se assegurar sempre mais de que Madre Mazzarello, às naturais atitudes de piedade e de intuição educativa, une um feliz cuidado de imitar D. Bosco em tudo.

Vê agora bem claramente o que um dia a Madre tinha dito, quando o Instituto estava ainda nascendo e bastante incerto era o seu futuro: “Se também, ainda que sendo impossível, D. Pestarino deixasse D. Bosco, eu ficaria com D. Bosco”. E compreende porque

D. Pestarino gozava de tanto destaque, antevendo o bem que, também por isso Madre Mazzarello teria podido fazer, nas mãos de D. Bosco, ela que penetrava em seu espírito de maneira tão completa.

Mas, com toda a boa vontade, o Pe. Cagliero não pôde permanecer mais tempo em Mornese, especialmente nesse período de exercícios espirituais. Por isso, D. Bosco manda o Pe. Cipriano para substituí-lo. O prometido professor de matemática que, como bom salesiano, passa as férias de outono mudando de ocupações e, enquanto respira os bons ares das montanhas mornesinas, preenche a lacuna no colégio e dá aulas para o clérigo Campi. Todos os dias, leciona por algumas horas para as duas estudantes: Irmã Emília e Irmã Rosália.

Ao partir, o Diretor Geral diz às Irmãs: “Por enquanto, fiquem satisfeitas. Depois, procurarei um especial para vocês, entre os demais. Rezem. Rezem e verão que D. Bosco encontrará, ainda desta vez, a pessoa mais adaptada a esta casa”.

O NOVO DIRETOR PE. COSTAMAGNA

No dia 6, primeira terça-feira do mês consagrado ao culto dos anjos da Guarda, chega o novo Diretor que deverá ser o visível anjo tutelar da casa: Pe. Tiago Costamagna.

No Capítulo que os salesianos tiveram neste ano, em Lanzo, D. Bosco, de vez em quando era tomado por um pensamento e disse: “É preciso pensar em Mornese”. Estando, pois, ainda em Lanzo para os exercícios espirituais e observando o fervor de seus filhos, chamou para junto de si um dos diretores, dizendo-lhe:

— Observaste o Pe. Costamagna? Ele faria muito bem em Mornese.

— Acha o senhor? Bem, . . . é muito vivo! . . . E ficará muito sozinho lá em cima. . . Mas, se o senhor o enviar, ela vai, sem dúvida. Aqui, trabalha muito. É o pregador ordinário deste vale e o teólogo Alberto, Vigário de Lanzo, sábio avaliador dos Lomens, se serve dele com muito proveito.

D. Bosco ouviu e depois falou sobre isso no Capítulo, para tomar uma decisão. Todavia, sobre assunto de tanta importância, queria escutar também o parecer do Pe. Costamagna. Eis que um dia, passeando tranqüilamente por uma das belíssimas alamedas que se defrontam no vale do Sutra, D. Bosco pára e, voltando-se para o Pe. Costamagna que estava a seu lado, lhe diz:

— Pe. Costamagna, irias para Mornese?

— Fazer o quê? Morrer? (Por causa da morte do Pe. Pestarino e, depois, da do Pe. Cagliero, naqueles dias costumava-se dizer, graçejando: “Oh! que se faz em Mornese? Nada senão morrer!”).

— Isto acontecerá quando o Senhor quiser. Por enquanto, devo dizer-te que “multa tibi debentur certamina!” Muitas batalhas ainda te restam para combater!... Já estiveste em Mornese?

— Há dez anos quando ali estive no meu primeiro passeio. Depois, para a minha primeira Missa com D. Fagnano e, em maio de 1870, para a primeira Missa do Pe. José Pestarino.

— E se tivesses que ir como Diretor?

— Bem... Parece-me que se criaria um pouco de confusão aqui.

— Para Lanzo se providenciaria facilmente, mas o importante, por ora, é enviar uma pessoa segura, em todo sentido, para Mornese. Creio que serias o indicado.

— Se o senhor acha, também o acho e não coloco nenhuma dificuldade.

D. Bosco ouviu com prazer essa linguagem tão resoluta e submissa e, depois, recomendando-lhe que rezasse ao Senhor, preveniu-o para preparar-se ⁽¹⁶⁾.

Agora, o Pe. Costamagna vem dos Becchi, aonde fora para a novena e a festa da Senhora do Rosário e acompanha uma filha do sobrinho do Fundador, Maria Bosco, que entra como aluna.

“Esperamos — diz-se em Mornese — que ele venha não para morrer, mas para viver”.

A pobre Irmã Rosália, no entanto, está agitadíssima. Como fará para se apresentar ao Diretor? É o mesmo Pe. Costamagna a quem, ainda menina, entregou o famoso pacote de balas de carvão e do qual se ouviu dizer em S. Silvestre: “Ela me pagará!”. Agora é seu Superior e ela foge logo que o percebe chegar. Seus temores, porém, acabam logo. O Diretor, ou soube do constrangimento dela ou percebeu por si mesmo. Por isso, tendo oportunidade de ser conduzido à escola onde ela permanece a estudar, lhe oferece uma imagenzinha do “Bom Pastor” e lhe diz: “Eis que sois vós esta ovelhinha”.

Também com outras ele deverá exercitar logo o seu papel de consolador.

(16) Cf. FRANCESIA G.B., Suor Maria Mazzarello e i primi due lustri delle FMA (S. Benigno Canavese, Livreria Salesiana Editora, 1906) 235-37.

PE. BONETTI EM MORNESE

Pe. Bonetti, Diretor de Borgo S. Martinho, chega a Mornese para ver se as Irmãs destinadas àquela casa estão prontas. Desde quando D. Bosco se referiu a essa primeira casa que seria aberta, mostrando com sua paternal bondade quanto pode ser útil a presença da Irmã numa casa salesiana e como a Filha de Maria Auxiliadora deve ficar contente em poder trabalhar pelas almas, liberando os sacerdotes dos minuciosos pensamentos sobre as coisas materiais. Madre Mazzarello escolheu as Irmãs e se dedicou a preparar-lhes ao menos as roupas necessárias.

Agora está tudo pronto, mas o momento da saída será doloroso, já que todas sentem esta partida como um grande acontecimento.

Pe. Bonetti dissera o que sabia de melhor: que a cozinha é ampla, bem iluminada e arejada. Que o Pe. Bodrato, como excelente Economo, lhes preparou uma bela moradia. Que essa primeira casa é o primeiro elo de quem sabe qual corrente!...

Choram as destinadas a partir e todas as outras estão comovidas.

O Pe. Bonetti parte, recomendando que se apressem porque deseja que os rapazes, chegando, encontrem tudo pronto.

EM DIREÇÃO A NOVA COLMEIA

O Pe. Cagliero, vindo para levar, ele próprio as Irmãs a seu destino, alegra um pouco os ânimos, dizendo: "Sois, enfim bastante numerosas. As destinadas a Borgo S. Martinho são o primeiro enxame de abelhas que vai procurar uma nova colmeia. Mas, vós já encontrastes a colmeia preparada e com que cuidado! Conheceis o Pe. Bodrato. É de Mornese. No Pe. Bonetti tereis um eficiente diretor espiritual. Cuidareis da roupa branca e da cozinha, também para os alunos. Mas, podereis abrir também uma sala de costura para as moças e o oratório festivo. Tereis que pensar no catecismo. Coragem! Coragem! Eu mesmo vos acompanharei até lá" (17).

As escolhidas são, por enquanto: Irmã Felicina Mazzarello, como Diretora; Irmã Felicina Arecco, Irmã Angiolina Deambrogio, Irmã Carlota Pestarino. Logo que estas se orientem e, uma vez cientes de quanto ocorre, irão outras.

Madre Mazzarello ensina também aqui, com o exemplo, como a religiosa deve comportar-se na separação: "D. Bosco o quer? Nós o queremos também". E a partida é marcada para o dia 8.

(17) Anexo (Allegato) n. 25 a), b).

A Madre precede as Irmãs à saída do colégio e as acompanha até a estrada da Madonna della Guardia, em Gavi. Está comovida, mas não deixa de repetir a recomendação de respeitarem todos os Superiores, de verem D. Bosco em todos eles, de trabalharem e sofrerem até de boa vontade, de conservarem o espírito de simplicidade e de pobreza.

O Pe. Cagliari, de acordo com a promessa, os acompanha ao destino e, com sua bondade, com suas atenções, parece querer recompensá-las por terem cooperado em sair de Mornese. O Pe. Bonetti está na estação para esperá-las e, depois, logo que chegam a casa, lhes serve um refresco e, levando ele mesmo a vela, porque já era tarde, as conduz para visitar sua própria moradia. O Diretor Geral janta com elas ⁽¹⁸⁾.

NOVAS PARTIDAS

Em Mornese, onde se sofre até mesmo pela única partida de uma postulante, é muito sentido o vazio deixado pelas Irmãs de Borgo, com as quais as relações são estreitas e contínuas, marcadas de fraterno afeto.

Logo que assumem o lugar e reordenadas as primeiríssimas coisas, a Diretora de lá escreve, pedindo Irmãs para ajudar no excessivo trabalho. A Madre lhes destina a noviça Irmã Agnese Ricci. Ela mesma a conduz nos últimos dias de outubro. Vão com elas também as duas Irmãs que devem ficar em Turim para os exames de recuperação e não falta a companhia do Diretor, Pe. Costamagna.

Devido ao atraso do trem, chegam a Borgo, quando, no colégio, dormem o sono dos justos e o Pe. Costamagna precisa bater repetidas vezes e fazer barulho para acordá-las. Que festa fazem as Irmãs de lá quando ouvem, na estrada, a voz da Madre!

A MADRE PELA PRIMEIRA VEZ EM TURIM

No dia seguinte, a pequena comitiva, excluída Irmã Ricci, parte para Turim. As duas estudantes desejam fazer logo e livrar-se, se é possível, do pesado pensamento dos exames de matemática.

A Madre vai, assim, finalmente, ver a bela N. Senhora de D. Bosco, sua Mãe e do Instituto, a querida Auxiliadora tantas vezes sonhada em seus ímpetos de oração filial. Fala com o Fundador, que

(18) Do testemunho de Irmã Carlota Pestarino, de outras Irmãs e do próprio Cardeal Cagliari.

as faz visitar a casa, já que, com as duas Irmãs, está hospedada com as boas Filhas de Sant'Ana. Não as vira mais desde que partiram de Mornese e, agora, a acolhida é festiva.

No santuário de Valdocco queria ter consigo todas as suas filhas e, com fervor as apresenta à Virgem Santa, no próprio lugar de sua prodigiosa aparição ao Fundador e das comoventes manifestações de seu poder e de seu coração materno.

De volta a Mornese, é recebida com todo o afeto da comunidade que, pela primeira vez ficara alguns dias sem a Madre amatíssima e pela primeira vez aplaudia Irmãs neo-professoras. Madre Mazzarello, com o ânimo pleno do quanto viu e ouviu, narra-o às filhas e distribui uma lembrança de Turim: a medalha recebida de D. Bosco e algumas balas, das boas Irmãs de Sant'Ana. A alegria que brilhava nos seus olhos, apenas ao mencionar a igreja de Maria Auxiliadora, o Oratório, o Fundador e Pai e algumas de suas sábias disposições, revelam quanto pôde aproveitar de sua estada em Voldocco.

Os exames foram ótimos. As duas professoras atribuem seu mérito à ajuda da Auxiliadora e se dispõem a organizar a escola como o Diretor quer.

A PRIMEIRA FILHA DE MARIA AUXILIADORA NOMEADA PROFESSORA MUNICIPAL

A Irmã Emília Mosca será confiada a classe das alunas e Irmãs que devem preparar-se para os exames, continuando Irmã Jandet com as menos adiantadas. Irmã Rosália Pestarino ficará com a classe das meninas externas e será, de fato, a primeira professora municipal do Instituto, não sendo mais suficiente a Macagno para todas as alunas. Enquanto isto se pede e se obtém para Irmã Emília Mosca o título de professora municipal das classes obrigatórias.

SOLENIIDADE DE TODOS OS SANTOS. UM PENSAMENTO DA MADRE

A festa de 1.º de novembro oferece à Madre uma nova ocasião para exortar as filhas à santidade: “Também nós, minhas caras Irmãs, estaremos um dia na glória” — diz frequentemente. E acrescenta: “Que consolação termos nós também um coração para amar o Senhor e poder demonstrar-lhe o nosso amor, sofrendo voluntariamente e com paciência as dores da vida”.

As Irmãs estão de tal modo conquistadas pelo entusiasmo de Madre Mazzarello que, por sua vez, o expressam, dentro e fora do Ins-

tituto, citando quase que as mesmas expressões da Madre. Numa carta à mãe, Irmã Elisa Roncallo se refere explicitamente às palavras da Madre: “É mesmo verdade, mamãe. Vede, podeis demonstrar a Jesus o vosso amor, sofrendo de boa vontade e com paciência vossas dores. Assim, uni-as sempre às dores que Jesus sofreu no Calvário por nós. Então, encontrareis, ao fim da vida, uma porção de méritos para o Paraíso” (19).

UM DECRETO EPISCOPAL

Antes que acabe o mês, o Diretor, Pe. Costamagna, comunica à comunidade que por benévolo decreto de D. Sciandra — datado de 15 de novembro — também o pároco de Mornese pode receber confissões das Irmãs e das alunas (20). Portanto, se alguém, para melhor preparar-se para a festa da Imaculada ou do Natal o desejar, não precisa mais do que falar com a Madre e logo será atendida.

A Madre se serve disso para revelar a todas a bondade da Divina Providência que chega sempre além de nossas necessidades e desejos e desperta assim em todas o sentimento de gratidão a Deus e aos Superiores.

NOVENA E FESTA DA IMACULADA

A novena da Imaculada é fervorosíssima. Madre Mazzarello lembra às Irmãs que, sendo N. Senhora a verdadeira Superiora da casa, é preciso dispor-se a festejá-la em seu primeiro privilégio, de modo digno de tão excelsa grandeza. Seu amor pela Imaculada sabe mobilizar Irmãs e jovens, completando a obra do Diretor que anima com santos propósitos o coração de todas.

A festa externa será transferida para esperar o Pe. Cagliariro que virá para as próximas vestições.

Com sua chegada — 10 de dezembro — começa o triduo de pregações. Dirigindo-se mais particularmente às Irmãs, o Diretor Geral desenvolve três conceitos: *Fazer* — *Sofrer* — *Calar-se*.

No dia da festa — 13 — a igreja ostenta seus melhores ornamentos e sobre o altar sorriem as belas coroas, saídas, dir-se-ia, vivas,

(19) Carta de Irmã Elisa Roncallo à sua mãe, em 22 de novembro de 1874 (Arq. Ger. FMA).

(20) O documento original, *Praesentibus nostris litteris facultatem damus*, conserva-se no Arq. Ger. FMA.

frescas e perfumadas das hábeis mãos da noviça Irmã Teresa Preda, florista de profissão.

O Diretor Geral realiza a cerimônia da vestição com sete noviças: entre elas está Catarina Daghero.

A Madre Vigária e a Madre Mestra, na verdade, não seriam contrárias a deixá-la voltar para a família, dado o seu caráter ainda introspectivo, mas, a Madre, interrogada também pelo Diretor e pelo Pe. Cagliero, respondeu: “Já disse muitas vezes: essa jovem deve ficar aqui, porque é chamada a fazer grande bem às almas”.

O Pe. Costamagna, então, recomendou-lhe que se preparasse e, nessa manhã, silenciosa e humilde, Irmã Catarina, vestindo o hábito santo, retomou nos olhos o brilho sereno que tinha quando veio e quando, ainda, a dúvida e a perplexidade não lhe torturavam o pensamento.

O discurso de encerramento reforça o conceito de que a verdadeira Superiora da casa, segundo o desejo de D. Bosco, é N. Senhora, e que todas, portanto devem viver sob sua dependência de amor, mostrando-se a ela como filhas afetuosas e dóceis, que buscam imitá-la na pureza do coração e na humildade do espírito.

NOVENA E FESTA DO NATAL

O Diretor Geral parte. Seus áureos conselhos — Fazer — Sofrer — Calar-se, escritos num cartaz, pendurado aqui e ali nos aposentos, são uma contínua chamada aos propósitos destes dias. Pe. Costamagna retoma seu fervoroso trabalho junto às almas que lhe estão confiadas.

Também a novena de Natal é um crescendo de fervor: Irmãs e alunas preparam com florzinhas especiais o berço que deverá receber o Menino Jesus na santa noite e a espera de todas é animada de santo afeto. Será exposta a imagem que por tantos anos fora objeto das mais afetuosas atenções do Pe. Pestarino, aquela que o querido morto costumava levar por toda a região durante a procissão dos matriculados no Oratório da Santa Infância, na festa dos Santos Inocentes, após a comunhão geral. Fora ele mesmo quem a introduzira em Mornese e quanto trabalho para fazer amar seu pequeno Jesus e suscitar o zelo pela salvação das almas! Agora, cabe às filhas.

Na breve pregação de todas as noites, durante a novena, o Diretor desenvolve os seguintes pensamentos: “Se N. Senhora é a Superiora da Casa, Jesus é seu Diretor. Deixemo-nos, portanto, ser dirigidos inteiramente por Ele. Deixemo-nos formar na simplicidade dos pastores e na inocência das crianças. Não é destas o reino dos céus? E como

Ele precisa, por isto, de ser dono absoluto de nosso coração, amemos Jesus. Assim, seja sempre bendito o amável Jesus. Seja amado por todos, mas amado com um amor preferencial. Antes, amado de tal modo que todos os outros amores se apaguem de nosso coração.”

Com essa preparação e com as três Missas da Festa, o santo Natal traz a mais sincera alegria, apesar de que muitas vezes o pensamento se volte para as queridas Irmãs de Borgo S. Martinho.

PEQUENAS INICIATIVAS DE IRMÃ HENRIQUETA E EPISÓDIOS GRACIOSOS

Para alimentar o fervor, Ir. Henriqueta Sorbone, de acordo com a Madre, concede como prêmio às alunas levar, sem serem vistas, sua pequena contribuição de doce (nesses dias todas o recebem) ou de fruta para junto do berço do Menino Jesus: o anjo do presépio lhes apresentará depois, em seu nome. Uma Irmã, mais tarde, recolhe todas as coisas para distribuí-las novamente como sobremesa às próprias alunas ou como presente para as oratorianas.

Eis aqui um gracioso episódio. Uma tarde, Angeliquinha faz uma grande teimosia e, como nesses dias o castigo mais grave para as alunas é privá-las justamente de tal oferta a Jesus, assim seu doce, desta vez, não pode ficar no presépio. Resultaram prantos, considerações e conseqüente emenda.

Quando a dor chega ao auge e se transforma em promessas, Ir. Henriqueta se deixa mover pelo perdão e acompanha a irmãzinha à igreja para a oferta. Os pequenos presentes das companheiras — já na cama, tranqüilas — já foram recolhidos dos pés do Menino Jesus e a menina fica mais mortificada ainda pelo temor de que o anjo não volte só para ela que fora má. E permanece em oração no fundo da capela até que a sacristã — o anjo sem asas — venha ordenar as coisas e, vendo ainda um doce no bercinho, o apanhe.

Angélica arregala muito os olhos e se põe a chorar. “Como, uma Irmã? E então não é verdade que vem um anjo apanhar nossas florzinhas. . . não é verdade que as oferece por nós. . .”

Intervém a Madre que, séria e doce ao mesmo tempo, olha bem no rosto da desolada Angeliquinha e lhe diz ao ouvido: “O anjo oferece ao Menino Jesus os presentes das boas meninas, não os das teimosinhas. Jesus chora quando as meninas são teimosas!” Um grande suspiro e a mais sincera promessa de emenda. E a fé está salva.

Uma tarde — estamos no fim do ano — as alunas querem ir todas juntas, com os pastores, para levar os presentes de Jesus. O Diretor compreende e lhe agrada o fato. Querendo também ele fazer parte daquela homenagem de inocência, logo que as pequenas entoam o louvor, se une a elas com as mais doces notas do harmônio.

De tudo o Diretor sabe tirar ocasião para elevar o espírito e dar ao colégio a semelhança de Valdoco. Jovem, cheio de vida e de cultura, aspirando à santidade e ao apostolado, está atento a tudo: piedade, estudo, trabalho, formação religiosa.

A Madre vê nele D. Bosco, como via no Pe. Pestarino e no Pe. José Cagliero e lhe respeita até os desejos. De modo que se alguma vez o encontra num excessivo transporte de zelo, com a simplicidade dos santos e o respeito de filha humílima, não deixa de fazê-lo perceber.

SAUDAÇÃO RELIGIOSA

O ano novo traz às Irmãs uma bela novidade.

Um frade mendicante de Voltaggio contou ao Diretor que, quando eles se encontram entre si, dizem: “Viva Jesus”! E a resposta é: “In cordibus nostris semper.”

Esta saudação agrada ao Diretor e como também é jaculatória de S. Francisco de Sales, o grande modelo de D. Bosco, anima as Irmãs a fazê-la própria, modificando-a algumas vezes, ou substituindo-a por outras expressões mais ou menos equivalentes, acompanhadas de inclinação da cabeça, já sugerida por D. Bosco ⁽¹⁾. Portanto, encontrando-se:

- Viva Jesus — dirá uma.
- Sempre em nossos corações — responderá a outra, ou:
- Viva Jesus sempre em nossos corações!
- Viva Maria, nossa esperança!

Ou, ainda mais simplesmente: “Viva Jesus!”, “Viva Maria!”

E para começarem a saudar-se assim, escolhe o dia bendito do SS. Nome de Jesus, em sinal de mútuo respeito religioso e como homenagem ao Divino Diretor da casa. As Irmãs se saúdam de boa vontade e, a primeira de todas é a Madre que nesta breve jaculatória acha um fácil meio de reavivar nos corações o amor divino.

Ela, que vai diariamente se encontrar com todas as suas Irmãs em seus vários ofícios, tem freqüentemente ocasião de fazer sua saudação: “Viva Jesus”. As Irmãs da sala de costura todas com a cabeça

(1) Cronistória I, 261.

inclinada sobre o trabalho, ficam alegres quando a Madre abre a porta, olha-as um momento e, aproximando-se desta ou daquela, diz: “Viva Jesus! Viva Maria! Já fizeste alguma coisa que não seja para Jesus?”

Assim na cozinha, no refeitório, na horta... dela e para ela o “Viva Jesus” faz rodízio pela casa, devolvendo muitas vezes a serenidade a algum olhar um pouco preocupado ou cansado.

Até para ganhar o coração das postulantes e noviças a saudação “Viva Jesus” lhe serve muito. Logo que recebe delas a palavra de resposta e um sorriso filial, procede sem hesitação e vai direto ao pensamento que as possa dominar, especialmente se pouco alegres ou ainda absortas nas recordações familiares:

— “Que pensavas neste momento?... Lembras ainda a meditação desta manhã? e o propósito?”

A interrogada olha confortada e se prepara para responder, mas a Madre já se distanciou, não esperou a resposta, mas alcançou a meta de fazer voltar-se o espírito delas, como o próprio, para coisas santas.

Às vezes pergunta: “Que horas são?” e, ouvindo responderem: “Madre, não tenho relógio” acrescenta com brando sorriso: “Responde-me que são horas de amar o Senhor”. Se, pois, alguma troca a palavra “o Senhor” por “Jesus”, ei-la prontamente: “Bem, amemo-lo sempre mais!”

A MADRE VÊ, TRABALHA E CONSOLA

Visitando todas no trabalho, como pode fazer uma terna mãe, senta-se, também ela num canto da sala de trabalho e costurando com diligência, deixa perceber que continua sempre a mesma Maria da sala de costura da casa Bodrato: ligeira, correta, recolhida.

Costura saias, vestidinhos, corpetes; acumula trabalho sobre trabalho: benditas essas encomendas que garantem o pão para a comunidade! Assim como não tem ainda um quarto para seu uso particular, continua a ouvir de seu local de trabalho aquelas que precisam de uma boa palavra, especialmente as postulantes.

Pobrezinhas! Deixaram a mãe este ano e ela quer persuadi-las de que na religião podem encontrar muito afeto.

Uma delas, admirada de ter encontrado tanto conforto e alívio ao se aproximar da Madre, fala sobre isso com Ir. Maria Gastaldo e Ir. Carlota Pestarino e as ouve responder: “Também eu, no princípio, achei muito difícil habituar-me à vida religiosa, até mesmo era acome-

tida muitas vezes pela tentação de voltar para minha família. Então eu me abria com a Madre e poucas palavras suas me devolviam a paz ao coração. Como as postulantes e as noviças de meu tempo, também tu não tardarás em convencer-te de que confiar nossos aborrecimentos à Madre é como libertarmo-nos deles.”

Nesse mês chegam três novas postulantes. Desde quando D. Bosco disse que é preciso correr sollicitamente no campo do trabalho, para fazer guerra ao pecado, a Madre reza e exorta a rezar para que venham muitas postulantes. A cada chegada continua a recebê-las com particulares sinais de benevolência e o faz de modo que não fiquem constrangidas e possam logo aliviar suas penas, trocando uma palavra com as outras.

Mas as jovens demoram a acostumar-se. Algumas imaginavam uma vida menos trabalhosa, de mais oração, mais monacal. Outras e são em maior número, sofrem com a excessiva abstinência e desejarium voltar atrás; se, porém, procuram aproximar-se da Madre, vê-la uma vez no recreio, ouvir sua palavra incisiva e doce ao mesmo tempo, ficam como que presas e dizem que vale a pena sofrer até um pouco de fome, para permanecer perto de uma Superiora tão santa e tão profundamente serena.

Como de costume, pergunta-lhes: “Como fizeste para chegar aqui? Quem te disse que aqui estão as Irmãs? Há quanto tempo tinhas o desejo de fazer-te Irmã? Que trabalho te agrada mais?”

A postulante fala, se encoraja e sem nem mesmo perceber, revela-se a si mesma, seus hábitos, suas inclinações. A Madre sabe como atraí-la para fazê-la amar a nova vida e obter o maior benefício possível de sua atividade. A mesma coisa recomenda a Madre Petronila que tem a responsabilidade das postulantes: “Deixa, pois, que nos primeiros dias falem um pouco da família, de como se ocupavam; depois, pergunta: “como é a igreja de tua região? Acompanhas a procissão? E qual é o santo padroeiro? Deixa-as falar. Faze-as falar e escuta-as de boa vontade.”

FRUTOS DE EMULAÇÃO

As filhas, cheias de boa vontade, se põem bem depressa a imitar as primeiras que chegaram.

Ir. Rosália Pestarino, desde postulante admirava o fervor das Irmãs, mas não conseguia deixar de sentir fome. Uma vez foi apanhar um pedaço de pão às escondidas. Depois, lutou “como um leão” —

assim conta ela própria — para se acusar ao tio, confessor da comunidade.

Pobrezinho! Saber que sua sobrinha passava fome!

“Todavia, quando ela lhe disse, fez de conta que nem mesmo havia compreendido, pobre santo!” Pois bem, à Ir. Rosália, agora não apenas basta o que lhe dão, mas antes passou a imitar Ir. Henriqueta Sorbone. Esta se alimenta como um pintinho e, para seguir um conselho do Diretor Geral, deixa sobrar sempre um pedacinho de pão. Ir. Rosália que se serve talvez um pouco mais abundantemente porque dá aula todo o dia, sente-se no dever de deixar sobrar um pedaço maior, para não ficar, como diz, muito fora das mortificações gerais.

Faz de modo que não se veja o que sobra e crê não ser observada, porque cada uma, no caso das mortificações, se dirige livremente, entendendo-se particularmente com quem deve. É quase um fato comum, na comunidade, colocar água na sopa para fazê-la menos gostosa e acrescentar-lhe de quando em quando uma pitada de cinza para punir alguma falta pessoal ⁽²⁾.

Água fria na sopa: a menor coisa que todos os dias, faz a Madre, sob o pretexto de não poder tomá-la tão quente e, se ela o faz, não há razão para que se abstenham Irmã Maria Grosso com suas noviças.

E beber a água em que são lavados os pratos? Coisa repugnante, mas não consegue também Ir. Henriqueta imitada por Ir. Emília, que parece não notar mais o que lhe é posto no prato?

Com pessoas dessa qualidade, tem razão D. Bosco de dizer que o Instituto se estenderá e fará grande bem.

POBRES, MAS ALEGRES

Agora N. Senhora permite que suas filhas sofram, mas não as abandona. Acontece algumas vezes que a Madre diga à comunidade: Irmãs, em casa não há mais nem pão nem trabalho: rezemos ao bom Deus para que nos mande um e outro.” Quase sempre no mesmo dia ou no dia seguinte acrescenta, toda festiva: “Minhas Irmãs, fiquemos alegres: a Providência chegou. Agradecemos ao Senhor”.

As vezes o trabalho é urgente e qualquer uma desejaria afastar-se do lazer comunitário para continuá-lo mas a Madre quer que todas fiquem no recreio e nele tomem parte ativa. Algumas outras vezes a Providência deixa mesmo as Irmãs na expectativa: o pão, que é trazido de Gavi, não chega a tempo para a refeição. A Madre manifesta

(2) Anexo (Allegato) n. 25 c.

pesar e recorda com tal eficácia as palavras de S. Teresa: “E se chégássemos à mesa e não achássemos pão?” que suscita nas Irmãs o desejo de sofrer a fome antes de vê-la angustiada por sua causa.

Como numa boa família, todas juntas lavam a louça, cada uma fazendo sua parte, ainda que cantarolando. Reordena-se o refeitório e depois saem, todas sob o pórtico quando há um belo sol restaurador, ou no corredor do andar térreo, a saltar e brincar. Primeira de todas, a Madre. Um dia, uma noviça está encostada na parede que comunica com a capela e não participa do jogo: A Madre se aproxima dela e:

— O que você está fazendo aqui?

— Madre, penso que Jesus está sozinho na igreja.

— Sozinho? Muito bem! Lá estão todos os anjos que o adoram. Lá estão todos os santos e Maria SSma, sua Mãe. A nós, agora, o Senhor ordena o recreio e quer que nos divirtamos. Coragem, coragem: Venha conosco e faça como fazemos todas nós.

Poder da regra! Aquela que, como “Filha da Imaculada”, não apenas os recreios mas também o sono sacrificava de boa vontade para estar um pouco com o Senhor, agora forma as outras na renúncia de tanta alegria, para o cumprimento de um ato comum.

AÇÃO DO DIRETOR

O Diretor compreendeu o tesouro que, na Madre, Deus concede a Mornese e se propõe trabalhá-la como em um diamante mesmo.

Conhece sua sede de humildade e, certamente, não lhe evita humilhações. Por um nada a repreende diante das Irmãs, com uma força que chocaria qualquer outro caráter, já formado que não fosse o da Madre, imbuída do sentido de respeito pelo sacerdote e pela autoridade.

Mas o Diretor deve ter-se imposto como programa insistir sempre na simplicidade forte e humilde, porque quer isto de todas: Irmãs e jovens. É-lhe habitual a repetição: “Tudo pelo Senhor!” e quando lhe parece que os lábios de alguma se não o coração, eustam um pouco a repeti-lo com o seu mesmo abandono, então faz uma solene repreensão — diz Ir. Rosália Pestario, para nos fazer compreender que tudo, tudo mesmo, deve ser para o Senhor.”

Com Ir. Rosália Pestarino tem um cuidado especial. Tornando-se de fato, não de nome, professora municipal com sua escola no próprio local do colégio, a pobrezinha demora ainda um pouco para entrar em contato direto com as meninas às vezes pouco limpas e muitíssimas

vezes com ninhos de parasitas nos cabelos. Nos primeiros dias, ficava a uma certa distância das alunas, mas depois sentiu remorso e se acusou disso ao Diretor. E ele: “Você deve ficar com elas. É esta a gente que você deve procurar! E ai de você se tiver repugnância dessas coisas. Que importam os insetos? São belas as almas e você procure as almas e não pense no resto.”

Mas para dar-lhe uma compensação por este sacrifício, que não era pequeno para ela, ensina-lhe a falar filialmente com N. Senhora. Assim, para tornar-lhe mais sensível essa devoção, quer que pela manhã, antes das aulas, abra a portinhola de um pequeno nicho onde está uma pequena N. Senhora de gesso e lhe recomende suas alunas. E ofereça, depois, durante o dia, um certo número de comunhões espirituais agradecendo a comunhão sacramental da manhã. À tarde, saúde N. Senhora e torne a fechar o nicho.

“O zeloso Diretor — acrescenta Ir. Rosália — quer que se façam muitas comunhões espirituais. Ai de nós se o dia passar sem que façamos ao menos cinco pela manhã e outras tantas à tarde. Até à noite, segundo ele, nós devemos acordar para unir-nos espiritualmente a Jesus e nos indica os meios para isso. Assim, até eu coloquei pedaços de pau na cama. Ir. Teresa Laurantoni coloca até uma fila de tijolos que lhe servem de despertador.”

O Pe. Costamagna não esquece nada: ativo, com uma vida exuberante e desejosa de expandir-se, tendo deixado um colégio masculino para dirigir Irmãs cheias de toda a boa vontade, mas inexperientes a respeito de muitas coisas, lança-se a tudo: exercícios de piedade, escola, higiene, bons hábitos.

Até então, as Irmãs, ao levantar-se, recitavam o “Te Deum” em agradecimento da vida e de todos os dons recebidos do Céu. Agora, o Diretor ensina uma oração mais breve: “Benedicamus Domino.”

MODIFICAÇÕES NA PRÁTICAS DA COMUNIDADE

Fora abolido o costume de recitar três Ave Marias ao pé da cama, antes de irem dormir. Isto tinha provocado um pouco de pesar em algumas. O Diretor, em compensação, dispôs que à noite, no dormitório, recitassem em voz alta, em coros alternados, uma “coroinha” especial, por dez vezes consecutivas. Um dos coros diz: “Meu Deus, me ofereço toda a vós, para que façais de mim o que vos agradar.” Responde o outro coro: “Todo o nosso coração seja para vós”. Segue, ao invés do Glória ao Pai, a jaculatória “Seja bendita a santa imaculada Conceição, etc.”: assim para as cinco dezenas, como um Rosário.

O livro de orações para muitas continua a ser “Un libretto ed un tesoro”, ou “La figlia devota di Gesù Sacramentato e di Maria SSma. e amante della propria perfezione”, de Carlos Fogliano. Usa-se o livro para as orações da visita ao Santíssimo e para as pias instruções e intenções que já memorizadas, se tornaram fáceis até para as que ainda se cansam ao ler.

Com o consentimento de D. Bosco, introduz-se uma pequena variante nas práticas de piedade: pela manhã, logo que chegam à igreja, as orações em comum. Ao final ou quase ao fim, a santa Missa, assistida em silêncio até o Pai nosso. Depois, um louvor como preparação para a comunhão. A Missa segue a meditação, que se conclui com a comemoração da 1.^a Dor de N. Senhora e com o canto da jaculatória: Eu vos dou meu coração, Mãe de Jesus, Mãe de amor.

Madre Petronila diz: “Em Mornese se dá sempre muita importância à comemoração das Dores e das Alegrias de N. Senhora nas horas estabelecidas, porque D. Bosco disse para distribuí-las de acordo com certos momentos do dia, com a intenção de que pudéssemos unir-nos à oração que a Igreja faz nessas mencionadas Horas canônicas. Deste modo, essa oração adquire maior valor, sendo feita com os sacerdotes, cônegos das catedrais e os religiosos do coro.”

À tarde, a visita regular se fará logo após o recreio do meio-dia. A leitura, às quatro e meia, e o Terço, antes do jantar. O Diretor se acha sempre presente na igreja e se algum erro aparece na oração ou o tom de voz não é o que ele deseja, a correção é imediata, na presença de Jesus bendito.

Isto naturalmente as mantém sempre atentas, incluindo as jovens que se tornam sempre mais recolhidas e piedosas, sem que percam a vivacidade. “As filhinhas — assim as chama a Madre — poderiam ser todas postulantes, visto que vivem a vida de família e tomam parte em todos os trabalhos”.

A LAVAGEM DE ROUPA NO RIO

Vão também ao Roverno, uma vez por mês, para a lavagem de roupa, felizes pela diversão. Felicíssimas, se podem ter um lugarzinho junto à Madre que, se falta *Cinin*, conduz o burro carregado de roupa branca e é sempre a primeira a começar e a última a terminar o trabalho. A menos que não pense ela em preparar a refeição e então é uma festa.

Na região, ninguém faz caso. Ao contrário. . .

No sítio mais próximo do moinho, pedem emprestadas algumas panelas e, se necessário, tabuleiros para a polenta e a masseira para

os nhoques. Assim, a bondade da Madre chega até isso. Não apenas suporta como as outras o cansaço da estrada que é longa e difícil e o peso de lavar roupa, curvada sobre uma pedra, molhando-se sob o açoitado do sol, mas, quer também fortalecer suas filhas com um almoço melhor do que o comum, numa mesa posta ao ar livre. As alunas atizam o fogo, descascam as batatas, ajudam a Madre a fazer a massa... enquanto cantam com ela os belos louvores aprendidos com o Diretor.

À tarde, voltam felizes para o Colégio, precedidas por *Cinin* que guia o burrinho com a roupa branca enxuta e dobrada; acompanham-nas e seguem-nas as oratorianas que, sabendo do “passeio”, desceram até o Roverno para ajudar, ou vêm ao encontro delas, muito contentes por verem uma vez mais a Madre e as Irmãs, e por poderem acompanhá-las até o Colégio, para jogar e pular um pouco no pátio, fora do horário e fora do programa.

O CARNAVAL SANTIFICADO

O carnaval é, como tudo o mais, santificado com um especial empenho. Não se fala absolutamente em bailes, mas de comunhões, de orações, de adoração a Jesus Sacramentado.

À tarde, cantos e jogos no oratório, sempre frequentadíssimo, e brincadeiras, e “corridas de saco”...

Tudo serve para manter alegre quem tem o coração simples. Um nada basta a quem sabe ser amado de verdade e as boas jovens de Mornese são tão seguras do amor de suas Irmãs que preferem até os “ravioli” do oratório aos de sua família. As mais velhas, as Novas Ursulinas, que mais que todas contribuíram para manter o clima de alegria, dizem, ainda que brincando, à Ir. Teresa Pampuro e à Ir. Rosina Mazzarello, a cozinheira: “Não estão bons os “ravioli”... Puseram muita couve...” Algumas vezes recorrem à Madre, sua antiga companheira: “Main, Irmã Maria... Madre, por que não mandou colocar ovos nas frituras?...” e no entanto comem, cantando e ajudando a conservar nos devidos limites a alegria do bando de amigas.

OUTRAS POSTULANTES. VOCAÇÃO DE OBEDIÊNCIA

Março começa com a entrada de uma postulante: Ana Tamietti, irmã de um salesiano. Que beleza ver chegarem a Mornese os parentes dos filhos de D. Bosco! Não será um sinal mais claro ainda de que N. Senhora considera as duas instituições suas como uma só coisa e que os dois ramos são igualmente queridos a seu coração?

No dia 10 vem engrossar a fila das postulantes a irmã de Ir. Rosina sobrinha de Madre Petronila, Teresinha Mazzarello.

Teresinha é uma flor cultivada pelo Diretor Geral Pe. Cagliero. Passando ele uma manhã, quando estava em Mornese, para a festa da Imaculada, diante da casa de Petronila vira sob a porta o irmão dela, Estêvão, junto com a filha Teresa. Brincando dissera: "Stevulin, dê-nos também esta sua filha para N. Senhora". Estêvão, muito humilde: "Sim, senhor... se N. Senhora a quer."

Chegando ao colégio, Pe. Cagliero chama Madre Petronila:

— Vá logo à casa de Steo e traga aqui sua sobrinha.

— Teresinha? Para quê?

— Para fazer dela uma Filha de Maria Auxiliadora.

— É tão jovem! Não tem ainda quinze anos.

— Vá buscá-la e traga-a aqui o mais rápido possível!

Petronila vai e a encontra ocupada em dar de beber aos bois.

— Deixa isso e vem ao colégio.

— Para ficar?

— Para ficar. Pe. Cagliero disse.

A moça deixa o balde. Vai arrumar-se num momento, enquanto a tia, logo após a permissão da mãe de Teresinha, vai ao baú apanhar um pouco da roupa branca para ela.

Pela estrada, Teresinha faz uma só objeção:

"Venho por minha vontade, mas tenho vergonha. Vocês sabem tantas coisas... eu não saberei nem mesmo sentar à mesa."

Desde dezembro passado (1874) permaneceu no colégio com a tia, ajudando aqui e ali, às Irmãs. Agora adquiriu os costumes do Instituto e leva ao postulado o seu candor e a sua alegre obediência.

NOVENA DE SÃO JOSÉ. UMA ROSA PARA O CÉU

Nesse mesmo dia 10 se inicia uma novena a São José e a Madre aconselha a comunidade a fazê-la com bastante fervor, para obter duas graças: a melhora, se possível, da boa Ir. Rosa Mazzarello, tão doente; e que o providente São José, aceitando o encargo de ecônomo do Instituto, ajude a pagar as dívidas que se fazem cada dia maiores.

Na segunda-feira a querida Ir. Rosa Mazzarello alça vôo para a eternidade, seu único desejo. Na curta doença a Madre está a seu lado continuamente, com todos os desvelos de seu coração de Superiora e de amiga. Queria oferecer-lhe tudo o que pensava pudesse aliviar-lhe o sofrimento, mas a querida enferma não tinha nunca necessidade de nada, achava sempre que tinha tudo e dizia que lhe dispensavam ex-

cessivos cuidados. E pensar que em família tinha gozado uma certa comodidade!

Era Filha da Imaculada, uma das que, atraídas pelo fervor de Main, a tinham seguido em nome de D. Bosco e de Maria Auxiliadora. Humilde, ativíssima, quando sadia, foi sempre uma mão firme da Mãe e da comunidade. Na doença ensinou como se santificam os sofrimentos e como a religiosa de bom espírito olha com desejo para a morte que deve uni-la a seu Jesus.

É uma morte verdadeiramente invejável a sua, mas esses vôos são muito freqüentes e fazem sofrer quem fica.

Até os mornesinos o sentem, porque era conhecida e amada por todos.

NOVA PERPLEXIDADE

Em casa se torna a perguntar se essas mortes não são devidas à excessiva escassez de alimento. De Turim D. Bosco escreve para que se veja se não seria o caso de oferecer alguma coisa a mais e de melhor na alimentação.

A Mãe Superiora não pretende furtar-se ao conselho de D. Bosco, mas ninguém quer introduzir exigências materiais que possam denotar um certo enfraquecimento de espírito. Por isto, recorre a um expediente que, enquanto demonstrará a D. Bosco a disposição geral das Irmãs, não diminuirá nela o mérito da obediência.

Escreve, pois, uma carta a D. Bosco e, após ter interrogado cada Irmã, a convida a subscrever, se aprova. Junta a folha das assinaturas com sua carta e manda tudo para Turim.

FESTA DE SÃO JOSÉ

A festa de São José encontra os corações sob o peso da recente dor. Todavia, as funções na igreja são solenes e se reza ao poderoso santo com o afeto consolidado pela fé e pela necessidade.

Também as funções da Semana santa, cumpridas pelo Diretor com o clérigo Campi, são ricas de fervor. Não poucas lágrimas são vertidas na sexta-feira santa, quando o Diretor fez a Via Sacra. Cada coração está cheio da lembrança do Pe. Pestarino e a dor é aumentada pelo recente desaparecimento de Ir. Rosa, cuja presença ainda está viva no espírito de todas.

Março trouxe cinco postulantes, que se reuniram às quatro que vieram em janeiro e fevereiro, mas o Diretor diz que D. Bosco precisa de muitas outras, porque são muitas as obras que esperam as Irmãs.

MARIA BELLETTI POSTULANTE

Estamos apenas no dia 3 de abril e entra a postulante Maria Belletti, uma aluna pela qual a comunidade tanto temeu e rezou. Tem apenas dezesseis anos e meio. Entrou como aluna no dia 3 de novembro passado, contra a vontade, porque já tinha o coração cheio de muitas outras esperanças. Órfã e tornada quase rica por uma herança de um parente, deu-se ao luxo e às diversões e logo alguém lhe ganhou o coração com afetos terrenos. Mas o Senhor, que havia pousado seu olhar paterno na órfã, dispôs providencialmente que os seus, preocupados, a conduzissem ao colégio de Mornese para melhorar sua educação e livrá-la dos perigos.

Pelos seus hábitos mundanos compreendeu-se bem depressa que a sua formação exigiria muito trabalho porque o coração, ainda que não contaminado, estava fechado a devoções e contrário, a uma vida ordenada e virtuosa. A disciplina colegial lhe pesava. Na sala de trabalho perdia o tempo e, quando a Irmã a apressava, escondia rapidamente o brinquedo que trazia sempre no colo para tomar o trabalho. O estudo não era aceito por ela. Na igreja, estava de pouco bom grado e com ar distraído. O alimento não era de seu gosto, mas se refazia com as frutas que uma certa pessoa, que se fazia passar por primo, lhe mandava sempre em grandes cestos bem fartos e que representavam uma boa ajuda para todas.

Tinham-se com ela muitos cuidados, porque o tutor o queria e compensava com uma boa pensão mensal, mas houve um momento em que pareceu até necessário devolvê-la aos parentes, para que seu exemplo não prejudicasse as outras.

Ir. Henriqueta que, agora mais do que nunca, é responsável da disciplina entre as alunas, pôs-se a segui-la com particular vigilância dia e noite e lhe ganhou o afeto, enquanto as Superiores pediram orações especiais a São José, para obter luzes nesse sentido. O Diretor acrescentou sua palavra: "São Francisco de Sales diz que, quando se tem fogo em casa, se atira tudo pela janela. Vejamos se se acende o fogo do amor de Deus naquele coração e teremos vencido a causa."

Maria Belletti não sabia nada da piedosa conjuração e persistia em sua leviandade, mas uma noite ouviram-na chorar durante o sono e, acordada, pôs-se a gritar tão alto que espantou companheiras e Irmãs. Queria o confessor e de imediato.

Tinha sonhado que fora eestrangulada pelo demônio, por causa de seus pecados e não foi possível consolá-la a não ser prometendo-lhe o confessor desejado, ainda que a hora fosse imprópria.

Confessou-se por muito tempo, continuando a chorar o resto da noite.

Pela manhã a Madre lhe falou docemente. Conseguiu acalmá-la, e em seguida, guiá-la em sua mudança pessoal, concedendo-lhe ainda muitas coisas e secundando-a também, em sua vaidade, até onde possível, sem prejudicar a outrem.

A jovem obedecia com empenho e trabalhava energicamente sobre si mesma, de modo que, em breve, por convicção e espontâneo raciocínio, abandonou o luxo, as vaidades, as tolas fantasias e se dedicou ao bem com energia.

Evitava, porém, as Irmãs, “porque (confidenciava a alguém) poderia sentir vocação e eu não quero. Boa, sim. Séria, sim. Mas, Irmã, não. Jamais.” Esse medo era já um chamado e a Madre fez, com Madre Petronila, uma novena a São José para que obtivesse para a boa filha luz e força.

Um dia a arrependida se apresenta ao confessor e lhe diz que lhe parece ser chamada à vida religiosa, mas como ela mesma contou à Assistente, a resposta foi: “Não pense nisso de modo algum. Você é ambiciosa e não poderia ser aceita.”

Tanto melhor. Era o que ela queria. Mas o chamado interior se faz mais forte e a pobrezinha recebe do confessor uma segunda e uma terceira negativa, acompanhada, porém, esta última de uma fresta de luz: “Faça uma novena a São José e depois aconselhe-se com a Madre.”

A novena foi começada. No terceiro dia Maria vai confiar à Madre o seu desejo, de um modo inusitado no colégio. Maria entra onde estão reunidas as Superiores, se ajoelha diante da Madre e, chorando: “Oh, Madre, eu sou indigna, mas suplico, aceite-me entre suas filhas, queira ser mãe também para mim; verá como repararei o passado e me aplicarei em glorificar o Senhor tanto quanto até agora o tenho ofendido.”

Antes que a Madre, surpresa e indecisa pudesse dizer uma palavra, com um golpe de tesoura Maria corta a bela trança que lhe pendia sobre os ombros. As Madres estão comovidas. Madre Mazzarello beija na fronte a pequena nova Madalena e lhe diz afetuosamente: “Se você quer ser minha filha, eu serei para você verdadeira mãe.”

A pobre filha não são poupadas as provas... e agora — dia 3 de abril — concede-se-lhe a suspirada entrada. Um presente, pois, de São José.

AS CHAVES DA CASA PARA MARIA AUXILIADORA

O Diretor quer que este mês seja todo uma preparação para maio e para a soleníssima festa de Maria Auxiliadora.

Quer competir com Valdocco: para isso mandou fazer uma imagem da Auxiliadora para colocar no quiosque, preparado pela piedade do Pe. Pestarino, entre o verde e as flores, junto da capela. Prepara, no entanto, as Irmãs para recebê-la como Rainha, enquanto a Madre exorta a prepararem a chave do próprio coração para oferecê-la como a uma Superiora aclamada pela comunidade. Ela própria apresentará, por sua vez, também as chaves da casa, para que Maria Auxiliadora seja dela a dona absoluta. Como que aprovando tais preparativos, a Virgem satisfaz o desejo geral de haver muitas postulantes.

POSTULANTES DE SONDRIO . . . E DE TURIM

Chegam, num pequeno grupo, as de Sondrio. São jovens de aspecto modesto e bom, encaminhadas ao Instituto de D. Bosco pelo santo sacerdote Pe. Guanella. Nunca, até então, um grupo tão numeroso tinha chegado, nem de tão longe: a Madre se alegra como se fosse uma bênção.

As novas postulantes trazem também uma ajuda à escassez material do momento.

Vem também de Turim uma senhora de sessenta e três anos, Maria Bacchialloni. D. Bosco não pôde recusar-lhe a experiência, pelo conhecimento e amizade que o unia ao irmão dela, professor insigne e benemérito. Com ela vem uma sobrinha. As alunas a olham insistentemente . . . as pessoas sorriem quando a vêem, a passeio, ser acompanhada por Marieta Rossi, de apenas 15 anos.

Poderá resistir, em idade tão avançada?

A RESPOSTA DE DOM BOSCO

Chega nesses mesmos dias, a resposta de D. Bosco à carta com a assinatura das Irmãs, sobre o problema da refeição da manhã. Madre Mazzarello diz: "Eis. Agrada a D. Bosco a boa vontade das Irmãs em conservar-se em seu estado de mortificação, mas mostra-se paternalmente propenso à refeição com leite e café! D. Bosco quer assim? Tomaremos leite e café na refeição. Todas, assim, se D. Bosco o quisesse, estaríamos prontas a comer também um frango ou qualquer outra coisa que ele determinasse. Somos pobrezinhas: mas se procuramos obedecer, a Providência não nos abandonará."

Pensa, pois, como obter o dinheiro necessário para adquirir uma vaca leiteira, porque a que, caridosamente, havia sido emprestada, desde a noite até a manhã, agora não bastaria mais ⁽³⁾.

Providência de Deus. Com a contribuição recolhida das postulantes de Sondrio há o suficiente para a senhora vaca leiteira e quando esta é comprada (custa onze florins!) quer que se receba com alguma festa e a confia à postulante Succetti, que dela cuidará juntamente com Ir. Assunta Gaino. Assim, pela manhã há leite para todas. A Madre, também nesse caso, sabe ser ela mesma. Em casa há as fraquinhas e as doentinhas. E ela desnata uma parte do bom leite para fazer manteiga para os estômagos mais necessitados. A comunidade não perde grande coisa com isso: Caridade e mortificação são observadas, a obediência é salva.

A 1.ª IMAGEM DE MARIA AUXILIADORA EM MORNESE

Lá para fins de abril chega a caixa contendo a esperada imagem de Maria Auxiliadora. Irmãs, postulantes, alunas, estão todas perto ao abri-la, a tirar, com cuidado, a palha da embalagem, disputando sobre quem conseguirá ver em primeiro lugar o rosto de N. Senhora.

Ei-la. Não se pode dizer que seja bela, não, mas que importa? O coração a vê perfeita. Encontra nela toda a grandeza real e a ama, não pelo que é, mas por aquela que representa. Todas juntas escolhem um canto de louvor e, em procissão, a acompanham ao nicho, hoje todo adornado de flores.

A FLORZINHA MAIS BELA

Surge o belo maio que traz sempre um aumento de alegria. A Madre, pedindo-se-lhe uma florzinha, respondeu: "A florzinha mais bela que possa agradar N. Senhora, no seu mês, é renovar-se no espírito, como as plantas na primavera, fazendo com maior atenção e empenho as práticas de piedade diárias, sem acrescentar outra coisa, começando pelo primeiro sinal da Cruz que se faz pela manhã até o último que se faz à noite."

O Diretor sugeriu que, durante a Missa, se cantem as composições musicais de sua autoria, que vai ensinando.

(3) Anexo (Allegato) n. 13.

A SERENATA À AUXILIADORA

A noite, ao invés da leitura, ele mesmo faz uma breve pregação sobre N. Senhora. Dá a bênção e depois, toda a comunidade, se o tempo estiver bom, vai para o pátio junto à imagem e canta um louvor, acompanhado pelo harmônio quase escondido entre as árvores que sombreiam o quiosque. As vezes até as Irmãs fazem um coro junto à imagem. As alunas respondem de uma certa distância e o eco difunde as doces notas pelos vales abaixo, formando uma harmonia comovente.

A novena assume assim particular importância e desperta especial fervor, servindo também de preparação imediata para as afortunadas que, no dia de Maria Auxiliadora, vestirão o santo hábito.

NÃO MAIS COMO FRADEZINHOS

Uma vestição que traz outra novidade. Quando o Pe. Cagliariro vira as Filhas de Maria Auxiliadora com a grosseira gorra preta tinha, como D. Bosco, esboçado um sorriso de quem parece dizer: “Hum! Veremos se permanece!” Quando a encontrou mudada para branco sob um véu negro, tinha dito entre dentes: “Bem . . . assim parece um pouco melhor!” Mas quando, para piorar a situação, a cor marrom, por ação do sol e dos trabalhos se tornou toda riscada e manchada, não foi possível impedir de dizer a D. Bosco com a habitual confiança: “Oh! D. Bosco, se aquelas Irmãs fossem feias por dentro como são feias por fora, pobres de nós! A maior parte das religiosas aqui em Turim vestem preto!” D. Bosco, com um sorriso bonachão e com a aprovação da cabeça que lhe era habitual, respondera: “Poder-se-ia experimentar também isto.”

Pe. Cagliariro tinha contado o fato a Madre Mazzarello que, naturalmente, se prestou à experiência. Sem fazer despesas, impossíveis por agora, escolheu fazer a experiência com a primeira vestição.

Usou para isso o tecido preto dos vestidos recuperáveis de postulantes. Tingiu de preto os vestidos de cor. Com o acréscimo de um pouco de lãzinha dos enxovais mais providos, a Madre conseguiu confeccionar o hábito para as novas noviças.

O VESTIDO BRANCO PARA A VESTIÇÃO

Tendo então tingido todos os melhores hábitos, como fazer para a primeira chegada à igreja?

O Pe. Costamagna diz que muitas Congregações vestem as postulantes todas de branco, para a função e Madre Mazzarello resolve a

dificuldade com suas felizes soluções: “Oh! uma bela saia branca talvez com renda se encontre e também um belo paletozinho de dormir! Um veuzinho branco em cima e a coroa acomodam, depois, cada coisa. De resto, sabe-se que somos pobres e, depois, estamos em Mornese. . . Vamos experimentar!”

UMA TONSURA E UMA PRIMEIRA MISSA (23 de maio)

Grande festa já desde a vigília porque haverá então a tonsura do clérigo Campi e a primeira Missa de Pe. Modesto Davico, vindo de Sampierdarena. À noite, no jardim, diante da querida Nossa Senhora, faz-se uma graciosa iluminação e se soltam foguetes que levam a bela notícia a toda a região e arredores, preparando os corações para a jornada do dia seguinte, que o Diretor quer absolutamente grandiosa.

Pela manhã, durante a Missa, cantos devotos e comunhões também de todas as jovens externas da sala de costura e do oratório.

Depois, a Missa cantada por Pe. Davico. Acompanham-no os magistras acordes que o Diretor desprende do harmônio e o coro das internas e externas, ajudadas e sustentadas pelas vozes de Luiza Arecco e Irmã Maria Grosso.

Impossível, contudo, no meio de tanta alegria, não recordar o Pe. Pestarino, que tinha gozado imensamente da primeira Missa cantada na sua capela. E já se passou um ano.

O HÁBITO PRETO

As doze postulantes vestidas de branco despertam a admiração dos presentes vindos em grande número, por ser domingo. Elas estão bem de verdade. O recolhimento e a felicidade do rosto iluminam também o pobre enfeite. Quando, pois, retornam, vestidas de preto, passa pela multidão um frêmito de comoção e, em seu contido sussurro ouve-se repetir: “Estão melhor assim”.

A função da vestição é feita pelo pároco, Pe. Valle, assistido por Pe. Davico e pelo Diretor, porque a festa de Maria Auxiliadora detém em Valdocco D. Bosco e o Pe. Cagliari. Entre as novas afortunadas que hoje se tornam membros da família de Maria Auxiliadora estão a querida e feliz Maria Belletti, Maria Bacchialoni, também, hoje junto de Marieta Rossi e uma certa Luiza Bagliardi, boa e sensata, mas um tanto misteriosa e triste, da qual D. Bosco repetiu: “Observem-na! Observem-na!” Não falta a jovem protegida de D. Sciandra, Luigina Arecco, decidida a trabalhar proficuamente sua natureza difícil, mas, generosa, para poder corresponder aos cuidados de Madre Mazzarello.

ESPLÊNDIDA REUNIÃO NOTURNA

À noite se repete a cerimônia da vigília, com a subida de balões aerostáticos que levam para o alto as cartinhas escritas pelas filhas à sua Mãe Maria Auxiliadora.

De toda a região acorreram pessoas para ver e será lembrada por algum tempo esta reunião noturna, de festa e de oração.

O TRABALHO DA MADRE SOBRE AS ALMAS

Para Irmã Marieta Rossi até a cerimônia da vestição ofereceu oportunidade de uma vitória sobre si mesma. Vestiu o seu hábito de religiosa com uma saia até o tornozelo e o corpete metade de lã, metade forro. Com o avental curto e de um preto discretamente estampado, sob o belo véu relativamente amplo e novo. Apenas duas horas depois, a Madre a chama e lhe apresenta, em substituição, um pobre véu todo roto e remendado, que lhe chega apenas à metade dos ombros. A noviça não perde com isso nem um pouco de sua alegria. Ao contrário, proporciona muita alegria à Madre.

Mas, a Madre estava segura desta vitória, por ter tido já muitas provas durante o postulado.

A própria Irmã Marieta conta: “Eu devo minha vocação à bondade de Madre Mazzarello. Minhas duas irmãs já eram Irmãs em Mornese e eu já as tinha visto algumas vezes. Um dia, escrevi à Madre se me permitia ir vê-las, recebendo resposta afirmativa, fui até lá com mamãe. No momento de partir, a Madre convidou-me para ficar lá por oito dias. Assim. — dizia-me — se lhe agrada, você poderá ficar, então conosco. Se não, volta para sua casa. Passados os oito dias, cercada da benevolência de todas, a Madre me pergunta:

— Quer ficar?

— De muito boa vontade — respondi eu — sem ter então a menor idéia de me fazer Irmã. Alegre por estar com minhas irmãs, não pensava mais em nada. Mas, não acontecia o mesmo com a Madre que, sem que eu me apercebesse, me observava e, de quando em quando, me dava algumas provas, para ver como eu as suportava. Passaram alguns meses assim e um belo dia a Madre me chamou. Fez-me sentar junto dela nos degraus da escada e me perguntou:

— Está contente de estar aqui?

— Muito!

— Você gostaria de permanecer para sempre?

— Oh! Sim! De boa vontade!

— Pois bem, ouça. Faça-lhe agora o exame de vocação: se a mandasse para uma casa distante, sem as suas irmãs, você iria?

— Sim, senhora, eu iria!

— Então e se... se... se...

— Sim, senhora! respondi sempre a todas as suas propostas, mesmo a algumas de execução difícil.

— Pois bem — foi a conclusão — prepare-se porque também você fará a vestição.

À Madre fora suficiente encontrar-me disposta para tudo.

Irmã Emília Mosca é a mais culta da casa e todos recorrem a ela: ora para uma carta, ora para um conselho sobre o modo de corrigir esta ou aquela jovem. Isto agrada muito a Madre Mazzarello e agrada também a D. Bosco porque apreciam o desejo das Irmãs de progredir. Mas, a atenta Madre superiora (este é o título mais usado depois que houve a eleição de junho p.p.) se pergunta: “Não se deveriam manter um pouco escondidos dotes tão brilhantes?” Por isso mesmo confiando-lhe encargos delicados e mesmo servindo-se dela para a correspondência particular, a Madre não dirige nunca à Irmã Emília palavras de elogio. Não demonstra notar seu valor, a ajuda que lhe dá, as esperanças que desperta. Pelo contrário... não é raro o caso em que, escrita uma carta, murmura: “Não compreendeu o meu pensamento” e por isto faça outra reescrever a carta e chame depois Irmã Emília para copiá-la. Irmã Emília copia, serena, como se não tivesse sido minimamente atingida em seu amor próprio. Isso provoca duas vantagens: um aumento de sua humildade e a edificação comum, já que tudo se passa no canto da sala de costura, onde a presença da Madre é motivo de serenidade e, para todas, é uma constante chamada ao dever de união com Deus.

Irmã Henriqueta, com sua candura e sua sensata atividade, pronta sempre a agradecer a Irmãs e alunas, tornou-se a alma do educandário. Cuida de todas as tarefas necessárias, trabalhando e ensinando e, sem perder-se com bordados e rendas, mantém suas meninas ordenadas, amantes das humildes tarefas domésticas, aptas e desejosas de saberem cortar e costurar a roupa branca pessoal e seus vestidinhos.

Desse modo, espontaneamente, põe em prática a recomendação de D. Bosco de preparar para as famílias e para a Igreja uma juventude trabalhadora, humilde e pura.

Fora da escola, nunca abandona as jovens. Na sala de costura, no refeitório, no recreio, no dormitório... sempre Irmã Henriqueta está com elas, como boa irmã mais velha para com as irmãzinhas. E elas vão, vêm; trabalham, estudam e rezam sem se ocupar de outra coisa senão do próprio dever.

Algumas vezes a Madre chama alguma Irmã, especialmente aquelas que mais encontram dificuldade em assumir a amabilidade, ao mesmo tempo, alegre e respeitosa, que é própria da educadora salesiana e, perto da sala de costura, diz-lhe, com gesto materno: "Olhe como faz Henriqueta". Mas, à Henriqueta, então, sabendo com quem está tratando e o que quer obter dessa sua filha, faz observações até duras e não raro em presença das próprias alunas, reservando-se, depois, dizer a essas e às Irmãs: "Reparem como se aceitam as observações".

UM "POSTULANTE" RECUSADO

Em junho, papai Constantino Sorbone leva o pequeno César para encontrar as quatro irmãs. É um querido menininho que enche de alegria o coração de todos.

No momento de partir não é encontrado: chama-se. Procura-se... e ele é encontrado chorando, escondido no canil. Para surpresa das Irmãs e da Madre, ele declara que não quer mais ir embora, porque também ele "quer tornar-se Irmã".

Não se consegue persuadi-lo. Só a Madre o conseguiu, fazendo-o compreender que um menino não pode ser Irmão e o acalmou com a promessa de interceder junto a D. Bosco para que o receba no Oratório e, ao invés de uma Irmã, faça dele um Padre.

DUAS NOVAS IRMÃS ESTUDANTES EM TURIM

Após um ano de estudo particular, sob orientação do diretor Pe. Costamagna e de Irmã Emília Mosca, nas proximidades dos exames para registro, partem para Turim Irmã Henriqueta Sorbone e Irmã Elisa Roncallo. Vão ao encontro da sorte, como se diz. Mas, ficando com as boas Irmãs de Sant'Ana, sempre tão benevolentes e cheias de caridade para com as pobres filhas de D. Bosco e de Maria Auxiliadora, poderão agora estudar com maior tranqüilidade e ser, talvez, favorecidas além do próprio mérito.

A esperança, todavia, não exclui o temor, diante do qual o próprio D. Bosco, ainda que encorajando, tem expressões tais como: "Quer dizer que se para vocês duas este não é o momento bom, esperearemos tranqüilamente um outro".

PRIMEIRA VISITA DO PE. RUA

O venerando Pai as alegra com a promessa de um retorno seu a Mornese, para os exercícios e comunica, entretanto, que mandará qualquer dia o Pe. Rua.

Nenhuma notícia melhor que esta para ser comunicada logo à Madre.

Pe. Rua chega de fato e na sua qualidade de Prefeito da Congregação Salesiana, se interessa de modo particular pelo andamento material: observa todos os registros, passados, com a morte de Irmã Corina, à Irmã Jandet, coadjuvada pela postulante Adélia David, que tem particular aptidão para esse trabalho.

Pe. Rua observa página por página, bens imóveis, entradas por dotes, por trabalho, por iniciativas. Saídas para alimentação, trabalhos de construção etc. Esboça até o programa para aceitação das postulantes e das alunas.

E, conforme o caso, orienta e corrige. Solicitado também para seu trabalho espiritual, ele confessa, fala às Irmãs, faz algumas vezes uma pregação no lugar da meditação e, à noite, volta à capela para dizer um bom pensamento, após as orações. Como é prática, a sua palavra que cai com eficácia no coração das Irmãs!

GRATAS VISITAS

Durante a permanência do Pe. Rua, chega de Sampierdarena o Diretor Pe. Paulo Albera com Pe. Guanella. Este vem ao encontro da sua pequena colônia de postulantes que, boas e dóceis em sua simplicidade, esforçam-se muito, porém, para acostumar-se. Será devido ao clima ou ao alimento?

Os dois sacerdotes se alternam entre si ao fazer para as Irmãs algumas meditações sobre o Coração de Jesus, ao dar a bênção à noite, ao fazer para a Comunidade, na capela, o pequeno sermão de boa-noite, segundo o costume de D. Bosco em suas casas.

Depois, todos partem. E como não mencionar quanto havia acontecido com sua chegada? Vendo-os suados e cansados, naturalmente o coração da Madre havia feito, espontaneamente, a pergunta: "Que podemos oferecer?" E Pe. Albera, muito tímido e bom: Bem!... talvez um pouco de café?"

Veio o café, o melhor da casa. Não por certo de "Moka", nem de Porto Rico, mas produto dos campos mornesinos: grão de bico e cevada tostados talvez não muito bem. Os dois pobrezinhos tinham

bebido, mas não conseguiram dissimular o esforço necessário ao engolir aquela aguinha quente e escura. Falando sobre isso, depois, com Pe. Rua, repetiu cem vezes, entre o gracejo e a comoção: "Pobre café e pobres filhas"!

UM PASSEIO

O mês de junho terminou com um belo passeio ao santuário da Guarda, em Gavi.

Essa meta não é nova. A devoção da Madre pela Virgem Santa a leva muitas vezes a visitar os santuários. Também nisto é semelhante ao Fundador que, como objetivo de passeio para seus rapazes e de sua primeira visita ao entrar numa cidade qualquer, põe sempre um santuário de Nossa Senhora. A novidade está no fato de que o Diretor se encontra lá em cima para celebrar ali a Santa Missa. Então, o passeio se estende por um dia inteiro, transcorrido entre os montes, com alegres conversas e louvores sacros, enquanto as mãos das mais ativas, como as da Madre, remendam meias e fiam e costuram alguma pequena peça de roupa branca.

AS IRMÃS DE BORGIO S. MARTINHO

Em Borgio, as afortunadas Irmãs receberam a visita de D. Bosco por ocasião da festa de S. Luís. Não pôde estar com as Irmãs, mas celebrou a Missa para elas e, antes de partir, passou para cumprimentá-las. Uma Irmã tinha necessidade de falar-lhe e o havia até dito ao Diretor, mas não lhe fora possível encontrá-lo. D. Bosco, ao vê-la diante de si, leu no seu olhar a dor espiritual que a angustiava. Sem dizer-lhe nada, apenas olhando-a paternalmente, a curou.

"Ao simples olhar de D. Bosco, toda a nuvem se dissipou — declara a Irmã — e acendeu-se em meu coração a paz."

ALGUMA NUVEM NA COMUNIDADE

Contudo, no meio de tanto fervor de orações e obras, não faltam, na comunidade, motivos de inquietação e de incômodo, pelas condições de vida sempre um tanto difíceis.

São pequenos fatos, desaprovações mal encobertas, que não cessam nem mesmo quando se procura trazer alguma melhoria ao alimento comum. A Madre não se perturba e como as meias palavras, os conselhos sussurrados em tom de superioridade intelectual parecem vir especialmente de Maria Bacchialoni, senhora instruída e co-

nhecadora dos costumes do mundo, ela crê que na verdade D. Bosco tenha mandado essa velha senhora para fazê-la Superiora e, quanto pode, sem faltar à regra, procura secundá-la.

Também as duas Irmãs Arecco: Felicita, professora e Maria, ainda noviça, espalham um certo mal-estar em casa. Põem defeitos e falhas nas determinações da Superiora e tendem a insinuar descontentamento em toda oportunidade. As Irmãs mais sérias e maduras não se deixam suggestionar, mas alguma, menos segura, sim.

A AVE MARIA PELA PAZ EM CASA

É preciso recorrer aos remédios e, antes de tudo, implorá-los do céu.

Por isso a Madre, ouvindo do Diretor que D. Bosco, em casos semelhantes, tinha determinado a toda a comunidade rezar uma Ave Maria pela paz em casa, se decide por esse importante acréscimo às orações quotidianas. N. Senhora, como verdadeira Superiora, proverá.

Por sua vez, a Madre não deixa de falar da necessidade de serem humildes e submissas. Lembra-o sobretudo na conferência dominical, a que é pontualíssima e durante a qual deseja que cada uma diga com liberdade o que lhe parece útil à casa e às almas.

O SERMÃOZINHO DE BOA-NOITE NO JARDIM

Além disso começa a tornar-se mais regular o sermãozinho de boa-noite para a comunidade reunida, antes de entrar na capela para as orações. Para os sacerdotes, ao contrário, até agora era costume dar a boa-noite na capela, ao término das orações..

Agora que o tempo está bom, uma vez lavada a louça e feito o recreio, reúne todas as Irmãs à sua volta, diante da Auxiliadora do bosquezinho. Nesse momento dá os avisos eventuais para o dia seguinte. Recorda algum benfeitor pelo qual rezar. Fala das necessidades mais urgentes. Recomenda este ou aquele ponto sobre o qual a comunidade está particularmente atenta. Insiste sobre tudo na preparação devota para a santa comunhão, na correspondência à graça da vocação e no desejo, que deve animar cada Filha de Maria Auxiliadora, de tornar-se cada dia mais apta ao desempenho de sua missão junto à juventude.

HUMILHAÇÃO EVITADA

Peela metade de julho, inesperadas, voltam para casa Ir. Henriqueta e Ir. Elisa, pesarosas pelo fracasso da tentativa, mas serenas.

— Oh! Vocês aqui? Como? Vieram com um belo fiasco ou com a palma da vitória?

As duas se apressam a contar em presença do círculo festivo que as rodeia.

— Perdoe-nos, Madre — começa a humilde Ir. Henriqueta — após ter feito todo o possível para confortá-la com dois novos registros para a Escola...

— D. Bosco — continua Ir. Elisa, para dar tempo à primeira de enxugar uma grande lágrima — mandou o professor Dogliani dizer-nos que não nos apresentássemos aos exames porque a comissão não estava disposta a aprovar-nos.

— E assim, conclui a Madre, D. Bosco lhes evitou uma humilhação. Oh! que bom pai é D. Bosco para nós! Vocês foram ao menos agradecer-lhe?

— Oh!, sim, sim! E nos repetiu que estava alegre. Que tudo vem para o melhor e, ao entregar-nos esse envelope para o Diretor, nos disse: “Nós nos veremos em breve.”⁽⁴⁾

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

D. Bosco escreveu ao Diretor para preparar bem as Irmãs para os exercícios espirituais e convidar muitas senhoras e disse o nome dos pregadores designados.

O Diretor Geral chega dia 21 de agosto com Pe. Emiliano, carmelita, e se iniciam os exercícios.

Estão presentes também as Irmãs de Borgo S. Martinho e muitas senhoras.

DOM BOSCO ANUNCIA OS VOTOS PERPÉTUOS

No último dia vem também D. Bosco e, sempre Pai, recebe em confissão e em conversa particular todas as que se apresentam. Depois dá uma grande notícia. Diz que a regra manuscrita não fala ainda sobre isso, mas que é intenção da Igreja que as Irmãs, após um triênio ou dois de prova, se entreguem a Deus com os votos perpétuos. Ora, tendo transcorrido um triênio para as primeiras professoras, no final destes exercícios, com a função das vestições e profissões, acontecerão também os votos perpétuos, para as que os dese-

(4) Do testemunho de Ir. Elisa Roncallo, Ir. Henriqueta e Ir. Carolina Sorbone (Arq. Geral FMA).

jarem e que as Superiores considerem poder admitir. As outras poderão renovar os votos, se bem que algumas...

Compreende-se que o Fundador tem conhecimento de qualquer dificuldade que há na casa, e pretende fazer compreender o valor da vida religiosa, dos sagrados votos e da autoridade.

As Irmãs trienais vão a ele para pedir para serem admitidas aos votos perpétuos e com Madre Petronila, ele, tendo dado o seu parecer, conclui: "Mas é preciso que escutem a sua Madre Superiora."

No sábado, 28 de agosto, o próprio D. Bosco, assistido pelo Padre Emiliano e por seus dois filhos, Pe. João Cagliero e Pe. Tiago Costamagna, cumpre a bela função. Entrega o hábito, preto também desta vez, a quinze postulantes, entre as quais Adélia David, Teresinha Mazzarello da qual o Pe. Cagliero lembra a comovente prontidão em obedecer. No grupo estava também Madalena Martini, já conhecida de D. Bosco e que possuía a preciosa carta autografada a que nos referimos:

Dileta filha em Jesus Cristo,

a vossa ida para Mornese deu tal bofetada no mundo que ele mandou o inimigo das nossas almas inquietar-vos. Mas vós escutastes a voz de Deus, que vos chama para salvar-vos por um caminho fácil e plano e desprezastes qualquer sugestão contrária. Antes, ficai contente pelas perturbações, pelas inquietações que experimentais, porque o caminho da cruz é o que conduz a Deus. Ao contrário, se ficásseis logo alegre e satisfeita, deveríeis temer algum engano do inimigo. Portanto, recordai-vos:

- 1.º Não se alcança a glória a não ser com grande esforço.
- 2.º Não estamos sós, mas Jesus está conosco e S. Paulo diz que com a ajuda de Deus, nos tornamos onipotentes.
- 3.º Quem abandona pátria, pais e amigos e segue o Divino Mestre assegurou um tesouro no céu, que ninguém poderá roubar.
- 4.º O grande prêmio preparado no céu deve animar-nos a tolerar qualquer sofrimento na terra.

Tende, pois, ânimo: Jesus está convosco. Quando tiverdes espinhos, colocai-os com os da coroa de Jesus. Eu vos recomendo a Deus na Santa Missa. Rezai também por mim, que sou sempre em Jesus Cristo vosso

humílimo servidor

Sac. João Bosco (5)

(5) Original no Arquivo Centr. Salesiano.

PRIMEIRAS PROFISSÕES PERPÉTUAS OUTRAS PROFISSÕES TEMPORÂNEAS

Após as vestições, quatorze profissões. É comovente ouvir a alegria que vibra de comoção na voz de Ir. Catarina Daghero, feliz agora por ter seguido o chamado do bom Deus. Seguem-se os votos perpétuos a que são admitidas nove das onze primeiras: faltam Ir. Ângela Jandet, que os renova, e Ir. Felicita Arecco, que não é mais readmitida. Àquelas se juntam a Mestra das Noviças, Ir. Maria Grosso, da primeira vestição, Ir. Virgínia Magone, Ir. Teresa Mazzarello, Ir. Emília Mosca, Ir. Henriqueta Sorbone, da segunda.

As Irmãs deste segundo grupo não completaram o primeiro triênio, mas Ir. Grosso é Mestra das Noviças, Ir. Emília Mosca e Ir. Henriqueta Sorbone desempenham ofícios muito importantes. Gozam de ascendência moral e ajudam as Superiores. As outras duas são tão exemplares... e, por outro lado, o Instituto tem tanta necessidade de membros absolutamente seus que D. Bosco acredita poder admiti-las, por exceção.

Madre Mazzarello está feliz. Há muitos anos está consagrada a Deus por voto perpétuo, mas proclamá-lo assim na comunidade, parece tornar mais estreito e mais sagrado o vínculo, mais perfeito o dom de si.

AS “LEMBRANÇAS” DE DOM BOSCO

Quando o eco do canto, através das janelas abertas, diz aos vizinhos mais próximos que a Auxiliadora conta com um belo número de novas filhas, o Fundador faz seu discurso, que é o selo ao mesmo tempo dos santos exercícios e da cara função.

Fala do grande dom da paz, concluindo que, para estar em paz com Deus e com o próximo, é preciso primeiro estar em paz consigo mesmo. Para consegui-lo exorta a não esperar um determinado dia ou momento de maior agitação ou necessidade para pedir um conselho, fazer uma advertência, manifestar uma dor. Mas é necessário que as Superiores para com as súditas, estas para com as Superiores e as Irmãs entre si, digam vez por vez as coisas, com respeito, calma e serenidade.

PALAVRAS DO FUNDADOR SOBRE A CLAUSURA

Antes de partir, reúne toda a comunidade — como já fez outras vezes nestes dias — e diz que lhe parece chegado o tempo de recomendar a observância da clausura.

“Até agora temos andado à vontade em relação à clausura, porque vocês eram mais uma família que uma comunidade, em todos os sentidos, e tinha-se que pensar em pedreiros, etc. Mas agora já é tempo de nos regularizarmos também quanto a este ponto. E depois, com toda a juventude que vocês já têm em casa e mais aquela que logo terão, é preciso que a porta externa permaneça fechada sempre e que haja uma Irmã encarregada das chaves e de receber as pessoas de fora que venham para falar.

Nos mosteiros de clausura não entra ninguém sem uma necessidade extraordinária e autorização. Até mesmo quando entra o confessor para alguma doente, precede-o uma Irmã tocando a sineta. Vocês não estão obrigadas à clausura monástica. Devem estar sempre em contato com a juventude e também mesmo com outras pessoas de fora. Mas é bom que nos aposentos reservados às Irmãs, como dizem as constituições, não sejam introduzidas pessoas estranhas sem verdadeira necessidade e sem uma Irmã que as acompanhe.

Que ninguém saia só, por nenhum motivo: e não permaneça fora quando anoitecer. Soando a Ave Maria da tarde, não se receba mais ninguém em casa.

As que estiveram em Borgo S. Martinho viram que, para mandar o necessário da cozinha ao refeitório dos Superiores e dos rapazes e também do cômodo da rouparia para os encarregados da distribuição, existe o que se chama “roda” de modo que a Irmã pode atender a todos sem necessidade de ver, nem de ser vista.

Em Mornese, por enquanto, não há roda para o serviço aos sacerdotes, se bem que, como há tempos eu disse ao clérigo Campi, também aqui, com o tempo, será preciso talvez colocá-la. No entanto, porém, será preciso ficarem atentas e observar, também nisto, a clausura, que significa fechamento, separação.

As constituições dizem ainda que as Irmãs não freqüentarão as casas dos senhores párocos nem de outros sacerdotes, nem aí prestarão serviço. Não estão ainda neste caso, mas quando se apresentarem... Façamos como está escrito nas regras: a regra é a voz de Deus.”

D. Bosco não desaprova o novo hábito preto, e lembrando as razões apresentadas pelo Pe. Cagliro e pela Madre em Turim, acrescenta: “Sim. Façam-nos mesmo pretos, à medida em que puderem, sem grandes despesas. As Irmãs que não estão em contato com as pessoas externas podem usar seu hábito de cor marrom.

Devemos querer, sim, a igualdade de hábito, mas aqui se trata de dever fazer as contas com a senhora pobreza. Depois, pouco a pouco todas da mesma cor. . . está bem?" (6)

DOM BOSCO EM OVADA REVÊ AS REGRAS PARA AS FMA.

Dom Bosco parte com o Diretor Geral e o local. Ficará alguns dias em Ovada para as festas centenárias de S. Paulo da Cruz, levando Pe. Costamagna para trabalhar com ele na revisão das regras do Instituto, para aprovação do Bispo Diocesano.

De retorno a Mornese, o Diretor Pe. Costamagna diz às Irmãs ter estado em Ovada nos dias 29, 30 e 31 com Dom Bosco, hóspedes do Pe. Tito Borgatta. Queria que todas vissem como D. Bosco ocupou o tempo, quase sempre para elas. "Aproveitando o tempo em que o povo se dirigia diretamente para os novos Bispos presentes para as grandes festas centenárias de S. Paulo da Cruz, enquanto em casa gozávamos de uma grande quietude, o bom Pai, terminadas as suas práticas na Igreja, trabalhou incansavelmente na revisão de regras das Irmãs.

Eu as lia devagar para ele, artigo por artigo. Ele corrigia. Ampliava. Acrescentava. . . e eu depois relia o artigo como ele o havia refeito. Agora as regras de vocês correspondem até mais do que antes, ao espírito salesiano." (7)

TAMBÉM ANGIOLINA SORBONE CONQUISTADA PELA BONDADE DA MADRE

Outubro nos traz a quinta irmã Sorbone.

Angiolina Sorbone era a mais indisposta contra sua Henriqueta que, deixando a casa e arrastando ainda a irmã Carolina, a tinha obrigado não só a assumir a chefia da família, mas também a abandonar com isto a sempre acalentada esperança de estudar. Nunca havia querido ir a Mornese para dizer-lhe toda a mágoa, apesar dos repetidos convites das irmãs e até da Madre. Mas, ao final, interpôs-se o próprio pároco de Rosignano com sua autoridade e Angiolina se decidiu por uma visita de alguns dias. Visto que podia alegrar plenamente as irmãs, permaneceu mais do que pensava. Verdadeiramente encontrou tanta bondade! A Madre dispôs que Ir. Henriqueta fosse

(6) Do testemunho de Ir. Juliana Prevosto (*in* Arq. Geral FMA).

(7) Do testemunho de D. Tiago Costamagna, Turim, 3 de dezembro de 1910 (original no Arq. Geral FMA).

sua companheira de quarto e lhe fizesse todas as demonstrações de fraterno afeto para tirar-lhe a dúvida de ser menos amada e de que fazer-se religiosa traga consigo o desamor pelos parentes.

Vendo a Ir. Carolina dedicada aos estudos e sabendo por ela mesma que fariam estudar também a ela, se quisesse um dia ser professora, compreende que o Instituto, antes de contrariar ou romper as boas inclinações, as reforça, educando-as e orientando-as para o apostolado. Agora está decidida a escutar a chamada interior e aceitar o materno convite de Madre Mazzarello e pede para ser postulante.

Assim, as cinco Sorbone estão todas sob o manto de N. Senhora e Ir. Henriqueta goza intimamente por causa disso.

NOVEMBRO: PARTIDA DO PE. CAGLIERO PARA A AMÉRICA

Em novembro toma-se parte nas funções em sufrágio dos mortos e na visita ao cemitério. Já ali repousam caros membros da família do colégio e, se dependesse da Madre, de boa vontade o visitaria com freqüência — até mesmo toda semana — para rezar sobre os túmulos amados e para colocar uma flor de gratidão especial sobre o do Pe. Pestarino. Mas o cemitério fica comumente fechado.

Para aumentar a tristeza dos corações na comunidade, acrescenta-se a inesperada partida do Pe. Cagliero para a América.

Faltando à primeira expedição missionária o chefe designado, D. Bosco está naturalmente em grande dificuldade para achar um outro, em tão pouco tempo. Isso não passa despercebido ao Pe. Cagliero que, com sua característica generosidade, se oferece a D. Bosco e é aceito. É um verdadeiro sacrifício para o bom Pai que se vê sem o seu braço direito.

No entanto, pela limitação do tempo, é impossível saudar as Filhas de Mornese antes da partida e quando a notícia chega até elas, o bom Diretor já atravessa o Oceano.

POR CAUSA DA BACCHIALONI, A MADRE EM BORGIO E EM TURIM

Quem sente a dor mais do que qualquer outra é a Madre que, mais do que todas, experimentou seu eficaz apoio moral e tem sobre os ombros a dificuldade do momento.

A Bacchialoni não se modifica mesmo. Procura atrair para suas idéias qualquer “cabecinha”, e, não tendo o apoio de quem lho pode dar, quer ir a Borgio S. Martinho, na esperança de ali encontrar

D. Bosco, por ocasião da habitual festa de S. Carlos. Vai a Borgo e de lá retorna com piores disposições.

“Convém decidir — diz Pe. Costamagna — se vamos também nós a D. Bosco. Não o encontrando em Borgo, iremos até Turim e obteremos o duplo objetivo, de alegrar aquelas Irmãs e de voltar aqui para fazer o que seja preciso fazer...”

A Madre aceita e volta com a palavra do Superior: “As que eu envio a Mornese, envio para obedecer, não para mandar.”

OS PEDREIROS SE VÃO

Dezembro traz uma liberação. Os pedreiros que, se se pode dizer, desde 64 em diante não haviam deixado quase nunca de trabalhar, terminaram e se foram embora.

Há agradecimentos recíprocos, mas as mais contentes são as Irmãs. Eles vinham de boa vontade ao colégio, onde tinham terminado o muro do pátio à meia-noite, o arco de entrada, a parte da capela para uso das alunas, o refeitório contíguo à sacristia, as escadas e dois andares superiores. Com eles trabalharam sempre, fazendo-se de ajudantes, algumas Irmãs e delas o mestre de obras fazia um dia o elogio ao Diretor:

— Nunca vi Irmãs como estas que a Madre nos manda. Se pudessem ver!

— Que fazem?

— Se se pergunta: “Como se chama? De onde vem? Gosta de estar aqui?” ou fazem de conta que não ouviram ou respondem com um sorrizinho que não diz nada. Mas se pedimos pedra, tijolos, água, parece que voam, tão ligeiras são em obedecer. Nunca havíamos visto gente igual. Nunca falam. Nunca olham ao redor. Nunca sabem nada do que acontece dentro e fora, mas trabalham todo o dia como se não experimentassem o cansaço.

Verdadeiramente as Irmãs incumbidas destes trabalhos eram exemplares pela virtude e também pela energia física e de vontade: Ir. Assunta Gaino, Ir. Ângela Denegri e Ir. Ângela Rossi.

É um alívio acharem-se livres dos pedreiros: agora será mais fácil também a clausura, como recomendou D. Bosco.

FESTA DA IMACULADA PADRE RUA DIRETOR GERAL

A festa da Imaculada também este ano se torna solene com profissões e vestições, mas será adiada. O Diretor começa, no dia 9 de

dezembro, os exercícios espirituais que servirão de preparação imediata para as novas religiosas. O calor de sua palavra é tão comunicativo que Irmãs, postulantes e até as alunas esperam a celebração final com santa impaciência.

Pe. Rua chega no dia 10 e visita a casa. Ouve as Irmãs. Informa-se de tudo. Compreende-se que ele substitui, junto ao Instituto o Diretor Geral distante.

O domingo 12 é verdadeiramente belo, com ótima música, ensinada e dirigida pelo Diretor Pe. Costamagna, que acompanha a Missa com o harmônio.

Pe. Rua, em nome de D. Bosco, assistido pelo Diretor preside as funções para as 15 vestições, entre as quais a da primeira aluna do colégio, Joana Borgna (nascida em Buenos Aires) e as 6 profissões trienais, entre as quais Ir. Rosália Pestarino.

Após haver falado da Imaculada, Pe. Rua termina recomendando às Irmãs serem as virgens prudentes que vão todas agora ao encontro do esposo celeste com a observância exata e amorosa de todos os deveres próprios, com a separação do mundo e com o pensamento na morte como em dia de entrada na eternidade celeste.

UMA SAÍDA

Não se atenuam, porém, as murmurações das Arecco. Nem valem todas as atenções cuidadosas da Madre para com as duas pobres Irmãs para fazê-las agir com a razão. Uma é professa: que se dirá em Mornese no caso de uma saída?

No dia 21, enquanto a comunidade está a passeio, Maria Arecco tira o santo hábito e volta para casa, caridosamente provida de um pouco de tudo, para as primeiras necessidades.

PRIMEIRA MISSA DO PADRE CAMPI PRIMEIRA COMUNHÃO NO NATAL

Para distrair os ânimos das dolorosas reflexões, sobrevêm os preparativos para a primeira Missa de Pe. José Campi e para cinco primeiras comunhões de alunas.

As duas alunas Maria e Eulália Bosco escrevem aos pais no dia 22 de dezembro: "...Felizes de nós porque se aproxima o Santo Natal. Que consolação experimenta o nosso coração ao recordar o nascimento do Menino Jesus. Oh! feliz dia! Agora iremos ao Menino querido e ali, prostradas a seus pezinhos, daremos vazão a nosso

coração. Pediremos graças para nosso papai, nossa mamãe, irmãs, irmão, todos, enfim. Nosso querido Menino Jesus é tão gracioso que não sabe negar nada, por isso esperamos que queira aceitar os nossos votos. Pedir-lhe-emos ainda que nos faça crescer de virtude em virtude, para que sejamos a vossa consolação. Dir-lhe-emos, portanto, que vos dê longa vida e vos cumule de felicidade.”

No dia de Natal Ir. Henriqueta inventa uma gentil novidade: as alunas passam pela igreja para ler cada uma, uma promessa a ser colocada sob os pezinhos de Jesus, para que Ele a abençoe e lhe conceda poder praticar tudo no ano seguinte.

A promessa se refere ao defeito no qual cada uma cai mais frequentemente e as filhinhas a fazem com seriedade e amor.

As Irmãs ficam um pouco mortificadas ao ver que as jovens as precederam em uma prática tão útil e o Diretor diz, sério: “Oh! bem! Se vocês não fizeram hoje, poderão fazê-la uma outra vez. No fim do ano, por exemplo. Sim, preparem-se. Fá-la-emos no final do ano: postulantes, noviças e Irmãs!

Depois, ensina e faz cantar a ardente jaculatória:

“Menino Jesus, Esposo de amor,
Ah! vem repousar no meu coração;
e dá-me tanto amor, querido Menino,
que de amor me consuma perto de ti!”

TAMBÉM A SEGUNDA DAS ARECCO

O divino Menino aprecia a aspiração comum e procura afastar quem poderia ainda ser obstáculo à paz da comunidade. No dia 27 também Felicina Arecco deixa o Instituto e se une à irmã Maria.

As duas irmãs, em luta com a própria consciência, recorrem à prima, professora Maccagno, Priora das Novas Ursulinas. Mas esta, ofendida com sua conduta, não as recebe. Ao contrário, fá-las sentir toda a responsabilidade da vocação traída e fá-las advertir que não serão recebidas nem na casa da Imaculada. ⁽⁸⁾

As duas virgens imprudentes são agora hóspedes, provisoriamente, de uma antiga companheira.

(8) Após a morte de Pe. Pestarino a casa da Imaculada ficou por testamento legal e por testamento fiduciário para a Maccagno, como a primeira concorrente, mas com a cláusula de que, com sua morte, passe a uma outra Ursulina e desta a outra, até que apareça uma que a queira habitar. Após isso, não sendo de propriedade particular de nenhuma Ursulina, pode ser destinada para benefício comum de Mornese.

O corte de um membro doente é a salvação do resto do organismo, e retorno das forças. Mas a operação é dolorosa, e no colégio não se sofreu tanto quando se chorava sobre um túmulo querido.

O ANO TERMINA BEM

O ano assinalou um aumento notável de postulantes e de alunas. Também o Oratório está com maior exuberância de vida. O canto cultivado pelo Diretor e as festas sempre mais solenes atraem solidamente a juventude. As Irmãs se alegram com isso e Ir. Elisa Roncallo, que fez a profissão no dia 28 de agosto p. passado, não demora em escrever alegremente à sua mãe.

Viva Jesus Menino!

Querida Mãe,

... a nossa comunidade querida vai sempre aumentando. Já somos 120 ou mais, sem contar 13 Irmãs que os Superiores mandaram para Borgo S. Martinho para fundar uma nova casa. Nos próximos meses serão fundadas outras duas: uma em Turim e outra perto de Ventimiglia. Provavelmente, em poucos meses uma terceira em Alassio...

UMA CARTA DA MADRE PARA O PE. CAGLIERO

Também a carta de Madre Mazzarello ao Pe. Cagliari e um bilhete do Pe. Costamagna fornecem preciosas informações sobre o clima da casa de Nossa Senhora em Mornese, ao término do ano.

“Viva o Menino Jesus! E quem o ama! Em qualquer lugar onde se encontre! Reverendo Senhor Diretor Geral e meu bom Pai.

Se estivesse um tanto mais perto, desejar-lhe-ia boas festas, mas no Novo Mundo!... quando lhe chegarem os votos de Mornese, o Natal estará quase esquecido. Isto, porém, não nos impede de fazê-los do mesmo modo e, se fosse possível, ainda mais calorosos. Oh!, sim, queira Jesus Menino abençoar seus sacrifícios e seu cansaço com tais bênçãos, que seu ingresso no céu (e esperamos que isso não aconteça senão em idade tardia) seja acompanhado de milhares de almas salvas pelo senhor. Não somente nestes dias de graça, mas todos os dias, fazemos votos ao Senhor pelos nossos Irmãos Missionários e de modo especial pelo rápido retorno de nosso bom Pai.

Já nos parece um século que não o vemos e que não recebemos suas cartas. Cada dia nós o seguimos em sua viagem, sobre o mapa mundi e o localizávamos ora aqui, ora ali, sobre as águas. Agora, porém,

cremos que com a ajuda de Deus, terá chegado felizmente ao porto, e esperamos uma carta sua, longa, longuíssima, na qual nos dê informações sobre sua viagem, sobre como se encontram nesse lugar, etc., etc. e sobre quando para aí irão as Filhas de Maria Auxiliadora. Escreva-nos, também, dizendo se não lhe parece estranho celebrar as festas Natalinas e começar o ano no verão! A mim me parece que não sejam tão belas essas festas em tal estação, será verdade? A neve que cobre nossos campos, o silêncio que reina por toda parte dão uma clara idéia do Deus Menino que jaz num estábulo, abandonado por todos, tremendo de frio. Com tudo isso, porém, se Deus quisesse que qualquer de nós fosse celebrar o nascimento de Jesus nesse longínquo país que se chama América, iríamos todas de boa vontade.

Agora passo a dar-lhe notícias da casa: algumas são consoladoras, outras tristes. Começemos pelas alegres: no primeiro domingo após a festa da Imaculada, o Revmo. Sr. Pe. Rua dignou-se vir até aqui e entregou o hábito a 15 postulantes que são: Beatriz di Pocapaglia (única sobrevivente); Maria e Luiza (de Alessandria); Celestina Riva, Justina de Mornese; Úrsula Orlandi, Lúcia e Lucrécia de Caramagna; Vicentina, de S. Margarida; Joana Borgna, Mina, Luiza, de Lu; Carmela de Ovada; Domingas Roletti, ainda de Caramagna. No mesmo dia houve também seis profissões que foram: Ir. Rosália pecadora (sou eu que escrevo), Ir. Tamietti, Ir. Clara, Ir. Nasi, Ir. Luiza, de Valença, e Ir. Josefina.

Vamos às tristes: poucos dias após a vestições houve saídas: Ir. Angela Bacchialoni foi a primeira. No dia 14 de dezembro partiu com Pe. Rua para Turim. Terça-feira 21 do corrente, depunha o santo hábito e retornava à própria casa Ir. Maria Arecco. Ir. Felice está ainda aqui, mas antes de terminar o ano irá embora com a irmã e depois para o Cottolengo, se a quiserem aceitar. Tudo isso, porém, vem sendo feito tranqüilamente e sem perturbação. As duas primeiras foram pacificamente e a terceira está disposta a fazer o mesmo. Eis o que diz respeito a deposições de hábito.

Como Jesus Menino nos ama muito, além dos fatos acima referidos, permitiu a enfermidade grave de duas Irmãs: uma é Ir. Teresa Laurantoni que há um mês se encontra de cama e piora a cada dia. Terça-feira, 21 do corrente, lhe foram ministrados os Santos Óleos.

A outra é Ir. Cassini, cujo estado é muito grave. Porém, para essa há ainda um pouco de esperança, enquanto para a primeira estamos a cada dia esperando que Jesus e Maria venham buscá-la. Todas duas estão entregues à vontade do Senhor e aceitam morrer de boa vontade. Têm razão de estar contentes e quem não o estaria? Prepa-

radas como estão e, por conseguinte, certas do Paraíso; quem temeria morrer? A única coisa que lhes dá pena é de não terem amado por mais tempo o Senhor. Tenha a bondade de recordá-las na Missa.

Há poucos dias me aconteceu um milagre: fiquei surda de tal modo que por mais que me aproximasse do Altar não podia entender nada da pregação sobre o Menino. Aflita demais por me ver privada dessa consolação, pedi ao Sr. Diretor que me quisesse dar uma bênção. Apenas a recebi fiquei livre do incômodo e pude ouvir todas as prédicas. Queira também o senhor agradecer a Jesus Menino por mim.

Comecei esta carta antes das festas do Santo Natal. Faltando-me tempo para continuá-la, termino-a agora quando as festas já acabaram. Asseguro-lhe que elas não poderiam ter sido mais queridas. A primeira Missa da meia-noite foi cantada e celebrada por Pe. José Campi. Cinco alunas tiveram a felicidade de fazer sua primeira Comunhão. Oh! quantas coisas dissemos naquela querida noite a Jesus Menino e é inútil acrescentar que todas pedimos suas bênçãos mais especiais pelo senhor e pelos nossos pequenos irmãos missionários.

No dia de S. João, Ir. Felice depôs o santo hábito e abandonou a Congregação. Outras novidades não há, a não ser que temos duas postulantes de Castelnuovo: uma é irmã do pobre Pe. Cagliero, a outra é Clotilde Turco.

Esqueci de dizer-lhe que a doença de Ir. Cassini é uma febre gástrica. Parece que está melhorando. A de Ir. Teresa, os médicos não sabem definir. Há dois meses começou a sair sangue pelo nariz várias vezes por dia, até que ficou totalmente sem forças, de modo a permanecer já há um mês, em seu leito, como um corpo inanimado.

Exceto essas duas, as outras estão todas bem fisicamente. Espiritualmente espero que estejam também. Nestes dias Jesus Menino acendeu o fogo e tenho fé que Ele o manterá. No entanto, o senhor se recorde algumas vezes de que há cerca de uma centena de Filhas em uma certa região chamada Mornese e que entre estas há alguma (especialmente a que escreve) um tanto "mazinha". E quando o obediéntíssimo Jesus descer em suas mãos, diga-lhe uma daquelas palavras que obtêm todas as coisas. Especialmente, suplique-lhe que nesta casa não seja Ele ofendido nem levemente, se possível.

Enquanto eu escrevo, V.S. talvez esteja na cama, já que aqui são dez da noite. As alunas, ouvindo isso, riem e querem que eu escreva alguma coisa por elas. Primeiro lhe direi que elas são vinte e cinco: boas como não se pode imaginar, isto é, querem sê-lo, por

isso também elas se recomendam às suas orações, prometendo-lhe não esquecê-lo nas suas. Preparem uma casa bem grande para nós, já que muitas alunas querem tornar-se missionárias.

Agora uma notícia: ouvindo falar da grande bondade do Sumo Pontífice, escrevemos-lhe para desejar-lhe boas festas natalinas.

Tenha a bondade de enviar-nos logo os livros espanhóis a fim de que possamos estudar e estar preparadas para a primeira chamada. Queria poder enviar-lhe um pouco de frio que temos abundantemente, mas, não podendo, esperamos que o senhor nos envie pelo Anjo da Guarda muito calor, daquele que espalha o Menino Jesus.

Escreva-nos logo. Venha depressa. Não nos esqueça nunca em suas orações. Aceite nossas respeitadas saudações e as participe a todos os pequenos missionários e me creia no S.Coração de Jesus, de V. S. Revma.

humílima filha
em Jesus e Maria.

Irmã Maria ⁽⁹⁾

Mornese, casa de M.A., 29 de dezembro de 1875

Na sua natural simplicidade, a alma de Madre Mazzarello revela o tesouro de amor que a abraça.

Filha de D. Bosco, ela sentiu a necessidade de apresentar ao Santo Padre os votos natalinos, espontânea expressão da devoção de toda a comunidade.

A Madre arde de zelo pela propagação da fé em terras distantes, onde Deus não é conhecido e não é amado. Quer que suas filhas se entusiasmem igualmente e se tornem solícitamente capazes de trabalhar nesta obra de santa propaganda. Está convencida de que a linguagem é o meio primeiro de comunicação; o que justifica seu pedido de livros espanhóis.

Quem são aqueles pequenos missionários a quem envia suas saudações? Talvez filhos de emigrantes italianos que, conhecendo um pouco a língua italiana e também um pouco de castelhano, podiam comunicar-se com as crianças e jovens do local. Nota-se de sua parte um delicado interesse e uma expressão de gratidão por quantos, pequenos ou grandes, cooperam na expansão do Reino de Deus!

A propósito desta carta, Ir. Rosália Pestarino recorda que, como de outras vezes, a escrevia enquanto a Madre ditava. "... Como de costume, a Madre, não podendo escrever durante o dia, também no

(9) Original Arq. Centr. Sales.

outro dia, teve que chamar-me à noite. Não se podia demorar mais em escrever ao Pe. Cagliero. E escrever uma bela carta que lhe fizesse pensar que ainda não nos havia deixado. Eu tinha muito sono e fazia muito frio. Ao fim de dezembro, não se brinca... Digo-o à Madre, e ela: "faça deste modo: tire os sapatos, sente-se sobre meu travesseiro e coloque as pernas na cama. Verá que se esquentará um pouco. Fiz isso mesmo e a carta foi até o fim."

ESCREVE TAMBÉM O PE. COSTAMAGNA

Antes de partir, a carta foi anotada pelo Diretor.

Caríssimo Pe. Cagliero,

Recebemos as boas notícias da feliz viagem e da Missa celebrada e das pregações improvisadas por V. Revma., para a multidão sob o manto do céu, mas restam-nos talvez milhares de coisas para saber e nós vivemos aqui sempre ansiosos na expectativa. Oh! se um portavoç se estendesse daqui até aí. Oh! Se pudéssemos elevar-nos acima das nuvens para ver os nossos caríssimos confrades!

Estaria mentindo se dissesse que algum dia o esquecemos nas orações. Venha logo!

Venha logo! Aqui em casa tudo caminha bem e escorre como óleo, tal é o calor do amor de Deus que se derramou nas santas Festas Natalinas. As notícias principais se reduzem a estas: vestições 15 — profissões 6 — deposições de hábito 3. A Bacchialoni me fez passar alguns dias difíceis... tinha uma soberba de serpente que não se pode explicar. Imagine só, não quero dizer nada. Deo gratias! In saecula saeculorum! Pe. Campi celebrou Missa. Ir. Rosália está mudada e me dá grandes consolações. Que Deus a conserve sempre assim.

Logo será aberta a casa de Turim: Diretora, Ir. Elisa; Professoras, Ir. Rosália e Ir. David. Para Bordighera vai Pe. Cibrario (mais tarde), Ir. Ursula, de Caramagna e Ir. Daghero de Cumiana. Para Alassio não foi ainda ninguém. As duas doentes parecem estar melhores.

Agora eu deveria usar quatro folhas para descrever a comoção das filhas ao ouvirem novidades da partida, trazidas até nós pelos jornais. Assim também para a quantidade de todas as vivas saudações que todas lhe mandam, desde a Superiora até *Cinina*; do pároco a Tognin, Pe. Campi, Cravvero, Pe. José, etc. etc. Parece-nos que devemos receber todo dia uma carta de Buenos Aires, que nos diga tantas coisas... e nos prometa voltar logo.

N.B. — O correio parte. Aquela pessoa, Ângela Poggio, de Veneza, que o senhor me recomendou, não pude vê-la, não obstante três cartas que lhe escrevi. Agora estou esperando a resposta da terceira. Teve complicações de família. Escrever-lhe-ei mais tarde a respeito do mesmo assunto, se quiser.

Faça-me a caridade de saudar a todos, todos... Que escrevam. O bom Jesus o abençoe a cada momento.

Seu irmão

Pe. T. Costamagna

ANO DE 1876

**DECRETO DE APROVAÇÃO DAS CONSTITUIÇÕES
“AD EXPERIMENTUM”**

O trabalho do Fundador em Ovada trouxe seus frutos, já que as constituições, com os últimos preciosos retoques paternos e com o humílimo pedido para a sua aprovação, obtiveram um decreto que alegria toda a comunidade de Mornese.

O decreto traz a data de 23 de janeiro ⁽¹⁾.

O Diretor, ao receber notícia e cópia, fez comentários que entusiasmaram a todos.

“O Bispo — diz — aprova as constituições do Instituto. Portanto, acha-as capazes de as santificar, por fazerem tão grande bem às jovens... e recomenda o Instituto a outros Bispos! Vejam como começa a se confirmar a palavra de D. Bosco: “Eu vos posso assegurar que o Instituto terá um grande futuro... Mas... prestai atenção: D. Bosco logo acrescentou: se vos mantiverdes simples, pobres, mortificadas... E vós o sereis e quereis ser todas, não é verdade?... e agora... oh! agora, que coisas, que coisas! Que grandes coisas também para as Filhas de Maria Auxiliadora”.

O fervor dos Irmãos não pode deixar de influenciar as alunas. De fato, as duas irmãszinhas Eulália e Maria escrevem a D. Bosco (a quem chamam com deferência “muito Reverendo tio”):

... sentimo-nos contentes por estar nesta santa casa. Mas que coisa lhe diremos? Entenda, querido tio, andamos à procura de uma coisa e não a podemos encontrar, quer ter a bondade de ajudar-nos a procurá-la?

(1) Anexo (Allegato) n. 14 a), 14 b).

Mas o senhor dirá — que coisa é essa?

Dir-lhe-emos logo: nosso coração tenta continuamente encontrar Jesus e em seguida entrar n'Ele, não somente nós, suas sobrinhas, mas também nossas companheiras e a Irmã que está conosco. Sim, todas quaremos achar esse querido Jesus. Portanto, faça a caridade de dizer uma palavra especialmente por nós a N.Senhora, para que queira fazer-nos conhecer seu querido Menino Jesus. Diga-lhe ainda que tome todos os nossos corações e os conserve sempre puros como lírios e os inflame de um santo e sincero amor, de modo que, amando muito a Jesus e Maria nesta vida, possamos todas unidas, sem nenhuma exceção, ir gozá-lo lá em cima no Paraíso . . .

Humílimas sobrinhas

Eulália e Maria

Mornese, 28 de janeiro de 1876

IRMÃ LAURANTONI RECAI DOENTE: OUTRAS PIORAM

No dia 29, festa de S.Francisco de Sales, enquanto saem da capela cada uma retorna aos pensamentos meditados para um tácito confronto entre si própria e o santo que D. Bosco escolheu para modelo. A pobre Ir. Teresa Laurantoni que, após ter recebido os Santos Óleos se recuperara razoavelmente, é acometida imprevistamente por estranha doença.

Chama-se logo o médico, que declara tratar-se de um ataque apoplético que atingiu as pernas. Assim, ei-la agora presa ao leito — e talvez por muito tempo, senão para sempre — aquela que representava em casa o movimento contínuo e a contínua alegria.

Também a Mestra das noviças, Ir. Maria Grosso cai definitivamente de cama. Já há algum tempo definhava e parecia perder as forças. Porém não julgava necessário o tratamento. Parecia-lhe demais.

Também a querida Ir. Antônia Cassini, a noviça que não tem ainda 17 anos já está presa pelo anjo da morte.

PARA UM DIQUE AO PROTESTANTISMO

Fevereiro coloca toda a casa em movimento por uma nova expansão do Instituto. Desta vez o vôo é mais longo, de modo que é preciso fortalecer bem as asas e implorar mais intensamente a ajuda necessária do céu.

Trata-se de lançar-se quase aos confins entre a Itália e a França, ao Torrione di Bordighera, pequena cidade da costa liguriana ociden-

tal a 5 quilômetros de Ventimiglia. Em relação a Mornese, o lugar parece o fim do mundo...

O clima é muito suave. Abundam grandes palmeiras que dão ao conjunto, o aspecto de um país oriental. Mesmo no coração do inverno, crescem em profusão flores de cores brilhantes. Os ingleses fazem dele sua moradia preferida, mas com eles ali se estabeleceu o protestantismo.

D. Biale, Bispo de Ventimiglia, sofrendo com o prejuízo de muitas almas, repetidamente se dirigiu a D. Bosco para impedir essa inundante onda de heresia. Finalmente obteve Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora ⁽²⁾.

AS PRIMEIRAS “QUARENTA HORAS” NO COLÉGIO

Dada a dificuldade da nova missão, o Diretor Pe. Costamagna estabeleceu que nos dias 6, 7 e 8 se cumpra a adoração chamada das “quarenta horas”. É a primeira vez que a capela vê Jesus exposto tanto tempo. Também as jovens externas dela participam de boa vontade.

No dia 7 a casa está como que envolta de uma nuvem dolorosa. A boa Ir. Cassini está moribunda e do seu leito se consagra a Deus com os santos votos.

No dia 8 a noviça Ir. Úrsula Camisassa é admitida a pronunciar os santos votos trienais para os quais se preparou com um tríduo de exercícios particulares. Conta apenas 56 dias de vestição, mas por sua idade — 34 anos — e por sua virtude e experiência, sobretudo pela necessidade urgente, faz-se uma exceção. Como foi escolhida como Diretora do grupo destinado a Bordighera era necessário que tivesse feito a profissão religiosa.

UM FATO EXTRAORDINÁRIO

Para não interromper o trabalho e sobretudo para assegurar a continuidade da adoração, são fixados grupos de Irmãs que se revezam na capela nas horas estabelecidas. Tudo andou muito bem até agora, mas hoje deve ter custado muito à boa Irmã Assunta Gaino, a simples e fervorosa guardadora da vaca leiteira, observar o horário fixado.

Feliz por poder permanecer longo tempo com seu Jesus, ela não desviou um momento os olhos da Hóstia Santíssima. Ao sinal da

(2) Anexo (Allegato) n. 25 b), 25 c).

troca, levantou-se com visível esforço, prostrou-se em terra, sem, todavia, afastar o olhar do Ostensório. Levantou-se, caminhando de costas para não voltar as costas ao altar. Junto à porta foi vista estendendo os braços em ato de dolorosa despedida.

Depois, almoçou com as outras. Chegando ao refeitório, teve uma crise de choro e desmaiou. A comunidade não sabe mais nada, por enquanto.

PARTIDA PARA BORDIGHERA

O dia 9 foi estabelecido para a partida das três Irmãs de Bordighera: Diretora: Irmã Úrsula Camisassa, Professora: Irmã Rosália Pestarino, a noviça Irmã Agostinha Calcagno para os trabalhos da casa.

Madre Mazzarello já as preparou para a missão com pequenas conferências particulares. Agora as acompanha com Madre Petronila até o santuário de Nossa Senhora de Gavi, se bem que a estrada esteja coberta de neve e o frio, intenso. Seu amor a levaria até Bordighera, mas há a pobre Irmã Cassini que está nas últimas mesmo.

Ao longo da estrada faz às três filhas, desconsoladas por terem que deixá-la, as últimas recomendações sobre a observância da regra, sobre a necessidade de conservar-se no espírito religioso. Acrescenta conselhos minuciosos sobre o modo de atrair as jovens para ganhá-las para o Senhor e de resistir sem temor, mas com a devida prudência, às ações dos protestantes, seus vizinhos. Era de se prever, da parte deles, todo o esforço para impedir que as meninas frequentassem a escola católica.

A boa Madre não esquece de recomendar o criterioso cuidado com a saúde, tão necessária para se fazer maior bem. Relembra o dever de mandar notícias para Turim, para que D. Bosco fique sempre ao corrente de tudo.

Quando da estrada se começa a perceber o santuário de N. Senhora da Guarda, a Madre resolutamente diz: “Já que devemos separar-nos, façamo-lo aqui, sob o olhar da SS. Virgem, a verdadeira Madre Superiora que vai com vocês. Peçamos-lhe sua santa bênção. Recitemos juntas algumas Ave-Marias e tenhamos coragem”.

As três Irmãs choram. Também a Madre está comovida. Volta ainda o olhar às suas pobres filhas, mas, no entanto, aperta o passo no desejo de voltar ao Colégio para retomar seu lugar junto à boa Irmã Cassini.

MORTE DE IRMÃ CASSINI

Durante sua breve ausência, porém, o anjo da morte já levou a pia religiosa para as eternas núpcias.

Morreu como viveu, em um especial ímpeto de amor e com tais atitudes de reverência e de alegria que faziam supor uma presença sobrenatural e sensível, vinda para acompanhá-la ao trono de Deus.

Também desta vez a Madre não pôde senão repetir: “Vós no-la haveis dado, Senhor. Vós a tirastes: Seja feita eternamente a Vossa vontade”.

SEGREDO REVELADO . . . PELA METADE

Em Sampieradarena o Pe. Costamagna apresenta as três Irmãs ao Pe. Cibrário e ao Pe. Albera. Diante delas, aproveitando o momento propício, diz: “agora que vocês estão longe e estou certo de que não retornarão tão cedo a Mornese, posso dizer-lhes a grande graça que o Senhor fez ontem na casa. Durante a adoração das “quarenta horas”, Irmã Assunta viu na Hóstia o Menino Jesus. Por isso se comoveu até desmaiar, logo que saiu da igreja. Quem diria, heim? Irmã Assunta é a mais humilde das Irmãs. O mundo diria a mais despreocupada de si mesma. A mais indiferente a quanto a circunda. Todavia Deus a escolheu para demonstrar sua misericórdia. Aproveitem disto.

Depois, as deixa com a promessa de revê-las na manhã seguinte. Mas, pela manhã, quando a comunidade está em oração, ele já está na estrada de Mornese.

IRMÃ MADALENA MARTINI, PROFESSORA MUNICIPAL

No dia 10 assume a escola externa, no lugar de Irmã Rosália, Irmã Madalena Martini, que já deu prova de saber lidar com as meninas e de ter especiais atitudes didáticas.

A nova mestra é encaminhada na preparação por Irmã Emília Mosca e por Pe. Miguel Fassio, salesiano, também ele professor municipal.

O Diretor, de volta de Sampieradarena, traz notícias das três Irmãs que deixou serenas, fortes, dispostas a tudo sofrerem para a glória de Deus. Em Bordighera começaram logo com o oratório festivo e com a escola primária gratuita.

EM BORDIGHERA

Depois de alguns dias, as primeiras notícias de Bordighera.

O Bispo, D. João Batista Biale, quis todo o grupo, isto é, Pe. Cibrário, que será o pároco de Torrione e as três Irmãs, para almoçar no bispado. Interessa-se pelas menores particularidades e se expande agradecendo a Deus por ter obtido os filhos e as filhas de D. Bosco para Bordighera.

À tarde ele próprio os acompanha a Torrione, à sua morada, alugada ao Dr. Francisco Lavagnino por 700 liras anuais, compreendendo a igreja e o local para a escola. Os habitantes os receberam com festa.

No dia 13 de fevereiro, o cônego Viale, secretário do Bispo, abençoou a igreja provisória, absolutamente inadaptada ao culto, mas por ora tão querida e a dedicou a Maria SSma. Auxiliadora.

No dia 14, houve a abertura da escola. Entre as muitas meninas que acorreram, faltam só aquelas cujos pais, protestantes ou ligados ao dinheiro protestante, fizeram-lhes proibição.

Também o oratório foi iniciado. Não se dispõe, por enquanto, de jardim, nem de pátio. As Irmãs repetiram e repetirão — não se sabe por quanto tempo — o que em Mornese já era feito por Maria Mazzarello ainda jovem: reunidas as alunas, um pouco de catecismo, algum passeio ameno com uma parada no lugar mais próprio, para cantar e brincar. Depois, na pobre igreja, para as funções dominicais e, antes de anoitecer, para casa, com o presente de uma imagenzinha ou de um livrinho.

Os mais velhos habitantes do lugar asseguram que o local em que surge a igreja dos salesianos e a habitação das Irmãs foi abençoado pelo Papa Pio VII de passagem pela Ligúria no dia 11 de fevereiro de 1814.

Diante da Casa de Lavagnino a população veio saudar o Papa com a possível solenidade, para receber a sua bênção.

Tinha ele então perguntado:

— Que região é esta?

— A região encontra-se no vale, Santidade — fora-lhe respondido.

E o Pontífice se voltou para aquela direção para abençoá-la com paternal efusão.

O bom Aprosio Battista, presente naquela circunstância, afirma que a pequena igreja de Maria Auxiliadora surge exatamente no lugar abençoado pelo S. Padre.

As Irmãs de Bordighera, ao relatarem a notícia, tiram do fato os mais serenos auspícios, na renovada certeza da constante proteção de Maria Auxiliadora. Também prevêem dever enfrentar dificuldades e privações.

EXPERIÊNCIA FRACASSADA

Uma carta, de caráter diverso, anuncia o estado de grave enfermidade da ex-noviça Luiza Bagliardi, que retornou à casa por motivos de saúde e por outras razões particulares. Tendo vivido cerca de sete meses com o marido atacado de tuberculose, ficou viúva e só tinha obtido da grande caridade de D. Bosco poder experimentar a vida religiosa como Filha de Maria Auxiliadora.

D. Bosco tinha aceito a experiência para ver se podia também nisto imitar o seu patrono São Francisco de Sales. Por isso tinha-lhe conservado o segredo.

Em seguida, por dificuldades surgidas, a noviça tinha espontaneamente colocado a Madre a par de sua situação e retornara para junto dos parentes. O Senhor devia ter aceito as aspirações daquela alma devota, abreviando-lhe o exílio. Recebendo os extremos confortos da religião, com efeito, ela recolhe agora o mérito por ter desejado a vida consagrada.

No dia 8 de março se agradece a São José pela partida da noviça Catarina Canale, de Cumiana, devolvida à família porque não suscetível de formação segundo o espírito do Instituto. É uma separação dolorosa, mas... necessária.

LIVRES DO PERIGO

Na manhã do dia 20 de março a Madre devia ir a Gavi e algumas Irmãs a acompanharam por um bom pedaço do caminho. Na volta, exatamente num ponto em que a estrada não oferece possibilidade de saída, vêem correr na direção delas loucamente um cavalo que escapou do controle do condutor.

Assustadas pelo perigo iminente, invocam com fé São José e o cavalo passa junto delas, mas passa direto em sua corrida louca, sem causar nenhum dano.

FINALMENTE A CASA PARA AS JOVENS EM VALDOCCO

De janeiro a julho do passado 1875, D. Bosco tinha lutado contra muitas dificuldades para aquisição de um local estável não muito distante da igreja de Maria Auxiliadora ⁽³⁾.

Era uma verdadeira confusão do inferno que há vinte e cinco anos impedia o início dos trabalhos defronte à igreja de Maria Auxiliadora.

Agora D. Bosco podia finalmente comunicar à Condessa Callori ter firmado o contrato de compra e venda.

O objetivo de D. Bosco era sobretudo substituir aquela casa por um instituto de recuperação e de salvação em proveito das meninas do bairro de Valdocco.

Quantas vezes o tinham parado na rua para perguntar-lhe: “Por que não pensa também em nós, como pensou nos rapazes?”

Obtida, portanto, após repetidas instâncias, a necessária autorização da competente autoridade eclesiástica ⁽⁴⁾, D. Bosco escreve à Madre para mandar seis ou sete Irmãs para o trabalho do qual havia tratado e que lhe estava tão dentro do coração ⁽⁵⁾.

FUNDAÇÃO IMPORTANTE

No dia 29 de março — era uma quarta-feira — partem para Turim, Ir. Elisa Roncallo como Diretora, Ir. Catarina Daghero como Vigária, Ir. Carlota Pestarino para a cozinha, Ir. Adele Ayra para os trabalhos de casa e Ir. Luiza Rubassa, para supervisionar a lavanderia dos salesianos. A elas se une Ir. Henriqueta Sorbone para tentar novamente com Ir. Elisa Roncallo, obter o desejado diploma. Parte também Ir. Josefina Pacotto, que se pensa enviar como primeira Diretora da casa a ser aberta proximamente em Alassio. Poderá também servir de ajuda para a escola, a noviça Ir. Adele David, que se acha com a família, por motivo de saúde e que mora na mesma região de Valdocco, na impaciente espera de ser novamente aceita na comunidade.

Por essa partida não há nenhuma sombra de tristeza em Mornese. Turim parece fazer parte do caminho, tanto está no coração

(3) MB XI 367-69: Circular de D. Bosco aos Cooperadores 20-1-1875; carta à nobre Senhora Angelina Dupraz; carta à Condessa Callori 21-7-1875.

(4) Anexo (Allegato) n. 15 a), b), c), d) (original no Arquivo Centr. Salesiano).

(5) Anexo (Allegato) n. 25 b).

de todas e quase, quase se invejam as afortunadas que vão trabalhar tão perto de D. Bosco.

NOTÍCIAS DE TURIM

Não demoram a chegar as notícias de Turim. Assim escreve Ir. Catarina Daghero: “Na estação nos esperavam a mãe do Pe. Rua e Ir. Adele David, vestida com trajes seculares. Logo fomos acompanhadas a Valdocco pelos salesianos, onde nos recebeu nosso próprio Pai D. Bosco que festivamente nos apresentou à Condessa Callori di Vignale, sua benfeitora.

No almoço fomos servidas pela Condessa Callori, presente D. Bosco e o Prefeito de Valdocco.

Após o almoço a Condessa veio pessoalmente acompanhar-nos à nossa pobre casinha, onde os inquilinos estavam todos à janela para “ver as Irmãzinhas”.

Os salesianos pensarão em prover-nos de todo o necessário até para a refeição, por enquanto, porque a casa está desprovida até mesmo de cozinha. D. Bosco sempre pai, já nos destinou Pe. Rua como Diretor. Ele será também nosso confessor. O próprio D. Bosco espera poder fazer-nos a conferência mensal. Começaremos logo o oratório, a escola, a sala de trabalho e o catecismo.

A pobre Ir. Catarina Daghero será a primeira professora. Imaginem que professora! E será orientada pela Srta. Querubina Sala, irmã do salesiano Pe. Sala! Terá quarto e fará as refeições conosco, mas não parece que seja para controlar ou incomodar.

A nossa casa se chama S. Ângela Merici, porque — diz-se — D. Bosco quer com isto demonstrar a sua gratidão à Sra. Ângela Bianco, esposa do advogado Bianco, seu benfeitor. Na capelinha está um grande quadro de São Carlos Borromeu, colocado por D. Bosco, para honrar a Condessa Callori di Vignale, que se chama justamente Carlota. Assim nossa casa pode chamar-se “a casa da gratidão”.

A capelinha das Irmãs foi abençoada na manhã seguinte à nossa chegada e nela nos encontramos sempre espiritualmente com a dileta família de Mornese.

As Irmãs de Sant’Ana não podiam fazer melhor festa para a Diretora e para Ir. Henriqueta. Esta, já com o pensamento no ainda distante exame, procura um cômodo onde possa cuidar com maior calma de seus livros. Mais de uma vez já repetiu também aqui: “Bendito estudo que me põe como um círculo em torno da cabeça! Mas se a obediência quer assim, quero-o também eu”.

PARTIDA DE IRMÃ JANDET

Desde o momento da partida das Irmãs para Turim até suas primeiras notícias, Ir. Jandet encheu a medida de sua intolerância. Na manhã do dia 30 de março, quando a comunidade se aproximava da santa comunhão, saiu silenciosamente da casa, andando até Gavi... até a Sra. Momina Verdone, à qual pediria dinheiro emprestado para prosseguir sua viagem. Mas a boa senhora, ao contrário, avisa a Madre Superiora que manda logo recolher a ovelha transviada, já em atitude arrependida, se bem que não convertida.

Após ter pedido a D. Bosco o desligamento dos votos, não espera nem mesmo a dispensa. Depõe o hábito e parte.

MADRE MAZZARELLO AO PE. CAGLIERO

De todos esses fatos Madre Mazzarello dá ao Pe. Cagliero uma relação muito sintética e muito expressiva com a seguinte carta datada de 5 de abril de 1876 onde, com o coração da Superiora se lê também o da filha que fala de si mesma e de suas coisas ao Superior e pai com aquele respeito que não impede as típicas expressões de sua agudeza de caráter.

A carta é escrita por Ir. Emília Mosca, sendo ditada por Madre Mazzarello.

Viva Jesus na Itália, na América e por todo o mundo.
Revdo. Padre Provincial,

que prazer poder-nos entreter um pouco com nosso bom Pai! Oh! quanta coisa quereríamos dizer-lhe! Mas, não é verdade? Quando o coração está cheio não se sabe por que coisa começar.

Recebeu a carta que lhe escrevi no princípio deste ano? Espero que sim, ainda que não tenha respondido. As coisas, portanto, acontecidas antes daquela ocasião não lhas digo mais. Por que coisa devo começar: pelas notícias alegres ou pelas tristes?...

Assim como é melhor beber primeiro o amargo e depois o doce, começarei a lhe contar o que aconteceu de negro.

1.º — No dia 9 de fevereiro a pobre Ir. Cassini morria de esgotamento. Sua morte foi a de quem voa para o Paraíso. Agora a Madre Mestra está acometida da mesma doença. Já está desenganada pelos médicos e provavelmente quando receber a presente ela já terá abandonado o exílio. Quem jamais o teria pensado? Ela que parecia uma fortaleza de saúde, agora já se encontra às portas da eternidade! Ah! é mesmo verdade que a morte é como um ladrão e

vem quando menos se pensa! Isto nos faz pensar seriamente. A pobre Ir. Teresa Laurantoni está sempre de cama. No dia de São Francisco, às 8 da noite foi acometida por uma crise apoplética que lhe deixou o corpo meio morto. Viverá talvez ainda alguns anos, mas sempre presa ao leito.

Ela e a Madre Mestra se recomendam calorosamente às suas orações para que possam estar resignadas perfeitamente à vontade de Deus.

Ir. Luiza de Alessandria, teve que voltar para casa porque tuberculosa também ela, e agora me mandou avisar que está muito mal e já recebeu os últimos Sacramentos. Mas não é de se estranhar que seja acometida de tal doença, pois seu marido morreu e ela esteve junto dele por sete meses.

Agora lhe dou a mais triste notícia: no dia 30 de março todas as Irmãs procuravam daqui e dali, adivinhe quem? Ir. Angelina Jandet. E ela havia fugido do convento enquanto estávamos na igreja recebendo a santa comunhão. Chegando a Gavi, procurou a Sra. Verdone, para que lhe desse dinheiro para ir para Turim. Mas a senhora a deteve e a manteve em sua casa. O verdadeiro motivo dessa fuga não lhe saberei nem dizer: os habituais caprichos da sempre maldita soberba.

Entretanto o Senhor Diretor foi até lá para o sermão quaresmal e a persuadiu a retornar. Ela retornou mas nada arrependida do que havia feito. Em suma, para ser breve, após poucos dias depôs o hábito. Foi pedir a D. Bosco a dispensa dos votos e, antes mesmo que ela chegasse, partiu para Turim. Naquela cidade foi aceita no Cottolengo, onde ficou só três dias e saiu dizendo que não podia suportá-lo.

Agora pede para retornar. D. Bosco me disse para reunir o Capítulo e o que nele se decidir será feito, mas temo que a resposta seja negativa.

Também a Bacchialoni gostaria de voltar sob o manto de Maria Auxiliadora, mas... existem os "mas"... Também Ir. Canale depôs o hábito ⁽⁶⁾.

Outras notícias negras, graças a Deus, não há. Reze um pouco ao Senhor para que queira dar a santa perseverança a todas porque já chegam as deposições de hábito. Se continuássemos sempre nesse passo, pobre casa de Maria! Em poucos anos ficaria deserta.

(6) Ver a nota 3.

Diga, portanto, ao Jesus que está na América, que dê a todas a virtude necessária para serem boas religiosas, especialmente a humildade e a obediência. Faça de nós o que quiser, mas não permita que nenhuma Irmã, especialmente se professa, deponha o hábito e abandone a casa de Maria.

No mesmo dia da morte de Ir. Cassini partiam para Bordighera Ir. Rosália, Ir. Agostinha, chamada Justina e Ir. Ursula, de Caramagna. Esta última é a Diretora. Felizes elas que têm espaço para fazer tanto bem! Ao fim dos primeiros dias tinham numerosas alunas. Toda aquela boa gente está contente com nossas Irmãs e lhes querem mesmo bem.

Para Alassio, não havendo ainda o local preparado, as Irmãs ainda não foram, mas creio que lá para o fim de maio tudo estará em ordem.

Ao contrário, foram para Turim Ir. Elisa (Diretora), Ir. Henriqueta (estas duas para estudar. Após o exame espero que Ir. Henriqueta volte a Mornese), Ir. Catarina Daghero e Ir. David, para dar aula, Ir. Carlota para a cozinha, Ir. Adele Ayra para consertar as monjas (roupeira), Ir. Luiza, de Lu, para supervisionar a lavanderia.

Entretanto, com as alunas, no lugar de Ir. Henriqueta está Ir. Mina, que é verdadeiramente boa. Está sempre alegre por ser Filha de Maria.

Cagliero e Turco estão mesmo tranquilas e contentes. No total são 25 postulantes e quase todas, esperamos, terão pleno êxito.

Agora que lhe dei as notícias da casa, escrevo-lhe em nome das que desejam logo ir para a América: eu desejaria já estar aí, a Madre Vigária, a Madre Ecônoma, Ir. Mina, Ir. Maria Belletti, Ir. Josefina, Ir. Joana, Irmã Emilia... de verdade, Irmã... não terminaria mais se dissesse o nome de todas as que desejam partir. Prepare, pois, logo, um lugarzinho também para nós, e depois venha buscar-nos, pois sozinhas não sabemos ir para aí, e poderia também acontecer que, estando sós, algum monstro marinho, que não tivesse ainda comido, se servisse de nós para saciar seu apetite.

Lembre-se de que o esperamos para os exercícios. Não nos faça ficar desiludidas. Por esses dias tivemos como confessor extraordinário Pe. Ghivarello, mas neste verão é mesmo preciso que venha o nosso antigo Padre Provincial.

Esquecia-me de lhe dizer que a escola da região está com Ir. Madalena Martini, que é muito boa e agradece ao Senhor tê-la chamado a este estado. Também ela deseja ir para a América.

Em geral, pois, todas estão bem, alegres e tranquilas. Só um pensamento nos perturba às vezes: o senhor Diretor fez o pedido para ir para a América. Agora que tem prática da casa, que nos conhece todas a fundo, dever trocá-lo de novo é um pouco duro. O senhor que é pai, demonstre-o nessa oportunidade e não lhe permita partir. Não somos dignas de ter um Diretor tão bom, é verdade, mas tenha compaixão de nós, pobrezinhas. Não o tire de nós. Tenha a bondade de lembrar-se algumas vezes de suas pobres filhas. Recomende-as calorosamente a Jesus e a Maria para que as tornem todas verdadeiras amantes de Deus.

Quem sabe se no meio de tanto trabalho se lembre ainda de Mornese? Esperamos que sim. Tenha cuidado com sua saúde. Não a gaste inutilmente. Pense que é pai de tantas filhas que o esperam com vivo afeto. Dizemos todos os dias ao bom Jesus que o conserve ainda por muitos anos, lhe dê força e saúde para poder conduzir tantas almas a Jesus e por último lhe pedimos que o faça voltar logo, pois nos parece mil anos que não o vemos.

Cada Irmã queria dizer-lhe muitas coisas, mas para não fazê-lo perder tempo lendo, termino pedindo-lhe uma particular bênção para cada uma de nós e recomendando-me de modo especial às suas orações de que, lhe garanto, tenho grande necessidade agora que o número das filhas vai aumentando cada dia.

Abençoe-me, portanto, e me creia sua

humílima filha em J.C.

Ir. Maria Mazzarello

Casa de Maria Auxiliadora, 5 de abril de 1876.

Todas las muchachas quieren venir con usted en Buenos Aires
(Acréscimo do Pe. Costamagna)

A carta que nos escreveu e recebemos. Se houver tempo nos escreva ainda, pois, nos dá mesmo prazer.

IRMÃ MARIA GROSSO DEIXA A TERRA PELO CÉU

Em casa, pois, sofre-se também pela doença de Ir. Maria Grosso. Seu leito é uma escola de santidade. De seus lábios nunca sai um palavra de cansaço ou de dor. Está feliz por sofrer qualquer coisa e pede para partir, para estar mais unida a seu celeste Esposo e para obter graças para seu querido Instituto. Não aspira senão ao céu.

As Irmãs, e especialmente as noviças, lhe repetem que rezam muito pelo seu restabelecimento. E a boa Mestra: “Mas por que me querem impedir de ir depressa para o Paraíso? Não se orientam para lá todos os nossos desejos?”

Seus pais vieram já várias vezes vê-la. Ela os vê sempre de boa vontade. Sempre lhes agradece quanto fizeram para ela, sobretudo por ter-lhe concedido viver desde jovem ao lado de Maria, sua boa Superiora, à qual atribui todo o mérito desta sua calma no leito de morte. Encoraja a todas a serem constantes na fé e a praticarem quanto mais possam a caridade, por amor de Deus.

Às vezes, especialmente as superiores a fazem compreender que, talvez tenha abreviado a vida por não se alimentar suficientemente, para dar a esta ou àquela noviça necessitada, parte de seu alimento, já tão medido. E a querida enferma responde: "Não, não. Não, jamais me privei do necessário. Quisesse o céu que eu morresse pela caridade! Seria mártir da caridade, mas não o sou infelizmente! Um pouco de penitência, devia mesmo fazer. Cometi tantos pecados!"

A Madre está continuamente a seu lado: quando consegue, ela própria a serve e sempre lhe mantém o espírito elevado na visão do prêmio eterno e da felicidade de se reunir a Deus e de ver N. Senhora.

Como se compreendem entre si, até com um só olhar, essas duas almas privilegiadas de mãe e filha!

A querida enferma é uma das primeiras alunas da minúscula sala de costura e era então tão pequenina e já tão afeiçoada que se a mãe lhe perguntava: "Que você vai fazer quando crescer?" respondia resoluta: "Quero fazer-me toda de Deus com Maria Mazzarello."

Com Maria Mazzarello entrara na casa da Imaculada. Com Maria Mazzarello leu e abraçou a regra de D. Bosco. Com ela ainda, foi das primeiras quinze Filhas de Maria Auxiliadora.

Desde aquele dia, quantas graças profusas o Senhor deu a ela e para quem lhe foi Mestra na vida religiosa!

As funções da Semana Santa ocupam o coração e o tempo das Irmãs, mas a quinta-feira santa, esperada com ânsia, traz o pranto ao colégio: Jesus chama a si exatamente no dia consagrado à SS. Eucaristia, a querida Irmã Maria Grosso (13 de abril). Manteve-se calma e serena até o último instante. Recebeu todos os confortos religiosos. Às seis e meia da tarde sentiu faltar-lhe a vida e, voltando-se para Madre, disse: "Madre, está escuro... não vejo mais nada... paciência... seja feita a vontade de Deus!" E com seu fervor característico, repetiu muitas vezes, sempre mais debilmente: *Fiat voluntas tua... Fiat voluntas tua... até que, com esta jaculatória nos lábios se achou diante de seu Jesus.*

Não se deveria chorar quando uma alma eleita atinge sua meta. Contudo, todas choram.

Também na região a morte de Ir. Maria Grosso provoca uma grande dor. De S. Estêvão Parodi acorrem parentes e amigos para o seu funeral, que é um triunfo. Uma vida tão pura extinta ainda antes de completar os 21 anos!

SINAL VISÍVEL DE PROTEÇÃO CELESTE

O mês de N. Senhora começa com um visível sinal da proteção de Nossa Senhora para com suas filhas!

No primeiro dia do mês, enquanto a Ecônoma reordena o pátio, um grosso e pesado cavalete de pedreiro lhe cai em cima de mau jeito e a derruba. Seu crucifixo, todo estragado pelo golpe, demonstra que podia ter-se ferido seriamente. Mas, a Irmã, caindo, invocou Maria Auxiliadora e se levanta incólume.

A MADRE VAI A TURIM

Papai Sorbone escreve que Cesarino não quer mais saber de ficar só em casa e que, sem uma irmã para vigiá-lo, o rapazinho não lhe dá senão preocupações.

Madre Mazzarello lhe manda responder que estivesse em Valdocco junto com Cesarino entre os dias 18 e 20. Ela estará lá. E parte para Turim com a noviça Carolina Corbon que deverá ficar ali para os estudos.

A Madre tem alguns importantes problemas para submeter ao julgamento do Fundador: a admissão na próxima vestição de algumas postulantes sobre as quais resta alguma interrogação. A aceitação da colônia balneária de Sestri Levante, saindo das habituais incumbências do Instituto, causa um pouco de temor.

Com que alegria as Irmãs de Turim acolhem a Madre! Num instante surgem de toda parte, de todo canto, Irmãs e jovens. Todas exclamam: "Oh! a Madre! Viva a nossa Madre!"

Há uma menininha, Felicina Gastini, que, tendo ficado órfã de mãe na semana santa, fora acolhida na casa por um mês, enquanto os parentes não tinham podido ir buscá-la novamente.

Agora está no oratório da manhã à tarde e não chegando a compreender, vai de uma a outra Irmã para entender a razão de tanta alegria: de todas recebe a mesma resposta: "É a Madre!"

Por fim, também ela abre a boca: “Viva e Madre!” e se coloca de lado para ver melhor esta Madre tão esperada por todas.

A Madre também desejou muito ver a casa e espera aprender muita coisa, ela que tem sempre o olhar fixo em D. Bosco, para nele ler a vontade de Deus.

Maria Auxiliadora — sabe-se — teve a primeira saudação da Madre e a primeira admiração é pela igreja, tão bem adornada durante o seu mês!

A noite, pois, com o coração reanimado após uma longa conversa com D. Bosco, do qual recebeu todas as normas que desejava, participa com alegria das sagradas funções. Sabia que os turineses acorrem ao santuário, mas não tinha imaginado tanta frequência. Sabia que D. Bosco ama a solenidade para sua Senhora, mas tanto fulgor e tanta ordem do pequeno clero e tantas belezas superam qualquer pensamento seu. Recolhida, com os dedos estreitamente cruzados, com o coração em tumulto, parece querer saciar-se do que vê, do que ouve, para conservar a recordação por longo tempo.

A saída exprime sua felicidade com uma só frase: “Como será belo o Paraíso, se também aqui em baixo há tais maravilhas!”

Quando se encontra a sós com as Irmãs, pergunta:

— D. Bosco vem muitas vezes visitá-las?

— Não tanto, Madre. No primeiro mês, um pouco mais, depois somente em casos extraordinários. Prefere que dependamos do Pe. Rua, agora que o Pe. Cagliero está na América, e de seus outros filhos por ele encarregados. Mas se temos necessidade, nos recebe e com que atenção!

— Escuta-nos mesmo como pai. A mim, inexperiente como sou — acrescenta Ir. Elisa — dá muitos conselhos e me recomenda sempre querer bem às Irmãs, cuidar de sua saúde e também da minha, porque diz que temos necessidade de trabalhar muito e, sem saúde, pouco se pode fazer.

Interessa-se por tudo: sabendo que à noite não se ia para a cama na hora estabelecida por causa desses benditos estudos, me disse para limitar o tempo a uma hora apenas: nunca além das 10:30 horas para repousar.

“Também você, não é verdade? — concluiu — faça por você tudo o que faria por uma sua co-irmã, seja no repouso, seja na alimentação”.

A senhora precisa ver, Madre, que bondade usa para com os benfeitores! Ele mesmo me dá os endereços das senhoras que de algum

modo, ainda que mínimo, se interessam por nós. Se ocorre o onomástico de alguma, faz-me saber, recomenda-me de lembrá-la nas orações da comunidade, de fazer-lhe uma visita ou escrever-lhe uma cartinha ou dar-lhe um presentinho adequado, mesmo que seja uma primícia de flor ou fruta da nossa casa. É um santo. Exatamente um santo. Muito amável e querido.

Também para nossos parentes tem um pensamento todo particular. Quando minha querida mãezinha me manda laranjas, limões ou figos... e nós os fazemos experimentar em primeiro lugar por D. Bosco, o querido pai demonstra que lhe agradam muitíssimo e não cessa de me repetir: "São bons e doces como a mãezinha de Ir. Elisa".

E como sabe que lhe agrada muito o vir ver-me, imagine só Madre, até me ofereceu metade das passagens para que venha com menor despesa de viagem e com maior gosto espiritual para as próximas festas de Maria Auxiliadora. Faz assim com todos os pais das Irmãs e dos Salesianos. Interessa-se por sua saúde, suas ocupações, pelos filhos que têm em casa, por tudo. Convida os pais para almoçar com ele e manda que as mães venham a nossa casa, recomendando tratá-las bem, acompanhá-las a visitar Maria Auxiliadora... Depois os conforta, os abençoa como nossos primeiros benfeitores. Por isso eles partem satisfeitos e contentes de haverem dado os filhos ou as filhas a D. Bosco e ao Senhor.

A Madre escuta com a alma palpitante no olhar. Tudo quanto ouve a respeito do Pai corresponde plenamente ao conceito que ela tem dele. As normas dadas por ele infundem em seu coração muita luz para o governo do Instituto no verdadeiro espírito do Fundador. Muitas vezes sai um espontâneo: "Você é muito afortunada, Ir. Elisa. Bem afortunadas vocês todas de Turim. Fiquem atentas para não desperdiçar nada da graça que têm. Assim, façam-nos também participar dela.

Também papai Constantino Sorbone se comove ao ser recebido com tanto afeto pelas Irmãs e especialmente pelas suas filhas.

Tendo sabido por Madre Mazzarello que em Valdocco o esperam para um acordo, apresenta-se ao Oratório. À hora do almoço Cesarino é levado ao refeitório à mesa dos Superiores. O menino agrada por seu ar ingênuo e alguém lhe diz rindo: "Vejam. Se você adivinhar quem é D. Bosco, ficará conosco. Do contrário...!"

Cesarino olha um pouco ao redor e, incerto, fixa Pe. Rua que lhe mostra o Superior. D. Bosco vê, sorri e diz baixo ao Prefeito Geral: "Segure-o, segure-o".

O menino não cabe em si de alegria e quase não quer nem mesmo voltar a Rosignano. Mas, fica combinado que entrará como estudante, em Valdocco, em julho próximo.

VOLTA DA MADRE A MORNESE

A Madre, de retorno a Mornese, é recebida como se estivesse ausente há muito tempo. A casa está toda em festa e se aguardam as notícias das Irmãs de Turim.

“Em Turim? Tudo bem! Há o oratório, a escola gratuita, os catecismos diários e dominicais, uma sala de trabalho bem dirigida e também, o grupo das Irmãs estudantes.

Oh! a bondade de D. Bosco para com suas filhas! Dignou-se ensinar-lhes como manter as meninas, estabelecer conversação, presentear-las com alguma imagenzinha, alguma bala, para convidá-las ao oratório.

Nossas queridas Irmãs, crendo ter tomado ao pé da letra o pensamento de D. Bosco, nos primeiros dias fizeram coisas interessantes. Ir. Elisa, como Diretora e algumas vezes também as outras, apareciam entre os dois batentes da porta externa. Se não havia ninguém ou se passavam adultos, retiravam-se sem nada fazer. Se passavam meninas ou jovens abriam as portas e ficavam ali. As meninas, supresas com aquela figura de Irmã nunca vista, paravam para olhá-la. A Irmã dirigia-lhes então alguma palavra. Se eram pequenas, lhes oferecia doces ou imagenzinhas. Por outro lado fazia perguntas afetuosas e depois as convida a entrar e com palavras cordiais e afetuosas se fazia amiga delas.

Aquelas meninas voltavam no dia seguinte. Voltavam no domingo e propagavam o fato.

Também um Salesiano que ficava defronte percebeu esse joguinho e disse que as Irmãs “caçavam” as jovens. Agora já existe um bom número de jovens. Vão quando querem, especialmente no recreio do meio-dia e da tarde. Vão para entreter-se com as Irmãs, para cumprimentá-las antes de se dirigirem ao trabalho e para contar os seus problemas.

Todas as Irmãs que estão livres e especialmente a Vigária, Ir. Catarina Daghero — porque a Diretora estuda — se entretêm com as jovens que permanecem à tarde, agora que os dias são compridos, quase até a hora das orações das Irmãs.

D. Bosco é tão bom e tão paterno que lhes manda sempre os melhores sacerdotes e encarregou o Professor Pe. Cipriano de dar aulas de matemática às estudantes.

Para as outras matérias, pobrezinhas, se arrumam com sua boa vontade ou com a senhorita Sala. Quanta gratidão devemos nós a D. Bosco e aos salesianos!

CURA INSTANTÂNEA

No domingo 21, a Madre quer que também a pobre Ir. Laurantoni, sempre enferma, tome parte no tríduo de Maria Auxiliadora e mandou que a levassem à igreja, vestida do melhor modo possível, numa espécie de carrinho, atrás de todas as outras, permanecendo perto da porta.

Foi colocada junto de Ir. Agnese Ricci, que cuidava da portaria e da doente.

Enquanto o sacerdote expõe o SS. Sacramento, cai o timão do carrinho e Ir. Agnese, temendo pela doente, se apressa a levantá-lo. Após um momento se repete o fato pela segunda vez e ainda uma terceira. A doente se agita, fica vermelha, treme. Ir. Agnese, assustada também ela, chama repetidamente a Madre que se vira como para dizer: "Não perturbem enquanto o Senhor está exposto". Mas Ir. Agnese não se dá por vencida e chama alto: "Madre!"

A Madre se volta para Ir. Laurantoni e lhe diz resoluta: "Depressa! Levante-se, suba a escada e vá se vestir." Ir. Teresa se levanta, sem ajuda e vai sem que ninguém a acompanhe, nem mesmo Ir. Agnese. Que maravilha para todas, quando, após alguns minutos, Ir. Laurantoni aparece alegre, viva e sã como antes.

FESTA DE MARIA AUXILIADORA

Vinte e quatro é dia de grandíssima festa e de imensa alegria.

A Missa solene é cantada pelo octogenário Cônego Fossati, benfeitor do Instituto. A função de vestição e profissão é cumprida pelo Cônego Agostinho Carozzi. Também ele benfeitor da casa, assistido pelo Diretor, por Pe. José Campi e por Pe. Miguel Fassio.

As vestições são 7. As profissões, 5.

Deveria receber o hábito também a postulante Agostinha Simbeni, mas não foi admitida.

AGOSTINHA SIMBENI

Esta fora recodendada a D. Bosco por alguma pessoa influente, a quem não se podia dizer não. Há quem a creia filha de um deportado político na Sibéria. Parece que tenha vindo de Roma, que tenha estado também um pouco em Turim, no “Refúgio” e que tenha feito a prova do postulado em outro Instituto, donde teria saído por causas extraordinárias.

Gaba-se por conhecer muitos prelados e diz que tomou café na própria xícara do Santo Padre.

Parece inteligente e sadia. Tem voz doce, maneiras agradáveis, figura esbelta, cabelos louros e um indefinível atractivo em toda a pessoa.

Foi recomendada a D. Bosco, mas não foi apresentada pessoalmente a ele. Em Mornese foi logo encaminhada para os estudos, mas não satisfaz se bem que não haja grave motivo para repreendê-la.

Em casa é amada e, como parece ter uma piedade acima do nível comum, é tida como santa por algumas Irmãs. A boa Ir. Teresa Pampuro além disso, com pena de ver por toda a quaresma o colégio sem Diretor (pois estava em Gavi) diz — “Sorte que o Senhor nos consola com uma santa em casa”.

Porém, estuda pouco. Não tem força para o trabalho e do mesmo modo, não pode dedicar-se aos trabalhos humildes de muitas Irmãs, nem às mortificações comuns de alimento. Ao contrário, todo o dia se dirige a Madre Petronila para ter ao menos qualquer coisa para a merenda.

Isso impressiona algumas e a jovem Ir. Rossi se acusa de ter dito para si mesma, mais de uma vez: “Bem... se fose boa de verdade, ao invés de se compadecer de mim porque limpo sempre o pórtico e as escadas (o que me beneficia por causa de um pouco de movimento), me invejaria pelo mérito que posso alcançar e me daria uma ajuda!”

Além diso, gosta pouco de recreios nos grupos animados. Prefere passear com alguém e diz aqui e ali, palavras plenas de unção e ímpetos fervorosos. Mas isso agrada pouco à Madre que a vigia muito, enquanto recomenda estar junto com as outras e de recrear-se à moda salesiana.

Seja para retemperar-lhe as forças, deixando-a um pouco mais ao ar livre, seja para prová-la na vontade, se lhe confia uma ovelhinha para acompanhar ao pasto no terreno do colégio.

Um dia, enquanto ela se faz de pastorinha, vem o pároco de Rosignano, Mons. Bonelli, encontrar suas paroquianas e se detém um pouco no bosquezinho com elas. Pouco distante está Agostinha de tal modo que espontaneamente as meninas Rossi começam a falar-lhe da santidade dela e do grande conceito em que é tida. O pároco notado por todos pela sua prudente caridade, se limita a dizer: "Ah! sim!".

Pedi depois para chamar a Vigária, Ir. Petronila, e lhe recomenda vigiar muito aquela jovem que tem, segundo ele, atitudes que não são de santa. E para justificar talvez o bom conceito que tem o Diretor, acrescenta: "Vivendo sempre em ambientes santos, ele não pode ter ainda toda a experiência de um velho..."

Não era necessário mais, porque Madre Mazzarello, já pouco tranquila a respeito de Agostinha, ficava perto dela muito freqüentemente, procurando não deixá-la aproximar-se muito das outras.

AS ALUNAS PEQUENAS TÊM MEDO DELA

As irmãs Rossi, porém, se bem que tenham ouvido tudo, evitam falar para não incorrer no perigo de alguma repreensão do Diretor, que não admite maus juízos sobre ninguém. Elas o sabem: as menores, que por sua simplicidade, experimentam um senso de medo ao ver Agostinha e dela fogem a mais não poder, são repreendidas.

Para Angélica Sorbone aconteceu o pior. Mais de casa e menorzinha, tomou coragem e disse para todas: "Não nos agrada, não. Tem os olhos maus, nos dá medo".

Quando tentam fazê-la dizer de modo diverso, continua com sua afirmação. Fez-se então, uma trouxinha com suas roupas e foi colocada à porta, para que voltasse para sua casa.

O Diretor esperou vencer por esse meio o julgamento tão decidido daquela inocente. Foi porém só uma prova e a menina, que ficara parada apenas fora do portão, é induzida a pedir desculpas.

Pedi perdão para não desagradar ao Senhor, mas não quis modificar sua afirmação de não ter nenhuma simpatia por Agostinha.

"PROVAI-A NA HUMILDADE"

Com a morte de Ir. Maria Grosso, Agostinha demonstra participar da dor de todas. Mas está claro que seu coração permanece estranho. Antes, parece desprezar a persuasão geral de que aquela bela alma seja admitida bem depressa ao Paraíso.

Percebe talvez que indispõe o coração de todas com suas dúvidas? Certo é que um dia, na sala de trabalho, começa a agitar-se, a ficar vermelha, depois pálida, depois a botar a língua para fora, como quem, morrendo de sede e de calor, procura um pouco de refrigério.

Irmãs e postulantes olham-na impressionadas e lhe perguntam de que precisa. Mas ela, recusa qualquer coisa e cai sobre o banco, quase desfalecida, dizendo com um fio de voz: “Sofro o purgatório por Ir. Maria Grosso”.

O fato se repete muitas vezes, com angústia da comunidade e com tremor da Madre que procura manter as postulantes e as jovens Irmãs longe desse espetáculo. Um dia, depois, cheia de alegria, Agostinha grita: “Oh! Irmã Grosso está no Paraíso! Também Pe. Pesarino está no Paraíso. Ei-lo, eu o vejo, o vejo!”

Sua fama de santidade lucra com isso. O Diretor alegre-se. A Madre, na sua apreensão pelo que é extraordinário, adverte Agostinha que se continuar desse modo deverá voltar para casa. Agostinha suplica que a prove ainda. Promete fazer quanto lhe é possível para tornar-se como as outras. Assegura querer preparar-se para passar um mês de maio verdadeiramente fervoroso, para obter de N. Senhora a graça de ficar para sempre.

A Madre cede e Agostinha reza, trabalha, observa a regra e se informa em relação à próxima vestição.

No dia em que se reúne o Capítulo para decidir quem deve ser admitida a vestir o hábito religioso, Ir. Emilia Mosca é chamada para substituir temporariamente a Mestra Ir. Maria Grosso. A interpelada não esconde não ser por nada favorável à estranha conduta de Agostinha Simbeni, a qual, no entanto se encontra na sala de trabalho, agitadíssima e diz à Irmã vizinha: “Reze comigo três Ave-Marias para que não me mandem para casa!” Ela se dizia mesmo desejosa de ficar.

Não sendo admitida à vestição, a Madre obtém do Capítulo — e para iso também do Diretor — a permissão de demiti-la.

Agostinha parte, mas após ter estado fora um dia só, volta toda contente.

Diz que encontrou D. Bosco, que lhe disse para voltar porque deve fazer-se santa.

E se comporta tão bem que tira toda a dúvida e torna maiores admiradoras de suas virtudes as que já a olhavam com assombro e santa inveja.

É nesse tempo que a administração das colônias balneárias ligurianas pede Filhas de Maria Auxiliadora para uma temporada de verão em Sestri Levante e a Madre apresentando as dificuldades da obra e os perigos que poderão correr as Irmãs, pergunta a Agostinha: “Que é que pensa a respeito a tua “menina”?”

Quem fosse essa “menina” não se sabe. Parece, porém, que dela Agostinha recebesse ordens e contra-ordens.

Pelo conceito de santidade que se formou de Agostinha e pelas provas não duvidosas de saber quanto é desconhecido por outros, tomou-se um pouco o costume de consultá-la nas coisas de maior importância.

Eis o motivo da pergunta da Madre que, na verdade, em certas ocasiões especiais, usa o mesmo sistema com as melhores alunas, dizendo ora a esta, ora àquela: “Vai um pouco perguntar a N. Senhora se está contente que se faça assim e assim”. Não é nenhuma surpresa portanto que desta vez tenha querido, também, a resposta da inspirada postulante, conservando-se livre, como sempre, de segui-la ou não. Agostinha demora em responder, depois diz com toda autoridade que a “menina” quer que se vá.

A Madre, estando em Turim e ouvindo o pensamento de D. Bosco, comunica à comunidade então os nomes das Irmãs escolhidas para a colônia. Agostinha aprova as duas primeiras, mas sustenta que a sua “menina” não quer absolutamente que Ir. Henriqueta Sorbone vá.

Não se faz caso dela, mesmo vendo-a enfurecer-se. A Madre se firma nas palavras de D. Bosco a respeito da visionária: “Deve-se acreditar nela? Provai-a na humildde. Se resiste...”

IRMÃ MINA VAI A TURIM

Passada a festa de Maria Auxiliadora e cumprida a função de vestição, profissão e encerramento do mês de maio, o Diretor se dirige a Turim. Acompanhando-o vai a noviça Ir. Domingas Mina, afetada pela tuberculose.

“Há três anos que não me sinto bem — afirma a querida Irmã — isto é, desde antes que entrei, mas... queria ser religiosa e...”

A Madre, aflita pelo mal que ameaça esta outra jovem professa, pensa em afastar a filha enquanto o estado ainda não é grave. Já existe em casa Ir. Maria Belletti, atacada pelo mesmo mal e sua vizinha de cama, que parece já se precipitar sobre o túmulo. Um

fiu de esperança a sustém, enquanto se diz: “Quem sabe se no seu clima... que os excelentes médicos de Turim... apanhando-a logo no princípio da doença...”

IRMÃ HENRIQUETA ESCOLHIDA PARA A COLÔNIA DE SESTRI

D. Bosco escuta do Diretor as novidades de Mornese e está para confirmar a escolha de Ir. Henriqueta Sorbone para a colônia de Sestri, mas pensa fazer uma visita ao Instituto de Sant’Ana, convencido de que uma palavra da Superiora de lá possa decidir talvez melhor a respeito.

Ali se vê rodeado pelas boas Irmãs e percebendo entre elas também as nossas Ir. Elisa e Ir. Henriqueta, que foram para um simples exame, diz, voltando-se para esta última: “Sabe que de você o Senhor quis exatamente o sacrifício da vontade? De fato, agora — se bem que tão perto da meta — é chamada para outra missão... O mais belo é que deve partir hoje mesmo, porque Mornese a espera para um novo sacrifício. O Senhor lhe quer bem, Ir. Henriqueta: Em seu lugar, por ora, fica conosco Ir. Carolina.”

Esta tinha acabado de chegar, acompanhando a irmã e Ir. Elisa. Vendo inesperadamente perder a esperança de ficar algum tempo com sua Henriqueta, consternada diz a D. Bosco: “Não me faça estudar, Padre. Não o conseguirei. Farei apenas gastar dinheiro e perder tempo”. E ele, acenando para Ir. Henriqueta: “Deixemo-la ir, ela vai por um caminho incomum. Você estude e fique tranquila.”

PARTIDA PARA SESTRI

Em Mornese se faz festa à chegada de Ir. Henriqueta, que se apresenta dizendo: “Eis-me aqui, saí de Turim com surpresa das caras Irmãs de Sant’Ana e das outras estudantes. Também desta vez D. Bosco quis salvar-me da humilhação.”

Em casa fervem os preparativos para a partida para Sestri. Ir. Henriqueta tem grande trabalho. Agostinha está de péssimo humor porque não está interessada na escolha do pessoal e além disso não se faz caso de sua “menina”, que não quer Ir. Henriqueta para aquela colônia.

As Irmãs partem para Sestri na terça-feira 5 de junho, acompanhadas pelas orações das co-irmãs e de recomendações temerosas da Madre.

OUTRAS ESQUISITICES DE AGOSTINHA

Agostinha preocupa sempre mais. Dá-se a um jejum rigorosíssimo. Nem voz alguma de autoridade vale para fazê-la desistir. Diz que a sua “menina” a nutre de celeste orvalho e é maravilhoso o fato de que ela se mantenha florescente e corada como de ordinário.

Depois, repentinamente se declara doente. Vai para a cama e em breve se reduz a extremos. Está imóvel, cadavérica. Perde o uso dos sentidos. Está quase sem pulso e sem respiração. Mandam-se chamar os médicos de Mornese e o de Lerma, os quais, completamente ignorantes da anomalia já notada em Agostinha, após terem-na acuradamente examinado e estarem admirados de que possa estar assim reduzida, dizem que sua morte é inevitável, iminente.

Saindo os dois médicos e permanecendo ainda por alguns momentos naquele estado de catalepsia, Agostinha diz com um fio de voz: “Dentro de um quarto de hora vereis um milagre.” Presentes a Madre, a enfermeira e outras Irmãs, Pe. Costamagna apanha o relógio e espera: ao se completarem os quinze minutos a moribunda se levanta repentinamente e grita: “Estou curada!” E verdadeiramente retoma sua cor e sua vivacidade.

“Bem, se você está curada — diz o Diretor — nós nos retiramos e você vista-se e desça”.

Passa um minuto e Agostinha corre para baixo pelas escadas, como se não tivesse nunca estado doente.

Diz que sua “menina” a curou; a “menina” é para algumas, N. Senhora, para outras, Santa Sabina.

Parece que com a cura recebeu o dom das profecias, das revelações, dos êxtases.

O Diretor devia por esses dias ir a Lanzo e ela: “Não vá. Haverá um desastre.” O Diretor parte do mesmo modo, para demonstrar que não dá muita importância às suas palavras. Todavia, muda de itinerrário. O trem em que deveria viajar sofre uma batida, com muitas vítimas.

Um dia o Diretor chamou Agostinha e lhe perguntou repetidas vezes: “Que fazem agora em Sestri? . . . e neste momento?” e escreveu o que ela disse, tendo um horário de toda a jornada daquelas boas Irmãs.

Indo depois visitá-las, interrogou-as minuciosamente e descobriu ser verdadeira cada palavra da moça.

O Diretor também a interrogou:

— Qual é no Instituto a Irmã mais cara ao bom Deus??

— Ir. Rosália Pestarino — foi sua resposta.

Uma Irmã devia ir a Serravalle. O tempo está suavíssimo e o céu sereno. Mas Agostinha: “Dentro de duas horas virá um temporal.” Ri-se de sua afirmação. Mas sobrevêm relâmpagos, trovões, granizo: um pandemônio.

Algumas vezes, esse seu conhecimento dos outros é também causa de sofrimento. Morreu o pai de uma pobre Irmã. A pobrezinha se dirige a Agostinha para saber se está ao menos salvo.

— Está no inferno — ouve-se responder, sem um fio de piedade.

E quantas lágrimas naquele pobre coração!

Também outras choram por causa de Agostinha. Consolidado já o conceito de sua santidade, diz que sua “menina” está irritada porque em casa há pecado. Irmãs e alunas teriam cometido isto e aquilo e depois não o teriam dito em confissão.

A pobre Irmã Teresa Laurantoni é tomada particularmente como alvo. Um dia, em conferência pública, foi ameaçada de expulsão pelo Diretor. A pobrezinha se humilhou até ajoelhar-se na presença de todos.

Não falamos de Irmã Emília Mosca que não goza absolutamente das graças de Agostinha. Assim como em Irmã Emília não há a fé na santidade estranha da visionária.

Um dia em que foi se acusar disto, levou dois sonoros tapas.

No entanto, Agostinha realiza maravilhas. De manhã, durante a Missa, se eleva até a altura dos castiçais e, durante a comunhão, canta com belíssima voz:

“Vem — me disse — ó minha dileta,
deixa o mundo enganador.
Oh! beato quem se lança
nos braços do Senhor”!

Às vezes, os cabelos, soltos abaixo dos omhros se tornam longuíssimos. O rosto se torna branco, etéreo e ela desfalece, permanecendo como morta. Quando volta a si, profetiza.

Num desses dias, se dizia que Agostinha — uma vez que não fora admitida à vestição — devia fazer os esponsais com Jesus, mas em grande segredo, na presença apenas do Diretor, da Madre e de Irmã Emília.

Irmã Marieta Rossi e uma outra, desejosas de ver o prodígio, ficam atentas e, no momento oportuno, sem nada dizerem a ninguém, se colocam na sacristia para ver, sem serem vistas, cuidando de tirar os sapatos para não fazerem barulho. Mas, logo que se colocam escondidas no canto mais próprio, Agostinha grita alto: “Senhor Diretor, o Senhor não pode dar-me o anel divino porque há pessoas espiando”.

Imaginem o susto das curiosas e sua agilidade na fuga. . .

Entretanto, no colégio se fazem grandes preparativos para a bela festa de Corpus Domini (15 de junho).

Na noite anterior, à meia-noite em ponto, Agostinha obriga a comunidade a descer à capela, gritando que “assim quer a sua menina, assim quer Deus”. As alunas são mantidas na cama, mas levantam-se as Irmãs e também os sacerdotes, chamados de propósito. Até Cravero vem, o lépido sapateiro que, após haver meditado sobre o “Sempre! Nunca!” de Santa Teresa, fez sua aplicação: “Também em Mornese. Sempre batatas, sempre batatas, carne nunca, nunca nada de novo”.

Após um pouco de oração, Agostinha entra em êxtase. Eleva-se do chão e começa a entoar em francês um canto tão melodioso e sublime que faz todas se sentirem como que no paraíso.

Acabado o canto, grita: “A santa, a santa: vejo a santa! A menina me olha, me fala. . .”

A postulante Felicina Maserà, já pelos seus 55 anos, outro fruto de insistentes recomendações, é toda de Agostinha e lhe está sempre perto. De repente também ela começa a gritar: “Também eu, também eu a vejo. . . Oh! como é bela!” Todas as Irmãs se levantam para ver. Em todas, no meio dos sussurros, há uma agitação e um tremor que paralizam e não deixam ouvir o bom Deus.

Quem permanece tranquilo é o sapateiro Cravero, pouco acessível a comições de tal espécie. Durante o êxtase e o canto ele retomou o sono interrompido e agora, despertado pelo grito de Agostinha, resmungava aborrecido: “Mas, não acabou ainda essa comédia”? Assim como pela manhã, quando os arrebatamentos da Agostinha acontecem durante a Missa, resmungava invariavelmente: “Oh que música: e quando terminará?”

Pela manhã a casa está toda enfeitada para a procissão, na qual tomam parte também as Irmãs e as alunas. Agostinha vem também, vestida de branco, os cabelos encaracolados, a cruz sobre os ombros.

Teve a incumbência de vesti-la e enfeitar-lhe a cabeça a sua pouco devota Irmã Emília, segundo a ordem da celestial “menina”.

Ordem esta que Irmã Emília sendo boa, cumpriu com graça e edificação, não sem proveito para a humildade. Num certo momento, quando os cabelos da “vidente” se rebelam contra o penteado desejado, a boa Irmã sai com um vivo: “Oh! Santa paciência!”. Mas, logo se volta para Agostinha: “Fiz mal, é verdade, em dizer assim?” E a outra: “Ah! se não o tivesse dito, estaria melhor”.

Agostinha, na procissão, permanece devota como um anjo. E todos vêem que a cruz, sem que nem ela nem outrem a sustenha, está no lugar e a acompanha tocando-lhe apenas o ombro. Por isso, todos na região, à sua presença, repetem comovidos: “A santa, a santa!”

Voltando ao Colégio, fica todo o dia assim enfeitada e durante o almoço vai ao refeitório das alunas para distribuir a cada uma um cravo branco e um beijo. À noite, depois, comparece com o hábito de noviça. O Diretor, persuadido ainda mais da santidade dela, pelo que aconteceu naquela noite e na procissão, fez uma vestição especial para ela.

A Madre, porém, não permite que lhe cortem os cabelos. Uma vez vestida com as sagradas divisas, Agostinha diz ter a incumbência de converter um certo senhor de Cavi, conhecidíssimo como ateu. O Diretor ordena que as Superiores a acompanhem. Ele também se encontrará lá. São todos hóspedes especiais da senhora Verdone. Ali Agostinha vê o tal senhor e lhe fala repetidamente, dando contas de tudo ao Pe. Costamagna. O ateu se mostra cortês, respeitoso, mas irremovível. E a comitiva retorna como fora.

Agostinha não fica mortificada por isto e, durante o percurso, assegura que, durante a ausência deles, São José se apresentara em Mornese, não tendo sido recebido, porém, pela porteira.

Chegam ao colégio, quando as Irmãs já estão dormindo. Mas, Pe. Costamagna manda chamar logo Irmã Agnese Ricci e lhe diz, repetidamente:

— Bem, Irmã Agnese! Sabe que você mandou embora São José?

— São José? Eu não o vi.

— Mas, sim — insiste Agostinha. Veio três vezes pedir esmola.

— Ah! era São José?

— E Irmã Agnese conta: “Veio um velhinho, vestido pobremente, mas limpo, limpo, com ar tranquilo e me pediu alguma coisa para comer. Disse-lhe que não era a Ecônoma, que não era nenhuma das Superiores e que não podia dar esmola. Voltou uma segunda e

uma terceira vez. Por fim disse: “Não pode mesmo dar-me nada? Paciência!” E foi embora mortificado, mas, calmo. Quem podia saber que era São José? Se o tivesse sabido, não o mandaria embora, pois rezamos e precisamos tanto dele!”

O Diretor sorri e tudo termina assim.

D. Bosco, advertido novamente do que acontece, repetiu: “Provai-a na obediência”.

Obedecer? Agostinha não aprendeu ainda esta arte e parece pouco disposta a tal escola.

Menospreza o caráter sacerdotal com alusões indignas. Quebra correntes de ferro e as recompõe de modo perfeito. Nos seus arrebatamentos diz palavras que não se podem repetir. Toma como alvo, sobretudo, Irmã Emília Mosca, com intrigas e com medos, chegando a entrar no seu quarto pelo buraco da fechadura sob a forma de mosca, para retomar a própria aparência somente lá dentro.

Age de modo contrário com Irmã Teresa Laurantoni de quem agora está sempre perto e quer saber como se sentia e como aconteceu o milagre, comentando o fato de modo que na pobre Irmã Teresa nasce a dúvida sobre o caráter prodigioso da cura. Atormentada, enfim, pelo medo de haver pecado, detendo-se voluntariamente nesta dúvida e não satisfeita com as respostas do Diretor e da Madre, fala com Agostinha. Ela sabe tudo — diz a si mesma — portanto, saberá também isto. Agostinha, após ter pedido um dia de prazo, lhe respondeu que ficasse sozinha no santuário da Guarda, em Gavi, na mesma tarde e rezasse uma Salve Rainha. Depois disso lhe seria perdoada a sua dúvida.

Naturalmente a Madre recusou tal permissão. Então, Agostinha aconselha a Irmã Teresa a levar consigo uma Irmã idosa, mas que fosse exatamente na mesma tarde. Nem mesmo assim a Madre permite o passeio e, pelo contrário, determina à Irmã Teresa que fique tranqüila, sem qualquer pensamento sobre o passado.

Na mesma tarde, cinco pessoas no caminho do santuário de Gavi, são agredidas e espancadas.

Mas, Agostinha que quer a todo custo ganhar a simpatia de Irmã Laurantoni, procura obtê-la, lisonjeando-lhe o amor próprio:

- A Sra. é a preferida do Coração de Jesus — lhe diz um dia.
- E você é um demônio — responde sem hesitar a Irmã.

Agostinha se aborrece e Irmã Teresa que, com razão, teme as conseqüências de sua ira, corre para a Madre a se acusar e pede conselho sobre o que fazer.

A Madre não desaprova muito que ela tenha dito o que lhe pareceu uma voz interior, mas lhe recomenda mais prudência e lhe ordena não permanecer nunca sozinha com quem lhe perturba o espírito desta maneira.

Passa-se um dia e Agostinha, vendo a Madre na iminência de ir a Gavi com Madre Petronila e Irmã Laurantoni, pede e suplica para ser levada com elas. A Madre escolhe dos dois males o menor e a satisfaz. Vão saudar a senhora Momina que, como sempre, lhes oferece alguma coisa, antes de tomarem a estrada.

Agostinha, contra seu costume, é toda cortês e ajuda a dona da casa a servir a cada uma um pouco de vinho branco e a oferecer-lhes os cálices. A Madre, que a segue sempre com o olhar atento, diz baixo, à Irmã Teresa que está a seu lado:

— Não bebas!

Irmã Teresa não entende e uma vez que as duas superiores e Agostinha bebem, faz também ela por provar o belo vinho dourado. Mas, a Madre, resoluta, lha dá um pequeno tapa na mão: “Não bebas. Não bebas. Sabes que o vinho branco te faz mal!” E afasta o cálice.

Agostinha se aborrece, mas se cala. Depois se vem a saber que o cálice continha veneno.

Agora o Diretor, ao dar a santa comunhão, aproximando-se dela, freqüentemente a salta, se pode fazê-lo sem dar na vista.

Certa manhã, vimos partir Irmã Emília com Irmã Teresa Mazzarello e Agostinha. Esta em trajas seculares. Conduzem-na a Serravalle — dizem — para colocá-la no trem que vai diretamente a Sampierdarena, onde os Salesianos a acompanharão até o barco de partida para Roma. A comunidade se alegra com isso.

As duas Irmãs lhe entregam a passagem. Põem-na no compartimento. Ficam com ela até que o trem parta. Depois, voltam rapidamente para o colégio, mas, subindo ao dormitório, encontram Agostinha tranqüila na própria cama.

A sua “menina” a reconduzira “porque — diz ela — eu não quero ir embora e, antes de mim, devem ir muitas outras”.

E se põe a ir e vir, mandando como se tivesse autoridade e não querendo fazer nada. As Irmãs estão aterrorizadas. O Diretor decide a dar especiais bênçãos à casa.

O que mais aflige a Madre Mazzarello é a impressão negativa que possam receber as postulantes. E neste ano entraram dezoito.

COMO MADRE MAZZARELLO CUIDA DAS POSTULANTES

Sempre foi para as novas que chegavam terníssima Madre. Mas, agora se juntou o temor de que pelas ações de Agostinha seja frustrada a graça do Senhor nas jovens almas. Redobra por isso em vigilante bondade e as cerca de afeto de modo a induzi-las a superar todas as outras impressões.

Vai recebê-las quando chegam. Deixa-as falar e chorar, perto dela, pelo que deixaram. Sem insistir sobre seus deveres, apresenta em si mesma o exemplo vivo do que elas deverão fazer depois; observa o horário e as ordens da casa, mesmo que custe sacrifício. Empenha-se como de costume antes e mais do que todas nos trabalhos humildes e inferiores, fazendo com elas recreios animadíssimos, durante os quais as interroga habilmente. Desse modo transcorre a maior parte do dia com elas. Afeiçoa-as a si e ao Instituto, enquanto as estuda, atentamente, de modo a não errar no julgamento delas.

Com que bondade e até com que alegria desculpa suas faltas!

A postulante Domingas Telinelli, ao tirar água, deixa cair o balde no poço. Apresenta-se toda perturbada à Madre para dizer-lhe da própria falta. A Madre se põe a rir e: “Você se assusta por isso? — diz-lhe Ali dentro o balde está seguro e nós o recuperaremos ainda”.

Apesar de seu afetuoso interesse, não faltam as que, amedrontadas, quereriam ir-se embora. Dizem que no colégio além de haver pouco alimento e muito trabalho, há contínuos sustos.

Na verdade, basta ver Agostinha quando é hora de ir à igreja para tremer. Cai por terra, se contorce como que presa de convulsão e parece que se torna delgada e comprida como uma cobra.

A MADRE CONDUZ AGOSTINHA A D. BOSCO

A Madre quer ouvir ainda D. Bosco. Assim, escolhido o momento em que a própria Agostinha diz que quer falar ao Fundador, enquanto ele está em Borgo S. Martinho para a festa de São Luís, ela a leva até ele.

O Diretor a acompanha até Borgo. Madre Petronila, somente até Gavi. Ali à espera do trem, hospedam-se como de costume na casa Verdone.

A cara senhora Momina serve-lhes o almoço. Depois vão descansar um pouco. Agostinha se recosta, de verdade, na cama e parece que dorme. Madre Mazzarello com Madre Petronila andam pelo corredor, falando de suas coisas. A um certo ponto, Madre Petronila diz, baixinho, sabendo com quem têm que lidar e sem absolutamente nomeá-la: “Será possível que não possamos nos libertar?”

Não terminara de falar e Agostinha já saltara sobre ela, como que para estrangulá-la. É preciso que venha alguém para libertá-la. Em Borgo S. Martinho D. Bosco não precisa falar com elas para entender do que se trata.

Bastar-lhe-ia o modo como se apresentaram a ele, já que, apenas à porta de seu escritório, Agostinha dá um empurrão na Madre para segurá-la por trás. Entra e ousadamente lhe fecha a porta no rosto.

D. Bosco se demora pouquíssimo com ela. Em seguida, adverte à Madre para mandá-la embora: “Livrem-se, livrem-se dela o mais depressa possível. Escreverei ao Pe. Albera que as ajude nessa tarefa”.

A Madre pensa, por isso, em não levá-la nem mesmo a Mornese e, para evitar cenas desagradáveis, entrega-a às Irmãs de Borgo, para que a acompanhem ao trem e, pela linha de Casale-Alexandria, a mandem diretamente a Sampierdarena.

A MADRE EM MORTARA, POR ERRO

E ela parte logo para Mornese, mas erra o trem, e muito tarde, dá-se conta de estar indo para Mortara. Desce em Mortara, quando já está escuro. Não há esperança de outro trem e — o que é pior — a pobre Madre não tem mais dinheiro. Dirige-se ao pároco, narrando-lhe sua situação e pede-lhe que a hospede na paróquia ou lhe indique uma família que possa recebê-la por aquela noite.

O pároco desconfia, não a quer na paróquia, não quer comprometer-se junto a ninguém, diz-lhe que... há um albergue noturno seguro, onde se abrigam os pobres da região ou os de passagem. E Madre Mazzarello é constrangida a passar a noite ali, sentada num canto, afastado e seguro e, na oração não acha longas nem mesmo aquelas horas de incômodo.

Pela manhã, muito cedinho, vai à santa Missa, comunga e se diirige logo ao pároco para pedir-lhe, por caridade o dinheiro para

a viagem, assegurando-lhe devolvê-lo apenas chegasse. Diz quem é, para onde vai. Usa, se bem que contra a vontade, o nome de D. Bosco... O pobre pároco não se persuade. Não acredita e só quando a vê diante de si de joelhos se resolve a dar-lhe o pouco de ajuda indispensável.

A “MENINA” RECONDUZ AGOSTINHA A MORNESE

Na sua sede de humilhação, a Madre desta vez encontrou uma boa fonte: não erra mais de trem, mas, quando, à tarde, chega a Mornese junto a suas filhas, estas, com o coração confuso, lhe comunicam que Agostinha chegou antes dela, lá pelo meio dia. E a própria Agostinha, tranqüila, tranqüila a saúda com o habitual refrão: “A menina me trouxe até aqui”! A Madre diz para si mesma: “Foi mesmo o diabo quem fez tudo, desta vez. Depois de Mortara, também isto”!

E conta o seu caso entre os oh! e os ah! das Irmãs, todas com pena dela, que ri prazerosamente.

Enquanto se apressa a saldar o seu débito para com o pároco de Mortara, vem a tomar conhecimento da continuação da aventura: Agostinha, percebendo a partida da Madre de Borgo, tinha ficado agitada, tirado uma faca contra uma Irmã e desaparecera.

FINALMENTE A LIBERTAÇÃO

O mês do Sagrado Coração termina com a partida definitiva da já famosa Agostinha.

Fazendo toda a comunidade rezar pela graça tão desejada, a Madre dá as disposições mais oportunas para que Agostinha esteja pronta na manhã seguinte, bem cedo, para estar a tempo em Serravalle e tomar o trem para Gênova.

Ela mesma vai acordá-la. “Não, eu não me levanto. Eu não vou. Devo ficar aqui!”

Ajuda-a a vestir-se, mas, uma vez vestida, ninguém consegue movê-la. Vêm então os dois: Cravero, que sempre a viu amargamente como impostora e o pedreiro Vallino. Por eles, um pouco por bem, um pouco por mal, é levada para o andar térreo. Em seguida, como que entre dois guardas robustos e vigilantes, o “raro sujeito” prossegue até Sampierdarena, onde é esperada pelo senhor Pe. Albera que, recebendo a carta de D. Bosco, apressou as providências para o embarque dela no vapor que a levará de Gênova a Roma.

Desta vez não mais voltou atrás. Talvez também a sua “menina” tenha perdido o caminho.

O ONOMÁSTICO DA MADRE

E já que se está livre do pesadelo que há meses pesava sobre a casa, o Diretor quer que no dia 5 de julho se celebre o onomástico da Madre: é a festa de Santa Domingas. Não haverá somente a oferta da santa comunhão e os votos afetuosos, como nos outros anos, mas também cantos, poesias, composições que há tempos o coração preparava e as circunstâncias pareciam querer impedir.

Irmãs e alunas estão muito alegres, mas, a Madre, não. Tanto que, quando tudo está pronto, procura-se daqui e dali e não se acha a festejada, que, não se sentindo obrigada a este novo gênero de humilhação, pensou em afastar-se, escondendo-se no sótão.

Finalmente, descoberta e feita alvo das mais afetuosas demonstrações das filhas, não se livrou de uma boa “esfrega” do Diretor, por ter-se feito procurar.

O dia termina com um alegre passeio até o santuário de Rocchette: honrada pela companhia do pároco e dos marqueses D’Oria di Mornese.

TERCEIRA CARTA DA MADRE AO PADRE CAGLIERO

No dia 8, a Madre escreve ainda ao Pe. Cagliero.
Muito Revdo. e bom pai,

se bem se recorda, antes que partisse, lhe dizíamos: quando estiver na América, os afazeres o farão por certo esquecer as pobres FMA. E parece que adivinhamos, já que não responde nunca a nossas cartas e já lhe escrevemos várias! Se soubesse quanto desejaríamos saber suas notícias, por certo não nos faria suspirar tanto.

Soubemos, não sei como, que V. S. esteve doente. Essa notícia nos trouxe mesmo desgosto. Esperamos, porém, que a esta hora, esteja restabelecido.

É preciso novamente anunciar-lhe uma morte! Sinto muito, mas, que fazer? O Senhor quer encher a casa do Paraíso. No dia 13 de abril (quinta-feira santa) às 6:30h da tarde morria a cara Madre Mestra. Falou até quase o último instante e morreu dizendo: “Fiat voluntas tua”. Edificou-nos a todas com a resignação que mostrou sempre no curso de sua doença, que durou três meses.

Deposições de hábito, além daquelas sobre as quais já lhe escrevemos, não houve, graças a Deus. Aconteceram, porém, coisas extraordinárias e tumultuosas que exigiriam no mínimo quinze dias — e falando continuamente... escrever sobre elas é impossível! Seria preciso ter visto...

Basta, tentarei escrever alguma coisa do melhor modo possível. Tivemos êxtases, arrebatamentos, revelações de coisas ocultas, mas, coisas de consciência que estavam sepultadas no mais profundo do coração de alguém. E tudo isto por meio de uma moça romana, enviada aqui por D. Bosco, para tirá-la da boca dos lobos. Não me detenho a dizer o que a princípio ela fez. Basta-lhe saber que foi mandada embora porque era muito má. Ela se recomendou tão de coração a Nossa Senhora em todo o mês de maio que obteve a graça de retornar após um dia apenas de ausência (como isso aconteceu lhe será depois contado, em seu retorno). Então começou a falar de uma menininha visível somente para ela, que lhe ficava quase continuamente perto. A princípio foi tida como louca, depois adoeceu gravemente e foi em seguida curada instantaneamente por N. Senhora (assim ela dizia).

Depois desse milagre começou a revelar coisas ocultas e não se pode negar que ela fez grande bem a muitas almas desta casa. Depois começaram os êxtases, o jejum absoluto de vários dias, em cujo tempo era nutrida de alimento celeste pela menininha. Dizia ver N. Senhora e muitas vezes nos fez ajoelhar todas (até o Sr. Diretor) para receber sua bênção. De todas essas coisas nos deu provas tão certas que todas as tinham por verdadeiras. Até D. Bosco lhes prestou fé.

Mas, depois, a cena mudou e nos apercebemos de que ela era possuída pelo demônio e, não encontrando nenhum remédio, seguindo a ordem de D. Bosco, a enviamos para fazer algum milagre em Roma. Venha logo e lhe contaremos todas as particularidades desta comédia. Por ora basta isso.

Outras novidades não houve. Apenas as vestições do 24 de maio, já lhe escrevi sobre isso.

Irmã Teresa Laurantoni está perfeitamente curada. Agora, temos doente dos pulmões Irmã Mína. Não é de se admirar. Ela mesma confessou que há três anos tem esse mal e, por certo, vindo para um clima forte, isto se torna mais grave. Mandei-a para Turim e de lá foi mandada por D. Bosco para Pedemonte, com a mãe de Irmã Elisa. Está vestida de freira e totalmente resignada à vontade de Deus. Também

Irmã Maria Belletti está atacada pelo mesmo mal. As outras, graças a Deus, estão bem. São alegres e por quanto posso conhecer, são boas também.

No princípio de junho foi aberta uma casa em Sestri Levante, isto é, não uma casa: são sete Irmãs que foram assistir aos rapazes e às moças escrofulosas que vão para lá tomar os banhos: entre aquelas Irmãs estão Irmã Henriqueta, Ir. Angiolina (do secretário). As outras cinco não lhe são conhecidas. Em setembro retornarão ao ninho.

E o senhor, quando virá ver o ninho? Nós o esperamos brevemente. Se visse quanto cresceu o número das FMA! São 30 postulantes, cerca de 10 noviças, cerca de 36 professoras e 30 alunas. Pode vir escolher um bom número para levar para a América, quase todas desejam ir. Venha, portanto, depressa, pois, o esperamos mesmo de todo coração.

Agora, ouça o que lhe quero dizer: reserve para mim, mas, de verdade, sabe? um lugar na América. É verdade que não sirvo para nada, mas, polenta sei fazer e depois estarei atenta à roupa lavada para que não se gaste muito sabão e, se quiser, aprenderei também a cozinhar um pouco. Enfim, farei todo o possível para que fique contente quando me fizer ir. Para contentar as Irmãs deveria dizer-lhe uma palavra no nome de cada uma: já que isto é impossível, deixo que interprete todas e recomendo cada uma em particular às suas orações. Assim, cada uma lhe apresenta saudações, afirmando que todas rezamos sempre a Maria SSma. para abençoar seu trabalho e conservá-lo ainda por muitos anos.

Queira, porém, de modo especial, rezar por mim, eu o recordo sempre toda vez que vou à igreja. Digne-se mandar-nos sua bênção e creia-me sua

Humílima filha em Jesus

Irmã Maria M. (9)

Mornese, 8 de julho de 1876

P.S.: Por favor, dê o anexo bilhete à Sra. Borgna, no entanto, peça-lhe para pagar alguma coisa. São três filhas desprovidas de tudo. A menor ainda não tem oito anos. Por conseguinte não faz nada. Deveria ao menos pagar por esta.

Aquí faz calor, sabe? Pudesse mandar-nos um pouco do frio que sentem por aí. Nós mandaremos o calor. Ao contrário, é preciso que vocês soprem sobre os dedos e que nós procuremos ar. Eis como vai o mundo! Procura-se sempre o que não se tem. Mas, no Paraíso não será mais assim, não é verdade? Oh! que prazer, vamo-nos para lá? Lá amaremos Jesus de verdade!

(9) Original no Arq. Centr. Sales.

Lembra-se ainda de que há uma certa Irmã que se chama Irmã Emília? ⁽¹⁰⁾ Faça um pouco a caridade de rezar por ela. Se soubesse quanto ela precisa disso! As outras já são santas ou quase santas. Esta é sempre má. Não aprendeu ainda a amar a Jesus! As outras são todas fervorosas e esta é sempre de gelo! Pobre de mim! Quem sabe como acabará! Reze de verdade. Também as alunas quereriam escrever-lhe, mas por esta vez não foi possível. Aceite a boa vontade e as abençoe. Mas escreveram outras vezes como nós e não tiveram nunca nenhuma resposta.

O ESPÍRITO TURBULENTO DE AGOSTINHA

Dir-se-ia que o espírito de Agostinha retornava de tempos em tempos a Mornese para divertir-se e perturbar a calma do colégio. Saindo ela, começou a vir quase todas as tardes um certo gato que, ao se aproximar de alguém, desaparecia. E de noite se ouvem sons de sino, miados, uivos, vozes estranhas que não se sabe de onde vêm, mas causam medo.

O Diretor benzeu a casa, mas sem resultado. Até o pároco foi incomodado para dar uma bênção solene. E as visitas noturnas continuam. Todos pensam que seja o fantasma da Agostinha e de sua “menina” que a procura para lhe dar suas ordens.

QUESTÃO ESPINHOSA

Isto em casa: E fora de casa? . . . E em Mornese mesmo? É triste dizê-lo: um certo senhor Pastore, que já tinha aproveitado tanto da caridade de D. Bosco no oratório de Valdocco, voltando à região natal se acreditava destinado a encargos especiais e de importância.

Alcançando, de fato, o cargo de conselheiro municipal, insistiu em ter apoio e recomendações para subir mais. D. Bosco se ocupara com isso, mas sem resultado. Pastore, então, concebendo o projeto de se vingar, tinha proposto ao município eliminar tanto o salesiano quanto a Irmã das próprias escolas, porque havia elementos leigos sobre os quais exercer mais livremente sua autoridade. Já estava para vencer a partida quando Pe. Bodrato, enviado expressamente a Mornese, disse claramente a seus concidadãos, que esse passo seria o suficiente para levar o paciente D. Bosco a transferir para outro lugar aquela sua obra feminina: ainda que somente para Gavi, Serravalle ou Novi, centros bem mais importantes que Mornese que, além de ser pequena, está muito fora de mão. Isto seguramente seria uma desvantagem

(10) Irmã Emília Mosca a mesma que escreve sob ditado da Madre.

para a região, tão pouco apta a entender o benefício de ter um tal instituto educacional.

Esta ameaça, antes mesmo de sair do coração entristecido do Pe. Bodrato, tinha escapado daquele sempre fiel tabelião Traverso, atual conselheiro municipal em Gavi. É prova disso sua carta de 3 de julho a D. Bosco, com a sugestão de preparar outra sede melhor para as Filhas de Maria Auxiliadora: ele contribuiria de todas as formas que lhe fossem possíveis. Sobre o mesmo argumento escrevia também o Pe. Costamagna, numa carta de 2 de julho, que refere ao pé da página o acréscimo de D. Bosco para a relativa resposta.

A franca declaração de Pe. Bodrato parece acalmar a questão, mas é fácil supor quanto isso aflige o ânimo da Madre.

ONOMÁSTICO DO DIRETOR E PASSEIO A TOBIO

A comunidade, tendo aprendido a festejar os onomásticos dos Superiores, na terça-feira 25 — festa de S. Tiago, quer celebrar o do Diretor.

Solenidade na igreja, leitura de alguma composição, poesias recitadas pelas alunas. São poucas e pobres coisas, mas ricas de verdadeira e cordial gratidão.

Depois todos vão a um agradável passeio até o Tobio.

Parte-se bem cedo. Irmãs e alunas com a Madre. O Diretor e o pároco, abençoando o passeio, se encaminham por sua própria conta.

Faz-se a parada na base do monte, onde o grupo mais maduro e cansado se detém para preparar o almoço, enquanto os mais animados não hesitam em avançar até lá em cima.

Irmã Macario, subindo a encosta de quatro, quebra a única garrafa de vinho trazida como provisão. O incidente não perturba o bom humor. No cume, Pe. Costamagna grita e as Irmãs mais próximas gritam com ele: “Viva Jesus!” As outras, lá embaixo: “Sempre em nossos corações!” Quando Pe. Costamagna acrescenta: “Marmotas”, as de baixo repetem: “Sempre em nossos corações”. As risadas se fazem sonoras e dissipam até a seriedade do pároco. Depois descem e, na verdade, escorregam pelo outro lado. E eis que vêm ao encontro as Irmãs, alegres, com o almoço preparado. Para compensar a garrafa quebrada, Irmã Tersilla, com um vestido rasgado e com um lenço emprestado do sítio dos Romiti, se disfarça de pobre e vai pedir

esmola aos dois reverendos que, não reconhecendo, lhe dão alguns trocados.

Após o almoço os sacerdotes se vão. A Madre mantém santamente alegres as filhas e depois as faz todas repousar à sombra da vegetação, velando ela própria o grupo.

Também desta vez dá provas de seu coração. Voltando na estrada, uma Irmã pisando de mau jeito, perde o equilíbrio no começo de uma fenda e cai em direção ao barranco. A Madre, sem um momento de hesitação, se joga de lado e experiente como é nos penhascos, e forte em seu amor materno, passa entre um intrincado espinheiro e consegue detê-la na corrida e reconduzi-la para cima, incólume. Nenhum outro incidente no resto do caminho que prossegue alegre e recolhido entre o canto de louvores sacros e a recitação do santo Rosário, com o ânimo alegre pela fraterna união dos corações.

EXERCÍCIO DE POBREZA E DE AFETO RELIGIOSO

Também em Turim no dia 9 se festeja a Diretora, Ir. Elisa. Informa a Vigária, Ir. Catarina Daghero: "Em preparação ao onomástico da Diretora, nós, Irmãs, pudemos juntar duas liras e meia de oferta. Mas, na dúvida de poder guardá-las alguns dias e depois dispor delas segundo nosso desejo, nos aconselhamos com Pe. Rua, que nos responde: "Vocês sabem se a pobreza religiosa permite ter dinheiro guardado!" De modo que, à noite, indo para a cama, sem dizer nenhuma palavra, tiro a bolsinha de dinheiro de Ir. Laurantoni que dorme no mesmo quarto. Ela a toma de mim: a bolsinha, ajuizada, acaba sob a cama e ali permanece por toda a noite, tirando-nos o remorso de ter dinheiro conosco. Pela manhã fomos ligeiras fazer a grande compra de pano grosso e lã para um par de chinelos e um porta-relógio. Mas depois, também para fazer esses trabalhos, quantas escapadas, quantos subterfúgios! A Diretora tinha sempre o gosto de vir surpreender-nos aqui e ali. Tanto que eu fiz um firme propósito: não serei nunca Diretora, mas se por desgraça devesse tornar-me, nestes casos deixaria as Irmãs livres para fazerem alguma coisa, coitadas. ⁽¹¹⁾

De Sestri têm-se ótimas notícias. Meninos e meninas, antes verdadeiros moleques, correspondem satisfatoriamente ao trabalho das Irmãs. Acabam as respostas malcriadas, o falar e o agir muito livremente. Aprendem o catecismo, as orações, os louvores e, enquanto fortalecem o corpo com o tratamento marítimo, com os saudáveis

(11) Anexo (Allegato) n.º 16 a). 16 b).

passeios e o bom alimento, revigoram o espírito com o amor de Deus e com a santa comunhão.

D. Bosco enviou para aqueles felizes jovens um grande pacote de terços e medalhas bentas. Deu para todos e ainda sobrou.

Bela coisa ter quem ajude assim no trabalho das almas, especialmente quando é necessária uma fortíssima ajuda, como para aquele ambiente perigoso e cheio de insídias, como dizem que era o da praia na estação balneária.

RETIROS PARA SENHORAS

Agosto traz uma novidade: ao invés de um curso apenas de exercícios espirituais, haverá dois: um das senhoras; outro, das Irmãs. É uma disposição providencial pois que enquanto oferece a melhor oportunidade de dirigir aos dois grupos distintos uma palavra mais apropriada, oferece a D. Bosco a mais favorável ocasião para começar o trabalho, segundo o programa de ação salesiana, entre os leigos.

De fato, quando D. Bosco, no último mês de março, apresentou a Pio IX o programa dos cooperadores salesianos, no qual não havia sido feita referência às cooperadoras, o Papa lhe havia dito: "E porque não agregar a esta obra também as cooperadoras? Não. Não. Não façais exclusões. Colocai, pois, as cooperadoras. As mulheres sempre tiveram parte importantíssima, também por inclinação natural, nas boas obras e na própria Igreja, na conversão dos povos. Elas são benéficas e empreendedoras como e mais do que os homens.

Excluindo-as, vós vos privareis da maior das ajudas." (12)

D. Bosco acolheu, com incondicional e devota obediência, a autorizada e paterna injunção. E eis os exercícios espirituais para senhoras: almas piedosas recolhidas sob o manto de Maria Auxiliadora para uma finalidade de bem espiritual próprio e, conseqüentemente, para os outros. Haveria meio e momento melhor para uma fecunda difusão de vida salesiana na família e na sociedade?

O primeiro curso começa na terça-feira, dia 8, e já que os pregadores, Pe. Ascânio Sávio e Dom Scotton, querem trabalhar muito e as senhoras não são muitas, ali se reúnem as postulantes, mais de trinta, algumas Irmãs de Turim, para oportuno revezamento com as outras Irmãs da comunidade.

Compreende-se que os retiros para as senhoras — não importa se de família rica ou não — são argumento sério para D. Bosco, por-

(12) Cf. MB XI 14.

que dificilmente uma delas vai falar-lhe sem que, ao fim, especialmente nos meses de maio e junho, não ouça dizer:

— Este ano irá a Mornese?

— Fazer o quê?

— Um pouco de “férias”! Se visse que lugar encantador!

— Mas eu já vou de férias ao Monferrato.

— Exatamente, exatamente! Vai-se até Novi ou até Serravalle e depois se sobe... Há uma carrocinha e logo se chega a Mornese. Serão umas férias espirituais que se fariam lá em cima: há outras senhoras e senhoritas. Haverá um bom número.

As senhoras e senhoritas, de fato, vêm, mas a Madre acha que são poucas. Fazendo cálculo de um número que só podia ser ditado pelo ardor se seu zelo, ela já tinha disposto as Irmãs para deixarem todas a própria cama e irem dormir no chão. Primeiro entre as mais generosas está ela própria que, para satisfazer as filhas absolutamente contrárias a vê-la dormir sobre um saco, prepara um estraduzinho de arbusto de fava e diz que jamais dormiu assim tão gostosamente.

Para o encerramento dos retiros e para a vestição chega, no dia 14, Pe. Rua, representando D. Bosco que não pode sair de Turim. Ocupam-no afazeres de vital interesse para toda a Pia Sociedade: a organização da Pia União dos Cooperadores Salesianos e a obra das Filhas de Maria Auxiliadora, favorecidos ambos por especiais Breves Pontifícios, em data de 9 de maio de 1876. Está também em curso a realização de um projeto de uma publicação periódica, para vínculo fraterno entre os cooperadores Salesianos. Entretanto pensa-se em uma colônia italiana na Patagônia e na procura de pessoal e meios materiais para a segunda expedição missionária à América do Sul.

NOVA VARIAÇÃO NO HÁBITO

Na manhã do dia 15, dezessete postulantes receberam o hábito de noviças, que sofre ainda uma mudança.

O véu, já não mais retangular, mas um tanto arredondado embaixo, fica mais bem modelado sobre a cabeça de cada uma, mediante duas pregas e os alfinetes que o prendem à gorra, e a aba anterior de modo a fazê-lo cair melhor em torno do rosto e sobre os ombros. A capinha é redonda com golinha branca, o que fora adotado desde a vestição de maio de 1875 e foi acrescentada uma sobremanga mais larga e mais comprida devidamente dobrada. Tal tipo de manga fora

adotado pela comunidade de Mornese desde junho passado, para a procissão de Corpus Domini. A idéia viera pelo fato de se ter observado que todas as Irmãs da cidade, por um certo senso de modéstia religiosa, andavam na rua com as mãos escondidas entre as mangas.

As senhoras assistem comovidas à função. Depois ouvem reverentes, o discurso de encerramento feito por D. Scotton.

Fazendo fervoroso convite para servir a Deus com fidelidade, para alcançar o fim pelo qual somos criados, ele, dirigindo-se especialmente às novas noviças, conclui: "Fazei-vos santas, porque este é o objetivo primeiro de toda religiosa e não digais nunca 'faço-me Irmã para me salvar', isto seria muito pouco."

DOM SCOTTON MUDA DE OPINIÃO

Ao sair da igreja entre tantos corações em festa, também D. Scotton está comovido. Em cada palavra deixa perceber a sua maravilha pelo progresso do Instituto e declara abertamente que as suas dúvidas de há três anos sobre a possibilidade de êxito já estão mudadas na firme certeza de vê-lo percorrer um longo caminho.

Já nos dias passados não lhe faltou ocasião de se pronunciar sobre o bom espírito da casa.

O Diretor Pe. Costamagna, animado pelo habitual zelo pela perfeição das almas confiadas a seu ministério sacerdotal e por um admirável candor de simplicidade, não ainda aperfeiçoado pelas experiências individuais, trata Irmãs e jovens com paternal liberdade em presença de quem quer que seja. Coisa não muito apreciada pela Madre, sobretudo em vista do futuro. Parecia-lhe sempre uma irreverência falar sobre isso, poderia também despertar suspeitas inoportunas, e esforça-se por isso em prevenir do melhor modo possível os casos não de todo convenientes ficando um instante com a alma suspensa quase como que para perguntar-se tacitamente se assim ia bem ou não.

Aos olhos sagazes e profundos de D. Scotton não escapa tudo isso e a Madre está ciente disso. Por isso, levada ao mesmo tempo por simplicidade e humildade, diz à Vigária de Turim que veio para os retiros: "Você quer acompanhar-me ao parlatório?" E lá, em presença da Irmã, expõe ao incomparável sacerdote, por todos consultado e tido como santo, o pensamento que lhe está no coração, desenvolvendo-o com tal delicadeza que faz ressaltar mais as virtudes do Diretor e da comunidade do que os seus secretos temores maternos, os quais, por outro lado, a fazem concluir: "Sabe, Sr. Bispo, não

desejaria que por minha culpa se introduzisse aquilo sobre o que agora não quero dizer nada, e que com o tempo poderia tornar-se um abuso e um perigo.”

Assim ele constatava em pessoa o valor moral daquela que, no início do Instituto, lhe parecia inepta para governar. E o belo número de Irmãs tão ativas, puras, obedientes, heróicas nos sacrifícios quotidianos, o fazia persuadido de que D. Bosco lia no futuro quando, aos seus prognósticos pouco alegres, respondia: “Veremos o que disso fará N. Senhora.”

FESTA DOS PRÊMIOS

No dia seguinte, 16, a casa está ainda enfeitada para festa como para grandes ocasiões. As alunas, vestidas com as melhores roupas, esperam com uma certa ansiedade as senhoras e os superiores no salão.

Pela primeira vez se faz a solene distribuição dos Prêmios às alunas que durante o ano se distinguiram pela conduta, religião, estudo e trabalho.

O Diretor preparou tudo conforme o costume salesiano: primeiro, há poesias, diálogos, composições e, por fim, a doação de um livro, mais ou menos elegantemente encadernado.

As alunas e seus familiares estão satisfeitos. As senhoras prometem voltar no próximo ano com outras amigas. Partem também os pregadores como Pe. Rua.

PATERNAL INTERESSE DO PADRE RUA

Pe. Rua trabalhou intensamente em Mornese. Confessou. Transmitiu o pensamento de D. Bosco sobre diversos pontos de vista interna e externa e sobre a aceitação da obra proposta por Dom Leto, em Biella. Disse — por fim — a sua palavra sobre a oportunidade de certas transferências de pessoal. Informou-se do andamento moral e do estado financeiro da comunidade, do registro na cozinha, na lavanderia e na vinha. Visitou a escola e as salas de costura. Deu fartas explicações e encorajamento para impedir maiores dificuldades e sustentar os ânimos no meio de tanta pobreza persistente.

Deve ter compreendido bem a penúria da casa, pois quando se lhe apresentou uma gemada se esquivou de tomá-la e para qualquer serviço melhor a ele destinado, demonstrava o próprio desgosto.

UMA OUTRA IRMÃ NO PARAÍSO

Pe. Rua foi também encontrar a pobre Ir. Luiza Giordano enfraquecida pelo tifo. Deu-lhe o conforto da profissão perpétua e lhe administrou a extrema unção.

Deve ter custado muito à Madre, nesses dias sempre empenhada com as senhoras e com as que faziam vestição, mostrar-se serena e alegre, enquanto o coração chorava pela boa Ir. Luiza que, há pouco tempo vigorosa e sadia, se aproximava agora rapidamente do túmulo.

Agora a Madre pode sentar-se a seu lado e observar se em algum delírio dê lugar a um pouco de calma. É um delírio revelador: Ir. Luiza que, quando sadia, repetia muitas vezes durante o dia e à noite a comunhão espiritual, agora na grave enfermidade, não fala de outra coisa, não repete outra coisa.

À tarde do mesmo dia 16 a pobre Irmã morre.

A Irmã da obediência e do bom exemplo não se desmente no último instante: morreu dizendo “Comunhão espiritual”.

PATERNIDADE SEMPRE VIGILANTE

Os preparativos para a sepultura e o que mais fosse urgente protelaram a hora do repouso para algumas Irmãs. Naturalmente está acordada também a Madre e, enquanto estão no trabalho, sente a necessidade de lhes dar alguma norma e de permitir uma parca e submissa troca de idéias.

A luz acesa anuncia isso ao Diretor. Seu passo lá fora revela às Irmãs que ele notou a irregularidade e está pronto a dizer sua forte palavra de correção. Olham-se todas alarmadas. Ele é muito severo em relação ao silêncio. . . Uma vez, por causa de um trabalho urgente na vinha, não se fez o pequeno recreio das 16:30 horas. Por isso a Madre tinha concedido meia hora de folga, acabado o trabalho. O Diretor não tinha sido avisado e ele, ouvindo falar fora de hora, precipitou-se no pátio e admoestou a Madre tão vivamente que ela se lançou à frente, de joelhos, a pedir perdão e penitência.

Noutra ocasião semelhante, o Diretor tinha dirigido palavras bem fortes à Madre, de modo que alguma Irmã manifestou sua desaprovação. A Madre, pobrezinha, se prostrara diante de suas filhas por temor de pecado e dissera: “Por caridade, Irmãs, por caridade, não murmuramos!”

Que acontecerá, pois, nesta hora tardia, em tempo de silêncio rigoroso? As Irmãs tremem, mais pela Madre que por si mesmas e

esta quer evitar para as Irmãs o perigo de uma irreverência e para o Diretor a ocasião de um acesso de cólera. Dá uma boa soprada na vela e a apaga. Silêncio de ambas as partes! Quando no pátio desaparece também o eco dos passos, a Madre reacende a vela e contendo o riso, diz para as Irmãs: “Pobre Diretor, quanto lhe custa fazer-nos verdadeiras religiosas!”

OS RETIROS PARA AS IRMÃS SOMENTE

No dia 22 chegam ao colégio várias Irmãs das outras casas e a todas se faz festa. A Madre observa: “Trabalharam longe de nós, pobrezinhas, e quem sabe quanto sentiram! Façamos de modo que nos achem afetuosas, verdadeiras Irmãs e, se precisar, cedamos de boa vontade a nossa cama.” Naturalmente é ela a primeira a deixar o seu pobre leito para um Irmã.

Chega também um dos pregadores, o teólogo Belasio. O outro é o Diretor mesmo, Pe. Costamagna. Antes de anoitecer o silêncio reina em toda casa.

Também as alunas que ficaram no colégio vão e vêm silenciosamente e, para o recreio, saem a passeio, ou se afastam para o canto mais distante das que fazem retiro que, desta vez, são apenas Irmãs.

Nenhum Superior para a sessão de encerramento e as 15 profissões são recebidas pelo teólogo Belasio, assistido pelo Diretor e por outros sacerdotes.

TROCA DE CARAS NOTÍCIAS: DE MORNESE

Saindo da igreja e dando vazão às serenas expansões de família, é belo colher perguntas e respostas, histórias e lembranças que a devoção filial pela Madre e os afetuosos interesses fraternos colocam nos lábios de todas:

— A Madre continua a ir ainda ao Roverno, para a lavagem de roupa?

— Todas as vezes que pode e mais do que pode, conduzindo o burrinho e preparando-nos o almoço, quando não consegue lavar conosco.

— Também no recreio é sempre ela. Quer que participemos de jogos animados e joga também ela, levando a serra, a chave, o jogo da barra. Alguma vez finge cair ao chão para ter oportunidade de beijar os pés das Irmãs. E então quantos ai! . . . quantos oh! . . . quanta vivacidade! Continua em seu hábito de interrogar durante o jogo,

de improviso, uma ou outra sobre a meditação da manhã, ou entoa louvores sacros com verdadeiro fervor. Assim se volta do recreio santamente impressionada.

Uma jovem professa muito viva saía freqüentemente da sala de trabalho para ir gangorrear. Um dia em que o Pe. Costamagna vem procurá-la para um ensaio de canto, não a encontra . . . Madre Mazzarello deixa que a procurem em casa, enquanto sai e se dirige ao balanço para chamá-la:

— Desça logo. Venha comigo. Passando na minha sombra, entre na sala de trabalho e agache-se junto de mim.

Entra pouco depois o Pe. Costamagna:

— Onde está aquele espírito de diabinho?

E Madre Mazzarello:

— Bem! Estava aqui até agora. Perto de mim — olhando à direita e à esquerda. Vendo-a agachada sobre o assoalho, para que não fosse repreendida lhe diz: — levante-se alegremente.

A acusada se levanta na ponta do pé e elevando os braços:

— Estou aqui Senhor Diretor, não me vê?

— Ah! travessa. Você se fez procurar e está aí!

E tudo se concluiu com uma risada geral.

— Sabe o que disse a Madre outro dia? Que lhe agradaria muito pregar e confessar os santos. Pregar, imagine! prega já, e como . . . Quanto a confessar os santos nós lucríamos, porque acharia algum pecado para confessar como seu; porque creio que tenha que fazer um grande esforço para encontrar algum na consciência. — Acusar-se-á de falta de mortificação, sabem? porque não conseguiu adaptar-se — como fazem outras desta casa — a comer as *lagartas* . . .

— Como, o que você está dizendo?

— Sim, vocês não estão mais em Mornese. Desde que o Pe. Albera passou por aqui e viu toda a abundância desta casa, deve ter falado dela aos seus de Sampierdarena, aconselhando e permitindo mandarmos, na ocasião, um pouco de verdura de sua horta. E vêm bons sacos: couves, alface, beterraba, espinafre.

Naturalmente a verdura não foi limpa e as postulantes nem sempre sabem lavar determinada verdura, ou não têm muito cuidado. Assim, para dentro da panela e depois, quando tudo está cozido . . . bom apetite! Felizes os olhos que não vêem e as bocas que não se rebelam.

— Aqui está precisamente o pecado da pobre Madre: não pôde ainda comandar seu estômago e quando sabe da ajuda vinda de Sampierdarena, com toda simplicidade, pergunta: “Quem preparou a verdura para cozinhar? . . .” Se sabe que foi Ir. Rosina Mazzarello, come-a sem duvidar, se não, diz, rindo: “Eu não, eu não!” e para castigar-se, fica sem a iguaria.

DE BORGO S. MARTINHO

E Madre Felicina continua sempre tão santa, lá embaixo em Borgo S. Martinho? Também este ano fez a proposta de passar toda a quaresma comendo escassamente? Lembro-me como se fosse agora: nós, Irmãs, todas contentes e o Diretor Pe. Bonetti mais contente ainda, se bem que se lhe vissem os olhos cheios de lágrimas. Que fervor naquele santo sacerdote!

— Sempre o mesmo. Madre Felicina, um serafim. Um santo todo fogo e chama o Pe. Bonetti que nos faz gozar as alegrias do paraíso quando vem visitar-nos, enquanto remendamos a roupa branca e fala do Senhor e de coisas celestias.

DE BORDIGHERA

— Também em Bordighera, tendo-nos recomendado tanto conservar a pobreza de Mornese, a Madre conseguiu bastante o seu objetivo.

Freqüentemente nos presenteiam fruta e verdura e então nos fechamos toda noite na despensa a observar conscienciosamente para evitar estragos, separando o que está por se estragar, para que seja consumido logo.

Quando estamos fora de casa, recolhemos tudo o que nos pode servir para o fogo da cozinha: gravetos, pauzinhos. E quanta festa a quem nos dá a coisa mais insignificante! Imaginem que até chegamos a experimentar cozinhar com água do mar para fazer economia. . .

ATÉ AS MIGALHAS

Também eu lhes conto uma. Sabem, é verdade, que nos dias de jejum, como no sábado, não se vai ao refeitório pela manhã. E sabem também — e a quem não sabe eu digo — que a Madre encarregou-me de esvaziar os sacos do pão no caixote, quando chega de Ovada. Bem. Um dia em que sentia uma fome tremenda, tive pena de recolher as migalhas do fundo do caixote para levá-las, como sempre,

para as galinhas. Pensava: por que não comê-las? Sou mesmo algo mais que uma galinha, eu... Mas depois... para ficar em paz devia ir dizê-lo à Madre, que ao invés de repreender-me, se fez terna, terna e me disse: “Mas pobre filha, faça todos os dias como fez hoje. E se não lhe bastam as migalhas do caixote, apanhe também as dos sacos!” É mesmo uma grande e bela coisa viver com uma Superiora tão materna!

COM AS POSTULANTES

— Compreendem-no também as postulantes, que, apenas chegam, provam os efeitos da sua caridade materna. E assim é que não usa luvas nem mesmo com elas, quando deve corrigir aquilo que não pode mesmo acontecer.

— Por exemplo, diz freqüentemente: “Até que haja vaidade no falar e no vestir, não haverá nunca piedade verdadeira. Vocês não estão aqui para invejar as que na igreja emitem suspiros e derramam lágrimas diante do Senhor e depois não sabem fazer um pequeno sacrifício, nem adaptar-se a um trabalho humilde. Sabem, ao invés, quem devem invejar? As outras que, com verdadeira humildade, se adaptam a tudo e estão contentes por serem como a vassoura da casa.”

— Sim! A nossa Madre não faz senão insistir sobre as virtudes que são mesmo as suas: a humildade, a mortificação, o espírito de sacrifício e se nos tornarmos todas como ela quer, D. Bosco poderá ficar contente.

DE TURIM

— D. Bosco vem quando pode, dizer-nos duas palavras de exortação, deixando ao Pe. Rua, nosso confessor, acompanhar-nos nas coisas de todos os dias.

Para o nosso encontro pessoal, geralmente vamos a ele, que nos recebe sempre com muita bondade. Em poucos minutos nos deixa tranqüilas e serenas.

Um dia o bom Pai me perguntou que coisa eu dava de comer às Irmãs. Respondi: “Um pouco de sopa e de mistura, como em Mornese”, e ele: “Mas faça algumas vezes um pouco de gemada.”

D. Bosco é verdadeiro Pai para nós: apressou-se a comunicar-nos o bom êxito dos exames de Ir. Elisa Roncallo, querendo que disso gozásemos todas. Tanto mais que a notícia chegou no dia 24.

Até a Madre estava contente.

Para quem está à frente de uma casa como a de Turim, não é pouca coisa um grau a mais, e de nível superior. . .

A troca de notícias ⁽⁷⁾ estreita mais os vínculos fraternos, enquanto a vida de família torna leve todo o sacrifício acolhido por amor de Deus.

TRANSFERÊNCIA DE PESSOAL

Enquanto as Irmãs se entretêm alegremente entre elas, ajudando-se também nos afazeres domésticos e revezando-se nas visitas espontâneas ao SS. Sacramento, as Superiores reunidas em Conselho, estudam a destinação e fixam as partidas das Irmãs.

No dia seguinte começa-se a experimentar o sabor salesiano das transferências imprevistas.

Ir. Felicina Mazzarello não volta para Borgo; permanece em Mornese de onde irá à casa de Biella, que se abrirá logo. Como Diretora em seu lugar vai para Borgo, a Ir. Ursulina Camisassa. As Irmãs são agora nove e fazem um grande bem. Para Bordighera será enviada como Diretora a Ir. Rosália Pestarino.

PRIMEIRA MISSA DO PE. FASSIO

O dia 3 de setembro se inicia com a primeira Missa do Professor Municipal Pe. Miguel Fassio, e, portanto, com abundância de orações e de alegria espiritual. Tudo se passa no maior recolhimento, porque as alunas são poucas e as externas estão ocupadas no campo.

RETORNO DE SESTRI

Nos últimos dias do mês de setembro retornam as Irmãs de Sestri. Estão satisfeitas com seu trabalho e não acabam de narrar o bem obtido por aqueles pobres meninos, que se afeiçoaram às Irmãs como se tivessem estado sempre com elas.

Os administradores da colônia — senhores gentilíssimos e sistematicamente avessos à religião — quiseram todas em sua sala. Agradeceram-lhes cordialmente os cuidados dispensados aos meninos e lhes quiseram servir doces e vinho branco. Mas, com uma ponta de educada ironia disseram muitas vezes à Irmã Henriqueta: “Vamos, Irmã Henriqueta. Sirva-se. Isto não é pecado”.

(7) De vários testemunhos de Madre Petronila Mazzarello, Ir. Carlota Pestarino, Ir. Agnese Ricci, Ir. Rosália Pestarino, Ir. Josefina Quarello, Teresinha Mazzarello de Antônio.

A boa Irmã Luiza Gallo diz que uma vez em Sestri compreendeu a obstinação de Agostinha em não querer que para ali fosse Irmã Henriqueta: sem seu olho aberto e vigilante, mesmo na sua áurea simplicidade, sem a sua prudente coragem, as Irmãs se achariam na verdade em dificuldades morais e graves perigos.

AINDA AS CONSEQUÊNCIAS DE AGOSTINHA SIMBENI

Em Mornese parece que a presença de Irmã Henriqueta traz incômodo aos espíritos malignos. Com seu retorno, as iras dos visitantes noturnos parecem despertar.

Ali está a sobrinha da Bacchialoni, uma jovem aluna que, por excesso de medo ou por particular excitabilidade nervosa, não faz senão ver bichos e ouvir rumores. Para impedir que faça disso uma doença e que sugestione também as outras, é mandada para casa. Até Irmã Henriqueta assegura que no dormitório ela e as jovens ouviram forte barulho de trovão e viram uma grande luz vermelha atravessar todo o dormitório. O pároco recorreu aos exorcismos. Espera-se que volte a calma.

TAMBÉM IRMÃ MINA NO CÉU

No dia 2 de outubro a boa Irmã Domingas Mina, sempre mais perto de sua hora extrema, emite os votos de religião nas mãos do Diretor Pe. Costamagna, de passagem por Turim. Nada a ajudou: nem o ar nativo, nem a liberdade da vida caseira. Sua alma está pronta para o céu.

No dia 5, de fato, chega a notícia de que no dia anterior, quarta-feira, a querida Irmã Mina morrera, docemente como vivera: sem um lamento, antes, procurando esconder de todos e também de sua pobre mãe — como sentia faltar-lhe a vida!

Com 21 anos já havia colhido a palma eterna.

A FUNDAÇÃO DE BIELLA

Nova expansão do Instituto. Em uma de suas viagens deste ano, D. Bosco se encontrara com D. Leto e, sabendo por ele que estava procurando Irmãs para a cozinha e para a rouparia de seu seminário, lhe havia dito:

— Mando-lhe as minhas!

— Mas, o Sr. tem Irmãs?

— Sim, Sr. Bispo, e penso que poderão servir para o seu caso.

Assim se estavam encaminhando as providências para a fundação.

No dia 17 as designadas deixam o colégio e partem para Biella, com o ânimo disposto ao sacrifício, decididas a evitar tudo o que pudesse afastá-las do espírito de Mornese.

Adidas ao seminário episcopal, elas não terão muito contato com os salesianos. Por isso, a Madre confia a direção do grupo à Irmã Felicina, sua irmã, que já fez um bom tirocínio em Borgo e lhe destina todas as Irmãs bem formadas: Irmã Rosina Mazzarello, Ir. Carlota Pestarino, Ir. Ângela Denegri, Ir. Maria Maccagno, a noviça Irmã Teresa Moretta e a postulante Maria Vietti.

Para esperar as Irmãs encontra-se na estação o próprio D. Leto, que as acolhe benevolmente e assegura querer ser para elas verdadeiro pai. Ele mesmo se ocupou da casa a elas destinada, para que estivesse limpa, alegre, bem provida de tudo. Até de uma capelinha interna, somente para elas.

As Irmãs estão comovidas com tanta bondade, mas, ao olhar ao redor e não encontrando em nenhum lugar a doce imagem da Auxiliadora, “que lhes era mesmo indispensável, saem com a sentida exclamação: “Oh, Sr. Bispo! Entre tantas coisas não há a imagem de Nossa Senhora aqui!”

O Senhor Bispo acha justa sua dor e, para serená-las, diz: “Têm razão, têm razão. Eu conheço um jovem pintor que dá seus primeiros passos na carreira artística. Eu vou mandá-lo aqui. Vocês lhe explicarão como deve ser a sua Auxiliadora. Assim a terão num belo quadro de tela. Quero, também eu, muito bem, sabem, à Nossa Senhora de D. Bosco!”

Essa promessa e mais ainda a bondade do Sr. Bispo é de grande conforto para as Irmãs que se lançam logo com empenho ao novo trabalho.

A FUNDAÇÃO DE ALÁSSIO

A Madre não terminara ainda de dispor as coisas para Biella, e já deve pensar na fundação de Alássio, projetada há tempos. É uma casa salesiana na diocese de Albenga, da qual é bispo D. Pedro Anacleto Siboni. O pároco é o reverendo Pe. Francisco Della Valle e diretor o Prof. Pe. Francisco Cerruti.

Vai como Diretora Irmã Josefina Pacotto, à qual a Madre anunciou o cargo, brincando: “Irmã Josefina, no recreio, quando jogarmos, fique perto de mim”. A Irmã, feliz por esse tratamento materno, não

espera que repita e não se afasta um momento dela. Na animação do jogo, a Madre se volta para ela:

— Irmã Josefina, pode fazer-me um favor?

— Sim, minha Madre caríssima.

— É um pouco difícil, mas o Senhor a ajudará. Pensei em mandá-la como Diretora a Alássio.

O golpe é dado. A Irmã olha, crendo não ter compreendido bem. Mas, a Madre:

— Vamos, vamos, Atenção ao jogo.

A pobre Irmã fica como que desfalecida e joga ainda, mas com o coração em sobressalto.

Chegado o momento de partir, a Irmã chora copiosamente. É muito afeiçoada à Madre.

O novo grupo deixa Mornese na quinta-feira, 12 de outubro, acompanhado da Madre Mazzarello e Madre Petronila até Gavi e do Pe. Costamagna até Alássio. As Irmãs escolhidas para essa casa, tão querida por D. Bosco e, portanto também por Madre Mazzarello, são, além da Diretora, Irmã Catarina Mazzarello, Vigária, as noviças Irmã Maria Cappelletti, Irmã Filomena Bologna, Ir. Josefina Brunero e a postulante Rosália Ronchail. ⁽⁸⁾

A casa é pequena, pouco adaptada, sem nenhuma comodidade, sem nem mesmo uma mesinha para refeição; de modo que cada uma, apanhando seu prato, deve acomodar-se como puder.

Nenhuma admiração se as pobrezinhas, se bem que cheias de boa vontade, tenham os olhos em lágrimas e o coração em Mornese.

NOTÍCIAS AO PADRE CAGLIERO

A Madre escreve uma outra carta ao Pe. Cagliero, à qual não falta o apêndice de Irmã Emília Mosca e do Pe. Costamagna.

Viva Jesus! e viva Maria e viva S. José!

Muito reverendo sr. teólogo e nosso bom Pai,

ponho-me a garatujar eu com a ajuda de outras. Finalmente ontem recebi um bilhetinho seu. Lamento muito saber que tem conhecimento de poucas notícias desta casa, porque eu lhe escrevi várias vezes, informando-lhe sobre tudo que tem acontecido após sua partida, seja das vestições e profissões, seja do que acontece de particulas. Mas,

(8) Anexo (Allegato) n.º 25 c).

se por um lado eu lamento, por outro me consola, porque vejo que ainda se preocupa desta sua pobre filha, pois eu acreditava quase que, encontrando-se o senhor entre tantas tarefas e problemas, raramente pensasse em nós, o que deduzia de seu longo silêncio a nosso respeito.

Agora percebo que estava enganada e estou muito contente. Primeiro, creio que é bom dizer-lhe que até agora aqui houve sempre paz e alegria e a boa vontade de fazer-nos todas santas e por isso agradeço a Deus.

A bem dizer, fico maravilhada e ao mesmo tempo confusa vendo todas estas filhas sempre alegres e tranqüilas.

Vê-se mesmo que, malgrado minha indignidade, a nossa cara Mãe Maria SSma. Auxiliadora nos faz mesmo grandes graças. Tenha a bondade de rezar sempre mais também para que cresça e se mantenha este espírito e também para que as virtudes que se vêem florir sejam mais internas que externas.

Já temos seis casas abertas, a saber: Mornese, Borgo S. Martinho, Bordighera, Turim, Biella, Alassio e dentro de um ou dois meses se abrirá uma em Lanzo e uma em Mati.

Ia esquecendo a casa que temos no Céu, que está sempre aberta. O Diretor dela não dá satisfações nem aos superiores nem ao Capítulo. Apanha quem quer e já são sete. Depois de Madre Mestra apanhou Ir. Luiza Giordano e Ir. Mina. A primeira morreu no dia 16 de agosto, de tifo, em sete dias. A segunda foi para Turim estudar, também para experimentar se aqueles ares beneficiariam sua saúde. Mas, ao contrário, morreu no dia 4 de outubro, após um dia ou dois de profissão.

Aqui somos cerca de sessenta, entre Irmãs e postulantes. Das alunas não posso ainda dizer-lhe o número porque a maior parte não veio ainda das férias. No ano passado eram vinte e nove. Esperamos que este ano aumente o número, mas vamos devagar por causa da distância da ferrovia. O ofício de Madre Mestra por enquanto o exerce a Madre Vigária, Ir. Petronila, visto que a função de Vigária lhe dava pouca ocupação. Por isso enviamos Ir. Pacotto como Diretora a Alássio e cumpre muito bem o seu encargo. A comunidade está contente. Acrescentamos porém, uma Assistente no Capítulo. A primeira é sempre Ir. Emília e a segunda Ir. Henriqueta. Quando pois aqui estiverem pessoas adaptadas, então se ajustará cada coisa.

Em Borgo S. Martinho estão doze: a Diretora é Ir. Úrsula Camisassa, de Caramagna; a cozinheira do colégio é Ir. Angiolina (antiga

criada do secretário Traverso). Estão contentes. Em Bordighera estão três: Ir. Rosália é a Diretora Ir. Ana Oberti e Ir. Justina, cozinheira; o bem que fazem é enorme.

Temos uma postulante de lá. A filha do dono da casa vem aqui para os retiros. Agrada-lhe este Instituto e virá conosco com facilidade. Em Turim estão dezessete Irmãs; entre estas está Ir. Laurentoni. A Diretora é sempre Ir. Elisa, mas pobrezinha! talvez o bom Jesus tenha necessidade dela para dirigir a casa lá de cima e temo que seja conveniente deixá-la ir e resignar-se à sua vontade. Também ela está acometida da doença das outras, isto é, esgotamento.

Em Biella estão sete: Ir. Josefina Pacotto é a Diretora. Para Lanzo irão provavelmente Ir. Angiolina Deambrogio e uma certa Ir. Margarida Sacco, de Caramagna.

Ir. Tamietti será Diretora em Lu, com Ir. Vicentina Razzetti como Professora do jardim e aquela certa Maritano de Cumiana, que retornou no mês de abril, como ajudante. Ir. Maria Belletti prepara-se para ir para o Paraíso e talvez quando V.S. receber esta, ela já tenha partido.

Os santos exercícios espirituais são feitos em duas vezes: para as senhoras vieram D. Scotton e o irmão de Pe. Sávio. Pena que eram pouquíssimas. Para nós vem o teólogo Belasio apenas. Fizeram-se 16 vestições e quinze profissões. Nenhuma deposição de hábito e esperamos que nunca mais se farão. As Irmãs que foram para Sestri voltaram sem ter sofrido nada de alma nem de corpo e deixaram todos contentes com elas.

Ir. David, após ter ido para casa, por conselho de D. Bosco, obteve a cura de N. Senhora e retornou para junto de nós. Agora está aqui em Mornese. Fisicamente está bem e parece que vá bem também de espírito.

Lembra-se de rezar algumas vezes por suas filhas de Mornese? Mas principalmente por mim que preciso mais do que todas. Não estou a lhe dizer todas as minhas maldades, porque precisaria de outra, além desta folha. . . Reze um pouco ao Senhor para que me faça um dia mesmo como eu desejaria ser. . . Também nós rezamos sempre pelo senhor, a fim de que o Senhor o abençoe e o mande de volta logo. Oh! Se soubesse quanto o desejamos! Não se poderia desejar mais. Não passa um dia sem que se ouça dizer: "Quando virá o Pe. Cagliero? Oh! Se viesse logo!" E outras exclamações semelhantes. Venha, portanto, logo para apagar esse nosso ardente desejo.

Aqui há muitas Irmãs que lhe pedem para guardar-lhes um lugar em um dos ninhos preparados. Entre as muitas estão Ir. Madalena Martini, Ir. Celestina, Ir. Turco, Ir. David, Ir. Cagliero, etc., e também uma postulante professora elementar. Faz poucos dias que está aqui mas parece de boa vontade. É jovem e forte. Esta nós a preparamos para a América.

Basta, desejamos que tenha coragem e cuidado com a saúde. Espero que virá logo, não é? Esperamo-lo no mês de janeiro.

O senhor Diretor está bem, mas houve algum tempo em que esteve sempre adoentado. Ele queria ver-nos todas santas, e nós, que estamos bem longe de sê-lo, o aborrecemos e ele adoeceu. Com isso, porém não lhe damos permissão de ir para a América e, depois, aqueles ares não lhe fariam bem. Finalmente lembre-se de que V.S. é nosso protetor e se o senhor Diretor for para a América, a V.S. cabe vir para Mornese.

Por enquanto estamos tranqüilas porque o pessoal que deve partir já está escolhido. Mas tivemos muito, muito medo.

Estudou espanhol, foi para Lanzo e não voltava nunca.

Basta, agora queremos mesmo pôr-nos a amar muito o bom Jesus. O senhor nos ajude, pedindo-lhe que queira acender em nossos corações o seu amor.

Aceite as saudações do senhor Diretor, as de toda a comunidade e de modo especial as minhas. Digne-se mandar uma bênção sua a cada uma em particular. Por último abençoe-me que, beijando-lhe respeitosamente a sagrada mão, protesto-me de V.S. Revma.

Humílima filha em Jesus e M.

Ir. Maria Mazzarello

Viva Jesus!

Meu bom Pai

lembra-se ainda de Mornese? e de que nesta região há uma certa Ir. Emília? Pois bem, esta quereria poder dizer-lhe que é quase santa, que pôs em prática os seus conselhos, etc., etc., mas, ao contrário, deve confessar, para sua confusão, que é sempre a mesma, para não dizer pior. Que fazer?

Não quero nunca perder a coragem. O senhor faça a caridade de rezar mesmo de modo particular por mim, e eu começo já e me ponho mesmo a amar o Senhor. Oh! se pudesse chegar a amar Jesus

na medida em que o ofendi! Ame-o um pouco o senhor por mim, que sabe amar e peça-lhe para eu viver com ele no estábulo de Belém para aprender a humildade, o desprezo de mim mesma, a simplicidade e tantas outras virtudes das quais sou inteiramente privada e que Ele ensina tão bem daquele presépio.

Tenha um pouco a bondade de voltar depressa para a bela Itália, que já é tempo. O que lhe parece? Fica bem a um pai estar tanto tempo longe de suasfilhas? Ruegue por todas las monjas y por mi que tenho mais necessidade (isto não sei dizer em espanhol). Se me quer na América, advirto que sei comer polenta. Isto já é alguma coisa, não é verdade? Outra coisa não sei fazer, mas agora quero aprender a amar Jesus.

Entretanto, abençoe a última e a menor de suas filhas.

Irmã Emilia

Muito querido Pe. Cagliero,

duas palavras... Acabo agora de conduzir aqui e ali as suas Irmãs: nossas. Na semana passada me apresentei com sete diante do bispo de Biella. Oxalá todos os bispos e arcebispos fossem como o de Biella. Oh! que coração! Esta manhã cheguei aqui depois de (ilegível) das Irmãs de Alassio. Ainda mais um pouquinho e veremos outra casa em Lanzo e em Mathi; e todo o mundo falará delas. Faça-me o favor de escrever-me algumas coisas daí. E não pense que meu coração esteja cheio de frio por meus irmãos da América. Antes eu quisera ir logo para a América, se não fosse o pai D. Bosco que me manda ficar aqui. Assim seja. Amém.

É justo, justíssimo, pois não há homem (pode ser no mundo) que tenha maior número de pecados que eu, em proporção às graças recebidas. Logo tenho que fazer penitência.

Agora receba notícias daqui. Primeiro saiba que morreu a filha de Tunin Traverso e deixou num mar de pranto toda a família.

Segundo: o sapateiro Cravero (senhor-cavaleiro) tem muitas luas ou melhor muitas variantes, luas crescentes, minguentes, etc. Eu acabo somente agora de vê-lo todo alvoroçado... chama e grita com voz forte: oh, Tonin! Oh, contas... essas "brayas" curtas me fazem girar a cabeça! Logo, seu irmão e seu sobrinho e sua mãe que eu tive o prazer de ver em Castillo novo, quando foi aos Becchi, saúdam com todo o coração e fazem o mesmo a família Turco, Bosio, Callero, etc.

Reze por minha alma... recorde-se de verdade, porque não há homem mais necessitado das suas orações que

seu querido

Pe. Yago ⁽⁹⁾

Muitas coisas ao Padre Barena, Pe. Belmonte.

OUTROS MOVIMENTOS DE PESSOAL DUAS NOVAS ASSISTENTES GERAIS

Tendo sabido pelo Diretor, de volta de Alassio, da necessidade de reforço de pessoal para as boas Irmãs daquela casa, a Madre manda para lá — no dia 19 — Ir. Agnese Ricci, Ir. Catarina e Ir. Maria Succetti e Ir. Catarina Nasi.

Com a partida de Ir. Pacotto, a Vigária Madre Petronila se encarrega também da assistência às postulantes. Com a aprovação de D. Bosco, Ir. Emilia Mosca assume definitivamente o encargo de primeira assistente do Capítulo Superior e Ir. Henriqueta, de segunda. Com isto se pode dar também a ela o título de Madre.

Novembro traz uma troca de Diretora em Biella: Ir. Felicita Mazzarello não resiste àqueles ares, por isso é substituída por Ir. Ursula Camisassa, que já lhe sucedera em Borgo S. Martinho e o paterno Pe. Bonetti que a vê abatida e cansada aproveita o bom momento para dizer às Irmãs: “No almoço, comam vocês também dois pratos, como os salesianos”. Nem aceita razões em contrário, porque, com todo o trabalho que executam, quer que se nutram suficientemente.

“AS VOCAÇÕES, MESMO POBRES...”

Sendo necessário uma ajuda em Borgo para a próxima festa de S. Carlos, a Madre manda algumas Irmãs acompanhadas por Madre Petronila.

D. Bosco não vai nunca a Borgo sem ver as Irmãs, aliás, sem descer à cozinha e subir à rouparia e saudá-las pelo trabalho e a desculpar-se, quase, pelo maior trabalho que acarretam essas circunstâncias festivas: “Para os outros todo o prazer, não é verdade? Mas nós o teremos todo no Paraíso”, repete de um modo ou de outro, e não pensa que as Irmãs, ao vê-lo e ao ouvir sua santa palavra, já gozem de muita alegria.

(9) Originais no Arq. Central Salesiano.

O bom Pai faz festa a Madre Petronila; pede-lhe notícias de Mornese e se chegam postulantes. Madre Petronila, animada por sua bondade, responde: "Pai, as postulantes chegam mas todas sem nada ou quase nada. Como se faz para mantê-las?"

D. Bosco a olha pensativo. Levanta os olhos ao céu e, como que inspirado, responde: "Oh! se soubessem que grande coisa é uma vocação! Não rejeitaremos nunca nenhuma por causa da pobreza. Se pensamos nas vocações, a divina Providência pensará em nós. Algumas vezes sofreremos, talvez, mas Deus não nos abandonará nunca. Diga-o em Mornese, diga-o a todas: as vocações, mesmo pobres, farão rico o Instituto."

OS "DOIS PRATOS" JUNTOS

As Irmãs aproveitam a presença de D. Bosco para expor-lhe o caso dos dois pratos impostos a elas pelo Diretor e exprimem sua pena por um cuidado que lhes parece supérfluo.

O bom Pai sorri e reflete alguns instantes antes de responder. Depois: "Assim como vocês devem trabalhar muito, e freqüentemente recuperar-se também do sono é melhor que comam como os superiores. Mas façam assim: coloquem junto as iguarias no mesmo prato e façam de conta que seja um só. Digam isso também às Irmãs das outras casas que estão ou estarão nas mesmas condições."

A Madre é logo advertida e, se bem que a coisa não siga muito o seu espírito de heróica mortificação diz: "Se é uma ordem de D. Bosco, assim seja!"

Não havia passado muito tempo do "sonho dos diamantes" no qual vinha proposto o lema "trabalho e temperança".⁽¹⁰⁾ Mas D. Bosco sabia bem que fiel aplicação dele faziam já as suas filhas.

A CASA DE LU MONFERRATO

Na quarta-feira, 8, é a partida de um outro grupinho de Irmãs para a nova casa de Lu Monferrato: Ir. Ana Tamietti, Diretora, Ir. Adelina Ayra, professora de trabalhos, Ir. Teresa Mazzarello, Professora do orfanato.

O casal Maria e José Rota desde 26 de dezembro se apresentara a D. Bosco, de passagem por Borgo S. Martinho, para pedir-lhe que lhe concedesse algumas Irmãs para abrirem em Lu, sua terra natal, um orfanato, uma sala de costura e um oratório.

(10) Cf. MV XII 463 — 9.

Na falta de alojamento próprio, as Irmãs habitariam numa parte, ainda que independente, de sua casa. Para a sala de costura e para o orfanato, seriam alugadas duas salas, nas vizinhanças. D. Bosco aceitara.

As Irmãs vão para Lu acompanhadas, como de costume, pelo Diretor, verdadeiramente incansável. Embora sentindo muito a separação de Mornese, vão alegres, pensando estar próximas das Irmãs de Borgo.

Os bons senhores Rota as recebem com afeto e, pelo cuidado demonstrado em preparar seu alojamento e no cercá-las de atenções, compreende-se que as consideram como filhas.

Por três anos o aluguel das duas salas será pago pela senhora Francisca Pastore, a assídua participante dos retiros em Mornese e as Irmãs podem logo receber meninas e meninos.

MORTE DE IRMÃ MARIA BELLETTI

No sábado, 11, a querida Ir. Maria Belletti voa para o céu. Não era possível que durasse muito uma existência repentinamente passada da intolerância a qualquer jugo à mais humilde obediência. Tão transformada que não se encontram mais nela, traços dos anteriores hábitos de vida. O corpo não pôde responder à energia do espírito generoso e precisou sucumbir.

Um sonho a havia induzido a trocar de vida. Agora um sonho a adverte do fim próximo. Parece-lhe ver Jesus que, sob aspecto de juiz severo, lhe mostra todos os seus pecados escritos sobre duas grandes folhas e, com três dedos da mão direita levantada, a faz compreender que não lhe resta mais tempo para viver na terra.

Ir. Maria, assustada, sem compreender o significado daqueles três dedos, pede perdão e tempo para fazer penitência. Por isso Jesus, mudando de aspecto, se lhe mostra Pai amável, pondo-lhe na mão, cândidas e belas as duas folhas onde antes estavam escritas as suas culpas. Desde aquela noite transcorreram três meses apenas, passados com tal ardor de caridade que mereceram à boa Irmã terminar sua vida com um último dom de obediência.

O Diretor estava empenhado em uma pregação fora de Mornese, mas não tinha coragem de deixar assim a pobre agonizante. Aproximou-se dela, pois, e, um pouco gracejando, lhe sussurra: "Ir. Maria, devo ausentar-me por hoje. Recomendo esperar o meu retorno para ir para o Paraíso."

— Esperarei!

E esperou, se bem que sua agonia sufocante parecesse destroçá-la a cada respiração.

Tinha dezoito anos de idade.

Mesmo depois de seu desaparecimento permanecem os efeitos de sua caridade.

Pelo resto daquele ano, de fato, fica um pouco aliviada a situação econômica do colégio. Já nem mesmo o padeiro queria mais dar crédito e o débito contra o Oratório de Valdocco constituía uma preocupação a mais.

Por meio dos bens de Ir. Belletti, que os havia disposto de modo a facilitar ao Instituto as práticas necessárias, foi possível saldar quase todos os débitos com os fornecedores das regiões vizinhas: uma verdadeira e providencial ajuda.

AS IRMÃS EM LANZO

D. Bosco deseja que as Irmãs vão, também para a casa salesiana de Lanzo. A moradia para elas ainda não está pronta, mas dada a necessidade urgente, ele dispôs que ao menos duas devam ir logo para lá, hóspedes por enquanto em casa de uma benfeitora. Partiram, portanto, Ir. Ângela Deambrogio, professora, e Ir. Margarida Sacco, noviça.

Lanzo fica tão perto de Turim que as duas Irmãs poderão encontrar-se com certa frequência, até mesmo toda semana, e sentir menos isolamento, o qual é, todavia sempre compensado pela satisfação de poder dirigir um pensamento a D. Bosco e aos salesianos daquela casa. ⁽¹¹⁾

FESTA DA IMACULADA E DO NATAL

Em Mornese, chegando dezembro, a atmosfera retoma ares de festa e de alegria espiritual.

Belíssima a novena e festa da Imaculada e não menos a do santo Natal! Se para todas é um reavivar-se do amor divino, para as onze candidatas à vestição é como um curso de exercícios espirituais.

A função tem lugar na vigília da grande solenidade. Celebra-a o Diretor, assistido por Pe. José Campi.

À meia-noite, as três Missas, com algumas primeiras comunhões de alunas. No dia seguinte o desfile de jovens postulantes e Irmãs

(11) Anexo (Allegato) n.º 17.

para beijar o pezinho de Jesus, como de costume, e para fazer-lhe a promessa de se corrigir do defeito que mais desagradava a Ele.

O Diretor diz que, se a cada ano um inimigo se vai embora, a vitória está assegurada.

AINDA NOTÍCIAS PARA A AMÉRICA

Antes do fim do ano, Madre Mazzarello escreve uma outra carta a Pe. Cagliero: um documento de tamanha simplicidade e humildade não deve ficar perdido:

Viva Jesus e Maria!

Rev.mo senhor teólogo e meu bom Pai.

esperei para escrever-lhe para dar-lhe notícias das festas natalinas. E antes de dizer-lhe outras coisas, contá-las-ei do melhor modo que souber.

Deviam-se fazer as vestições na festa da Imaculada. Mas, não se fizeram porque o senhor Diretor tinha ido pregar retiro em Balangero. Na vigília de Natal, que foi domingo, houve onze vestições. Na Missa da meia-noite cinco jovens fizeram a primeira comunhão e todas juntas rezamos de coração ao Menino Jesus também pelos nossos caríssimos missionários salesianos: pedimos-lhe que abençoasse seus trabalhos e consolasse seu coração com a conversão de todas essas almas da América.

O dia, pois, foi passado em santa alegria, em companhia do Menino Jesus.

Enquanto me lembro: há Menino Jesus na América? Se não, nós o levaremos. Não creia, porém, que reze pelos senhores somente algumas vezes. Posso assegurar-lhe que não vou uma vez sequer diante do Senhor sem que Lhe peça pelo senhor, ó meu bom Pai, e assim fazem todas as outras. E o senhor, recorda-se ainda de suas filhas de Mornese? Acreditávamos mesmo que viesse para as festas natalinas e depois nos disseram que... quem sabe quando virá. Era tempo de vir um pouco e já faz tanto tempo que está fora! Se soubesse quantas Irmãs e postulantes aqui estão que não conhece! Era preciso que viesse vê-las.

Ao menos, se não pode ainda vir, tenha a bondade de chamar-nos logo. Entre nós há muitas que desejam mesmo ir, mas sete principalmente estão já preparadas e são elas: Ir. Madalena Martini, Ir. Emília Borgna, Ir. Adele David, Ir. Celestina Riva, Ir. Carmela de Ovada, Ir. Clotilde Turco, Ir. Maria Mazzarello, isto é: eu.

O senhor Diretor diz sempre que somos ainda muito jovens, mas me parece que somos já bem velhas. Eu estou já quase sem dentes, mas tenho dois ainda que fazem medo... sabe, são compridos e tenho muitos cabelos brancos. Para me assustar, disseram-me que na América há os que comem os cristãos, mas não tenho medo porque sou tão magra que não me quererão comer certamente. É verdade que não servimos para nada, mas com a ajuda do Senhor e a boa vontade, espero que consigamos fazer alguma coisa.

Chame-nos, portanto, depressa. Se escrever dizendo quando devemos partir, prepararemos um belo trabalho para levar. Ainda uma coisa: será preciso que nos mande o dinheiro para a viagem, porque não temos nada. Oh! que prazer se o Senhor nos fizesse na verdade a graça de chamar-nos para a América! Se não pudéssemos fazer outra coisa senão ganhar-lhe uma alma, estaríamos pagas de todos os nossos sacrifícios.

Agora é hora de agradecer-lhe sua querida carta, recebida nos últimos dias de novembro. Não se pode imaginar quanto prazer nos trouxe. Desagrada-nos apenas o fato de que escreva tão raramente. Aliás posso quase dizer que é a única que recebi. D. Bosco também não nos escreve nunca uma palavra... Escreva-nos um pouco alguma vez e não nos faça suspirar tanto por suas cartas!

No princípio do mês de dezembro abrimos uma nova casa em Lanzo, com duas Irmãs, isto é: Ir. Angiolina Deambrogio, de Valenza e Ir. Margarida Sacco, de Caramagna. Quase ao mesmo tempo foi aberta também uma casa em Lu. Lá estão três: Ir. Ana Tamietti, Diretora, Ir. Teresa Mazzarello e Ir. Adelina Ayra, que dão aula para meninos e meninas. Não é exatamente um Instituto, mas quase. Ensinam a trabalhar e têm muito que fazer. Desse modo já temos oito casas. Inclusive esta, e, graças a Deus, até agora todas vão muito bem. A santa Regra é observada e as recomendações do Senhor também, ou seja: não ofender e não ofender-se. A caridade também reina em toda parte. Queira Deus conceder-me a graça de continuarmos sempre assim, de modo que possamos conquistar muitas virtudes e sobretudo o santo Amor.

Minha irmã não está mais em Biella porque sofria com o clima. Retornou a S. Martinho e para Biella foi Ir. Úrsula que era Diretora em S. Martinho.

Temos muitas postulantes e com mais frequência, representamos no palco famosas comédias! Uma, que é professora, representa

o arlequim no palco e faz que todas riam. Vem também uma outra professora, mas é uma alma elevada, elevada, quase sem voz.

Tenho de novo uma outra morte para anunciar-lhe: no dia 11 de novembro, festa de S. Martinho, morria Ir. Maria Belletti, após uma longa doença e depois de nos ter edificado a todas com a sua paciência e resignação.

Agora não temos mais nenhuma doente. Quem sabe a qual será a primeira a entrar na casa do Paraíso? Serei eu? Feliz de mim se fosse assim!!!

Mas, não estou ainda pronta, porque não quero perder-me no caminho, como se fosse para Mortara, mas quero entrar logo naquela deliciosa Casa. Reze um pouco, de verdade, para que eu possa tornar-me digna, morrendo a mim mesma e ao meu amor próprio. Tenho tanto, tanto amor próprio, que a cada momento tropeço e caio por terra como um embriagado.

Reze também por todas as Irmãs, que muito recomendo ao Senhor e, começando pelas professoras, até as alunas, todas me encarregam de saudá-lo e queriam dizer-lhe muitas coisas.

Esquecia-me de dizer-lhe duas coisas: uma, que pagamos logo o débito em Turim e das vinte mil liras não restam mais que duas ou três mil. A outra: não houve profissões, porque não estão ainda amadurecidas.

Passo a unir os meus respeitos aos do senhor Diretor, beijando-lhe a mão. Peço-lhe conceder-nos a sua paternal bênção e, no Coração de Jesus, me professo de vossa Rev.ma

humilíssima filha em Jesus

Irmã Maria Mazzarello (12)

P.S.

Meu bom Pai,

A Madre lhe escreveu o nome de sete Irmãs. Também eu desejo mesmo, de coração, ir. Faltam, porém, duas coisas: humildade e amor de Deus. Se soubesse... não posso dizer-lhe nada, porque me falta tempo.

Reze pela minha conversão e me chame também para a América. Viva Jesus!

Irmã Emília

(12) Original no Arq. Centr. Sales.

ANO 1877

“A RELIGIOSA, CÓPIA DAS CONSTITUIÇÕES”

Em casa, a comunidade já está bastante numerosa: umas sessenta, entre Irmãs, noviças e postulantes. Para a exemplar regularidade de vida muito contribuiu um cartaz preparado pelo Diretor, com a seguinte frase: “Cada religiosa deve ser uma cópia das Santas Regras”, exposto em baixo, no pórtico, e pelas escadas.

Também as paternas correções do Diretor e certas admoestações que sabia dar para formá-las à piedade e levá-las ao entusiasmo pela virtude, revelam o seu desejo de vê-las perfeitas e de lhes ganhar os corações, tanto mais que lhes fala freqüentemente das missões e usa também expressões espanholas que as entusiasmam, recordando que é preciso fortalecer a espiritual para poder transpôr o Oceano.

A Madre olha tudo, deixando à Ir. Emília o pensamento das escolas e dos estudos, tendo em mira o domínio da piedade sobre a ciência e sobre o trabalho manual, e estuda melhores soluções para responder às novas necessidades de pessoal para Alassio, Lanzo e Lu Monferrato.

CARNAVAL NO COLÉGIO: TEATRO E MORTIFICAÇÃO

Aproximando-se o carnaval soa um alarme.

Os organizadores dos bailes de Mornese, com a experiência dos anos anteriores, não poderão este ano contar com muitas meninas, porque a maior parte vai ao Oratório ou fica em casa para gozar tranqüilamente do repouso. Estão cogitando portanto, uma nova forma de baile beneficente. Quem poderá resistir a um acontecimento tão extraordinário na região e ainda mais, justificado pela caridade?

A Madre intuiu logo o perigo e sentiu-se impotente para impedi-lo. Mas o Diretor, cujo zelo foi reavivado pela notícia dos excepcionais empreendimentos de Dom Bosco em Roma, assegura:

— Não tenham medo: façam vocês mesmas um teatrinho. Convidem gratuitamente os parentes que acompanharão as meninas. Verão quanta gente!

— Mas, o que apresentaremos?

— Algo para rir. Eu preparo logo para vocês.

E ei-lo a inventar cantos fáceis e cenas pitorescas de teatro.

No dia 10 de fevereiro retorna para o postulado Angiolina Jandet. Considera-se e admira-se todo seu esforço contra o amor próprio inato; desejar-se-ia esperar bons resultados, mas não falta perplexidade: se não pôde resistir nem mesmo no Cotolengo. . .

Entretanto as meninas, com as Irmãs se ocupam dos ensaios para sua primeira experiência teatral. Quanta novidade no teatrinho do Colégio e quantos aplausos jamais sonhados. E o objetivo pode-se considerar plenamente alcançado: Nenhuma menina foi ao baile de beneficência.

Mas, para que o sucesso da iniciativa fosse completo a Madre sugere, e a comunidade aceita, que o alimento, embora escasso, sofra ainda alguma redução. Por exemplo: que seja vendido um pouco de fruta e se mande celebrar uma Missa em sufrágio das almas do Purgatório. Esta é uma forma de seguir o ensinamento habitual de Dom Bosco: a pequena mortificação tenha o objetivo de oferecer ao Coração de Jesus um ato de reparação pelos abusos próprios do carnaval ⁽¹⁾.

A oferta é certamente agradável a Jesus e a alegria reina em todo o colégio.

Lá fora, porém, voltaram à tona as inimizades contra Dom Bosco porque o Colégio fora destinado às meninas e não aos meninos, se bem que o real e evidente motivo no momento, fosse o insucesso do baile. Não podendo fazer outra coisa, o mau-humor foi expresso com atitudes triviais durante toda a noite debaixo das janelas do Colégio e da casa Carante.

A Madre se entristece com isso, não pensando em si, mas naqueles pobres que revelavam assim, ser pouco sensíveis ao bem e porque o nome salesiano estava sendo objeto de tantas irreverências.

(1) Cf. MB VII 49.615; VIII 8.

A quarta-feira de Cinzas veio pôr fim às lutas do Carnaval; Irmãs e alunas estão um pouco cansadas, mas certas de terem trabalhado para a glória de Deus.

O PENSAMENTO DE DOM BOSCO NA VISITA ÀS CASAS

O mês de março trouxe um novo incremento à devoção a São José: este ano se trata de lhe mostrar, além do mais, a própria gratidão por haver ele correspondido à responsabilidade que lhe fora confiada como “ecônomo” da casa.

A Madre se dispões a fazer sua primeira visita às casas de Biella e Borgo S. Martinho.

Já havia comunicado a Dom Bosco, através do diretor Pe. Costamagna, que o Pe. Bonetti a convidara para uma verdadeira visita a Borgo; ela já havia estado lá de passagem quando se tratou do caso de Agostinha e logo voltou, pois não lhe pareceu bem ficar muito tempo onde as Irmãs têm um Diretor como guia e pai.

Dom Bosco por sua vez a exortou a ir e ficar alguns dias. Quando mais tarde se tiver mais de uma casa, ela mesma se persuadirá de que as casas de um instituto irão bem se o superior tiver a mala sempre em mãos como um caixeiro-viajante. A Madre Superiora é ela, e é conveniente que veja como suas filhas são tratadas, se precisam de alguma coisa, se estão contentes, se trabalham como quer o Senhor: sem perder tempo, mas sem negligenciar as práticas de piedade e a saúde; se o horário se adapta, o quanto possível, com o deles, etc. . .

“Vá, vá: Pe. Bonetti ficará contente e assim, se também ele tiver alguma dificuldade, algum conselho ou desejo, poderia dizê-lo. O diálogo traz sempre bons resultados para a alma e para o corpo. Leve as saudações de D. Bosco e diga a todas as filhas que ele as abençoa de todo coração.”

DOM BOSCO ÀS FILHAS DE ALÁSSIO

Chegando o fim de fevereiro, a presença de Dom Bosco em Alassio entusiasmava os ânimos, dando às Irmãs daquela casa, novas energias para continuar o exercício diário de todas as virtudes. Não podem deixar de escrever à Madre: “O nosso querido e bom pai Dom Bosco não deixou de visitar-nos, ainda que o tempo do qual podia dispor não lhe teria permitido, mas soube que havia três doentes: Irmã Catarina Mazzarello, Irmã Maria Succetti e Irmã Maria Capelletti.

Assim que chegou, perguntou:

— Quantas vocês são?

— Treze, Dom Bosco.

— Oh! que número feio! Uma de vocês ou deve morrer ou deve partir!

Dizia isto para brincar. Mas nós não esquecemos de dizer-lhe que éramos treze só pelo empréstimo de uma, que veio servir às doentes. Mas ele fez-se de desentendido:

— Vocês têm muito trabalho? — e nós todas:

— Oh! . . . — que queria dizer: muito, muito!

— Pois bem, fiquem atentas: quando vou às casas e me dizem que têm muito trabalho, fico tranqüilo. Onde existe trabalho não está o demônio. E pode-se ver estas doentes?

— Como não, padre!

Todas o acompanham até onde estão as três, que não esperavam tal visita. Dom Bosco disse a elas uma boa palavra e depois a todas:

— Sobre que virtude vocês desejam que eu lhes fale?

Nós que com a nossa contínua atividade não sabemos ainda ficar constantemente na presença de Deus, como diz a Santa Regra, quase a uma só voz respondemos:

— Sobre o estar constantemente na presença de Deus!

E o bom Pai:

— De fato seria ótimo que as FMA ficassem sempre na presença de Deus. Mas, minhas boas filhas, podemos fazer assim: renovar a intenção de fazer tudo para a maior glória de Deus, cada vez que se troca de ocupação.

E nos falou outras coisas bonitas sobre este assunto, concluindo:

— Como vêem, não é difícil estar habitualmente em contínua união com Deus.

Como estivesse de saída, a Diretora pede a Dom Bosco a sua bênção, especialmente para Irmã Catarina Mazzarelo, que gostaria de ver logo curada. E D. Bosco:

— Mas, você sabe que é uma mãe sem coração?

— Por quê?

— Porque as mães fazem muitos sacrifícios para a felicidade de seus filhos e vocês não são capazes de fazer o sacrifício por amor de Deus, de deixar uma ir gozar a verdadeira felicidade.

A pobre Diretora humildemente insistia e expunha suas razões e Dom Bosco sempre bondoso:

— Bem, mandem-na a Mornese, assim termina a história.

No ir e vir e no passar por onde algumas senhoras passavam a roupa das jovens, todos de família distinta, o querido Pai nos perguntou quanto pagávamos por dia:

— Cinco liras.

E ele:

— Cinco liras! Façam o possível para aprender também vocês a passar e assim poderemos economizar esta despesa.

Depois acrescentou:

— Vejam, Dom Bosco precisa ir à França em procura do pão. Se não comêssemos ele poderia ficar em casa mais tranqüilo, e ao invés é preciso que vá.

Depois que Dom Bosco partiu comentamos aquelas palavras: “Mandem-na a Mornese; assim termina a história,” e se o Diretor não nos tivesse tranquilizado, certamente nós não teríamos deixado de providenciar o retorno a Mornese.

Estando em Marselha, entre 1.º e 12 de março, D. Bosco demonstra ter notado entre as suas filhas de Alássio alguma coisa que se poderia evitar para o futuro; e acrescenta um 6.º ponto à carta escrita a D. Rua: “Quando ocorre enviar Irmãs a alguma casa, não se deve pegar todas da Casa-Mãe, mas, como fazemos para os salesianos em Turim, procurar alguma nas casas já abertas, que seja capaz, e depois, fazendo suprir esta por outra nova, enviar aquela à direção da nova casa. Disto falaremos quando chegar a Turim...”

A MADRE EM BIELLA

Logo depois da metade de março a Madre, sustentada pela palavra e pela bênção paterna do Fundador, começou por Biella a sua visita às Casas.

Por temor de desprestigiar o Instituto com uma “Superiora como ela era” assim dizia — e tratando-se de apresentar-se a um Bispo, toma por companheira Ir. Emília Mosca que estava a par de tudo o que se referia ao Instituto; e também Ir. Maddalena Martini, com a intenção de deixá-la em Biella se fosse o caso. Para a escola de Mornese, se fosse preciso, providenciar-se-ia.

Oh, a festa das Irmãs de Biella, as únicas não sustentadas e guiadas pelos salesianos.

Estando em Biella, oferece-se à Madre a oportunidade de visitar o santuário de Oropa: há muito vento e frio e como devem pernoitar, a Madre vai tranqüilamente prover-se de um feixe de lenha, para esquentar um pouco o quarto. Ir. Emília Mosca olha espantada:

— Grande assim? — pergunta-lhe e quem no-lo leva para casa?

— Nós.

— Nós, Madre? Com toda esta gente? Se estivéssemos vestidas de seculares, mas de Irmãs. . .

— E o que é que tem? E o que nos importa a gente? Não estamos fazendo mal a ninguém. Eu saberei levar com desenvoltura, mais do que vocês.

Ir. Maddalena Martini se adianta para tomá-lo, vermelha como uma brasa, mas Ir. Emília vencendo a natural dificuldade, dele se apodera.

No dia seguinte, depois de uma fervorosa comunhão diante da taumaturga N. Senhora de São Lucas, a Madre deixa que as duas Irmãs saiam para visitar as várias capelas, enquanto se detém a rezar na penumbra da igreja recolhida e quase silenciosa.

Voltam a Biella. Enquanto estão todas juntas no jardim para a recreação depois do almoço, e a Madre se informa da hora em que poderá ir encontrar o Bispo, D. Leto entra no jardim sem nenhum anúncio. Soube pelas Irmãs da chegada da Superiora Geral e quis ser ele a ir saudá-la primeiro. A Madre se desculpa da falta involuntária. O Bispo elogia as Irmãs, cheias de boa vontade. Depois lhe pergunta:

— E então, Madre, quantas filhas tem?

— Excelência, entre professoras e noviças, entre vivas e mortas, somos mais de cem Irmãs.

O Bispo a observa: a humildade da Madre não escapa ao seu olhar atento.

Madre Mazzarello parte com uma pena no coração: Biella se apresenta muito rica para as Irmãs. É verdade que também têm muito trabalho, mas a alimentação, a casa, são requintadas e ela teme que o espírito seja prejudicado e talvez já esteja, porque há quem devera ser trocada de casa.

A MADRE EM BORGO S. MARTINHO

De Biella a Borgo, segundo o conselho de Dom Bosco. Aqui fica dois dias. Também aqui conversa com cada Irmã, visita cada coisa,

participa de todos os officios. Vai à cozinha e à rouparia. Vê tudo. Interessa-se por tudo, recomendando a cada uma alegria e simplicidade de coração.

À boa Ir. Robustelli, nova ainda na casa e muito tímida, levanta o moral e dá coragem. “Sei que está bem com a minha irmã. Estou contente, vá em frente tranqüila; procure ser sempre pontual, pronta ao horário e assim contentará, antes de tudo ao Senhor, depois também aos superiores.”

A mesma recomendação faz a uma por uma, das Irmãs, porque costuma dizer: Se se é sincera, acontecendo cair em alguma falta, fica sempre fácil levantar-se e emendar-se.

No entanto, esta casa, modesta como toda casa salesiana, mas muito rica em comparação com Mornese, lhe reforça o temor já vagamente sentido através das cartas das Irmãs, de que o espírito possa ser prejudicado. Religiosa e superiora exemplar, não sabe esconder, por isso repete, em conferências particulares e gerais, as suas recomendações sobre a observância da santa Regra, especialmente no que diz respeito à pobreza a ser conservada como em Mornese: a mortificação no alimento, ao menos não comer nada fora das refeições; o trabalhar com zelo no próprio officio e entre as crianças do oratório e da sala de trabalho, mas sempre e só por amor a Deus; o amar-se e ajudar-se reciprocamente. São quase sempre as mesmas recomendações que escreve em cada carta à Diretora, com a qual pode falar mais livremente ainda do que com as outras, mas como a escutam de boa vontade as Irmãs, e com que sincera afeição lhe prometem fazer melhor no futuro!

A MADRE VOLTA A MORNESE IRMÃ ANNA SUCCETTI ADOECE E MORRE

A madre queria de Borgo ir a Lu Monferrato, mas em Mornese a boa Ir. Anna Succetti piora no seu estado de saúde e por isso decide voltar para casa.

Logo que chega a Mornese escreve a sua irmã Ir. Felicita, reforçando as recomendações de mortificar-se até nas coisas necessárias... obedecendo sim, aos superiores e ao médico, mas fazendo também pela própria alma, o que agrada ao Senhor.

Ao dar notícias de Ir. Anna Succetti, realmente grave, apóia a exortação feita: “Na nossa morte estaremos também nós tanto mais contentes quanto mais tivermos sido mortificadas.”

Ir. Anna Sucetti é aquela de quem se costuma repetir que fala pouco, não diz uma palavra inútil, trabalha muito, reza incessantemente. Companheira e aluna de ofício da boa Ir. Assunta Gaino, pode sem dificuldade satisfazer a natural inclinação ao silêncio, ao trabalho, à humildade; e conseguiu chegar ao ponto de mesmo sentindo-se mal, não deixar as suas ocupações, nem achar que devia ser alvo dos cuidados que se lhe prestavam. Mas por fim, o físico venceu a vontade e a pobre Irmã vê aproximar-se a hora do repouso eterno.

No dia 24 de março a morte venceu e Maria Auxiliadora, nesse sábado, vigília da Anunciação, levou consigo esta sua humilde filha.

Pouco antes de deixar as queridas Irmãs, a boa Ir. Anna, delicadíssima de consciência, teve um momento de tristeza; depois, diante de todas as que a assistiam, disse com pena: “Madre, uma vez, enquanto ordenhava a vaca, peguei na concha da mão um pouco de leite e bebi. Fazia muito calor e eu estava cansadíssima, mas não tinha a licença. Perdoe-me!”

Já se tinha confessado, quem sabe quantas vezes, mas quis fechar a sua permanência aqui com um ato de delicada humildade.

TAMBÉM IRMÃ PAOLINA GUALA DEIXA ESTA TERRA

Não se passaram quinze dias da morte desta querida Irmã, e já no dia 9 de abril, a seguiu a boa Ir. Paolina Guala. Parecia um colosso. Onde um trabalho pesado requeria dois braços fortes, eis ali Ir. Paolina; onde uma obediência qualquer parecia apresentar uma certa dificuldade, Ir. Paolina encontrava novas energias, tanto que se podia chamá-la “a obediência em pessoa”. E com tanta atividade, que recolhimento e que devoção! Alegre e vivaz por natureza, era ela que, quando noviça, durante a recreação se isolava algumas vezes para ir junto à porta da igreja, por pena de que Jesus estivesse tão sozinho; mas, desde que a Madre lhe tinha dito que Jesus tem a companhia dos anjos, participou alegremente dos recreios.

Quantas vezes Madre Mazzarello tinha beijado os pés também dela, ainda postulante e noviça!

A comunidade parecia não reparar, mas Ir. Pacotto, mais ardorosa, ousou perguntar o motivo deste ato de humildade justamente para com Ir. Gaino e Ir. Paolina, a Madre disse: “porque são as mais humildes da casa.”

Também na breve doença, Ir. Guala soube mortificar-se. Com febre alta bebia somente quando lhe traziam o copo. A casa sentirá a falta de tão santos exemplos!

NOVAS PROFESSAS E NOVIÇAS

No dia 12 chega o rev. Pe. Ghivarello como confessor extraordinário e para um tríduo de pregação às vestições e profissões.

Ele mesmo, no dia 15, assistido pelo pároco de Mornese, deu o hábito a 16 postulantes e recebeu, em nome de Dom Bosco os votos trienais de três noviças.

No discurso de ocasião disse que as freqüentes mortes de Irmãs não angustiam somente a elas, mas também a Dom Bosco o qual deseja que logo depois da divina graça, se peça a saúde, indispensável para cumprir todas os deveres impostos pela vocação religiosa.

Quando falta a saúde deve-se recorrer às exceções; a regra sofre e o espírito se vai, sem que a saúde se readquira, porque esta é um tal tesouro que, uma vez perdido dificilmente se recupera. E repete certamente normas práticas a ele ditas por Dom Bosco para as Irmãs, por exemplo: usar todos os meios possíveis às religiosas, para impedir as doenças mais comuns; recordar sempre que, uma vez professoras, também a saúde não é mais de cada uma, mas da congregação e que é preciso por isso, cuidar dela como coisa de todos, estar atentas, não enfraquecê-la com imprudências ou melancolias.

Também em Bordighera Pe. Costamagna, indo como confessor extraordinário, fez um breve discurso dos exercícios espirituais e no mesmo dia 15 recebeu os votos de Ir. Anna Oberto e de Ir. Agostina Calcagno.

MODIFICAÇÕES NO HÁBITO. O “MODESTINO”

De Turim chegou uma bela novidade. Pessoas autorizadas dizem que o hábito das FMA é muito “de luto”, que é preciso alguma coisa de branco para mitigar a tristeza de tanto preto. Por isso a Diretora, Ir. Elisa, escreve a Mornese onde disto se faz argumento de agradável estudo entre as superiores da casa, depois também de alegre assunto de recreio, sem que a comunidade saiba dos particulares.

Um belo dia a Madre, com ar de brincadeira, disse à professoras: “As vovós contam que quando S. Vicente de Paulo instituiu as Filhas da Caridade, não sabendo que forma dar ao seu véu, disse: “joguemo-lo para cima: a forma que tomar quando cair, esta se terá por vontade de Deus.” E eis as Irmãs com as belas asas que as fazem parecer pombas.

Vamos experimentar também nós? Este nosso véu assim curto, com estas duas pequenas pregas, dizem que é um embaraço. Real-

mente nunca está firme e atrapalha. Peguemos um pedaço de pano maior e joguemos para o ar.”

E logo fizeram a prova. Mas o pano caiu sem forma possível: ora liso sobre a cabeça de uma, ou sobre os ombros da outra, ora como pendurado num cabide, sem nenhum garbo. Não se contam as francas risadas, até que a Madre concluiu: “Quer dizer que deve ser como de pobrezinhas como somos nós. Começaremos fazendo desaparecer as duas pregas e o faremos mais longo e solto.” Fixado o novo modelo, o mandam a Turim para que Ir. Elisa veja se pode apresentá-lo a D. Bosco que já havia voltado da França.

Ir. Elisa, por sua vez, já tinha observado o “algo branco” das muitas Irmãs da cidade, para ver como copiar alguma coisa que não atrapalhasse os movimentos no trabalho e no jogo. Ao receber então o véu de Mornese com a palavrinha da Madre, corta e costura um peitilho que melhor responda ao seu caso. Depois pede a uma Irmã para se apresentar a Dom Bosco vestindo o novo véu e o peitilho, para ouvir a sua palavra.

Mas, quem quer ir diante do Fundador com uma veste tão visivelmente modificada? E em Turim! E no oratório?!... No entanto uma deve submeter-se e fazer-se de figurino. E a humilde Ir. Catarina Daghero, mesmo cheia de vergonha, coloca as duas novidades do vestuário e vai. Dom Bosco olha sorrindo, balança a cabeça, olha ainda e depois de um momento de silêncio: “É, não fica mal, podem experimentar. Depois, são vocês que devem vestir... experimentem!”

Ir. Elisa escreve a Mornese mandando véu e peitilho junto com a relativa aprovação de Dom Bosco.

A Madre dispõe ainda que, secretamente, seja posto na cama, o hábito preto, o véu novo com a fronteira branca e o peitilho engomado, para ser vestido na quinta-feira anterior a Pentecostes. No domingo seguinte, as Irmãs de Turim e Bordighera às quais já fora mandado o necessário, vestirão como D. Bosco aprovou. Mornese deve preceder em tudo as casas filiais, portanto...

E todas sobem ao dormitório para vestir o hábito novo, preto com a fronteira e o peitilho branco.

Ir. Henriqueta, a única que ficou na assistência das alunas, convida as meninas a precederem a comunidade na igreja, alguns minutos antes do sino. Recomenda-lhes que fiquem boazinhas com o anjo da guarda. Depois sai e corre também ela para “tornar-se branca”. Então, como uma de suas travessuras, enche de água um grande balde

e o coloca no meio do pátio, chamando: Irmãs, Irmãs, venham, hoje podemos nos espelhar.”

Correm todas, também a Madre, contente com o bom-humor geral. Assim, quando toca para a visita, naturalmente atrasadas, as Irmãs desfilam ordenadamente na capela, sem sombra de embaraço, sob os olhares das educandas que entendem então a pressa de Ir. Henriqueta e gozam da novidade.

Das Irmãs de Borighera dirá Ir. Rosalia Pestarino quando vem para o retiro espiritual: “Vimos chegar um hábito completo para cada Irmã com um bilhete escrito: “para vestir no domingo de Pentecostes, 20 de maio! . . . Vestir foi rápido; mas aparecer na igreja diante de todo mundo com o novo hábito. . . e ser vistas pelas ruas por aqueles protestantes que. . . nos querem tanto bem! Oh! as risadas pelas nossas costas e os comentários: mas a obediência. . .”

A COMPRA DO CONVENTO DE NIZZA

O mês de maio de 1877 prepara outra novidade muito mais importante. Fala D. Bosco à senhora Pastore de Valência em uma carta confidencial do dia 6:

“Estimadíssima senhora Francisca. . .

A senhora sabe que a casa de Mornese, conveniente por diversos motivos, era realmente incômoda e dispendiosa para se chegar até lá.

Agora, eis que já está comprada uma em Nizza Monferrato, onde a senhora poderá hospedar-se à sua vontade e mais comodamente. O antigo convento e a Igreja de Nossa Senhora estavam reduzidos a um horrível depósito de vinho, e onde se cantavam os louvores a Maria, agora se ofereciam libações a Baco, ressoando ali blasfêmias, etc.

Depois de longas e difíceis propostas, está comprada (aqui há um rasgão no original). . .

Eu mando esta carta sob a proteção de Maria Auxiliadora, a senhora faça de modo que a Santa Virgem não faça feio junto de. . . (ilegível).

Virá passar conosco a festa de Maria Auxiliadora? O seu quarto, o seu lugar à mesa, tudo está preparado na casa das Irmãs.

Deus a abençoe e a toda sua família, e reze por este pobrezinho que lhe será sempre em J.C. humilde servo — Sac. João Bosco.

P.S. Em Mornese não sabem ainda nada desta compra, porque somente ontem foi definitivamente concluída.

E em Mornese ainda não se sabe de nada.

IRMÃ CATARINA MAZZARELLO DE ALÁSSIO AO CÉU

Chega no dia 14 a notícia de que a morte foi ao encontro das FMA também em Alássio e levou a boa e querida Ir. Catarina Mazzarello.

A Madre queria pôr asas aos pés para levar conforto àquelas pobres filhas; mas não podendo, apressa-se a lhes mandar o auxílio das noviças Ir. Maria Fiorito e Ir. Teresa Gedda com a promessa de ir logo também ela para vê-las.

PROJETAM-SE AS MISSÕES PARA AS IRMÃS

Com o Diretor, de volta de Bordighera, chega a confirmação da notícia de que em Turim fervem os preparativos para as missões e que logo serão chamadas também as FMA. Pe. Cagliero já fez o pedido muitas vezes ⁽²⁾.

Dom Bosco por isto recomendou estudar também a língua espanhola e tudo o mais que pode ocorrer para fazer um maior bem às almas. Todas — pode-se dizer — queriam estudar, porque as missões representam um ideal sublime, mas enquanto a voz da obediência não diz os nomes, rezam e esperam.

É 24, festa de Maria Auxiliadora. Em Valdocco entusiasmo que não se descreve, também pela cura instantânea de uma menina paralítica, apresentada a D. Bosco e por ele abençoada ontem, vigília da festa.

TAMBÉM NOS PASSEIOS A MADRE É... UMA MÃE

Em Mornese as circunstâncias aconselham adiar a festa para mais tarde, na coincidência com o encerramento do mês mariano.

Para não deixar passar este dia sem uma nota de festa familiar, Madre Mazzarello leva a comunidade para um dos passeios mais desejados: em Lerma — Santuário “delle Grazie”.

(2) Percebe-se pela freqüente correspondência entre o Pe. Cagliero e D. Bosco (original no Arq. Central Salesiano).

D. Bosco ao Pe. Cagliero, janeiro de 1876: “Em outubro nós mandaremos trinta FMA com dez salesianos...” (cf. Epist. III, 11, cf. também III, 42, carta a D. Rua de 16 de abril 1876).

O Pe. Cagliero a D. Bosco, em 4 de abril de 1876: “...como escreve na penúltima expedição, antes de chamar as FMA é preciso preparar-lhes o niño...” em 5 de dezembro de 1876... “nas minhas últimas cartas chamava seis das nossas Irmãs” e em 18 de dezembro acrescentava: “...esperaremos em março a vinda das nossas Irmãs com outros salesianos...”

Enquanto as Irmãs, num momento de repouso, sentam-se em um ameno bosque, em torno da Superiora e cantam um louvor, gozando o encanto da natureza e o afeto recíproco, aparece uma menina su-jinha, esfarrapada, o retrato da miséria. Madre Mazzarello a chama para perto de si, faz-lhe algumas perguntas, oferecendo-lhe um pedaço de pão para comer, depois, dirige-se às Irmãs:

— Querem que façamos um ato de caridade?

— Sim, Madre — respondem em coro.

Então pede a uma das presentes:

— Leve esta pequena ao corregozinho, lave-a bem e depois volte com ela.

Então diz para o grupo:

— Vejamos quem tem a anágua mais bonita, para fazer logo um vestidinho.

Olhando em volta, pára o olhar na de uma noviça, e entre a festa geral, se põe a cortar e depois a costurar, ajudada pelas suas filhas mais hábeis. A nenhuma até hoje, falta a tesoura e o necessário para costurar, sendo bem claro para todas que durante os passeios, deve-se ter qualquer coisa a fazer, para ocupar o tempo.

Voltando a menina, a Madre a faz assentar-se a seu lado e enquanto trabalha a interroga sobre sua religião, a faz repetir alguma oração, a alegra até terminar o trabalho e então a veste com roupa quase inteiramente nova. Dá-lhe então os retalhos que sobraram para quando precisar, dá-lhe pão com outros alimentos para levar aos seus irmãozinhos, encarrega-a de saudar a mamãe, recomenda-lhe que seja boa, que ame o Senhor e Nossa Senhora; que faça sempre com devoção o sinal da cruz e que reze muitas Ave-Marias, que tão bem aprendeu. Depois a despede contente.

FESTA DE MARIA AUXILIADORA E VESTIÇÕES

No dia 28, depois de um tríduo de preparação, realiza-se a so-lene festa de Maria Auxiliadora, coroada de nove vestições. Preside-as o Diretor da casa, entre a serena alegria dos corações: parece que se respirem as graças de Nossa Senhora e que um pedaço de Paraíso tenha descido sobre Mornese, como em Turim.

O COLÉGIO PELO JUBILEU EPISCOPAL DE PIO IX

Junho traz uma festa nova. Segundo o pensamento expresso por D. Bosco, já há alguns dias, o Diretor aproveita a ocasião do próximo

jubileu episcopal de S.S. Pio IX e das orações para este fim em todas as casas salesianas, para dizer qual e quanta devoção deve ao Papa cada cristão, ainda mais cada religioso e de modo particular, cada filho de D. Bosco o qual tem pelo S. Padre uma ternura filial e um ilimitado respeito.

O mês do Sagrado Coração, com as flores quotidianas que conservam e alimentam o fervor de maio, é por si mesmo um mês de viva piedade. A preparação do Diretor em vista da festa do domingo 17, desperta um novo amor e devoção ao Papa. Irmãs, educandas e jovens externas da escola, da sala de trabalhos, do oratório, estão todas empenhadas na comunhão geral e nos cantos e orações, segundo as intenções do S. Padre.

A noitinha, iluminação nas janelas do colégio, com fogos de artifício; a festa se conclui com o lançamento de um balão aerostático. Enquanto o balão sobe para levar ao alto o eco da festa, Irmãs e jovens alternam louvores sacros e aclamações: “Viva o Papa! Viva o Santo Padre! Viva o Vigário de Jesus Cristo!”

Como lembrança da festa é distribuída para cada uma, a pequena imagem de Pio IX.

A MADRE EM ALÁSSIO

A Madre que não deixa de seguir com o pensamento as suas filhas distantes, é solicitada pela palavra de D. Bosco: “Em Alássio há necessidade de um conforto.” Acompanhada pelo Pe. Costamagna, vai encontrar as suas filhas de Alássio ainda sob o peso da morte de Ir. Catarina Mazzarello.

Era uma das onze primeiras professoras, uma das mais afeiçoadas a ela desde menina quando, com as suas largas provisões, vinha em auxílio das Filhas da Imaculada e foi a primeira a tocar o famoso orgãozinho que tirava do baile público as jovens da sala de trabalho e das reuniões festivas.

Convalescente de uma erisipela que durante todo o mês de abril, a deixara em perigo de vida, não tinha mais dúvida sobre a sua cura: já dormia no dormitório comum.

Na noite de 13 para 14 de maio tinha dado algum gemido, repetindo baixinho “Oh, Jesus, levai-me”. Pela manhã não pôde levantar-se e parecendo quase em extremo pela fraqueza, foram-lhe administrados os últimos sacramentos. Num momento em que parecia adormentada, um acesso repentino de tosse a tirava da terra enquanto estava só com Jesus.

Dom Bosco tinha feito chegar à Diretora palavras de consolo, deixando esperar uma visita da Madre. E a Madre está agora aqui para elas.

Fala a cada uma, as encoraja, anima-as a terem muito cuidado com a saúde, a não se deixarem tomar pelo desânimo, a fazer o quanto podem com calma e sem aflição. Encontrando uma um tanto cansada, promete-lhe que, depois do retiro, a mandará a uma casa de montanha onde poderá refazer-se.

De retorno a Mornese anuncia às Irmãs um belo presente e, depois do almoço faz a distribuição: confeitos de Alássio, belos, brancos, pequeninos... mas durinhos e nada doces. “Pedrinhas” exclamavam as mais espertas ao prová-los, “pedrinhas da praia”.

Para Ir. Giovanna Borgna a Madre disse baixinho: “Guarda, para quando estiveres na América.” E Ir. Giovanna não sabia ainda que estava no número das escolhidas.

A FESTA DA GRATIDÃO

O mês de julho leva a Mornese duas festas de família: o onomástico da Madre e do Diretor.

Desta vez a Madre não recorre ao forro do telhado para esconder-se das demonstrações de afeto das suas filhas mas, com toda simplicidade, ao confessionário. Ninguém podia pensar que estivesse lá dentro. Uma vez descoberta, porém, recebe o que era de se esperar: palavras fortes do Pe. Costamagna que não admite semelhantes escapadelas de humildade, especialmente quando os corações sentem a necessidade de exprimir-se no dia da gratidão e do amor filial.

Entre a festa de Santa Domingas e a de S. Tiago, dá tempo para preparar alguma festinha improvisada, e porque as duas festas onomásticas deixam uma lembrança muito viva, repete-se a bela jornada junto ao Tobbio.

O calor da estação e a longa estrada em subida, dão uma forte sede. A Madre se apressa a procurar água para acalmar a sede das outras, mas ela não toma uma gota sabendo habilmente esquivar-se quando lhe é oferecida.

Como sempre encontrando alguma menina pela estrada, aproxima-se dela, interroga-a sobre o catecismo, se não o sabe, ensina-o enquanto anda um pedaço do caminho com ela e a convida para o domingo no oratório.

NOTÍCIAS ALEGRES

As seis de Turim, Ir. Catarina e Ir. Rosina Daghero, Ir. Carolina e Ir. Angelina Sorbone, Ir. Giovanna Borgna e a postulante Angiolina Buzzetti, apresentaram-se para os exames de certificado inferior em Mondovì, sendo todas felizmente promovidas. Por isso, ao seu retorno a Turim o "Deo gratias" se eleva de cada coração com a nota mais doce do agradecimento comum. Quase imediatamente partem para Mornese Ir. Rosa e Ir. Carolina e a postulante, e a comunidade fica agradavelmente entretida pelas narrativas das neo-professoras. Mas as meninas não se contentam, querem saber notícias particulares de Turim.

Então, Ir. Carolina narra com todos os detalhes, a instantânea cura de Josefina Langhi, a menina paralítica apresentada a D. Bosco para uma bênção na vigília da festa de Maria Auxiliadora. Descreve as palmas e a alegria geral quando a comunidade soube do milagre, comove-se ao dizer que depois, ao receber D. Bosco, parecia a todas ver N. Senhor enquanto, passando, curava almas e corpos.

Não deixa de contar a festa onomástica de D. Bosco, na qual estava presente o arcebispo de Buenos Aires, Dom Aneyros, com seu secretário. Termina com um entusiástico: "Um viva para nós, afortunadas Filhas de Maria Auxiliadora e do seu Apóstolo Dom Bosco!"

A Madre ficou comovida e foi com esforço que pôde dizer a última palavra: "Sim, viva! repitamo-lo mais forte, que depois de nós outras cantarão, isto se formos sempre menos indignas Filhas de uma tal Mãe e de um Pai tão bom e santo.

O PE. BONETTI E DOM CECCARELLI PARA OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

O mês de agosto começa com os exercícios espirituais para senhoras e professoras; de quarta-feira, dia 1.º, ao domingo, dia 5, as senhoras convidadas por D. Bosco, são muitas. Também desta vez antes de deixá-las sair, são convidadas para a festinha simples dos prêmios para as alunas.

Houve apenas um tempo para reorganizar a casa e começa outro retiro, na quarta-feira, dia 8. Dirigem-no Pe. Giovanni Bonetti e Mons. Pietro Ceccarelli, pároco de S. Nicolás de los Arroyos, vindo à Itália com Dom Aneyros, hóspede em Valdocco.

D. Bosco, depois de ter recebido os hóspedes argentinos, pediu a Mons. Ceccarelli para ficar algum tempo para ensinar um pouco de

espanhol e dar uma idéia do novo trabalho ao pessoal destinado para as missões.

Fazem o retiro todas as Diretoras, muitas Irmãs da casa, todas as Irmãs de Borgo e de Lu, metade do pessoal de Biella, de Bordighera e de Alássio.

As que faltam a este retiro irão a Turim: Dom Bosco resolveu assim para dar a todas as possibilidades de participarem, não podendo suspender as atividades nas casas.

A pregação de Pe. Bonetti é toda um hino de amor a Deus, enquanto o missionário acende nos corações o entusiasmo pela evangelização. São dias de graça e de ardor espiritual para Mornese.

VIRTUDE AUSTERA E AMÁVEL DA MADRE E DAS FILHAS

Não há uma das Irmãs vindas das casas filiais, especialmente as Diretoras, que nos momentos de descanso não se interesse em saber se a vida de Mornese continua a mesma, no mesmo clima de pobreza, e se a Madre continua sempre mais mortificada e sempre Madre com todos, se as filhas continuam sempre como as filhas dos primeiros tempos, etc. etc.

Sim, a pobreza é sempre a mesma: na mesa há mais apetite que outra coisa; nos dias de jejum e no sábado, nada na boca até o meio-dia, a menos que a mão piedosa da Madre não vá recolher algum pedacinho de pão, para amavelmente distribuí-lo entre as mais jovens, as mais fracas, as mais desgastadas pelos trabalhos pesados. E, na falta de outra coisa, ainda lhes dá, como “mistura” pontas de fava, de ervilha ou de feijão cozidos na água com um pouco de sal e vinagre, para ficarem mais gostosos e apetecíveis.

Pobre Madre, como deve sofrer com tanta penúria!

Um dia, sentindo-se mal pela fraqueza, foi à cozinha e aceitou uma enchova e um pedaço de pão, mas com medo de escandalizar alguém, foi para baixo da escada para comê-la.

Um outro dia estava muito abatida e cansada e a quem lhe perguntava se não se sentia bem, respondia sorrindo apenas. Finalmente teve de confessar: tinha fome! Procuraram um pedaço de pão e não encontraram. Então a ecônoma e uma outra Irmã foram pedi-lo emprestado a um vizinho e voltaram para casa bem depressa para dá-lo à Madre, que com simplicidade o comeu, acompanhando-o com um pouco de água fria.

Da pobreza geral ela mesma se ressentida, mas sofre muito mais pelas outras.

Não encontrando jamais sobre a mesa, depois das refeições, a menor sobra de comida, assalta-a muitas vezes a dúvida de que as suas pobres filhas saíam da mesa com fome, e diz à econômica: “É preciso aumentar a quantidade, sabe?” Mas era sempre a mesma coisa. . . e levantando-se às vezes para se aproximar das Irmãs na mesa, dizia com pena e afeto: “Não há mais nada na sua frente! Digam-me, digam-me se ainda querem alguma coisa. Não quero que fiquem doentes ou que tenham que sofrer demais. Se quiserem eu mando trazer.”

Quem não sabe, porém, que em casa só há pobreza? E então, ao invés de aumentar a pena da Mãe, vem logo a resposta das filhas, sempre mais filhas: “Fique tranqüila, Mãe, não precisamos de mais nada.”

Não é raro que voltando cansadas de ter lavado roupa no rio, e dado para cima e para baixo muitas caminhadas, as Irmãs entram no refeitório para se refazerem um pouco e, depois da oração de bênção para a refeição, agradecem sem mesmo terem provado nada ou porque não há, ou porque pensam em deixar o pouco alimento para alguma outra, que, caso contrário, ficaria sem nada. Certamente recordam então as palavras de Santa Teresa, oportunamente repetidas pela Mãe à Comunidade quando a necessidade mais se faz sentir: “Oh, se fosse à mesa e não encontrasse pão!”

Um dia, a cozinheira esqueceu de pôr sal na sopa, preparada com caldo de cebola. Mãe Emília, como as outras, não diz uma palavra, quando a Mãe, chegando um pouco atrasada, à primeira colherada percebe o esquecimento: “Oh, pobre de mim — exclama — não tem sal! Irmãs, Irmãs, esperem, não acabem esta sopa que têm no prato!” E vai depressa buscar o sal, a fim de que se sirvam dele; no seu, pensa por último, entende-se.

Da farinha para o pão da comunidade, além da melhor parte ser para as hóspedes, tira-se a que deve dar o pão para os doentes e para o salesiano adido à casa, e o resto vem a ser, portanto, um conjunto de farelo. De fato, o pão que se faz disto é chamado “pão de farelo”.

Uma manhã o pão ficou tão bom que, entre a fome e a vontade de prová-lo, um “pãozinho” logo desapareceu. À noite perguntam-se umas às outras, se se poderá fazer ou não, a santa comunhão com aquele “pecado”. E as responsáveis não vão dormir sem tê-lo dito à Mãe!

Aquela triste história, exposta com tanta humildade, a Madre ao invés de repreendê-las, sorri: “Mas fizeram muito bem, pobrezinhas; se têm apetite, comam tranqüilamente, eu lhes dou licença; mas fiquem quietas; não digam a ninguém nem agora, nem depois.

Poucos dias depois, por inadvertência, uma delas deixa cair sobre o fogo um pedaço de tela que servia para cobrir os pães. O seu embaraço era grande, porque não esperava encontrar um outro em casa; mas recorrendo como de costume à Madre, recebe palavras de consolo e pode remediar o pequeno incidente sem que nenhuma perceba.

Quando a Madre vai ao rio para lavar a roupa e volta para casa com o hábito enlameado e úmido, nunca o troca antes de prover tudo o que precisa para as outras, assegurando-se de que nada falte a ninguém.

Igualmente solícita é pelas almas das suas filhas, especialmente as mais jovens ou novas. Escuta-as benevolentemente por todo o tempo que queiram, especialmente quando as vê preocupadas, pressionadas por escrúpulos ou tristezas; ensina a descobrir em tudo a adorável mão de Deus e as anima a adquirir as virtudes religiosas; quer vê-las sorrir e sabe tornar doces também as penas e mortificações.

Alguma ousou perguntar-lhe como tinha tanta paciência para escutar a quem sempre lhe diz as mesmas coisas. “Veja, responde-lhe, as coisas que a você parecem pequenas, fazem sofrer realmente e muito, a quem as tem no coração.

Uma destas almas titubeantes e sempre agitadas, um dia, mais do que nunca angustiada, foi preparar-se para a confissão no lugar mais escuro da igreja. A Madre que sabia do seu estado de alma, não a encontrando nem aqui nem ali, procurou-a com grande preocupação.

Encontrando-a, perguntou-lhe:

— “Onde estava? Mandei que a procurassem até no poço!

— No poço, Madre?

— Sim, veja, quando o sofrimento dos escrúpulos é tão grande pode vir a tentação de jogar-se no poço para fugir de tudo!

— Oh, Madre, tenho tanto medo da morte, que ao invés de ir procurá-la no poço, queria encontrar o meio de afastá-la de mim, por cem anos ainda!

O encontro acabou com uma boa risada, aliviados então os ânimos das duas.

Dá sempre mais importância à obediência, mesmo nas coisas pequenas e, quando não acha esta virtude diz claro o seu pensamento, sem preâmbulos.

Uma postulante, para ser mais rápida em pegar um objeto, passou por um lugar diferente do que lhe tinha sido indicado; a Madre disse logo: “Como foi desembaraçada. Porém, que bela obediência a sua! Entende-se que não é feita para ser Irmã e, então, prepare-se para voltar para casa: nós não sabemos o que fazer de gente semelhante.”

A pobrezinha, depois, pediu perdão tão humildemente, que tudo foi logo remediado, mas aprendeu a obedecer.

Certos episódios das pobres postulantes que não podem adaptar-se logo entre tantas provações, se fossem um dia reproduzidos num teatrinho, certamente fariam rir e chorar; mas diriam também todo o ascendente que a Madre exercia sobre os corações e as vontades.

Quando a tentação comum da fome assalta uma recém-chegada, a Madre está atenta a estes sinais e intervém com firmeza, se sabe que pode contar com uma boa qualidade de verdadeira vocação. “Quer ir embora? Como tem a coragem de responder a quem lhe perguntar o motivo pelo qual volta para casa? O seu próprio confessor que a mandou para cá crendo-a tão boa e tão generosa com o Senhor, lhe dirá: “Pobre de mim, que vocação!”

De tal modo o sentido da responsabilidade faz refletir sobre a impulsiva resolução de ir-se, depois vem a admiração pelas virtudes da Madre, e por fim o afeto: vence o amor a Deus e as vocações perduram.

As virtudes da Madre são todas expressões de humildade.

A quem reage quando a vê fazer a sua penitência na recreação, beijando os pés de Ir. Assunta Gaino ou então de Ir. Margherita Ricci, ao voltar do galinheiro ou da horta, diz logo: “Estas são almas sempre unidas ao Senhor! É a sua virtude que atrai as bênçãos de Deus sobre nós. Eu não sou digna de tais filhas!”

Convencida de ser verdadeiramente indigna de pertencer a uma Congregação de tantas Irmãs tão santas, quase admirada de que os superiores não a expulsem, mais de uma vez se ajoelha por terra dizendo: “Eu sou a última entre vocês, a mais indigna de todas, não mereço estar nesta casa. Irmãs, rezem por mim!”

Exercita-se na leitura em público. Pede que a corrijam, linha por linha, dos erros que comete; se lendo por sua conta, na sala de trabalho, não chega a compreender o significado do que lê, pergunta a esta ou àquela, também a uma noviça ou postulante, para ter a ex-

plicação. Quando deve escrever duas linhas, não se importa de pedir auxílio na presença das filhas, já instruídas e muito jovens; se dita o seu pensamento, não permite que usem vocábulos escolhidos. Não se preocupa em esconder que não sabe muito do tanto que como superiora, deveria saber; se acontece que lhe escape um pequeno erro, não se demora em fazê-lo notar, com uma atitude que comove.

Uma tarde, ao recomendar fervor e humildade na santa comunhão, inadvertidamente disse para si mesma: “Eu me imagino como um pobre verme que, arrastando-se se esforça para unir-se aos bem-aventurados Espíritos celestes em adoração a Jesus sacramentado, então me parece que os meus atos de adoração e de louvor possam se tornar mais agradáveis e os meus pedidos mais facilmente ouvidos.”

Sempre que fala da comunhão deixa transparecer um fervor particular e a gente não se cansa de ouvi-la repetir de ir a Jesus em espírito de humildade e de amor; e o pensar-se um vermezinho diante de Jesus é o modo para obter tudo dele, porque a humildade é silêncio, é sacrifício; virtudes tão semelhantes às do SS. Sacramento nos nossos tabernáculos.

ENCERRAMENTO DO RETIRO ESPIRITUAL

No dia 15 se fez o encerramento solene do retiro espiritual com oito vestições e quatorze profissões. Todas sentiram o Fundador não estar presente. Agora que sabem do estrondoso prodígio feito por ele na vigília da festa de Maria Auxiliadora, muitas desejam vê-lo — quem sabe — iluminado por uma auréola especial. Mas todas sabem que ele se encontra em Turim muito cansado e sobrecarregado pelas providências para a abertura de novas casas, para a expedição de outros missionários e por vários casos importantes. Por isso a devoção filial se exprime na oração e na oferta espontânea ao Senhor de secretos sacrifícios.

Deixando Mornese, as Irmãs partem com o coração renovado pelas santas impressões da sua primeira casa religiosa e uma vontade resoluta de continuar a viver no espírito da Regra, na prática da pobreza sempre mais amada, do trabalho e do sacrifício por Deus e pelas almas.

Quem parte pela primeira vez de Mornese sente muito a separação da Madre.

“Quanto me custa deixá-la assim tão cedo — disse chorando Ir. Domenica Telinelle — acreditava que devia ficar sempre com ela!” A Madre ri desta ingenuidade, mas a conforta com um afeto mais do

que simples e com uma gostosa promessa: “Pobre filha, faz-me pena saber que você sofre! Mas na nova casa você estará certamente bem com a Diretora, minha irmã Felicita. Eu irei logo visitá-la... Vá alegre e contente: o Senhor a abençoará.”

A ESPERA DE TRANSPOR A FRONTEIRA

Dom Bosco, da França, levou a novidade também para as suas filhas que devem preparar-se para transpor a fronteira: por ora se estabelecerão em Nice. Se no próximo Capítulo Geral salesiano não faltar o Pe. Cagliero, pode-se ter como certa uma primeira expedição de Irmãs para a América. E teremos que escolher quem irá. A Madre, com a sua fé em Deus, afrontará também este novo desafio. Que importa se as suas filhas não têm a preparação do estudo e da experiência?

“Se Dom Bosco fala — diz — é Nossa Senhora que falou a ele, e N. Senhora sabe de que filhas dispõe para as obras de seu divino Filho, portanto.”

Alguma reunião com o seu Capítulo, algum conselho de Pe. Bonnetti que lhe refere o pensamento de D. Bosco: prevêm-se trocas de Irmãs aqui e ali; propõem-se alguns nomes, para que D. Bosco escolha e abençoe, e... em frente, *in nomine Domini!*

O PRIMEIRO RETIRO EM TURIM

Na segunda-feira, dia 27, começa em Turim outro Retiro espiritual também pregado pelo Mons. Ceccarelli e pelo Pe. Bonetti. Tomam parte dele todas as Irmãs que não fizeram o primeiro, felizes por virem a esta casa que — depois de Mornese — é a mais desejada por todas.

Madre Mazzarello não falta: deseja muito dizer pessoalmente a Dom Bosco tudo o que viu de mais importante nas casas visitadas, de encontrar-se com todas as suas filhas, e quer assegurar-se também da sua organização material em uma casa na qual faltarão ainda tantas coisas para poder dar hospedagem.

Chegando, tem a surpresa de encontrá-la inteiramente arrumada, pois foram emprestadas as camas, cadeiras, toalhas e para qualquer eventual necessidade se pode contar com um auxílio vizinho.

As filhas, com alegria recebem a Madre, que por sua vez é muito expansiva com todas. Com as neo-professoras então, tão necessitadas de um pouco de descanso mental e físico e no entanto generosamente disponíveis para os trabalhos mais humildes da casa, é generosa nas maternais atenções.

Ouvindo-as contar sobre o fino trato das Irmãs Dominicanas de Mondovi, pelas quais foram hospedadas, a Madre tira a lição prática: “Façamos também nós assim, façamos sempre assim. E não nos esqueçamos nunca de que se nos tratam tão bem, é porque somos Irmãs e filhas de D. Bosco!

Mesmo durante o retiro, os preparativos para a convocação do primeiro Capítulo Geral salesiano em Lanzo Torinese impõe a partida de algumas Irmãs a mais para atender também à cozinha daquele colégio.

Por isto, no dia 1.º de setembro se completa a organização regular daquela casa, com Ir. Angela Deambrogio como Diretora, outras cinco professoras e três noviças.

PRIMEIRA FUNDAÇÃO NA FRANÇA

Também para Nice é preciso providenciar a partida e a Madre manda como Diretora Ir. Rosina Fechino, professora de poucos meses, mas já madura na idade e na virtude; estão com ela as duas noviças: Ir. Teresa Guglielmetti e Ir. Rosália Ronchail.

À partida das Irmãs para Lanzo segue, poucas horas depois, a das que vão para Nice: as retirandas confirmam a sua disposição de estar prontas aos sinais da vontade divina.

Nas exortações da Madre, durante as serenas recreações daqueles dias, predomina o pensamento da necessidade de fazer bem aquilo que se deve fazer e de não perder o tempo e as forças no que não é de obrigação.

“As Filhas de Maria Auxiliadora — recomenda — não devem abraçar tantas coisas em termos de devoção, mas devem estar atentas em pôr todo fervor no que estão fazendo. Se, por exemplo, subimos uma escada, renovemo-nos no desejo de subir sempre mais alto na perfeição; se descemos, peçamos a graça de saber descer sempre mais no conhecimento da própria miséria.

Vendo Irmãs mais virtuosas que nós, proponhamo-nos praticar as virtudes das quais temos o exemplo; se nos achamos em algum defeito, renovemos logo o propósito de não recair.

Indo, então, confessarmo-nos, examinemo-nos bem sobre estes pontos sem nos perdermos em fantasias e medos sem fundamento. Devemos ser sempre sinceras e simples, especialmente quando se fala com os superiores e, principalmente, em confissão.

Se usarmos caridade entre nós, se formos mortificadas e animadas pelo espírito de sacrifício, se nos mantivermos fiéis às nossas Regras, então, podemos dizer realmente que somos devotas e filhas de Nossa Senhora e, não teremos tantas dificuldades de ser sinceras na confissão e fora dela.”

CHEGADA DO PADRE CAGLIERO

No dia 3, encerramento do retiro espiritual com doze profissões nas mãos do próprio D. Bosco. Enquanto ele coroa as novas professoras, chega Pe. Cagliero para o Capítulo Geral. Dá uma olhadela da sacristia e observa com complacência o Pai no altar, rodeado por um grupo de Irmãs tão numerosas. Percebendo porém, que estava sendo motivo de distração para quem o via, retira-se logo.

Mas, apenas acaba a função, quem pode impedir as Irmãs de procurá-lo? Fala com todas, convencido de que finalmente começarão as expedições das Irmãs para a América. É um fermento de gratidão e de ardor apostólico que agrada ao bom Deus e faz sorrir a Madre, intérprete de todas junto a D. Bosco. Um breve encontro, pois, o Pai se retira logo com o festejado e amadíssimo chefe-missionário, para prosseguir com ele para Lanzo.

ESPÍRITO DE OBSERVÂNCIA EM TURIM

No dia seguinte, domingo, a Madre é acolhida com filial expansão também pelas jovens, cujo número é sempre maior. Fica feliz por encontrar a casa aberta a tanta juventude do povo e nota o trabalho assíduo, caridoso, espontâneo e sereno, não só das suas filhas, mas também de algumas juvenzinhas.

Nos serenos encontros da família, a Madre compreende quanta luz vem às suas filhas pela vizinhança com o Fundador e da ação formativa dele e dos seus colaboradores.

A observância religiosa em casa é muito consoladora: simplicidade e boa vontade nas Irmãs que correspondem à irradiação de santidade e ao zelo incansável do diretor Pe. Rua.

Um dia a Diretora Ihe tinha perguntado:

— Podemos continuar a comer fruta também no café da manhã? Dão-nos tanta e as temos em abundância!

— O que diz a Regra?

— Que se pode tomar café e leite ou fruta.

— Ah! diz OU, e não E, portanto...

— Mas perde-se a fruta, senhor Diretor!

— É melhor que se perca a fruta do que a observância da Regra. E depois, com a fruta a mais, não se pode socorrer alguma miséria e melhorar alguma jovem?

Daí a recomendação da Madre: “Vêem os santos? Ai de vocês de Turim se não souberem aproveitar também para nós, que não temos a felicidade de vocês: viver em Valdocco!”

NAS CASAS DE DOM BOSCO NINGUÉM FICA À FORÇA

Ao prestar contas a D. Bosco da casa de Biella, a Madre tinha expressado a dúvida de não poder continuar porque as Irmãs não estavam de muito boa vontade. E ouviu a resposta: “Nas casas de D. Bosco ninguém fica à força. Se as Irmãs de lá não querem ficar, troquem-nas. A casa não se fecha.”

Tinha portanto, entendido a admoestação e se valia dela muitas vezes para uma delicada observação: “Recordemo-nos, Irmãs, que Deus ama o doador alegre: uma Irmã que queira ser verdadeira FMA deve estar contente naquela casa e naquela ocupação na qual a colocaram. E cada casa de D. Bosco deve ser a casa da santa alegria.”

IRMÃ ELISA RONCALLO E O SAGRADO CORAÇÃO

Para unir entre si as meninas de maior boa vontade e despertar o entusiasmo nas outras, Ir. Elisa idealizou uma associação dedicada ao Sagrado Coração que já está em experiência ⁽³⁾.

A Madre, que oportunamente havia sido informada, apreciava a iniciativa e a tinha como coisa sua, apoiando-a inteiramente. A própria Ir. Elisa contava como tinha surgido a associação e como se desenvolvesse, anunciando bons frutos:

“Para animar à piedade as nossas jovens, sentíamos a necessidade de fazer alguma coisa a mais. Vendo que D. Bosco organizava entre os seus jovens do Oratório, associações e companhias diversas — entre as quais a do SS. Sacramento — pensei em esboçar um simples regulamento de poucos artigos, adaptados às forças destas nossas juvenzinhas e dediquei a associação ao Sagrado Coração. Depois apresentei tudo ao nosso diretor Pe. Rua, o qual falou dela a D. Bosco e este a aprovou.

(3) Sabe-se que Ir. Elisa ainda menina, fazia parte da associação da Comunhão Reparadora e ainda gosta de assinar: “Ir. Elisa do Sagrado Coração”. Sabendo que D. Bosco tinha entre seus jovens a Companhia do SS. Sacramento para aproximá-los com freqüência à Santa Comunhão, tniha promovido esta iniciativa).

Então, tive coragem e num domingo desta primavera, reuni todas as melhores meninas, as maiores, embaixo de um telheiro onde guardamos a lenha. Lá, assentada sobre feixes de lenha, comecei por fazê-las entender a necessidade de reparar tantas ofensas que os maus fazem ao Sagrado Coração. O dever que os bons têm de reparar este Coração divino com a fuga ao pecado, com boas e freqüentes comunhões e com o esforçar-se para colaborar para a salvação das almas pelas quais Jesus deu a vida.

Ao ver-me diante daquelas queridas jovens comovidas e tão bem dispostas, não demorei a revelar-lhes o segredo. Falei-lhes do regulamento que apenas acabara de escrever, mas já estava aprovado pelo Pe. Rua e por Dom Bosco. Propus pô-lo em experiência se aceitassem logo, prometendo mandá-lo imprimir se tivesse dado bons frutos e ainda, de mandar mais tarde a Roma para a aprovação do Papa.

Devo dizer, a bem da verdade, que o terreno estava preparado.

A noviça Ir. Adele David, voltando de Mornese para Turim por motivo de saúde, não ficou aqui sem fazer nada, mas guiada pelos salesianos, foi verdadeira apóstola entre as meninas do bairro, de modo que a minha proposta foi bem aceita por um discreto número de jovens, capazes de seguir-me na realização. Por isso, mãos à obra! Agora, naquelas que prometem mais, temos verdadeiras ajudantes para o trabalho de assistência dentro e fora do oratório. Se continuarmos assim penso que dentro de um ano poderemos ter a associação já discretamente organizada.”

Madre Mazzarello, que vive o pensamento do Fundador, goza intimamente dos frutos de bem que se esperam desta iniciativa, entre as Irmãs e as alunas.

UMA CARTINHA DO COLÉGIO

Voltando de Turim, a Madre participa com alegria às suas filhas as belas notícias de Valdocco. Em Mornese reencontra a comunidade no costumeiro ritmo de fervor e de zelo operoso: Madre Emília segue com empenho as professoras e as alunas; Madre Henriqueta na sua tarefa de assistência contínua às internas sabe obter uma serena disciplina que as faz parecerem outras tantas novicinhas.

Também as alunas externas e as oratorianas dão prova de boa vontade, e as famílias só têm que se alegrar. Em todo o ambiente do Colégio respira-se um clima de oração e de familiar serenidade que não conhece parada nem durante as férias de outono: as jovens, de fato, ficam de boa vontade, também durante este período e elas mes-

mas convidam as amigas ou irmãzinhas e, dizem espontaneamente aos pais a própria alegria de estarem em Mornese.

É disto exemplo, uma carta das irmãzinhas Bosco aos pais:

Viva Jesus!

Bons e queridos pais,

que dirão do nosso longo silêncio? Todavia acreditem que mesmo que não lhes tenhamos escrito logo, não nos esquecemos dos senhores. O primeiro motivo é porque temos tanta preguiça... o segundo é que somos mesmo cabeças tontas. A nossa saúde, graças a Deus, é ótima; com grande prazer pensamos que também assim será a dos senhores.

Estejam certos, queridos pais, que não deixamos passar um dia sem dizer pelos senhores uma palavrinha ao Coração de Jesus e à nossa querida Mamãe, Maria Santíssima.

Também os senhores, queridos pais, façam esta caridade de rezar sempre de coração, ao bom Jesus, para que se digne fazer-nos todas suas, para poder um dia estar no céu por toda a eternidade (com os nossos queridos pais, certamente).

No entanto façam o favor de rezar por nós, porque os exames estão próximos e quem sabe como os faremos. Oh! rezem de verdade para que os possamos fazer bem, primeiramente para darmos glória a Deus e depois para dar consolação aos senhores e aos nossos superiores.

Rezem ainda para que o Senhor nos dê tanta boa vontade de estudar e ir adiante cada dia mais na virtude.

Basta: não resta mais nada senão dizer-lhes que saúdem todas as nossas companheiras, as nossas irmãzinhas e digam a Giuseppe que escreva para nós.

Guardadas dentro do Sagrado Coração de Jesus e de Maria, somos afetuosamente filhas,

Maria e Eulália

Mornese, 12 de julho de 1877.

DOM BOSCO ANUNCIA A PRIMEIRA PARTIDA DAS MISSIONÁRIAS PARA A AMÉRICA

No dia 8 de setembro — festa de Maria SSma. e primeiro sábado — é comunicada à comunidade a decisão de D. Bosco para uma primeira partida das FMA para a América: sua meta será o Uruguai.

Ao ouvir tão bela notícia, um hino de alegria se eleva de cada coração: todas são gratas a Nossa Senhora pela escolha que quis fazer de tão pobres filhas para enviá-las além-mar pela redenção de tantas almas sedentas de luz, de bem, de vida eterna.

Tanta alegria, porém, foi ofuscada por uma outra notícia: também o Pe. Costamagna foi escolhido para as missões da América!

Escreve ele mesmo a propósito: “O teólogo Cagliero, obtida a primeira expedição de Irmãs missionárias, obtém também o desalojamento de um membro de Mornese para acompanhar as Irmãs a Montevidéu. Assim termina a dolorosa história: Isaac se encaminha para o monte Mória!”

Se toda Irmã queria estar no número das missionárias, com muito mais razão, queria ser do grupo guiado pelo Diretor; mas a Madre repete o pedaço da carta que exprime claramente o pensamento de D. Bosco “Aqueles que desejam consagrar-se às missões estrangeiras para cooperar com os salesianos na salvação das almas e particularmente das crianças, façam o seu pedido por escrito: depois se escolherá!”

É uma porfia geral para escrever esse pedido e cada uma se exprime nos termos mais convincentes, esperando estar entre as escolhidas.

Com a volta do Pe. Costamagna a Mornese depois do capítulo Geral ⁽⁴⁾, intensifica-se em casa o estudo do espanhol. Algumas no entanto, estudam o francês porque está próxima a fundação de Saint-Cyr, na França; e trabalha-se para preparar o necessário para as que partirão.

No entanto, ainda está vivo em Mornese, o eco da questão da escola municipal na qual prestam seus serviços um salesiano e uma Irmã professora ⁽⁵⁾. Aqueles que conservam no coração o antigo ressentimento a D. Bosco, insinuam a hipótese e considerações muito pessimistas: são tão rápidos para se transferirem ou morrer estes padres e estas freiras de D. Bosco! . . . E o Município perde a sua autoridade cedendo a eles o ensino e deixando que este seja dado no próprio colégio!

“Nós nos calamos e rezamos — disse a Madre a quem lhe faz confidências a esse respeito, — Nossa Senhora e D. Bosco sabem de tudo. Nós confiamos neles e ficamos em paz.”

(4) Anexo (Allegato) n.º 18.

(5) Anexo (Allegato) n.º 19.

AS PRIMEIRAS MISSIONÁRIAS

No dia 27 de setembro finalmente é comunicado o nome das escolhidas para a América: Ir. Angela Vallese — de Lu, Diretora do afortunado grupo; Ir. Joana Borgna, natural de Buenos Aires; Ir. Angela Cassulo — de Castelletto d'Orba; Ir. Angela Denegri — de Mornese; Ir. Teresa Gedda — de Pecco (Turim); Ir. Teresina Mazzarello, chamada Baroni.

As escolhidas se interessam logo para obter das famílias e relativa permissão, sendo desejo de D. Bosco que os pais participem com plena e cristã adesão ao novo e maior sacrifício dos filhos, como a seu mérito.

IRMÃ MADALENA MARTINI EM BIELLA — IRMÃ CATARINA DAGHERO EM MORNESE

Na primeira metade de outubro com o novo movimento de pessoal, Ir. Madalena Martini é mandada como Diretora em Biella e, a vigária de Turim, Ir. Catarina Daghero volta para Mornese para um ano de tirocínio na escola municipal mantida no próprio colégio.

Ao mesmo tempo, Ir. Catarina dará aula às internas, orientará os estudos das postulantes estudantes, auxiliará a Madre Emília e assistirá as postulantes no dormitório como ajudante de Madre Petronilla. Enfim, como se fosse ainda pouco, estudará o francês sob a guia da própria M. Emília.

Feliz como religiosa, Ir. Catarina apresenta-se alegre seja com as Irmãs como com as jovens e se faz notar pela sua atividade calma e por um extraordinário sentido prático revestido de grande modéstia.

A clara intuição de M. Mazzarello tinha realmente adivinhado isto não deixando que voltasse para a família.

VOCAÇÕES PRÉ-ANUNCIADAS PELA MADRE

O eco das próximas partidas para as missões da América, chega também à cidadezinha Alice junto ao Gave onde são conhecidos o Diretor, Pe. Costamagna e também um pouco, as Irmãs de Mornese. Por isso, no tempo da colheita, um grupinho de crianças vem a passeio, cumprimentar aquelas Irmãs que a Providência escolheu para as missões.

São seis: as duas irmãs Adele e Rosina Gemme, outras duas irmãs Violante e Inês Caratto e duas suas amigas Catarina Grosso e outra. Ao deter-se um pouco com elas a Madre pergunta sorrindo:

“Quem de vocês quer ser Irmã?” e as olha bem nos olhos; depois indicando uma a uma: “tu, tu, tu, tu...” são justamente aquelas que têm um germe de vocação religiosa.

A MADRE EM LU MONFERRATO

A noviça Ir. Vicência Razzette, professora de jardim em Lu Monferrato, já está nas vésperas da profissão religiosa. Irá o Diretor de Borgo, Pe. Bonetti para receber seus votos e também a Madre que aproveita a ocasião para uma visita àquela casa.

É 24 de outubro. A igreja paroquial, embora não seja domingo, está repleta de fiéis que assistem devotamente à função completamente nova para eles. A Madre entre duas Irmãs, tiveram lugar no presbitério. Ir. Vicência leva a coroa de rosas na cabeça. Todos estão preparados para acolher o diálogo do rito entre o sacerdote e a neoprefessa. Depois, Pe. Bonetti, do púlpito, comenta o Evangelho tirando dele argumento para lançar entre a juventude uma semente de generosa adesão ao chamado divino: ao Senhor são queridas as primícias da adolescência.

A Madre, de pleno acordo com o pensamento, goza intimamente e com ele sintoniza a sua oração.

Apressa-se depois em voltar para Mornese onde fervem os preparativos para a partida já próxima.

CHEGADA DO NOVO DIRETOR PE. LEMOYNE

Dia 25 chega o novo Diretor da casa, Pe. João Batista Lemoyne. Lembra-se, por certo, daquele 10 de outubro de 1864 quando acompanhava D. Bosco pela primeira vez a Mornese, e apenas o tinha conhecido logo o elegera por Pai. Quem lhe teria dito, então, que depois de 13 anos retornaria mandado por D. Bosco mesmo, como Diretor daquelas jovens que se tornam Irmãs?

Agora chega de Lanzo onde era Diretor amadíssimo e onde foi muito sentida a sua partida. Mas Pe. Costamagna deve partir e Mornese é muito importante para D. Bosco para que não lhe mande um outro filho entre os mais devotos de Nossa Senhora e dos mais fiéis que, tendo vivido muito perto de seu coração, possa formar as Filhas de N. Senhora segundo o seu espírito.

PARTIDA DO PE. COSTAMAGNA

No dia 28, o Pe. Costamagna, com um esforço extraordinário, faz a sua conferência de despedida à comunidade refletindo sobre os

seguintes pontos: o mundo sob os pés; no coração sempre Jesus; na mente, a eternidade.

Cada uma seja a cópia viva das Constituições. O caminho mais curto para chegar ao Céu é a obediência. Rezar uns pelos outros para nos encontrarmos um dia todos juntos, no Paraíso.

No dia seguinte, sábado, 29, parte para Turim e de lá para Caramagna para despedir-se da mãe.

Mais do que uma partida a sua é uma fuga: o coração não lhe permite fazer ou receber cumprimentos e despedidas. Deixa escrito nas humildes páginas da Crônica: “Hoje é o dia da separação: o Senhor me dê força para fazer em tudo a sua santa vontade, e eu, depois de ter cantado com Jó: Sicut Domino placuit, ita factum est. Sit nomen Domini benedictum (C.I vers. 31), dou o primeiro passo e deixo um triste adeus a esta casa santa, onde por mais de três anos a misericórdia de Deus me proporcionou tantos bons exemplos dos quais não aproveitei. Adeus, portanto!

“Eu parto para a América
mas não as esqueço;
Vou, mas aqui fica
o coroação... Adeus, Irmãs

De lá, do além oceano,
rezando ao Sumo Deus, as
terei sempre esculpidas
na alma... Irmãs, adeus!

Pe. Tiago Costamagna.”

As Irmãs estão em lágrimas e por ele fazem orações cheias da mais viva gratidão.

PORFIA DE HUMILDADE PARA A VIAGEM A ROMA

Já marcado o dia 9 para a audiência pontifícia, os missionários deverão encontrar-se em Roma na véspera. As missionárias deixarão Mornese na tarde do dia 6. É tempo portanto, de decidir quem irá acompanhá-las.

Não podendo ir a Madre, pois sofre de uma aguda crise de neuralgia na cabeça, com fortes dores de ouvido, teria que ir Madre Petronila. Mas, esta que nunca viajou, cede o lugar a Madre Emília Mosca mais apta para a circunstância. Porém, Madre Emília — que iria a Roma voando — tem pena das missionárias que seriam confiadas só a ela.

Nesta bela porfia de humildade, Madre Mazzarello diz resoluta: “Vou eu: toca a mim e o Senhor há de pensar.” E sem ouvir os conselhos da prudência humana, prepara-se para partir.

FUNÇÃO DO ADEUS

Das seis missionárias que partem somente duas irão até Roma representando todas, para receber a bênção do Santo Padre: assim impõem as condições econômicas.

Como Ir. Angela Vallese e Ir. Joana Borgna não voltarão mais a Mornese mas ficarão em Gênova para o embarque, Pe. Lemoyne dispõe para que haja uma função de adeus, como se faz em Turim com os salesianos. Por isso, na parte da tarde da terça-feira, dia 6, a capela está repleta dos parentes e dos amigos. Cantam-se as Vésperas como nas grandes solenidades. Seguem inspiradas palavras de saudação e de encorajamento que o bom Diretor dirige às que vão e àquelas que ficam, recomenda rezar umas pelas outras, para conservar o espírito de união e de caridade.

Depois da bênção com o SS.mo Sacramento, o canto em coro, e a oração pelos viajantes.

Ao final, a Madre se levanta e vai para a porta da saída: as Irmãs a seguem, enquanto deixam livre o desabafo das lágrimas até então contidas.

Todos choram e se apressam para dizer ainda uma palavra às filhas, às Irmãs, às professoras, às amigas. As missionárias estão tão serenas no sacrifício dos mais caro afeto que os pais, mesmo chorando, as abençoam e agradecem a Deus ter-lhes concedido tal graça.

A MADRE E AS DUAS MISSIONÁRIAS DE MORNESE EM ROMA

À tarde, a Madre e as duas missionárias deixam Mornese para irem até Sampierdarena se unirem aos salesianos que seguem para Roma.

Passam a noite junto às senhoras que cuidam da cozinha e da rouparia daquele Instituto, onde são recebidas com festa e servidas muito bem. Que alegria para Ir. Vallese encontrar também o Pe. Cagliero que ainda não tinha visto depois que voltara da América.

Ao jantar, enquanto se combinam as últimas coisas da viagem, Madre Mazzarello diz ao Pe. Cagliero: "Senhor Diretor, não lhe parece que indo eu a Roma, farei perder a estima pelo Instituto? O Santo Padre espera ver na Superiora Geral, uma Irmã instruída, educada e ao invés não terá diante de si senão uma pobre ignorante."

O Pe. Cagliero dá um dos seus sorrisos e anima a Madre a ir assim mesmo. Depois dirige-se às duas Irmãs e aos demais presentes,

entre eles o Pe. Costamagna e o Pe. Paulo Albera, Diretor da casa e diz baixinho: “Aprendamos a lição.”

No dia seguinte parte-se para Roma, em companhia do Pe. João Cagliero.

EM ROMA

Chegando a Roma encontra-se uma boa hospedagem no Abrigo dos peregrinos, em apartamentos separados para os salesianos e para as Irmãs; não encontram porém, nada para comer, porque o Abrigo só dá uma refeição às 2 h. da tarde. Como fazer? Os salesianos têm fome... as Irmãs não dizem nada, mas... Madre Mazzarello então, não temendo a escuridão nem a novidade de Roma, toma consigo Ir. Borgna e, como se estivesse em Mornese, vai às casas de comércio mais próximas e compra fruta, pão e queijo para todos.

Na manhã seguinte — sexta-feira, dia 9 — levantam-se cedo bem descansadas. As Irmãs assistem à Missa na capela do Abrigo. Depois, um pouco de café da manhã e vão visitar a Basílica de S. Pedro, antes de subir as escadas do Vaticano para a audiência pontifícia.

Pelas 12 horas estão todos à espera do Santo Padre.

Precedido por um movimento de gendarmes, guarda pontifícia e prelados, eis o Papa, trazido na sédia gestatória. O seu semblante traz os traços do sofrimento pela saúde notavelmente abalada.

Tomando o argumento da dedicação da Arquibasílica Lateranense, ocorrência do dia, o Santo Padre fala da bondade da Igreja para com seus filhos obedientes, e da divina severidade para com os filhos rebeldes que não querem reconhecê-la por mãe.

Fala longamente de D. Bosco e da grande graça de ser filhos e filhas de tal pai. Mostra a sua complascência e também a sua admiração ao ouvir que todo aquele grupo prostrado a seus pés pede a bênção papal para depois partirem para as missões da América e pergunta ao Pe. Cagliero: “Onde D. Bosco apanha toda esta gente?”

— Santidade, é a divina Providência que a manda.

O Papa junta as mãos, olha para o céu e exclama: “Oh! divina Providência!”

A este ponto, Madre Mazzarello comovida e humilde, diz baixinho, sem tirar os olhos da veneranda figura de Pio IX: “Oh! Senhor, abençoei o vosso Vigário”.

O Pe. Cagliero apresenta então a Superiora Geral das FMA. O Santo Padre se congratula com ela e com as Irmãs, acrescenta com ternura que elas são afortunadas e abençoadas pelo Senhor, porque filhas de D. Bosco, que também elas terão um vasto campo de trabalho evangélico e que, como verdadeiras mães solícitas e amorosas farão grande bem, preservando do mal tantas crianças descuidadas pelos pais, e nas missões salvarão tantos pobres selvagens ensinando-lhes conhecer a Deus, a amá-lo e servi-lo na terra, para alcançá-lo no céu.

Termina abençoando: “A nosa Bênção Apostólica, ó meus bons filhos e minhas filhas, desça sobre vós, sobre vossos pais e parentes, sobre vossos irmãos e irmãs, para que se estenda a glória de Deus, o bem da Igreja e a salvação das almas. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém!”

O Papa admite, então, os presentes ao beijo do anel sagrado.

As duas missionárias deixa como lembrança de serem como as grandes conchas das fontes, que recebem a água e a distribuem para todos: conchas de virtude e de saber, para a vantagem dos seus semelhantes. E pondo as mãos sobre a cabeça de cada uma, acrescenta paternamente: “Que Deus a abençoe para que possa fazer tanto e tanto bem!”

As misionárias estão comovidas e maravilhadas. A Madre não fala: toda sua alma está recolhida nos olhos. E também ao sair, interrogada insistentemente pelas Irmãs sobre as impressões que teve, disse só da sua admiração pela grande bondade do Papa.

Depois, apressada, volta ao Abrigo para o almoço. Espera-as a viatura que um cooperador salesiano lhes colocou à disposição, para uma visita a Roma acompanhadas pelo coadjutor Musso, mestre de sapateiro e neo-missionário.

Na parte da tarde vão todos às catacumbas de S. Calixto. Ainda que em Roma o clima seja antes temperado, o vento frio se faz sentir muito e a pobre Madre, que a nevralgia não deixa em paz um momento, envolveu a cabeça com um xale.

Na visita às catacumbas, porém, percebe que o clérigo salesiano Carlos Pane, treme de frio por uma crise de malária que o aflige há meses, tira então o xale e sem mais, o coloca no clérigo pedindo-lhe que o aceite, para evitar um mal maior.

O pobre febricitante se esquivava um pouco, mas depois é obrigado a aceitar pelas insistências da Madre e pela necessidade de esquentar-se,

O xale muda portanto de dono: e as Irmãs olham com pena a Madre sofrida. Esta sorri para as filhas, tira do bolso um grande lenço de seda preta com listas róseas e cobre a pobre cabeça doente e não o tira nem quando andam em plena Roma.

Voltando ao Abrigo ao escurecer, a Madre acha que os salesianos e as Irmãs deveriam tomar uma pequena refeição. Novamente vai com Ir. Borgna fazer compras, providenciando também para o café da manhã seguinte. Assim as belas ruas próximas do abrigo vêem uma Superiora Geral com a cabeça coberta por um lenço preto de listas róseas à procura de pão e de frutas. Consigo não se importa. Todos os cuidados e atenções são para os outros. Ainda bem que no Abrigo não faltam travesseiros para dar um certo bem estar à sua pobre cabeça dolorida: em Mornese não dispõe de tanto! Quando sofre a nevralgia e os ouvidos doem muito, contenta-se com um banquinho de madeira para sustentar levantada a cabeça doída.

Se alguma Irmã vai procurar-lhe algo de menos duro, diz prontamente: “Não, isto é suficiente para mim. Nós somos pobrezinhas!”

Os dias que restam são passados nas visitas às Basílicas e aos monumentos da Roma cristã.

Por fim, têm a sorte de assistir em São João de Latrão, à consagração de alguns Bispos e de assistir a uma Missa cantada em gregoriano. A Madre de tudo sabe tirar motivos de filial devoção ao Papa, de veneração profunda aos santos apóstolos e mártires, que justamente em Roma, confessaram Jesus Cristo, derramando o próprio sangue pela fé, e diante de tantos tesouros de arte e de religião, exclama muitas vezes: “Como será belo o Paraíso!”

ESPERA E CHEGADA A SAMPIERDARENA

A tarde do dia 12 se retoma a viagem de trem para Gênova e no dia 13 chega-se a Sampierdarena.

Não encontrando ali as outras, vindas de Mornese, a Madre teme qualquer desastre.

Mas finalmente elas chegam, acompanhadas pela Madre Emília Mosca e pela Madre Henriqueta Sorbone.

“Por que tão tarde assim?”

“Teríamos vindo ontem à tarde se desde a manhã não houvesse empecilhos. Primeiro uma neblina muito densa que não deixava ver à distância de poucos metros. Depois uma chuva tão forte que alagou toda a estrada. Por fim, um vento tão violento que atrapalhou tudo, não obstante todo o nosso esforço para chegar até aqui.

Madre Petronilla e o Diretor não nos deixaram mover-nos.

Então, já que o tempo premia, tentou-se uma condução que fosse até Ovada pelo menos, para pernoitar ali e sair bem cedo, no dia seguinte.

Mas com aquele tempo, ninguém se atrevia, por nenhum preço e diziam todos que era ir de encontro à morte. Contudo, precisava-se partir ao menos à noite. A Madre Ecônoma o que fez? Pediu emprestado um carro de boi e experimentou no pórtico. Depois, pegou umas vara resistentes, amarrou-as bem e colocou-as como arcos no carro. Fez uma espécie de cobertura, colocando sobre os arcos colchas forradas, as quais caindo de lá e de cá, constituíam um carro de novo estilo, mas cômodo e sólido, com bancos de palha. Para nos pôr em vaigem sem experimentar, não era conveniente. Então algumas de nós entraram na nova arca de Noé. Outras com lanternas e cantando louvores a Nossa Senhora, circundaram o carro em experiência. Bela recreação que, em vista da tarde excepcional, durou até as 10 e meia. Por fim, oração e repouso para todas, também para nós, apenas por um pouco.

A chuva não parava e o Diretor não sabia mais o que fazer. Aquele carro era muito frágil em relação a tanto estardalhaço do céu. As águas destruidoras podiam facilmente levantá-lo do chão e fazê-lo tombar não sabíamos onde. Na melhor das hipóteses, o passo lento dos bois nos faria certamente perder o trem.

Chega então o secretário Traverso que, sabendo da nossa situação embaraçosa, se oferece para transportar ao alvorecer, no seu carrinho, a Irmã mais fraca que não resistiria à caminhada. Já era alguma coisa.

A meia-noite nos levantamos e fomos à capela rezar e fazer a santa comunhão. Não se tem tempo a perder. Chove sempre, mas não com tanta violência. Em silêncio fizemos a despedida da nossa bela casa e de Mornese, recebemos ainda a bênção do Diretor, acendemos as lanternas e partimos.

Um ótimo cooperador salesiano nos vem ao encontro e nos diz: “Estou aqui para acompanhá-las. Não temam. E também o senhor Diretor esteja tranquilo. Estou acostumado com as estradas e nos sairemos bem.”

Partimos com aquele novo Arcanjo Rafael, de fato prático e seguro e ao amanhecer havíamos atingido a diligência. Agora, eis-nos aqui.

Mas, como são bons os cooperadores salesianos! Madre, diga a D. Bosco que nos tiraram do aperto também por causa dos passaportes e não economizaram passo nem para Novi nem para Gênova!”

No Instituto estão todos ocupados com os missionários e com a chegada de D. Bosco; e também as Irmãs trabalham com afinco para preparar e embalar tudo que poderia ser preciso para a celebração da Santa Missa no navio.

TAMBÉM A IMAGEM DA AUXILIADORA COM AS MISSIONÁRIAS

Antes que Pe. Costamagna saísse de Mornese, desapareceu da capela do colégio o quadro de Maria Auxiliadora, aquele que o Pe. Pestarino mesmo havia pedido a D. Bosco e que foi por ele abençoado para a sua querida Igreja.

Era uma das primeiras e poucas reproduções da “Madonna di Valdocco”, a primeira imagem que havia mostrado às “Filhas” a divina inspiradora da obra salesiana. Todas pensavam que o Diretor o tivesse levado à Casa Carante para consolar-se diante da Auxiliadora, pela dor causada com a partida das Irmãs, e esperavam uma rápida restituição. Ao invés, o Pe. Costamagna o havia confiado à Ir. Teresa Mazzarello com a ordem de não cedê-lo a ninguém, de cuidar dele até chegar à terra americana, porque ele tinha a intenção de dar-lhe nova destinação e conservá-lo como recordação de Mornese. Quem o impedirá? Por outro lado, também as missionárias estão felizes e cuidam dele como um precioso depósito, quase um talismã.

Pouco depois, quando estavam todos ao redor das superiores para as despedidas, aparece o Pe. Cagliero com uma outra bela pintura na tela: Maria Auxiliadora que traz nos braços um gracioso Menino, sorridente. “Eu o roubei da sacristia de Valdocco — diz brincando — roubei-o para vocês. Foi pintado por um senhor que sofria de uma doença nos olhos e estava para ficar cego. Recorreu a D. Bosco o qual, depois de haver guiado o pincel na tela o abençoou. Desde então o doente ficou curado e o presenteou com aquela linda Nossa Senhora.

É portanto um quadro miraculoso que dá alegria só de vê-lo!

D. Bosco o abençoou de novo e mandou às missionárias.

“Levai-o e que Nossa Senhora vos abençoe e vos acompanhe na longa viagem.”

RECOMENDAÇÕES — BÊNÇÃOS — LÁGRIMAS DE ADEUS

Chegando a hora do repouso, o quarto que servira alguns dias para que as que chegaram de Roma, deve servir para todas as nove. São apenas duas camas, mas são colocados dois colchões no chão e se acomodam como podem, tirando apenas o hábito e os sapatos. Ninguém dorme: são as últimas horas que têm para passar juntas.

Na manhã do dia 14, 4.^a-feira, D. Bosco celebra rápido, depois confessa as missionárias que se apresentam para a última absolvição e a última recomendação.

Irmã Joana Borgna tentando estancar as lágrimas, apenas saiu da igreja diz ao grupo silencioso e recolhido: “Isto me disse o bom Pai: Recordai que ides para a América fazer guerra ao pecado. E ainda: Rezai três “Anjo de Deus” todos os dias durante a viagem até chegar ao destino. Não vos parece uma boa penitência para os meus grandes pecados?”

Ainda chove e o vento é forte. Mesmo assim, às 9.30, Irmãs e Salesianos se encontram no navio. Madre Mazzarello visita cabine por cabine, cama por cama para verificar se não falta nada que possa aliviar as Irmãs dos incômodos da viagem. Depois, como o seu coração sentisse necessidade de doar-se ainda àquelas filhas, que pensa não verá nunca mais, entretém-se com cada uma em particular, fala a todas juntas, industria-se para conduzi-las, ela mesma onde se encontra D. Bosco, para que ele repita algumas das suas palavras inspiradoras e tão eficazes. D. Bosco sorri, fala, conforta, e o Pe. Cagliero procura mantê-las todas alegres com a promessa de que encontrarão muitas almas e se verão em breve. Mas, finalmente é necessário partir. Foi repetida a ordem — para os não viajantes — de sair do navio: é preciso obedecer.

Salesianos e Irmãs se ajoelham em torno a D. Bosco e o Pai levanta a mão para abençoá-los.

Com pesar, lembram-se de não ter uma máquina fotográfica. Mas, sabe-se também que a voz de Pe. Costamagna se levantaria ainda uma vez para repetir, como nos dias da saída de Mornese, a quem lhe propunha fotografar as missionárias. “Sim, sim, isto para quando estivermos cinco metros debaixo da terra!...”

Os olhos do Fundador estão cheios de lágrimas. Ele se apressa e vai para perto da escada para enxugar as lágrimas que não consegue estancar e a mão treme tanto que ao colocar o lenço no bolso, deixa-o cair. Então Ir. Borgna, muito esperta, o substitui por um limpo enquanto beija devotamente aquele banhado com as lágrimas do Pai;

sabe que são lágrimas de um santo. Aquele lenço enxugará depois, lágrimas na América. .

Também a Madre dá o seu último adeus: as Irmãs respondem com um grito abafado: "Madre, Madre!". Ela já está no final da escada e coloca os pés na barquinha onde as duas que a acompanham já estão esperando.

Todos acomodados e já em meio às ondas agitadas, o vento carrega o chapéu de D. Bosco. Por felicidade Madre Emília sempre atenta a cada movimento do Superior, consegue pegá-lo, à flor da água.

Do convés do navio o grupo comovido saúda: D. Bosco lança seu último e longo olhar. M. Mazzarello com dificuldade retém as lágrimas. O Pe. Cagliero gostaria de fazer alguma brincadeira para levantar os ânimos, mas não pode!

"QUERO AMAR MARIA"

A um certo ponto, ouve-se uma onda sonora. É o Pe. Costamagna que acompanha ao piano, o coro das missionárias: "Io voglio amar Maria." O canto se perde ao longe.

Doce recordação! No dia que o Pe. Costamagna o compunha em Mornese, não havendo em casa Carante o instrumento, permanecera na sacristia; ali provava e repetia ao harmônio, principalmente, as primeiras notas que não queriam chegar. . . "Io voglio amar Maria"! A casa ficou assim inundada por aquele som, que na sala de costura não dava para perceber-se bem, senão quando ele levantava a voz. A Madre, que enquanto trabalhava falava com as postulantes e noviças, já havia mudado de lugar por diversas vezes; mas aquele ritornelo: "Io voglio amar Maria" parecia persegui-la. No fim, com um simpático sorriso e uma expressão de arguta impaciência, tinha dito: "Vão dizer ao senhor Diretor que não só ele quer amar Nossa Senhora, mas que também nós queremos. Que ele seja bonzinho! . . ."

"PAI, EU IREI À AMÉRICA?"

O retorno a Sampièrdarena foi silencioso porque, bem se entende, o coração de quem fica está no navio com quem vai.

Partindo todos no mesmo trem, na saída de um pequeno túnel, D. Bosco disse sorrindo: "Como se entende que fomos feitos para a luz."

Então Madre Mazzarello, seguindo seu pensamento lhe pergunta:

— Paí, eu irei à América?

— Você? Irá quando eu for!

O assunto animou os desejos das duas jovens companheiras de M. Mazzarello e Madre Emília pergunta por sua vez:

— E eu, irei, D. Bosco?

D. Bosco respondeu baixinho alguma coisa que as outras não perceberam: e logo Mc. Henriqueta:

— E eu, D. Bosco?

— Você? Nós a mandaremos às Índias!

“VOCÊS SE SALVARÃO E SALVARÃO OUTRAS...!”

Antes de partir, a Madre e as duas Irmãs vão rever ainda D. Bosco. Madre Emília fica um momento sozinha com ele e lhe pergunta com filial confiança: “Eu me salvarei?”

Refletindo um instante D. Bosco responde: “Sim, você se salvará.” E depois num tom reflexivo acrescenta: “Não só você irá ao Paraíso, mas todas as FMA que morrerem no Instituto, e todos os seus parentes até a quarta geração.” E depois num outro momento: “E se salvarão todas as alunas que moram em nossas casas.”

Tivessem as missionárias ouvido esta consolante afirmação, teriam aproveitado ainda mais do sacrifício que ofereciam ao Senhor; mas elas também hão de saber, logo que recebam as primeiras cartas de Mornese, na América.

PRIMEIRAS NOTÍCIAS DA VIAGEM

Novembro termina com boas notícias dos missionários e das missionárias quando estacionaram em Gibraltar.

Sofreram a princípio os primeiros incômodos do mar, sem porém ficarem privadas da comunhão diária: participaram da Missa de preceito celebrada pelo Pe. Costamagna sob a cobertura do navio, assistida devotamente também pelos passageiros católicos do “Savoie”.

Por cortesia de alguns senhores, quase todos espanhóis, passaram à primeira classe na popa, onde ficaram mais livres para a recreação e convívio na habitual alegria mornesina. Logo algumas senhoras se aproximaram delas e todos os dias, até muitas vezes ao dia, puderam entreter-se com as crianças alegrá-las com jogos, ocupá-las com pequenos trabalhos e sobretudo, catequizá-las.

Quando à tarde se retiram para a salinha que lhes foi posta à disposição, entoam os louvores sagrados de Mornese, entre eles: “Sul-

camos um mar infindo. . .” os passageiros fazem grupos ao lado de fora para escutar os cantos à Virgem bendita.

Contam a benévola e geral atenção que recebem de todos. Sentem ter consigo todos os corações deixados na pátria; então se reforça a esperança de um grande bem na “terra prometida”! Quantas saudades fervorosas enviadas à Madre, às queridas Irmãs, aos parentes todos.

Apresentam o desejo de serem recordadas nas orações de todos, e especialmente nas do Santo Fundador e Pai D. Bosco ⁽⁶⁾.

DOM BOSCO ABENÇO A E CURA IRMÃ JOSEFINA QUARELLO

Também chega uma alegre notícia de Turim. A noviça Ir. Josefina Quarello foi substituir, na escola, Ir. Catarina Daghero que fora para Mornese por algum tempo. Mas logo adoeceu e foi desenganada pelo médico Dr. Albertotti. Enquanto se prepara para a eternidade, pede que chamem D. Bosco para abençoá-la e lhe assegurar uma santa morte.

Satisfeito seu desejo, foi levada até o escritório do Pai. Nem teve tempo de lhe expor o seu desejo e já o bom pai a interpela: “Você quer ir ao Paraíso? Espero ir também eu, se a misericórdia do Senhor me conceder. Mas você há de trabalhar ainda muito.”

Ao dizer estas últimas palavras pronunciadas lentamente, levantou a mão em gesto de bênção. . . mas com a palma voltada para o próprio coração, acrescenta Ir. Quarello, que em seu íntimo pensava: “Desta vez D. Bosco errou mesmo!”

Os fatos, porém, dizem que não errou, pois Ir. Quarello melhorou e já voltou à escola tranquilamente.

FESTA DA IMACULADA — VESTIÇÕES E PROFISSÕES

Com a novena para a festa da Imaculada, dezembro presenteia a festa das vestições e profissões. O recolhimento da comunidade é grande. No tríduo final, o Diretor, Pe. Lemoyne, desenvolve os temas: vamos a Maria; amemos Maria; imitemos Maria. E predispõe cada coração para a querida festa.

Pela manhã do dia 8 depois da Missa e da comunhão geral, o próprio Diretor, como delegado de D. Bosco, preside à função de recepção do Hábito e recebe os votos religiosos.

(6) Da carta do Pe. Costamagna a D. Bosco, de 19 de novembro de 1877, cf. Bollettino Salesiano, janeiro de 1878, p. 3. (Original no Arq. Centr. Sales.).

As noviças são 14, contando com Ir. Ir. Aurélia Barisonzo que já recebera o hábito aos 15 de agosto de 1876 e ficara em família por motivo de saúde e agora retorna.

As novas professoras são seis. E mais: Irmã Catarina Dagrero que, emite sozinha, os votos perpétuos.

Tinha apenas dois anos de profissão e não esperava tamanha graça. Com um grande avental branco estava preparando a festa no refeitório para as novas professoras, quando a Madre vai até ela e mostrando-lhe um telegrama lhe diz: “Venha logo: D. Bosco telegrafou ao Diretor para receber os votos perpétuos de Ir. Catarina Daghero. Rápido, na igreja, pois não se espera senão Ir. Catarina.”

Ir. Catarina sorri, tira o avental e corre para fazer perante a comunidade, os santos votos já oferecidos ao céu, quem sabe quantas vezes, como uma doação voluntária e total. E retorna entre as Irmãs com a simbólica coroa de rosas na cabeça. Hoje, ri dos seus temores passados e de sua experiência pessoal, sabe tirar os argumentos mais eficazes para consolar e levantar os ânimos duvidosos.

À tarde, depois das vésperas, o Pe. Lemoyne fala conosco. Fala de Maria Imaculada com tal ardor que toda a comunidade e todo auditório diz num mesmo sentimento e se comenta daqui e dali; “como ama Nossa Senhora!”

Não faltam lágrimas de comoção quando acena às Irmãs missionárias que passam esta solenidade viajando pelo mar.

UMA ALUNA QUE DÁ TRABALHO

Na vigília da Imaculada entraram duas internas que eram irmãs: Ema e Oliva Ferrero, enviadas por D. Bosco.

Ema tinha então 18 anos sendo de extraordinária beleza. Educada em Turim num Instituto de Irmãs retornou à família onde participou de teatros, bailes, alegres companhias, até que houve uma perda da fortuna e seu pai foi até Dom Bosco para lhe pedir ajuda.

D. Bosco ofereceu-se para acolher as três filhas: a menor ficaria em Turim com a Diretora, Irmã Elisa Roncallo, as outras duas iriam para Mornese.

Ema obedeceu, escondendo-se assim da vergonha da miséria. Sua alma, porém, está revoltada. Mandada a confessar-se para poder passar alegremente, também ela, a festa de Nossa Senhora, responde com um sorriso de ironia e de desprezo, e com o mesmo jeito, participou das funções na Igreja. No almoço e no recreio foi de uma imperti-

nência insólita. M. Mazzarello, Ir. Henriqueta e Ir. Emília tentaram aproximar-se dela, procuraram reuni-la às outras, porém, as acolheu com um sacudir de ombros.

Ainda continua assim: come pouco, dorme pouquíssimo, não trabalha, não reza, está sempre irritada, sempre fazendo desordem, sempre de cara fechada, nada a preocupa além de seus pertences.

Para impedir que o mal se alastre entre suas assistidas, Ir. Henriqueta circunda Ema de atenções vigilantes e atenciosas. Sem perder de vista aquelas que jogam, entretém esta com perguntas e histórias, mas nada influiu ainda sobre a desdenhosa juvenzinha, que nada faz além de despertar a inveja nas colegas.

Grande é o sofrimento de Ir. Henriqueta, que sente ter perto de si uma alma rebelde e pobre também de Deus.

Todas rezam por ela, possuída não se sabe por quais pensamentos.

Numa destas manhãs, levam uma carta a Madre Mazzarello que está na cozinha com Irmã Henriqueta. É uma carta para Ema. Quem escreve se diz uma professora de Turim e lhe manda a própria fotografia, com frases tão melífluas que a Madre diz: “Não seria bom entregar-lhe.” e a joga no fogo, seguindo-a com o olhar para vê-la destruir-se. Ao invés, em contato com o calor, a fotografia se encrespa e deixa perceber uma folha, que, branca no início, se colore apresentando caracteres nítidos e legíveis.

Rapidamente a Madre a retira do fogo, segura de ter em mãos a chave do mistério; e lê de fato, com Me. Henriqueta, a estranha carta escrita com limão: a proposta de uma fuga e a indicação explícita do modo como efetuá-la.

É um momento de dor, mas de agradecer ao Senhor a descoberta da meada da intriga, retomando coragem baseada na providencial descoberta, teremos de multiplicar os atos de vigilante e prudente paciência. Sim, devemos dissimular os inevitáveis aborrecimentos das primeiras manifestações de humor raivoso de Ema e dos seus cúmplices; mas, rezando... podem-se esperar muitas graças. O Natal se aproxima, quem sabe...

A MADRE ESCREVE AO SENHOR FRANCISCO BOSCO

A séria preocupação que dá a todas esta pobre filha, não impede a Madre de aliviar outros corações de suas preocupações e escreve ao pai das três internas, irmãs Bosco.

Viva Jesus Menino!

Estimadíssimo Senhor,

não quero deixar passar esta propícia ocasião sem lhe dar notícias de suas filhas.

Clementina não sofreu nada na viagem, está mesmo bem e como quer; é alegre; parece que sempre viveu aqui. Diga à mãe que não se preocupe pois temos todo cuidado para fazê-la crescer com saúde e santa. Assim também quanto a Maria e Eulália, as quais estão bem: trabalham, estudam, rezam por seus pais, são alegres e esperam sua visita. Se todas as três continuarem assim, um dia elas serão a sua consolação.

Desejo-lhes boas festas de Natal, bom fim e ótimo princípio do novo ano. Queira o querido Menino Jesus abençoar toda sua família, e depois de uma longa vida, colocá-los num esplêndido trono de glória, lá no céu.

Reze por mim nestes belos dia se me creia sua

humilde serva

Irmã Maria Mazzarello

Superiora (?)

Mornese, 21.12.1877

FESTAS NATALINAS — SÚPLICAS ARDENTES

O Natal passou recolhido e sereno para a comunidade; inútil para a jovem recalcitrante, e muito triste para Me. Henriqueta que não podia ver o mínimo sinal de transformação naquela pobre assistida: Ema não se comove, nem mesmo com os cantos de Ir. Luizinha Areco, sempre tão expressivos, mesmo se falta ao harmônio a mão do Diretor, Pe. Costamagna.

A súplica da comunidade se faz mais ardente diante de Jesus Menino para a graça que se pede.

O dia de Natal conclui-se como no ano passado: passam, primeiro as Irmãs professoras, as noviças, as postulantes e depois as alunas para deporem em silêncio a sua promessa a Jesus Menino.

Reza-se e espera-se sempre; mas Ema, espectadora impassível, distribui ainda indiferença e age como uma pequena déspota em casa alheia.

(7) Original — Arq. Geral FMA.

IRMÃ HENRIQUETA NA “PROVA”

Ir. Henriqueta, mulher de oração e assistente muito afeiçãoada às meninas, não consegue mais dissimular o desgosto causado pela conduta de Ema Ferrero.

Parece que esta estude maneiras de ser inacessível a quem quer orientá-la ao bem: se interrogada não responde, se responde, faz com insolência, mesmo em público. Desculpá-la, perdoar-lhe não a comove. Ao contrário, torna-a cada vez mais estouvada. Atos de atenção a fazem rir. As companheiras, por inveja dela, ou por afeto à assistente assim tão mal correspondida, não escondem o mau humor; as Irmãs dizem baixinho que esta história não merece aprovação. A Madre, porém, entra ora com boas palavras, ora com um dignitoso ato de autoridade. Conversa livremente com Ir. Henriqueta de quem bem conhece as virtudes. Vendo-a sempre tão solícita ou muito preocupada com a teimosa menina, não é raro vir com reprovações, mesmo em presença das próprias internas. Quer temperança em todas as coisas, por isso quer torná-la comedida mesmo em relação a Ema que de sua parte, abusa em prejuízo da autoridade e da disciplina geral.

Ir. Henriqueta ouve com reverência, segurando o choro. E quando a Madre, poucos minutos depois da admoestação, para não deixá-la com má impressão, volta-se para ela e lhe dá sinal de afeto e de estima, a humilde Irmã, como se nada tivesse acontecido, a acolhe filialmente e mostra com fatos o quanto é grata por seu trato materno.

Mas, quem não imagina o esforço da natureza para superar tais provas?

Ir. Henriqueta ressentida também na saúde. Nas suas visitas ao SS. Sacramento e especialmente na comunhão, quantos suspiros! Às vezes, sem perceber, põe-se a falar alto, com Jesus que mais de perto poderá acolher a plenitude de seu amor generoso e suplicante.

DE MORNESE A NICE

A Madre sempre compreensiva, arranja um jeito melhor, fruto da sábia prática pedagógica: “Sabe que faremos, Henriqueta? Vamos juntas a Bordighera... e deixamos Ema por uns dias nas mãos de Ir. Emília. Quem sabe, uma troca não a faça desejar a tua volta?”

Pelos meados de janeiro partem. Não porém antes de a Madre ter conversado longamente com a jovem recalcitrante.

Depois de uma rápida parada em Alássio, a Madre segue para Bordighera. Em toda parte é recebida com ternura comovente. Deixou Henriqueta para que aproveite também do clima e vai para Nice. Bem sabe que lá não há lugar para mais duas Irmãs. A casa foi aberta há 3 meses e em condições precárias: é melhor incomodar o menos possível.

A Madre é acolhida como pessoa que traz luz e alegria. Com seu olhar indagador, logo se dá conta de que as filhas estão preocupadas e depressa descobre a causa: “Ó boas filhas, vocês não têm uma cama? Mas eu não quero nem tenho necessidade. Não, não. Nada de colchão sobre a mesa. E nem pedir a ninguém. Cada qual fique na sua própria cama e caladinhas. Vocês já sabem que eu durmo muito bem, quando me ajesto a meu modo. Vocês amanhã deverão trabalhar o dia inteiro. Eu, ao invés, não tenho nada para fazer.”

E ninguém a remove de seu propósito. A Superiora geral passa a noite em uma cadeira dura, com a cabeça apoiada na mesinha. Pela manhã afirma ter dormido e estar muito bem.

VOLTA POR BORDIGHERA-ALÁSSIO

Volta contente por ver as boas Irmãs ativas, piedosas e por perceber que os Superiores as apreciam e queriam outras mais.

Passando por Bordighera encontra também uma comunidade segundo o seu coração. Paupérrima, porém, muito empenhada em fazer o bem às almas, procurando não pesar muito sobre os pobres salesianos.

A Diretora, Ir. Rosalia Pestarino, dá aula na sacristia: um pedacinho de corredor estreito e comprido onde falta tudo.

O Inspetor escolar, em visita oficial pediu-lhe o horário:

“Horário? — respondeu — eu fico aqui o dia inteiro. À medida que vem uma e pode ficar um pouquinho, ensino-lhe alguma coisa. Pobrezinhas! . . . Se quisesse tê-las todas juntas, não teria nenhuma. Devo mudar de sistema?”

— Não, não, pobre Irmãzinha, continue assim mesmo. O seu método é a caridade.

Também D. Bosco entre as idas e vindas da França, no verão passado foi encontrá-las. Visitou a casa toda, do dormitório à cozinha e à despensa. Sorriu pesaroso quando as Irmãs lhe disseram que revisavam uma a uma as frutas, para assegurar-se de não estarem apodrecendo. Recomendou, sim, de fazer economia, mas não acabar com a saúde. Ao pai, as Irmãs revelaram seu segredo de caridade e de mortificação: mandar para os salesianos sempre o melhor, reservando para elas o resto. Expressaram também a gratidão para quem lhes oferece qualquer coisa.

D. Bosco as aprova e as encoraja a fazerem sempre assim, com todos, pobres e ricos.

Ir. Rosalia, hábil em amenizar a conversa com histórias, alegre os dias da Madre com fatos e palavras colhidas por ocasião da passagem de D. Bosco.

“Sabe Madre, como D. Bosco se serve de tudo para mostrar sua gratidão aos benfeitores? Quando esteve aqui, deram-lhe uma enorme couve-flor tão branca tão branca que parecia um grande ramalhete de flores.

D. Bosco a olhou e sorridente me disse:

— Quer me fazer um favor?

— Ó sim, padre, com prazer.

— Pegue este cartão e mande-o com esta couve para Turim à condessa Corsi. Assim verá que D. Bosco se lembra dela.

Que bom pai temos nós! Ele viu tudo. Dissemos-lhe tudo, até mesmo que não escrevemos para ele porque receíamos perturbá-lo muito e também porque sabemos que recebe dos superiores salesianos as nossas boas ou menos boas notícias. São eles que nos dão suas notícias de saúde e nos dão os seus conselhos. Nós, porém, escrevemos ao Diretor de Mornese, todos os meses, fazendo o nosso “rendiconto”.

E D. Bosco mostrou-se contente com a nossa simplicidade e confiança filial e — por que não? — com o nosso respeito cordial.”

Com sua companheira de viagem, a Madre segue para Alássio onde encontra as filhas ainda com a casa desarrumada, mas com tanto trabalho que nem se dão conta disso, e com tanto espírito de mortificação que se teme que Ir. Pacotto ultrapasse os limites.

Não será a Madre, porém a abster-se de lhe falar. À noite, vendo-a com forte dor de cabeça, manda-a repousar: inútil. Aí estão as desculpas da Diretora: “tanto trabalho para acabar! A senhora vai fazer conferência e quer que a Diretora não esteja?...”

Pela manhã, então disse-lhe: “pensa que é obrigada a suportar a dor até que ponto? Não, não está bem fazer assim. As Irmãs sofrem com isto. Você fica com a cara triste. No entanto você deve fazer o possível para conservá-la alegre. Tem medo, talvez, de não dar bom exemplo? Mas, fique tranquila, que todas estão contentes e são tão boas.”

EMA PROMETE FINALMENTE

Mornese espera a Madre que retorna solícita e encontra confortantes notícias.

Irmã Emília apelando pelas razões humanas e divinas, conseguiu que Ema promettesse dar à sua boa assistente, à Madre e sobretudo a si mesma, um belo presente: uma boa confissão.

A Madre se alegrou e Ir. Henriqueta ficou feliz por ver abrir-se um pedacinho de céu naquele pobre coração.

OUTRAS NOTÍCIAS MISSIONÁRIAS

Chegaram notícias das missionárias. A viagem foi ótima: naturalmente que o mar se fez sentir. Mas as Irmãs conservaram a sua vivacidade e a levaram à América para serem, também lá, as serenas filhas de D. Bosco.

Tiveram a sorte de, já em viagem, dedicar-se aos filhos dos italianos que se encontravam no mesmo navio e que se apinharam ao redor delas para as explicações do catecismo, mesmo sem a atração de uma medalha ou de alguma imagem sagrada.

Aos 12 de dezembro o “Savoie” ancorou no porto de Montevidéu e as Irmãs estavam ansiosas para descer, beijar a terra onde o bom Deus as chamava para serem suas colaboradoras; veio porém a ordem de passarem nove dias de quarentena na ilha das Flores, porque

durante a escala no Rio de Janeiro, onde grassava a febre amarela, alguns viajantes desceram até a cidade.

“A quarentena é coisa muito enjoada — escrevem as Irmãs — mas afinal, também isto fazia parte dos desígnios de Deus e nós procuramos fazer desta circunstância mais um degrau para se chegar lá ao alto.”

Também a imagem de Maria Auxiliadora fez quarentena, já que o Pe. Costamagna, por medo de perder aquela que afinal se tornou sua propriedade, não quis deixar com os salesianos em meio à bagagem.

A quarentena foi reduzida a apenas cinco dias. Terminou sem nenhum inconveniente a não ser o enjôo da desinfecção e da despesa desproporcionada ao pobre bolso dos missionários ⁽¹⁾, embora essas despesas tenham sido arcadas, como também tudo o que ocorreu para a viagem, pela generosidade da senhora Helena Jackson, benfeitora uruguaia. Esta, para poder receber as Irmãs, pagara antecipadamente ao Pe. Cagliero, a importância toda da viagem ainda quando ele fora para a Itália.

Após o desembarque e a separação do Diretor e sagrada relíquia de Mornese, as Irmãs “em confortável carruagem, foram acompanhadas ao palácio do Bispo”, onde Dom Vera as acolhe com bondade e lhes diz que se hospedarão com as Irmãs da Visitação, pois a casa onde irão morar, ainda não está pronta.

São muito bem tratadas pelas Irmãs da Visitação. Mas, nas entrelinhas das cartas das missionárias intui-se o desejo de terem sua própria casa, mesmo que seja pobre e até mais pobre que elas mesmas que têm toda sua riqueza reduzida a dois pequenos baús — já levados da América à Itália — pelas irmãs Borgna, sem mais nenhuma bagagem de mão. Aqui todos se voltam para elas. Lá serão elas para todos. Na espera forçada, terminam assim a carta: “no navio chegamos a compreender o quanto é necessário fazer conhecer e amar o bom Deus, e nós desejamos muito nos dar às almas!” ⁽²⁾

(1) Sobre isso fala longamente uma carta endereçada da Ilha das Flores a Madre Mazzarello e assim assinada: “suas afeioadíssimas filhas exiladas na ilha das Flores, as Irmãs americanas”. Está datada de 14-12-1877, mesma data da Carta do Pe. Costamagna a Dom Bosco que apresenta outros particulares (os originais no Arq. Centr. Sales.).

(2) Como resulta da carta escrita durante a viagem, publicada no *Bollettino Salesiano*, janeiro 1878.

PRIMEIRA VISITA AO EX-CONVENTO DE NIZZA MONFERRATO

No início de fevereiro, apresenta-se uma outra ocasião favorável de uma breve viagem de Ir. Henriqueta com a Madre, para uma visita ao ex-convento de Nizza-Monferrato.

Dom Bosco — como se sabe pela carta de maio passado enviada à Sra. Pastore de Valência — no ato de aquisição do imóvel pensava mandar para lá as Irmãs e abrir um Colégio. Contudo, até agora, silenciou seu projeto para evitar obstáculos e poder continuar o mais serenamente possível, as práticas exigidas.

Porém, pedira toda a devida licença à Santa Sé ⁽³⁾ e obtivera o relativo decreto de 27 de setembro de 1877 ⁽⁴⁾, firmado pelo Bispo de Acqui, como Delegado da Santa Sé.

Os primeiros passos do compromisso feito a 30 de abril ⁽⁵⁾ até a escritura passada em Savigliano aos 12 de outubro ⁽⁶⁾, foram dados por D. Bosco com corajosa prudência e solicitude, sustentado pela confiança na divina Providência.

São prova disto as cartas que ele envia a amigos e benfeitores insignes ⁽⁷⁾ e a circular que espalhou entre os cooperadores para obter o necessário à conclusão da compra. ⁽⁸⁾ Por isso, depois de um ano de tratativas e cartas, o assunto já se evidenciava e era urgente começar a prover o trabalho de restauração e adaptação.

Em fevereiro D. Bosco, de Roma, convida a Madre para ir até Nizza e estabelece que também o ecônomo geral, Pe. Sala, vá até lá.

Todos os superiores estão preocupados com a saúde abalada de muitas Irmãs e atribuem o motivo ao clima de Mornese muito forte para quem não se nutre adequadamente e deve trabalhar muito. Além disso, um crescente número dos parentes das internas encontra dificuldade em chegar até Mornese e afirma que um lugar mais acessível ao trem atrairia mais crianças.

Por isso D. Bosco pensa em aproveitar a próxima boa estação para iniciar logo o que se quer fazer para poder transferir para o ex-convento, o pessoal de Mornese, no início do ano escolar.

(3) MB XIII 938-39.

(4) Anexo (Allegato) n. 20 a).

(5) MB XIII 938.

(6) Anexo (Allegato) n. 20 b).

(7) MB XIII 192-93: carta ao Côn. Eduardo Martino, de Alassio; XIII 196: carta à Condessa Corsi, de Nizza.

(8) MB XIII 197-98.

Esperam a Madre na estação de Nizza alguma boas senhoras mandadas pelo vigário Pe. Bísio, que a recebe em sua casa. Ali já se encontra o ecônomo Pe. Sala com Pe. Bonetti, alguns outros sacerdotes da cidade e o escrivão De Vecchi, cuja filha ali presente, ajuda a servir um almoço cordial e familiar. Nada e ninguém que causasse constrangimento. Mas as duas Irmãs, com o tratamento recebido, sentiam-se como peixe fora d'água. Quase não ousam respirar. Ainda bem que os salesianos sendo mais íntimos, com desenvoltura, contribuíram para dissipar o embaraço do momento.

FALA-SE SOBRE O CONVENTO

A conversa gira em torno do convento. Assim as Irmãs puderam conhecer-lhe a história: a casa fora construída em 1476 pelos Frades Menores; mais tarde passou para os Frades Menores Reformados. Depois foi destruída e reconstruída lá pela metade do século XVIII.

Sabendo que a atual construção é de 1700, Ir. Henriqueta fala baixinho à Madre: "Olhemos bem, para sabermos como é o estilo do 700!" Ambas riem entre si, preocupadas que eram só com o estilo dos santos.

Mas a história passou a ser triste: os frades foram expulsos de Nizza em 1802 por uma lei francesa e aquele lugar ficou deserto por uns 15 anos. Depois voltou a pertencer aos frades, não os reformados, mas os capuchinhos. Estes foram expulsos em 1855 e o pobre convento passou ao Estado que o vendeu à sociedade vinícola de Savigliano. E desde então foi destinado a uso profano.

Aqui a Madre suspira, mas não perde sílaba dos elogios feitos a D. Bosco que com sacrifício incalculável tirou da Igreja aquele indigno comércio e também o antigo convento, para destinar, um ao culto divino e o outro oferecer às Filhas da Auxiliadora.

À "NOSSA SENHORA"

Depois do almoço foram todos ao convento, à "Nossa Senhora" como se diz em Nizza, porque ali era venerada Nossa Senhora das Graças.

Visita-se sobretudo a Igreja. Dói o coração ao ver ainda as marcas das pipas no lugar dos altares. O escrito "terribilis est locus iste", faz pensar na vingança divina e joga uma tímida luz sobre os bonitos anjos pintados ao redor.

O quadro de N. Senhora das Graças que ali se venerava, era uma pintura de valor, dizem, se bem que simples reprodução da tela pin-

tada e cedida, não se sabe se a Carlos VIII ou a um dos duques de Mantova e Monferrato. Media 2,70m por 1,75m e ocupava todo o espaço do nicho. Quando o município cedeu o convento à sociedade enológica, transportou o quadro para o Hospital público, assim como o quadro de S. José, atribuído a Caccia, conhecido por Moncalvo.

— Pobre igreja! Quem sabe como era bela! — diz a Madre com devota tristeza.

— Bonita, sim, responde o Pe. Bísio e bem tratada. Mas agora D. Bosco pensará em fazê-la novamente lugar de honra, a preço por certo, de muito tempo e muito dinheiro.

Da Igreja passou-se ao corredor contíguo. O escrivão, conhecedor daquele lugar, fez ver onde se encontrava o quarto que aos 14 de julho de 1495 hospedou Carlos VIII em viagem para a conquista de Nápoles e a placa comemorativa. Hoje, um e outro foram destruídos para dar lugar aos carros de vinho.

Do corredor saiu-se ao aberto em direção ao ex-cemitério do Convento, entre o vinhedo. Os sacerdotes e o escrivão param aqui e ali e discutem os urgentes reparos, enquanto Madre Mazzarello se entretém com Ir. Henriqueta.

Tomando conta do convento e dos operários fica a boa mãe do salesiano Pe. Branda. E ali permanece mesmo quando chegam as Irmãs; assim o quer D. Bosco, para dar uma ocupação a esta mãe que vive tão só, e dar às Irmãs uma pessoa de confiança afeiçoada e prática do lugar.

EM LU MONFERRATO

Depois de uma rápida visita e uma breve troca de idéias a Madre vai até Lu Monferrato.

Apresentam-se-lhe muitas jovens oratorianas e da Sala de costura, às quais diz a Madre, entre outras coisas: “Sei que vocês vêm aqui com muito boa vontade. Isto é muito bom. Sei bem que as Irmãs as alegram com jogos, teatro, também para evitar o perigo dos bailes. Mas vocês não vão mesmo ao baile? O baile é uma invenção do diabo para arruinar a saúde do corpo e mais ainda, do espírito. Oh! Quanta juventude nos bailes, perde seu precioso tesouro: o dom da inocência e da pureza!”

Estas palavras causaram muita impressão à sobrinha da Sra. Rota — Carolina Rota — que evitava encontrar-se com as Irmãs por temor

de “pegar” vocação religiosa. Agora, mais encorajada vai com a mãe oferecer uma bela cesta de frutas à Superiora Geral.

Encontra-se com Ir. Henriqueta e confia-lhe o seu presente. Esta sempre entusiasta e alegre, fixa o olhar na jovem e pergunta-lhe sem preâmbulos:

— Que tal se você fosse freira?

— Oh! Não, não!

— Está bem. Pegue um destes figos e coma-o e isso lhe fará chegar uma boa vocação.

De Lu volta-se a Mornese, onde a Madre conta todas as vantagens da nova casa. Cada uma, porém, enquanto aprecia as disposições da divina Providência, diz a si mesma: eu espero morrer em Mornese!

DOR E LUTO MUNDIAL

Aos dias 7 de fevereiro, D. Bosco mandou a Turim um telegrama noticiando a mortal doença do Sumo Pontífice Pio IX. Eis que a dor universal entra nas casas salesianas com a recomendação paterna de fazer especiais orações ao Senhor.

Mas, logo chegou a triste notícia: o dia ainda não terminara e o Papa faleceu.

No Colégio de Mornese é um contínuo suceder-se de visitas ao SSmo. Sacramento e de Vias-Sacras. O carnaval acaba com luto. Nas Cinzas, a comunidade encontra-se particularmente disposta à oração, à penitência e aos sufrágios.

EMA COMEÇA A TER JUÍZO

Também Ema Ferrero parece que toma juízo finalmente. Depois da experiência sugerida pela Madre, isto é, ao retorno de Irmã Henriqueta, mostrou não ter o coração duro como o seu caráter. E se não fez grandes festas à chegada da boa assistente, não mostrou também dificuldades em cumprimentá-la. Comportou-se um pouco melhor, sem subtrair-se aos seus cuidados caridosos. Ainda fala pouco, mas de boa vontade atende a quem lhe pede um favor. Revela-se sempre muito ciumenta das próprias coisas e muitas vezes lá está passando coisa por coisa de seus apetrechos, devagarinho com aquele respeito feito de “doces lembranças”. Depois, tomada por uma revolta, mete tudo dentro da mala e resmunga um pouco com sua irmãzinha.

Não participou muito das festas de carnaval com as demais internas. Mas parece que abandonara a antiga atitude de desdém; e chega até a sorrir.

Mas não basta ainda.

ALEGRIA NA IGREJA UNIVERSAL

O “Boletim salesiano” de março trouxe nas primeiras páginas, em destaque, a notícia das últimas horas do Santo Padre Pio IX e as indicações de D. Bosco para um dia de solenes sufrágios em todas as casas dependentes dele. Com verdadeira comoção, são lidos os grandes feitos do Papa falecido.

O mesmo Boletim trouxe também a notícia do novo Pontífice eleito — Leão XIII — apresentando rapidamente a sua figura.

Antes da Páscoa da Ressurreição todos os corações participam da grande alegria que vem de Deus através da pessoa do Sumo Pontífice.

A PRIMEIRA CASA DAS F.M.A. NA AMÉRICA

O mês de março traz a bela notícia de que as Irmãs da América finalmente, abriram a primeira casa em Vila Colón, situada em uma casinha da benfeitora Sra. Jackson. ⁽¹³⁾

O Diretor salesiano do Colégio Pio de Montevidéu, Pe. Luis Lasagna, no dia 3 de fevereiro as acompanhou “até a casa para elas preparada: pequenina, muito pobre, mas enriquecida por uma capela, logo habitada por Jesus. Bastaria isto para torná-la bela e querida, mesmo que fosse uma cabana.

O trabalho é muito e mal podendo vencer o problema da língua, deverão abrir uma escola e um oratório.

UM MÊS ENTRE AS IRMÃS DA VISITAÇÃO

As missionárias não têm palavras para expressar a caridade com que foram tratadas pelas Filhas de S. Francisco de Sales a quem são muito gratas.

Não faltam, na narração de Ir. Joana Borgna, suaves recordações.

“Nós éramos as sobrinhas e as boas Irmãs, outras tantas tias. E como sobrinhas travessas e inexpertas, dávamos o que pensar às tias amigas.

(13) Anexo (Allegato) n. 21.

O primeiro caso é o da Ir. Teresa Gedda, com uma dor de cabeça que apanhou na travessia de barca, ao sol, para a famosa ilha das Flores. O segundo: os passos pesados por causa de nossos sapatos grosseiros que trouxemos de Mornese, pouco adaptados ao passo angélico das Visitandinas. O terceiro caso, era o das muitas risadas que escapuliam em momentos menos oportunos, quando aparecia uma frase mal entendida ou mal pronunciada na nova língua. E por fim, a comunhão que nós, pobres irmãs, alegres como passarinhos, fazíamos todos os dias com tanto ardor juvenil e que causava admiração às graves, embora amáveis Irmãs Visitandinas não ainda acostumadas a uma tal freqüência à Eucaristia.

Mas que festa quando vinha um ou outro dos nossos padres salesianos salvar a nossa pele e amenizar qualquer escrúpulo, a nós e às piedosas filhas de S. Francisco de Sales! . . .

Alguma breve visita à bela cidade não nos atraía tanto. E que tristeza nos ter de convencer de que não é o lugar de missão imaginado por nós! . . . Pois bem, se não formos logo como missionárias entre os selvagens dos Pampas e da Patagônia, começaremos, como disse D. Bosco, a consolidar o Reino de Deus em meio aos já fiéis, a fazê-lo renascer entre os que o abandonaram, e estendê-lo entre os civis que ainda não o conhecem.

O PADRE CAGLIERO EM MORNESE: NOVAS VESTIÇÕES

Abril traz a Mornese o presente da primeira visita do Diretor geral de retorno da América.

As Irmãs fizeram grandes preparativos. Mas . . . afinal chega a noite e lá se vai toda esperança. Verdadeiramente o tempo está horrível. As estradas cobertas de lama. Faz frio intenso! . . . Certamente em Turim não lhe permitiram sair.

Ao invés, o bom Diretor chega quando já escureceu e as internas já tinham ido para a cama mais cedo do que de costume, para evitar resfriados por causa do frio repentino. Chega todo enlameado e muito cansado. Refeito um pouco, observa ao redor e pergunta: "Então, não há mais jovens aqui dentro?"

Irmã Henriqueta corre ao dormitório e em poucos minutos as travessas meninas antigas e novas, o rodeiam alegres por revê-lo ou por conhecê-lo.

Também Ema se interessa. Já ouvira falar tanto dele pelas Irmãs como por outras pessoas.

Cumprimentam-se cordialmente e rapidinho. A notícia é que veio como confessor extraordinário para preparar todas para a santa Páscoa. O costumeiro refrão é que queria muito trabalho, já que viera para isso. Acrescenta ainda que acontecerá a bela festa das vestições já marcada para o dia de S. José, adiada por causa da ausência de D. Bosco. Depois dá a boa-noite e vai repousar.

A estada do Pe. Cagliero em Mornese é uma bênção para a casa. Ema, espontaneamente se lhe apresentou, falou-lhe longamente e ouviu-o dizer com força: “adiante, ainda é tempo, filha, ainda é tempo!”. E confessou-se como se fosse para morrer, recebendo depois Jesus com grande comoção.

A conferência do Pe. Cagliero para as Irmãs consistiu em comentar as palavras que, na audiência de 16 de março, o novo Papa disse a D. Bosco: “A todos aqueles que pertencem à congregação, diga, em meu nome, que não se esqueçam nunca do grande benefício que Deus lhes concedeu ao chamá-los, colocando-os em condições de fazerem um grande bem a si mesmos e ao próximo.”

Um ardor apostólico acende os corações; todas querem, na verdade, ser santas para serem instrumentos de salvação universal.

Várias histórias missionárias brotam dos lábios do Diretor. Das ouvintes só se ouve uma resposta: “Todas nós estamos prontas para ir pelo mundo, do princípio ao fim!”

Pela manhã do dia 4 de abril, o Pe. Cagliero realiza a função das vestições: a Família de Maria Auxiliadora tem mais 13 noviças.

No discurso de encerramento, presente a comunidade, augura a todas uma santa Páscoa, ou seja, uma santa ressurreição, embora para quem comunga todos os dias, em cada um deles se repete a festa de Páscoa.

A MADRE COM IRMÃ EMÍLIA EM BIELLA

O Pe. Cagliero foi embora. Também a Madre deixa Mornese para visitar, com Ir. Emília, as Irmãs de Biella, onde sua chegada traz grande alegria também para o Bispo, D. Leto.

No dia seguinte, já de retorno de Oropa, recebe o paterno Bispo que vem lhe pagar a visita. No jardim, com as Irmãs, pergunta:

- Desta vez a Madre veio para ver todas as capelas de Oropa?
- Sim, Excelência.
- Também a de Sasso?

— Esta não, porque fica muito longe para mim. Tenho dores por aqui, e acenava humildemente os quadris.

O gesto tão familiar deixa sem graça as Irmãs e a Diretora. Mas o Bispo, em tom de brincadeira: “Sim, Madre, se fosse até a capela de Sasso e lá se apoiasse, o seu mal se curaria de verdade.”

Depois, a sós com as Irmãs disse: “Que Madre o Senhor lhes deu! Imitem-na, imitem-na em sua simplicidade!”

“Tem razão senhor Bispo, tem razão — responde uma das Irmãs — a nossa Madre é boa e simples realmente. Se soubéssemos imitá-la mesmo só em seus pequenos atos de virtude, certamente seríamos bem diferentes... No ano passado, por exemplo, vindo da estação, não queria deixar que Ir. Carlota lhe segurasse a maleta e dizia: “Eu não sou uma Irmã como você?” Mas como Ir. Carlota insistisse, a Madre deixou de lado sua humildade para dar vez à caridade. Cedeu dizendo: “Vamos, segure-a... já que você quer que eu lhe dê este prazer!”

A Madre se aflige um pouco por causa de uma Irmã que não está muito bem de saúde. Mas fica muito séria quando vê, à mesa, torradinhas para a pequena comunidade. As Irmãs observam que a despesa não é delas; que é o ecônomo do seminário que pensa em tudo. A Madre continua firme e convence-as de não usar tal luxo: “Como farei eu, para manter tão delicadamente as Irmãs?”

Ainda desta vez encontra suas filhas não muito contentes, queixando-se do muito trabalho. Muito segura do pensamento do Fundador diz então com bondade e firmeza ao mesmo tempo: “Queridas filhas, têm sim, muito o que fazer, mas o trabalho jamais espanta uma F.M.A. Se alguma tem verdadeira dificuldade, pode expor livremente: o nosso pai D. Bosco quer que a casa continue e está disposto a trocar as Irmãs que não se encontram bem. Coragem, pois. Pensem que o retiro não está longe e o Senhor conta com o esforço e o sacrifício feito por seu amor.”

DE BIELLA A BORGIO S. MARTINHO

De volta, a Madre está visivelmente cansada; todavia não consegue vencer o coração quando passa por S. Martinho e faz uma parada para estar com suas filhas como lhes prometera.

Vai levar-lhes a luz de sua palavra e o fogo da caridade com o seu exemplo.

Cumprimenta o novo diretor, Pe. Belmonte. Fala a todas individualmente e vai algumas vezes à cozinha ajudar as Irmãs.

A chefe da cozinha é a boa Ir. Orsola Robustelli que tem pouco tempo para falar com a Madre. Esta, para lhe aliviar a pena diz: “Minha irmã deu-me boas notícias suas (a Diretora era Ir. Felicina). Estou contente e você fique tranqüila. Tenha muita gratidão para com todos os Superiores que lhe tiram de tantos aborrecimentos tão próprios do seu trabalho, e trate-os sempre com grande respeito.”

Na conferência recomenda piedade e humildade e insiste sobre a necessidade de estarem alegres e serem sinceras: “se formos sinceras, conclui, mesmo se caíssemos em alguma falta, nos será fácil a emenda.”

Os três dias fixados para esta visita passaram voando e a Madre volta para Mornese, onde encontra algumas doentes.

Sempre atenta em dar relação à família Bosco, apressa-se em escrever ao pai das três irmãzinhas: Maria, Eulália e Clementina.

Estimado Senhor,

há muito que não tem tido notícias de suas filhas e imagino como as desejaria. Por isso, assumo o dever de lh’as dar.

Maria esteve oito a dez dias de cama. Agora está melhor. Cansa-se um pouco. Não tem apetite. Sempre adoentada, enfim. Eulália, semanas atrás, teve erisipela mas já melhorou, embora ainda não esteja boa. As duas já saíram da cama e continuam os estudos e os trabalhos. Clementina está bem, alegre e estuda.

Fique tranqüilo. Nós teremos todos os cuidados tanto na alimentação como na cura da doença. Elas se unem a mim para augurar-lhe e à sua esposa, boas Festas de Páscoa e as melhores bênçãos do Senhor.

Cria-me no Coração de Jesus, sua humfllima serva.

Mornese, 17.04.1878

Irmã Maria Mazzarello
Superiora das FMA (14)

FALECIMENTO DA NOVIÇA — IRMÃ TERESA GUIOT

A boa noviça, Ir. Teresa Guiot de Fenestrelle, irmã de um clérigo salesiano, prepara à comunidade um novo luto. Recebera o hábito religioso em dezembro passado e parecia chamada a virtudes não comuns. Talvez a flor já embelezara a terra suficientemente e queria ser transplantada para o céu.

A Madre lhe fica sempre ao lado e parece querer infundir-lhe com o olhar e com os cuidados, a vida que lhe foge.

(14) Original — Arq. Geral FMA.

Mas nada adiantou. A querida noviça voou para o céu no dia da Páscoa — 21 de abril — para celebrar as eternas núpcias com Cristo Ressuscitado.

Para elevar os ânimos abatidos, o Diretor, Pe. Lemoyne faz, na hora da comunhão, um lindo sermão sobre o amor de Deus no SSmo. Sacramento e retomando a palavra do Pe. Cagliero diz que a vida da F.M.A. deve ser uma comunhão contínua, uma união ininterrupta com o bom Deus.

Na terça-feira, dia 23, pela manhã bem cedo, toda a comunidade acompanha o funeral. Isto também para não perturbar a alegria dos mornesinos e para não fazer notar, se possível, a freqüência destes acontecimentos no colégio.

MÊS DE MAIO: AS “12 ESTRELAS”

O mês de Maria Auxiliadora abre-se em clima de grande fervor.

A prática das “12 estrelas” em honra de Maria, ⁽¹⁵⁾ comum entre as jovens mais bem comportadas, é por parte de Ir. Henriqueta, a feliz expressão da gratidão pela graça obtida em relação a Ema Ferrero. Esta, afinal, toma outro caminho. É atentíssima às exortações da assistente que na “Boa-noite” prepara suas meninas para um novo dia de amor real à SS. Virgem. São palavras vivas, instrução eficaz, não brotadas da sabedoria humana, mas da sabedoria que Deus dá aos simples e humildes de coração.

As Irmãs da casa têm até inveja. E a Madre: “quando puderem, vão ouvi-la e depois venham dizer-me o que ouviram. Assim, sem que Ir. Henriqueta o saiba, competiremos com as jovens a fim de ver quem dá mais e melhor a Nossa Senhora”.

Desejar-se-ia fazer maravilhas para a festa de Maria Auxiliadora, mas as perspectivas de uma nova partida da Madre para a França, com data ainda incerta, não permite prever quando se poderá festejar solenemente Maria Auxiliadora no Colégio.

(15) “A prática propunha pontos de reflexão para adolescentes: “estrelas” luminosas são as próprias jovens que se empenham em uma concreta imitação de Maria no dia-a-dia, através de determinadas virtudes.

A forma dialógica torna acessíveis e práticas as sugestões para uma vida cristã fiel e empenhada. O relativo texto completo está conservado no Arquivo Geral das FMA.

CARTA DA MADRE A MARIA BOSCO

Um aceno a esta intensa preparação mariana se encontra na carta da Madre a Maria Bosco.

Caríssima Maria,

Oh! Quanto prazer sua cartinha me trouxe! Bendita seja Nossa Senhora que lhe dá a saúde. Nossa Senhora é uma boa mãe, não é verdade? Continue a rezar especialmente nestes belos dias. E nós também rezaremos por você e espero que Ela lhe dê a graça de logo voltar ao ninho de Mornese. Eulália e Clementina estão bem, alegres. Diga a seus pais, sim? Elas a esperam e vão, cada dia, procurá-la no Coração de Jesus. Fique atenta para deixar-se encontrar lá dentro. Todas as internas enviam a você um "Viva Maria!" de todo o coração. Responda alto para que possam ouvi-la.

As suas colegas agradecem as boas lembranças que você tem delas e esperam você para resolver os problemas das frações.

No momento, as internas estão empenhadas no estudo de poesias, etc. para a Festa de Maria Auxiliadora, cuja data ainda não está fixada.

Continue sempre boa, sim Maria? Boa com todos: com seus pais, com os irmãos e irmãs. Dê bom exemplo a todos e reze de coração. E a Comunhão? tem feito? Receba-a com muito amor. Jesus a ama tanto.

Coragem. Cuide da saúde. Sare depressa para poder voltar entre nós. Ainda uma recomendação lhe quero fazer: que fique sempre alegre. Se você permanecer alegre, logo sarará. Coragem, pois.

Por favor, cumprimente por mim, seus bons pais. Que fiquem tranqüilos quanto a Eulália e Clementina. Estão bem. As duas os saúdam e me encarregam de lhes dizer milhões de coisas boas.

Irmã Henriqueta e Ir. Emília a saúdam cordialmente e pedem uma "Ave Maria" para elas e três para mim.

São 22 horas. Boa-noite. Deixo você no Coração de Jesus, onde sempre estará a sua

Afetuosíssima

Ir. Maria Mazzarello S.G.(16)

Mornese, 23.05.1878.

(16) Original — Arq. Geral FMA.

DE MORNESE A LA NAVARRE (FRANÇA)

Maio não terminara ainda e a Madre deixa Mornese. Vai de trem fazendo algumas paradas no caminho: Alassio, Bordighera, Nice. Segue para La Navarre (França) à casa sobre a qual D. Bosco teve especiais iluminações do Alto. ⁽¹⁷⁾

Acompanha-a Ir. Emília que sabe bem o francês.

Em Alassio, em pouco tempo pode ter a visão de todas as coisas e com prazer, vê as melhoras na pobre habitação das Irmãs: verdadeiramente eram necessárias. Encontra, porém, suas filhas sobrecarregadas de trabalho, com um horário muito pesado. Levantavam antes da hora e era impossível repousar antes das 11 ou meia-noite. Então, com o respeito e a humildade que a caracterizam, pede para falar com o ecônomo do Colégio: “D. Bosco sabe deste horário? Se D. Bosco sabe, tudo bem. Se não, procure ajustá-lo.”

Também D. Bosco passou por Alássio quando fez sua última viagem à França. Como falou a seus filhos, também não descuidou das filhas. Animando-as à santidade, disse-lhes: “O mundo nos quer santos. E se por desgraça fazemos alguma coisa menos santa, não nos perdoa, exatamente porque nos crê santos! Não façamos pensar que se enganam e procuremos santificar-nos de verdade! Oh, sim, tenham um orgulho santo e digam: eu quero ser a melhor de todas; não quero cometer pecado. Ao contrário prefiro morrer no trabalho!”

Também Dom Bosco sabia que as Irmãs estavam sobrecarregadas e talvez também tivessem dito algo aos Superiores locais.

Antes de partir, a Madre deixa a sua mensagem à comunidade: “estamos ainda no mês de maio, dedicado à nossa querida Mãe do céu. Creio fazer coisa agradável a esta nossa celeste Rainha, recordando a mim e a vocês, a confiança e a sinceridade que devemos ter para com os superiores e especialmente para com o confessor. Na verdade, a confiança e a sinceridade são meios seguros para corrigir os nossos defeitos e caminhar na virtude. Também aqui devem fazer a festa de Maria Auxiliadora. Preparem-se bem para poderem receber naquele dia, a graça de uma perfeita sinceridade e avançarem na perfeição.”

Em Nice encontra-se com o Pe. Ronchail, Diretor da casa com quem, segundo determinara D. Bosco, deveria seguir até La Navarre.

(17) Cf. Lemoyne, Vita 190-91.

Esta visita se torna necessária antes de tomar decisões em relação às Irmãs que deverão ficar adidas aos salesianos e aos órfãos daquela colônia agrícola.

É uma espécie de orfanato para crianças de ambos os sexos. Como há muito terreno, os internos poderão preparar-se e tornar-se bons e inteligentes agricultores. O fundador e diretor é o Pe. Vincent, que há tempo colocou como colaboradoras algumas boas jovens, tornando-as “Terceiras de S. Francisco de Assis” com um hábito de monjas.

Dividiu-as entre La Navarre e St. Cyr, segundo centro da mesma obra, para que fossem mães de seus pobres filhos adotivos.

Agora, porém, Pe. Vincent está velho. Suas terciárias não encontraram outras companheiras. O Bispo de Frejus fez a Dom Bosco a proposta de pensar naquelas crianças carentes.

Em La Navarre, a Madre foi cordialmente recebida por Irmã Maria Charles, uma das terciárias do Pe. Vincent, que ali ficara tomando conta da mísera casa, mesmo porque uma epidemia de tifo dizimou seus queridos órfãos e parte foi para hospitais públicos nas duas cidades vizinhas.

Ali reina absoluta pobreza. Mas — como se sabe — se D. Bosco, em espírito já foi a La Navarre e N. Senhora lhe confiou tal campo, é sinal de que será terra bendita e dará bons frutos para o céu.

Em La Navarre e em St. Cyr, onde Pe. Ronchail ficou para dirigir os trabalhos de adaptação, a Madre sugere, para uma melhor organização, a divisão dos meninos e das meninas entre as duas casas. É verdade que se trata, como se disse, de irmãozinhos e irmãzinhas, portanto de pobres crianças que não tiveram afeto de família e que não gozarão disto jamais. Em todo caso, D. Bosco decidirá.

A Madre não esconde que as Irmãs terão também uma situação desagradável em relação a quem está à frente da casa e que ainda continuará. Mas, se D. Bosco deseja . . .

VOLTA A MORNESE

Depois de St. Cyr, o caminho de volta se faz passando por Nice, Bordighera, Alassio. Aqui, devendo comer carne mesmo sendo dia de abstinência, a Madre pede que as Irmãs não se escandalizem, mas estas não encontram nela senão motivos de edificação.

Em Mornese é acolhida ao som de sinos e sininhos: tudo aquilo que pode ressoar está em ação para dizer à Madre a alegria de vê-la de volta. Todas a assediam com perguntas, para saberem se as Irmãs que estão longe vão bem e se são santas.

CONCLUSÃO DO MÊS MARIANO — FESTA ONOMÁSTICA ANTECIPADA

Estamos em metade de junho. A Madre se espanta por ainda continuarem as funções marianas.

“Madre — lhe respondem — porventura poderíamos encerrar o mês de Maria sem a senhora aqui? E celebrar a festa de Maria Auxiliadora sem a sua vigária em casa? E ainda o Sr. Diretor queria terminar o seu programa: recebera a tarefa de comentar cada noite, uma invocação da ladainha, prolongou dizendo que a Madre estaria de volta quando estivessem no “sub tuum praesidium”, ou no “oremus”. Agora que a Madre chegou, vejamos como fazer: Certamente, reunindo as invocações que faltam e unindo o pensamento de N. Senhora com o do Coração de Jesus.

Na terça-feira, 18 de junho, a casa toda está em festa para o onomástico antecipado do Diretor que avisou que, no próximo 24, festa de S. João, deve estar em Turim, e talvez também a Madre irá para participar da festa em honra de D. Bosco.

Fervorosas orações sobem ao céu, por ele. À tarde, uma simples e cordial manifestação diz ao Diretor o quanto seu trabalho é apreciado em Mornese e o quanto de bem faz às religiosas e às jovens.

No dia seguinte encerra-se o mês de Maria e a festa de Maria Auxiliadora: muito fervor e desejo imenso de honrar a celeste Rainha e por seu intermédio, o Sagrado Coração de Jesus.

EMA FERRERO COMEÇA A DAR ESPERANÇA

Entre os meses de maio e junho, Ema Ferrero fez progressos na piedade e no bom exemplo. Comunga com freqüência. Não faz mais birra nem fica de cara amarrada. Fica o dia inteiro tecendo, ativa e serena. No recreio se entretém alegre com as companheiras e com Ir. Henriqueta e não fica mais contemplando seus ídolos da maleta. Começa até mesmo a fazer atos de humildade diante das colegas.

Há dias, na horta, vira um grande buraco pois o hortelão arrancara uma árvore. Parecia uma fossa. As internas passavam e riam. Ema ficou pensativa, entrou no buraco, se ajeitou e disse às companheiras: “Ponham terra: não mereço mais do que isto.”

Algumas sentiram vontade de chorar. Todas entenderam que a jovem não fez para chamar a atenção, mas o fez por forte convicção.

FESTIVA PARTIDA PARA TURIM — FUNDAÇÃO DE CHIERI

No dia 22 partem para Turim a Madre, o Diretor e as Irmãs destinadas à abertura da nova casa em Chieri. ⁽¹⁸⁾

No momento funcionarão só o oratório e uma sala de costura, especialmente para jovens operárias. Ir. Felicina Mazzarello será a Diretora.

As meninas já se reuniam todos os dias no pátio da casa ora cedida às Irmãs. Cuidavam delas as boas senhoras: Carlotta Braia e Madalena Avataneo.

Sendo sábado, parece oportuno não retardar a chegada a Chieri, depois de uma rápida parada em Turim, para poder iniciar o mais cedo possível a obra. Acompanha-a a Ir. Elisa Roncallo que, por desejo de D. Bosco, já tinha ido para ver a casa e combinado com o Pe. Sala o que era necessário para fazer do local, uma habitação para as Irmãs.

A acolhida é alegre, não só por parte das duas fidelíssimas e boas senhoras, mas também pelo grupo de jovens vivazes e ávidas do bem.

Irmã Elisa no seu retorno a Turim — retorno solícito porque lá está a Madre, e o mundo salesiano está em festa a D. Bosco — se expande com todo afeto filial e narra os particulares de sua chegada a Chieri, as festas, as características da nova casa. E termina dizendo: “Oh! não Madre, eu não serei mais Irmã Elisa se não conseguir levá-la a Chieri antes que vá para Mornese.”

Para valorizar o seu convite, cita aspectos históricos, em parte já acenados no Boletim salesiano de agosto passado: “colocaram-nos — diz — num palácio antigo; e veja, Madre, que era uma das propriedades da mãe de S. Luís de Gonzaga. Numa bonita sala, conta-se que o angélico S. Luís foi convidado a dançar. Passando ao lado oposto do corredor, mesmo em frente, além do jardim, pode-se ver o quarto onde o santo teria ido se enclausurar para se distanciar da festa e flagelar-se. Dizem que existem ainda respingos daquele sangue inocente.

O palácio dos Marqueses de Castiglione passou, na verdade, aos senhores Bertinetti, mas também por isso é para nós duplamente sagrado, porque aqueles dois senhores querendo muito bem a D. Bosco, quando ele foi a Chieri como estudante e seminarista, o hospedaram por ocasião do exame para vestição clerical, e mais tarde, como queri-

(18) Anexo (Allegato) n. 22 a), 22 b).

do sacerdote. Depois, como não tinham filhos, afeitos que eram à caridade, pensaram em prover fartamente D. Bosco, como haviam feito com o Cottolengo.

Ainda uma coisa, Madre: o Cottolengo, encontrando-se um dia com os senhores Bertinetti, fez uma profecia a nosso respeito, dizendo: “Aqui, vejo Irmãs com muitas jovencinhas... e serão tantas, tantas vocações!”

A MADRE PRESENTE NA FESTA DE VALDOCCO

A Madre não diz “não” mas fica em Turim, onde pode obter boas notícias relativas ao passado e ao presente.

Além disso, exatamente amanhã, o Oratório Salesiano festeja S. Luís Gonzaga e a ela interessa ver como será. Na mesma tarde terá início para toda a família salesiana a festa onomástica do venerável Superior e pai; não poderá faltar jamais, mesmo se modesta — segundo ela — e mesquinha, a sua presença. Deve e quer dizer a D. Bosco que neste ano não será só com o espírito, com o coração e com seu pobre presente para o querido pai, mas está presente pessoalmente, representando todas as Irmãs vizinhas e distantes com a oferta individual e geral de cada boa obra, segundo suas intenções.

Entre um grupo de Irmãs, do lugar para ela determinado, assiste de fato, às filiais e entusiásticas demonstrações do oratório; e da sua atitude transparece a íntima participação à comum alegria dos filhos de D. Bosco.

A Madre conserva toda a suave poesia, repete que aprendeu muito, especialmente a simplicidade de espírito, a pureza do afeto, o princípio de servir-se de tudo para fazer o bem. E suas filhas reforçam com suas perguntas, o entusiasmo do seu coração.

AS IRMÃS DE TURIM NARRAM OS ENCONTROS COM DOM BOSCO

Por sua vez, com entusiasmo e alegria, as Irmãs contam os encontros com o Fundador:

“Se a senhora visse, Madre, quando D. Bosco voltou da França: nunca havia ficado fora de casa tanto tempo, de dezembro até abril!

E depois ficamos sabendo de certos e grandes sofrimentos pelos quais passou em Roma e também de tantas maravilhas que N. Senhora operou aqui e ali, por meio dele.

Que apreensão quando nos pediram para rezar porque D. Bosco em Sampierdarena estava doente, e foi sério! No Oratório pareciam todos fora de si de tanto sofrimento, e muitos passaram noites aos pés do SSmo. e de Maria Auxiliadora para obter a cura do pai.

Disseram-nos que muitos fizeram também a oferta da própria vida para salvar a de D. Bosco! E quando soubemos que ele havia melhorado quase instantaneamente? São coisas que comovem só ao recordá-las.

Também nós, para exprimir nossa alegria, preparamos festivamente nossa mesquinha sala de visita para acolher D. Bosco e mostrar-lhe o que nos havia presenteado “madama caritá...”

Não se sabe como D. Bosco ficou sabendo dos nossos preparativos. Mas soubemos receber indiretamente uma boa lição: “Oh, não, não! Eu não irei onde existem cortinas e sofás.” Então rapidamente tratamos de voltar à simplicidade franciscana-salesiana.

Quando o querido Pai veio visitar-nos não recordou de modo nenhum este particular; mostrou-se bondoso como sempre, e nos perguntou logo:

— Vocês têm muitas meninas no Oratório?

E ao nosso “sim” dito em coro acrescentou:

— Que coisa linda! Nós somos para esta grande obra. Mas atentas! Para fazer o bem à meninas, precisam ser sempre alegres; é preciso amá-las e estimá-las todas, mesmo as que não merecem.

— Continuam — pergunta ainda — a vir todos os dias, depois do almoço e à tarde, depois da saída da fábrica?

Ele se compraz com nossa resposta afirmativa e nos torna a dizer que eram muitos pecados a menos, muita malícia não aprendida pelas ruas, muitos pensamentos bons semeados para a noite e para o dia seguinte, não só entre as meninas, mas também entre seus familiares, porque as filhas, tanto as maiores como as pequenas se sentem felizes de contar em casa todas as suas novidades.

Cada uma de nós, enquanto escutava aquelas palavras, repetia para si mesma uma só constatação: o nosso pai é mesmo um santo! O Senhor o criou especificamente para a juventude e para fazer Maria triunfar no meio de todos os cristãos.

DEVOÇÃO A MARIA AUXILIADORA

Uma vez — e muitas vezes perguntamos a ele como e o que se faz para tornar Maria Auxiliadora conhecida e amada. E D. Bosco:

“Falando oportunamente dela com a juventude que a Providência nos confia e com as pessoas externas que de nós se aproximam. Escrevendo alguma palavra sobre ela, em cada carta aos parentes e conhecidos. Convidando a rezar a ela quem precisa de graças especiais e depois, contando os favores obtidos por sua intercessão. Distribuindo imagens e medalhas que trazem sua efígie. Recitando e fazendo recitar frequentemente a jaculatória “Maria Auxílio dos cristãos, rogai por nós”. Cantando, de preferência os seus louvores na recreação, na Igreja e sobretudo no mês a ela dedicado. Aconselhando a colocar o nome de “Auxiliadora” nas meninas que forem se batizar, dando a maior solenidade possível a sua festa não só na Igreja, mas onde houver possibilidade, com representações artísticas e procissão. Ofertando quadros de Maria Auxiliadora para as famílias, as paróquias... e dando o seu título às novas fundações.

Estas respostas, compreende-se, são para nós uma verdadeira luz e um ponto de referência seguro.

O Boletim de junho traz algumas descrições da festa de Maria Auxiliadora deste ano: iluminação da cúpula do Santuário, peregrinos vindos de longe em grande número, muitos confessores, mas não suficientes para tudo. Comunhões aos milhares, músicas e cantos celestes: quem não esteve presente não pode fazer uma idéia. Quanto bem, quanto bem neste nosso santuário de Voldocco!

De nossa parte, também em nossa capelinha foi constatada a força de Maria Auxiliadora. Não pudemos no entanto celebrar a festa solene antes de 2 de junho (1.º domingo do mês) mas na ante-véspera e na véspera todas estávamos trabalhando à procura do que pudesse servir para a festa na Igreja, no pátio, no teatro provisório. Tratava-se de celebrar três festas em uma: encerramento do mês de maio e solenidade Maria Auxiliadora; festa de Santa Angela de Merici patrona do Oratório e abertura do mês do Sagrado Coração!

AS PRIMEIRAS INSCRITAS ENTRE AS FILHAS DO SAGRADO CORAÇÃO

Naquele dia realizou-se também a função que admitia as primeiras inscritas entre as “Filhas do Sagrado Coração”. Só cinco foram escolhidas: a fina flor das nossas alunas, diante da minúscula estátua do S. C. de Jesus, bem iluminada sobre o altazinho preparado para a festa e circundado de flores perfumadas.

O Diretor-Geral parecia possuído pelo Espírito Santo e dizia palavras que penetravam os corações: “Cinco as eleitas — disse — cinco as

gotas de bálsamo para as sagradas chagas de Jesus”, e animava com santo entusiasmo aquelas jovens que se consagravam ao Sagrado Coração, suscitando emulação em todas as que estavam presentes.

As “Filhas do Sagrado Coração” seguiram um formulário para admissão à “Companhia”, mais ou menos como se faz para a nossa vestição e profissão. Também tinham um distintivo próprio: a medalha com a imagem do S. C. de Jesus de um lado e de Maria Auxiliadora do outro, presa a uma fita vermelha para ser usada no Oratório e nas procissões. Possuíam um regulamento de poucas páginas, no qual estão expressos os principais deveres de uma associada — exemplar assiduidade ao oratório, ao catecismo, às funções religiosas, — desejo eficaz de melhorar a própria conduta em casa e fora; — aproximar-se dos Sacramentos ao menos uma vez por mês, à Primeira sexta-feira ou ao primeiro domingo, para a comunhão reparadora; — participar da reunião mensal para a conferência do diretor e da diretora do Oratório; — industrializar-se com verdadeiro interesse de irmãs, para levar à escola e ao Oratório o maior número possível de crianças; — amar e desculpar umas às outras, ajudando-se mutuamente com toda caridade, reparando o mal e praticando o bem. ⁽¹⁹⁾

Uma jovem que se empenhe de fato nisso tudo e que permaneça fiel, certamente pode prestar uma grande ajuda ao Oratório e fora; e poderá tornar-se um precioso elemento, quem sabe, também para o Instituto.

MAMÃE RONCALLO

A Madre ouviu os interessantes relatórios. E os seus olhos, mais do que suas palavras, falam da materna participação aos alegres acontecimentos.

Alguém acrescenta: “É uma pena que Mamãe Roncallo precisou ir embora antes de assistir a estes últimos e belos dias: quando chegou maio, não houve meio de fazer com que ela ficasse aqui mais um pouco. Ela nos era muito útil com sua ajuda! Trabalhava o dia todo lustrando, limpando, consertando roupa dos superiores e de outros salesianos. Mantinha-nos alegres e se percebia que alguma de nós não estivesse bastante tranqüila, encontrava certo jeito de “vovozinha”, que tínhamos de rir à força.

(19) O regulamento consta de 22 itens e é completado pela fórmula do Ato de consagração ao Sagrado Coração (para ser feito no dia da admissão) e da Oração de reparação ao Sagrado Coração de Jesus, que é a fórmula de devoção específica da associada. (*In* Arquivo Geral FMA).

Mas, caso não alcançasse logo seu objetivo, o que era raro, uma boa pitada de tabaco anunciava a vitória! D. Bosco encontrando-a, lhe fazia sempre uma grande festa; e foi ele mesmo que a convenceu mais uma vez, de não ir embora logo. Mamãezinha ia cumprimentá-lo para despedir-se definitivamente e ele: “Mas não, não!” E a nossa querida velhinha obedecia até que a tentação da sua Gênova, mais forte que a de Turim, a levou embora. Nós, porém, nos vingamos escrevendo-lhe cartinhas. . .”

A MADRE EM LANZO

Para satisfazer ao desejo de suas filhas, encorajada por D. Bosco, a Madre acaba indo a Lanzo e depois a Chieri. O físico enfraquecido da Madre é atingido pelo calor e se torna mais sensível à necessidade de uma alimentação especial. A Madre não a pede, mas o coração das filhas, numa casa como aquela de Lanzo, não pode deixar de lhe oferecer uma boa limonada. “Para mim, esta bebida? Não estou acostumada. Far-me-á mal. Faz de conta que a tomei, Deus lhe pague!” Finalmente cedendo às cordiais insistências das Irmãs, aceita e oferece um pouco a uma, um pouco a outra, termina apenas provando-a. Assim, sua primeira lição em Lanzo é a mortificação tão inculcada nas suas instruções particulares e públicas. E não deixa a casa sem perguntar se têm a possibilidade de encontrar com D. Bosco, quando ele vem visitar seus filhos.

— Vemo-lo, sim, como não! A mim — diz Irmã Saettone — encontrando-me no meu trabalho no refeitório disse-me: “Muito bem! Recorde-se de que você deve dar bom exemplo a todas as Irmãs que a circundam.”

— Indo à cozinha — acrescenta Irmã Caspani — disse-nos: Marta e Maria! Sois Marta, mas deveis ser também Maria. E a comida que preparais, sabeis fazê-la comida do céu? É preciso pouca coisa, sabeis? Basta santificá-la com reta intenção, com atos de união ao Senhor e a Nossa Senhora e fazer o melhor que puderdes.”

À Directora que se intimida com a presença de pessoas seculares que em certas ocasiões, especialmente de festa, vêm ao colégio e também chegam até a cozinha ou à sala de costura, ou na lavanderia dos meninos, o bom pai faz sentir que não é preciso temer nada e acrescenta: estas são boas ocasiões para conduzi-los ao bem, se não com a “prédica do bom exemplo.”

A Madre então, conclui: “Por tudo aquilo que me contaram, devemos dizer: o nosso bom pai por onde passa e onde está, faz sem-

pre o bem, e nós que por graça especial de Deus, somos suas filhas, não faremos o mesmo? Sim, sim, vivamos para nos fazermos sempre mais santas e para ganhar almas para o Senhor.

A MADRE EM CHERI

A 28 de junho, última sexta-feira, festa do Sagrado Coração, a Madre vai a Chieri como que em peregrinação. Não lhe parece verdade poder ajoelhar-se ali onde o querido S. Luís Gonzaga espargiu as primeiras gotas de seu sangue inocente; e no coração sente reviver o ardor pela mortificação. As suas filhas, porém, a recebem como senhor de bênção especial: ter escolhido aquele dia para a festa de inauguração daquele novo campo de bem, apresentam-lhe logo um grupo de 250 jovens operárias, maravilhosa messe preparada para Maria Auxiliadora.

EMA FERRERO CELEBRA A VOLTA DA MADRE A MORNESE

A volta da Madre a Mornese marca a data do triunfo divino sobre a renitente Ema Ferrero. Esta não sabendo como livrar-se do aguilhão do chamado celeste à vida religiosa, decide sua entrada com a chegada da Madre. “Estranho e admirável o modo de festejar a chegada da Madre!” diz ora esta ora aquela, mas não se admiram, ao invés, do nobre gesto determinado pela graça.

Escolhido o momento da recreação Ema arrasta seu famoso baú bem para o meio do pátio e ali, uma depois da outra, queima suas cartas, fotografias, recordações e balangandãs queridos... Tranqüila, calma como quem obedece a uma voz interior.

As colegas observam e entusiasmadas fazem uma barulhada; as Irmãs não adivinham o motivo; a assistente olha comovida e a encoraja.

6 de julho: ONOMÁSTICO DA MADRE

Com a volta da Madre festeja-se também seu onomástico, e as postulantes passaram estes dias para o refeitório das alunas. Diante de toda aquela acolhida juvenil Ir. Henriqueta não hesita em dizer: “E se amanhã Ema também ficasse entre as postulantes?” Ouve-se um grande Oh! de alegria geral, mas não de surpresa porque Ema tornou-se tão boa que todos percebiam que alguma coisa de grande estava acontecendo nela.

No dia seguinte, de fato, quando a viram entrar na igreja com a capinha, cada uma diz para si: “Será uma Irmã santa!”

A festa da casa foi seguida do tradicional passeio ao Tobio, pois o tempo favoreceu. É um verdadeiro dia festivo, porém à noite, na hora da "Boa-noite" a Madre termina manifestando às Irmãs uma tristeza: "Hoje encontramos uma pobre menina suja, que fazia dó. Nenhuma de nós se importou: deixamos que fosse por sua estrada. Isto não foi bom; fomos feitas especialmente para os pobres, e quando a encontramos devíamos ser as primeiras a dirigir a ela uma boa palavra e dizer um bom pensamento.

A MADRE NO QUOTIDIANO EXERCÍCIO DA CARIDADE

Retomando seu habitual exercício de caridade, a Madre percebe logo que Ir. Henriqueta ainda não recuperou completamente sua saúde e ao mesmo tempo a encarrega de preparar as alunas para a troca do colégio e que procurem durante as férias, outras colegas para levá-las a Nizza Monferrato, no próximo ano escolar. Pergunta-lhe com solicitude materna: "não teríamos nenhum meio para fazer sarar o seu pobre estômago?"

Ir. Henriqueta, sempre mais solícita pelo bem dos outros, responde: "E se eu encontrar esse meio, a senhora me manda depois para a América?"

— Não, Riqueta, você ficará comigo. Veja se existe alguma coisa que lhe faça bem... e diga-me!"

Na manhã seguinte, passando perto da cozinha, Ir. Henriqueta sente um delicioso cheiro de fritura que parecia feita especialmente para ela. Encontrando-se com a Madre logo lhe diz. A Madre a olha complacentemente nos olhos e... "Tenha paciência!... Isso é uma questão de gula e não de estômago doente.. Você comerá o que lhe dermos..."

Ir. Henriqueta sorri como quem quer dizer: "Pegou mesmo o meu ponto fraco: minha pouca força de vontade!" E andando repetia convicta: "A mim faz mais bem esta severa bondade que todas as frituras deste mundo."

Nos retalhos de tempo, a Madre se coloca à disposição de todas que desejassem abrir a ela seu coração. Revela sempre grande afeição, prudência e zelo pela glória do Senhor, pela perfeição religiosa das almas a ela confiadas e pela salvação da juventude.

Não revela nenhum ar de superioridade e conservando sua habitual atitude de sentar-se num banquinho na sala de costura ou sobre os degraus de uma escada, escuta, anima, incentiva para o bem, ao maior bem as almas generosas e as incertas e débeis.

Para cada uma tem a palavra mais precisa: “Este defeito que lhe dá tanto trabalho e lhe causa tanta dor, tenho-o também eu e me faz suar! Mas, encorajemo-nos, procuraremos combatê-lo sem misericórdia; o Senhor é tão bom que, você verá, nos fará entrar no Paraíso assim mesmo!”

“Veja, isto e aquilo, fale só com o confessor e fique tranqüila com a sua palavra, sem ficar voltando a isto, nem mesmo dentro de você.”

“Já por diversas vezes você me conta a mesma coisa; parece-me que é tempo de acabar com isso. Tome a coragem com as duas mãos, esteja atenta, reze melhor e verá que não será mais humilhada por recair freqüentemente. Tome esta avelã e fique com ela no bolso para lembrar de evitar este feio defeito de se desculpar sempre.”

“Confie um pouco mais na bondade do nosso Esposo celeste! . . . Desde agora é preciso que esteja mais atenta ao silêncio. Lembra-se do que lhe disse o Pe. Cagliero? “Sem silêncio não existe recolhimento, não existe vida interior, portanto não existe vida religiosa.” E também o Pe. Costamagna, você sabe, antes de partir nos deixou como lembrança o silêncio dizendo-nos: “Imaginem que seja um querido velhinho, vestido de branco com um bastão cheio de nós, que manda embora todos os demônios.” Quer que lhe conte um segredo? Na minha cabeça isto ficou gravado. Em uma manhã, não encontrando mais a minha touca e não querendo romper o silêncio, me arrumei com um lenço.”

“Se você viu que a fruta está se estragando, não importa: é melhor que se estrague, antes que manchar a alma com uma guloseima.”

“Ah! minha querida, você se esqueceu do que lhe disse o Pe. Lemoyne em uma de suas últimas conferências: “Não peça a Jesus um amor jovial; peça-lhe um amor forte.”

As Irmãs fazem firme propósito, como o de uma confissão bem feita, de melhorar-se e de se sacrificar sempre mais pelo Senhor.

Depois das últimas recomendações recebidas de D. Bosco sobre a fundação de Nizza Monferrato, a Madre percebe que esta será uma casa bem diferente das outras e que será centro de decisão de grandes coisas.

Fala freqüentemente para as Irmãs, em público e em particular, que é preciso estar preparadas para tudo, também para deixar Mornese. Há quem goze, quem sofra: Ela está trabalhando o terreno e endireitando caminhos para fortalecer o caráter, reforçar a vontade e os

corações, preparar pessoas que possam levar adiante as grandes esperanças de D. Bosco e de dar à nova casa, uma base boa e segura.

Durante suas conferências, agora como no passado, interroga esta ou aquela para que diga com liberdade as faltas gerais da comunidade; exorta à correção fraterna, à observância perfeita das constituições que traz nas mãos, ainda manuscritas e as beija com respeito; a explica-as com simplicidade e de modo prático, com palavra franca e segura, sem medo de ofender e de deixar alguma ferida. Combate energicamente as faltas de sinceridade, as próprias desculpas, as leviandades, as faltas contra a caridade fraternal; lembra o dever de estar na presença do Senhor; a reta intenção, a fuga do pecado, também se considerado insignificante. Ela tem momentos de tão santa união e irradia luz tão celestial que consegue enternecer cada coração, dobrar as cabeças e fazer dizer: “É o Senhor que lhe coloca as palavras na boca.”

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS PARA AS IRMÃS

Em agosto como de costume fizeram-se os preparativos para os exercícios espirituais das Irmãs; não convidaram as senhoras, pois seria um trabalho muito maior e que retardaria a partida das pobres e poucas bagagens para Nizza. As senhoras participarão no próximo ano, dos exercícios já em Nizza, se o bom Deus permitir, como se espera.

No entanto vão chegando as Irmãs que podem ausentar-se das várias casas e todas as Diretoras, porque, além do retiro haverá uma reunião geral especial. No dia 12 chegará D. Bosco acompanhado de Mons. Belasio sempre maior admirador e benfeitor da obra salesiana, e do Pe. Cagliero e Pe. José Leveratto, pregadores do retiro.

É grande a alegria das Irmãs quando sabem que o querido pai permanecerá em Mornese durante os oito dias do retiro e participará das funções de encerramento.

O retiro começa no dia 13, à noite; Pe. Leveratto prega as meditações e Mons. Belasio, enquanto o sacerdote celebra a santa Missa, vai explicando toda a liturgia, de modo que as retirandas conheçam mais a preciosidade do divino Sacrifício. Encontra ainda meio de falar de Nossa Senhora (que chama la Madonnetta), propondo-a como modelo na assistência à Missa.

Falando da gravidade do pecado, exorta e repetir muitas vezes: “Senhor, cobri-me com a vossa cruz. Escondei-me em vossas chagas.” Ele mesmo a repete antes de começar a falar. Em tempo oportuno, faz perguntas de religião e espera a resposta.

O Pe. Cagliero, nas suas instruções teórico-práticas sobre a vida religiosa, explica os pequenos deveres quotidianos:

— Quem despreza as pequenas coisas, pouco a pouco cairá na ruína — repete com força; precisa-se ouvir com que acento pronuncia aquele “pouco a pouco”!

Dom Bosco, com a saúde sempre abalada, e cansado, não pode submeter-se ao peso do confissionário ou outra coisa que o obrigue a uma atenção maior; mas, interessa-se igualmente por tudo, fala muitas vezes com Madre Mazzarello e com as outras superiores, recebe cada Diretora e as que vão professar. Mais de uma delas diz que nem é necessário falar, pois que se sente penetrada em seu interior, conhecida em suas necessidades, recebendo palavras de paz que no mesmo instante, as tornam livres de qualquer perplexidade ou perturbação de espírito.

REUNIÕES GERAIS ESPECIAIS DAS DIRETORAS

No próprio curso de exercícios espirituais, segundo a disposição do Fundador, as Superiores e Diretoras presentes — umas trinta — devem ter algumas reuniões especiais para tratar das necessidades particulares do Instituto; o Pe. Cagliero preside essas reuniões; é ele que determina, com prévia aprovação de D. Bosco, os pontos a discutir e dá orientações à assembléa para as deliberações mais necessárias e convenientes.

Na primeira reunião estabelecem-se normas de higiene adaptadas à conservação da saúde, tanto das Irmãs quanto das alunas.

Na segunda trata-se a fundo o argumento vital: santificação pessoal e cooperação na salvação eterna do outro; e indicam-se os meios de acordo com a meta e com o espírito do Instituto.

A terceira é dedicada a determinar as condições de aceitação no Instituto e as normas para o postulado e noviciado.

A quarta trata do exercício de boa morte; do silêncio moderado durante o dia; dos sufrágios pelas Irmãs falecidas; da parte do dote a ser restituído à Irmã professa que sai ou é mandada fora do Instituto; dos augúrios e presentes por ocasião de festas ou circunstâncias especiais; do modo de estar na igreja e do trato cortês como meio eficaz para fazer o bem.

A última reunião determina o pessoal para a casa de Nizza que deverá abrir-se no próximo mês de outubro, e para a de Chieri onde D. Bosco deseja iniciar um educandário do tipo do de Mornese.

Ainda, se esboçam programas de aceitação para as internas dessas duas Casas.

O Pe. Cagliero acena a uma segunda expedição para a América: deixa entender que por causa disso, haverá trocas de pessoal, e anima a fazer cada coisa generosamente, por amor a Deus e ao Instituto ⁽²⁰⁾.

A MADRE NÃO DIMINUI A SUA DEDICAÇÃO

Nesses dias de tanta abundância de graça celeste, a Madre não economiza os tesouros de sua alma: em todos os retalhos de tempo disponíveis, sem medir sacrifício, escuta quem a procura, previne as tímidas chamando-as e dando-lhes um conforto materno; nas recreações é centro do grupo das retirandas, e reúne a comunidade para a boa-noite, e ali difunde o tesouro de sua sabedoria.

Não se esquece que tem ali um bom círculo de Diretoras e vale-se disso para rebater suas recomendações sobre pontos capitais:

“Encontramo-nos aqui e ali, na ocasião de ter de tratar externamente com o confessor da casa; o demônio sempre esperto, pode fazer disso motivo de fechar o coração na confissão. Por caridade, Irmãs, não nos deixemos enganar! Acusemos as nossas culpas com toda simplicidade, sem estudar as palavras, só com o fim de nos fazermos bem conhecidas pelo ministro de Deus e para nos humilharmos.

Isto está de tal modo em meu coração que cheguei a sonhar. Vi um anjo muito triste ao qual eu perguntei: Quem é você? (Tive tanta coragem porque era só um sonho. . .)

Respondeu-me: “Sou o anjo da guarda de Irmã. . . que está no purgatório para expiar o defeito de ter sempre estudado muito o modo de confessar-se. . .”

É um sonho, repito, mas fiquemos atentas. . . A Madre, com sua argúcia, procura desviar a atenção das que são muito impressionáveis e continua: . . . caso contrário, o Pe. Costamagna virá da América para nos mandar ao inferno!

No entanto, eu sinto a necessidade de dizer: levemos em conta o tempo, não percamos um só minuto; trabalhemos de coração para ganhar um belo lugar no Paraíso; trabalhemos só por Jesus. A verdadeira piedade religiosa consiste em cumprir todos os nossos deveres a tempo e lugar e só por amor a Deus.

Pratiquemos a virtude para sermos verdadeiras esposas de Jesus, verdadeiras Filhas de Maria Auxiliadora e de D. Bosco.”

(20) Anexo (Allegato) n. 23.

No dia 20 foram encerrados os exercícios espirituais com doze vestições, dez primeiras profissões, quatro renovações e oito profissões perpétuas.

“TODAS IGUAIS”

As doze novas noviças aparecem com um belo modestino cândido e o véu mais comprido... As outras que estão no pórtico porque na igreja não há mais lugar, interrogam-se entre si: “Vão fazer profissão? Vão à América?”

A Madre sorri e: “Depressa, corram ao dormitório e vistam o que encontrarem sobre a cama.”

Um instante depois o grupo vivaz reaparece radiante: todas encontraram modestino e véu igual ao das outras. D. Bosco que um dia havia perguntado por que as noviças não tinham “aquela coisa branca”, tinha acrescentado: “Mas não, mas não: todas iguais, todas iguais!” Logo foi obedecido e todas ficaram iguais seja na cor como na forma por ele desejada; de fato, também as Irmãs adidas aos trabalhos mais pesados, nos dias festivos, começaram a usar o véu e o modestino.

PRECIOSAS RECORDAÇÕES PATERNAS

A função da vestição é presidida por Mons. Belasio, assistido pelo Pe. Cagliero, Pe. Leveratto, Pe. Lemoyne; entre as novas noviças se encontra Ema Ferrero que parece estar mais no céu do que na terra.

Recebe os votos D. Bosco, que nas palavras de encerramento, eleva um hino à santa obediência: “Se se tira do saco a sua costura ele deixa escapar tudo; assim a religiosa, se não tiver a costura da obediência, não pode conservar nenhuma virtude e deixa de ser religiosa. Mas se fordes obedientes, cantareis vitória sobre todas as vossas paixões e tereis a palma eterna na glória celeste.”

Depois das “lembranças” canta-se o “Te Deum” e antes da bênção, por sugestão do Pe. Cagliero e consenso do Fundador, todas as Irmãs professoras renovam os santos votos diante do Santíssimo exposto.

Saindo da igreja, à Madre que se coloca adiante, diz D. Bosco: “Gostaria que fossem colocados neste pórtico dois cartazes com estes pensamentos: “A mortificação é o ABC da perfeição” e “Cada minuto de tempo vale um tesouro.”

Dom Bosco ainda não havia partido e já os dois cartazes foram colocados no lugar indicado, a fim de serem lidos pelas Irmãs e para incentivar um novo fervor à santidade.

O Fundador, o pai santo, do qual até mesmo a sombra consola e fortifica, deixa Mornese. Algumas perguntam: Retornará ainda? Muitas se enternecem até as lágrimas; todas se ajoelham para uma bênção que poderá ser a última dada por ele sob o céu de Mornese.

TRANSFERÊNCIA DE DIRETORAS

Fazem-se ainda comentários sobre a terna e significativa saudação do bom pai e já são confirmadas as notícias desta ou daquela transferência de Diretoras.

Ir. Rosalia Pestarino, já tão afeiçãoada a Bordighera, cederá o lugar à Ir. Adele David, para ir a Chieri; Ir. Felicina Mazzarello voltará a Borgo S. Martinho; Ir. Madalena Martini ficará em Mornese, pois foi destinada para a próxima partida para a América e por sua vez, será Diretora em Biella, Ir. Maria Maccagno à qual, com toda simplicidade e liberdade, a Madre só disse: “Tu já estás prática na casa, portanto ficarás no lugar daquela que parte.”

Também à Ir. Elisa Roncallo diz: “Por enquanto, fica alguns dias aqui em Mornese para melhorar um pouco a saúde; depois veremos se o Senhor te quer em Nizza. Em Turim ficará Ir. Catarina Daghero.”

Ninguém duvida que em Turim a saída de Ir. Elisa será muito sentida; mas todos sabem que Ir. Catarina será acolhida alegremente. Portanto, enquanto para a primeira se procura amenizar, no melhor modo possível, o seu não leve sacrifício, a Madre combate a timidez humilde da segunda, para que leve adiante as suas aptidões de governo, de modo especial para uma casa como aquela de Turim e lhe diz: “Tu não terás senão de continuar o trabalho de Ir. Elisa, dependendo como ela em tudo e por tudo de D. Bosco ou de quem por ele for dado por guia; e verás então que coisa são os milagres de Maria Auxiliadora em suas obras.

OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS EM TURIM

À noite do 24 começaram em Turim os exercícios pregados pelo Diretor Pe. G. B. Lemoyne e pelo Pe. Sávio. A Madre não falta; e para evitar comentários pouco edificantes por causa da troca da Diretora, não dá logo abertamente notícia, mas nos encontros privados e

nas boas-noites predispões as Irmãs à aceitação religiosa de qualquer casa, superiora ou trabalho.

No término dos exercícios — 1.º de setembro — o próprio D. Bosco recebe as cinco profissões temporâneas e as quatro perpétuas; e também esta vez assiste comovido à renovação coletiva dos santos votos por parte de todas as Irmãs exercitandas.

Em sua breve palavra das “lembranças” toca ainda no argumento da obediência religiosa, juntando-lhe a parábola do lenço: “Como esse se deixa usar o quanto se queira e para aquilo que se queira, deixando-se lavar, passar e rasgar sem dizer nada, assim devemos ser nós no sentido da obediência religiosa.

Queremos estar sempre alegres? Sejamos obedientes. Queremos ir muito alto na santidade e no Paraíso? Sejamos sempre fiéis à obediência, mesma nas pequeninas coisas.”

Na saída da igreja após a função, trocando modestamente o silêncio pela expansão dos corações, Irmãs e jovens se agrupam espontaneamente em torno de Ir. Catarina; e ela se encontra assim assumindo o governo entre lágrimas de comoção e sorrisos de filial adesão à sempre bendita vontade de Deus.

Os Superiores e a Madre são confortados, tirando disso, alegres prognósticos para a casa e para as almas.

NOTAS DE PROFUNDO RECONHECIMENTO

Antes que as retirandas voltem às casas, circula entre as Irmãs o Boletim Salesiano que traz o programa dos dois novos educandários femininos de Nizza e Chieri ⁽²¹⁾. A Madre aproveita para fazer sentir as notas de seu profundo reconhecimento: “Querido D. Bosco! Caros salesianos! Consideram-nos mesmo da família! Todas as nossas coisas não têm vida e riqueza senão por D. Bosco e pelos seus filhos. Ai, ai de nós se a soberba chega a colocar em nossa cabeça que podemos qualquer coisa sem eles! Seremos como ramos cortados da vide e nada mais.”

Segundo o pensamento do Fundador, a Madre não volta logo a Mornese. Dado um pulindo a Chieri, fica ainda um pouco em Turim, enquanto comunica a Mornese algumas diretivas para a próxima ida das primeiras Irmãs para Nizza.

(21) Bollettino Salesiano, setembro 1878, ano II, n. 9, pág. 11-13.

DESENVOLVIMENTO NO APOSTOLADO DAS “FILHAS DO SAGRADO CORAÇÃO”

Ficar alguns dias a mais em Valdocco torna-se um restaurar-se para ela, e um encorajamento para a nova Diretora e para toda a casa. Pode constatar também os progressos admiráveis das oratorianas “Filhas do Sagrado Coração.”

Ir. Elisa Roncallo, com a sua sede de almas, se propusera imitar o quanto possível a D. Bosco. Tendo conhecido o interesse paterno pelos jovens pobres detidos na “Generala”, procurou uma ocasião para falar com a superiora das Irmãs adidas às jovens condenadas no cárcere feminino da cidade.

Depois desejou e obteve a licença para visitar aquelas infelizes com o intento de levar a elas uma palavra de bem.

Ela as tinha imaginado, sob todos os aspectos, miseráveis; mas quando as encontrou com a designação indicada apenas pelo número do gorro e com um distintivo que indicava seus delitos, não pôde conter o pranto.

Tinha dirigido a algumas menos rebeldes, a sua palavra; recebeu a confiança de algumas; e à narração fria ou apaixonada de seus delitos, tinha exclamado: “Mas, como fizeram isto?... Não, não: não o farão mais, não é verdade? E quando saírem daqui, venham ao oratório de Santa Ângela em Valdocco. Nós lhes procuraremos trabalho, ensinaremos a viver como boas cristãs; e vocês serão gente nova!”

Chegando a casa, nada mais natural que manifestar as suas penas impressões e exortar Irmãs e jovens a ajudá-la a salvar tantas pobres jovens já no caminho do mal ou próximas a serem presas da imoralidade mais desoladora.

As “Filhas do Sagrado Coração” logo se ofereceram para uma possível obra de preservação; partiram daqui as espontâneas indústrias de apostolado cristão, dentro e fora do oratório; e o aumento solícito do número das que aderiram à associação; e a germinação da boa semente como ao sopro de uma ardente primavera.

As conferências semanais da Diretora e a mensal ou ocasional do Diretor só para o grupo das associadas, tornaram-se uma troca de notícias, de intentos, de propostas em vantagem das almas; o santo fermento havia dado um bom pão e D. Bosco, de seu escritório e do seu santuário, encorajava e abençoava.

E agora é consolador ver, entre as “Filhas do Sagrado Coração” o empenho de doação desinteressada, para orientar as companheiras boas aos altos ideais e para evitar que as mais perigosas sejam de escândalo às incautas.

O segredo está no seu discreto reunir-se, às noites do domingo, na capela, para renovarem o ato de consagração ao Sagrado Coração de Jesus. Naquele encontro recolhem o lamento “sitio” para vivê-lo durante a semana e transfundi-lo em todas as suas atividades apostólicas.

Se Ir. Elisa Roncallo jogou a primeira semente de trigo tão bom, a Madre, em sua profunda humildade acrescenta: “Sim, sim! Tudo isto é consolador, muito consolador, mas recordemos que tudo isso devemos ao ensinamento de D. Bosco e de seus filhos. Não nos esqueçamos jamais de agradecer a Nossa Senhora que, fazendo-nos suas filhas, nos confiou a um santo como é Dom Bosco!”

DE TURIM A MORNESE E DEPOIS A NIZZA MONFERRATO

Para encontrar-se em Mornese por ocasião da partida para Nizza, a Madre deixa Turim pela metade de setembro; em nome de D. Bosco tranquiliza o coração de M. Petronilla e de Ir. Elisa, anunciando-lhes uma viagem a Gênova para providenciar algumas coisas, e para visitar Mamãe Roncalo; depois até Turim para um reconforto moral antes de se estabelecerem em Nizza.

Na segunda-feira, 16 de novembro, é a vez de Ir. Henriqueta Sorbone e da ecônoma Ir. Giovana Ferrettino, de Ir. Ermelinda Rossi, Ir. Maria Fiorito e Ir. Teresa Moretta, que em pranto por deixar Mornese, e o que Mornese é para elas de sagrado e desejável. “Por que chorar? — diz a Madre, também ela enternecida — eu também irei para Nizza e ali permaneceremos até que o Senhor queira”.

Estas vão para dar uma primeira ordem à casa; serão as primeiras batalhas com o caos interno e com as incógnitas externas.

Na estação de Nizza encontram Pe. Bisio que as acompanha até o convento e as provê do mínimo necessário, esperando que chegue de Mornese, a pouca mobília.

Uma semana, mais ou menos, depois, chegam de Turim M. Petronilla e Ir. Elisa Roncallo. E Madre Petronilla costumeiramente pacata, faz-se viva para dizer a sua alegria: “Desta vez sou eu que falo. Em Turim vimos e gozamos o quanto se pode; e de Gênova até Turim viajamos com D. Bosco. Sim senhora, com ele mesmo e

com outros Superiores que o acompanhavam! É verdade que só falamos com ele na estação de Alessandria; contudo, sentimos que estávamos perto dele. O Pe. Rua e até o Pe. Cagliari e o Pe. Cays faziam que nem nos conheciam; mas nós corajosamente, na estação de espera, fomos saudá-lo. Ele mostrou-se satisfeito, como um bom pai, fez-nos entrar na sala onde estavam e nos entreteve até a chegada do trem, interessando-se sempre por nós, especialmente pela nova casa de Nizza e pelos trabalhos que se devem fazer. Entre outras coisas nos recomendou de rezar pelos benfeitores e, chegando a Nizza, ir fazer uma visita à condessa Balbo o mais depressa possível. Eu lhe perguntei logo:

— Como faremos, padre, ao visitar uma condessa?

Ele, sorrindo um pouco:

— Vão, vão: é uma condessa que não dá sujeição. Ela é muito boa!

Com a chegada do trem naturalmente nos encaminhamos para subir no mesmo compartimento onde ia D. Bosco, para não perder um minuto daquela graça de Deus; mas devia ser coisa não muito oportuna, pois os Superiores que o acompanhavam fizeram um sinal que não era conveniente. D. Bosco percebeu e com carinho nos convidou a subir no seu compartimento; e quando chegou a hora de descermos, nos deu uma bênção para vocês todas.”

Madre Petronilla e Ir. Elisa Roncallo logo se colocaram no trabalho com as outras Irmãs que as haviam precedido, de olho atento nos operários, na limpeza de cada coisa, e em preparar o pátio de modo que pudessem começar logo a recolher as meninas externas do lugar e dos arredores.

Estas, vindo para ver as Irmãs, divertir-se com elas e aprender algo de bom, não se negavam a dar uma mão: pois realmente tinham sido conquistadas em todos os sentidos!

Feito o indispensável, M. Petronilla e Ir. Elisa lembram-se da condessa Balbo: como D. Bosco havia dito de ir logo visitá-la, o melhor seria desincumbir-se logo desta tarefa...

PRIMEIRA VISITA AOS CONDES BALBO

Em nome de D. Bosco apresentam-se e pedem para falar com os condes. O nome do Fundador os faz receberem não como pobres Irmãs, mas como personagens importantes e com uma bondade tão

humilde que as comove. “D. Bosco se lembra de nós?” ficam repetindo os condes.

Encontram também a condessa-mãe, viúva do conde ãi Bosnasco, sempre tão generosa com D. Bosco e mãe de seus orfãozinhos. É ela a primeira que as interroga como estão entre as ruínas do convento, como são vistas pelos de Nizza, como irão fazer para ter tudo pronto no início do ano escolar.

Embora tímidas, porém encorajadas por trato tão materno, as Irmãs respondem com simplicidade encantadora. “Nas primeiras noites o medo de nos encontrarmos naquele lugar era imenso. Se não estivesse ali a família Branda que usou conosco mil atenções, qual não seria a nossa tremedeira!”

Também quanto ao trabalho, era de nos fazer chorar. Mas a coragem multiplicou as forças, e também as jovens e senhoritas da cidade foram fazer recreação conosco, isto é, limpar, transportar o lixo etc., elas alegres como páscoa e nós também.

À noite, esperando que chegue de Mornese o necessário, vai-se passando com o que D. Bosco nos manda de Turim e o que a caridade dos bons nos fornece.

— E para as refeições, queridas Irmãs?

— Oh! para isso!... não nos falta o necessário... a Providência sabe que também nós existimos neste mundo e sugere ao Pe. Bisio nos mandar alguma coisa e outras pessoas também fazem chegar alguma coisa até nós, e outros ainda, desconhecidos, fazem descer junto ao muro da vinha, isto ou aquilo que para nós é como o maná caído do céu.”

VISITA RETRIBUÍDA

As duas Irmãs não retornam sem nada. Dentro de uma semana recebem a visita do conde e da condessa Balbo ao “convento”. Giram pela casa. Vêem tudo e percebem por todo lado a pobreza que chega quase à miséria. A condessa se queixa ao conde: “Mas pobrezinhas, não têm mesmo nada de nada! No café da manhã, comem polenta para economizar o pão!... Olha!... Aquilo ali é o seu leite!”

O conde inclina a cabeça e não responde, talvez para não dar motivo de rubor às Irmãs, para as quais é tão natural aquele estado de coisas como aos ricos, a sua comodidade.

Enquanto se despede, a condessa diz a madre Petronila: “Para tudo o que precisarem, procurem a senhora Cairo, na cidade, nós

pensaremos no pagamento!” e enquanto aperta a mão saudando a madre Petronila, lhe entrega disfarçadamente, uma nota de cem liras.

OS TRABALHOS AUMENTAM

Na manhã seguinte apresentam-se robustos camponeses para trabalhar no terreno: são colonos do conde Balbo, o qual não desdenha, ele mesmo, vigiar os trabalhos, para se assegurar de que tudo proceda com ordem, em vantagem da casa. E o agradecimento? Uma bela carta de D. Bosco. E a condessa feliz, logo dá notícia dela às Irmãs.

Quase contemporaneamente chega de Turim o arquiteto Buzzetti para dirigir os trabalhos. Ajudam-no caridosamente o “perito-arquiteto”, Luís Terzano e alguns especializados operários de Nizza. Com as Irmãs que, pouco a pouco, chegam de Mornese, aumenta o número de braços que se apressam na restauração da casa.

FUNDAÇÃO DE LA NAVARRE E PRIMEIRAS NOTÍCIAS

A nova casa da França, La Navarre, se abre no dia 2 de outubro. Por enquanto chegam de Mornese, Ir. Rosa Fecchino como Diretora e Ir. Maria Gariglio; no local encontram as já conhecidas terceiras do Pe. Vincent, as quais são consideradas parte da comunidade.

Não tardam a chegar a Mornese as primeiras notícias que a Madre se interessa de comunicar às Irmãs. Em La Navarre as Irmãs dormem sob um teto que deixa cair, com freqüência, sobre elas, pedaços de reboco e ainda a chuva nos dias de mau tempo. Ao invés do vozerio e dos jogos das alunas, ouve-se o vento soprar pelas frestas das paredes e ratos e morcegos aparecendo à noite, saindo dos buracos e andando pela casa como se fossem patrões. Por quanto já se tenha feito, não se consegue eliminar a sujeira, e a visão daqueles pobres orfãozinhos rasgados e com apetite tão grande, move ao pranto as Irmãs, que nem mesmo tentam perguntar aos Superiores qual é a primeira necessidade. Deverão adaptar-se também elas a ir esmolar. . .

PRIMEIRA VESTIÇÃO NA AMÉRICA

Chegam a Mornese as notícias de que, em Villa Colón, no dia 8 de dezembro, foi realizada a primeira vestição religiosa: é a noviça uruguaia Ir. Laura Rodriguez. Quiseram vesti-la de branco como se faz em Mornese. Como não tinham como vesti-la, colocaram uma alva. . . embora nova.

Começa pois, a sorrir a esperança no além-mar.

NOTÍCIAS DE NIZZA

Foi feito o pedido às autoridades escolares de autorização para abrir um educandário em Nizza Monferrato. O pedido foi, de início, indeferido. Reapresentado o pedido, a resposta se fez esperar, em cansativa demora; por isso, reza-se com um empenho particular, para que, em outubro, as educandas possam chegar ao novo colégio.

Entre as dificuldades do momento, o pensamento corre às queridas Irmãs de La Navarre: “Estão em condição pior que a nossa! — dizem as Irmãs de Nizza — são mais generosas que nós. Oh, caminhemos adiante cantando, pois estamos na casa de Nossa Senhora e logo as coisas mudarão para melhor!”

De fato, D. Bosco se apressa em mandar de Turim umas boas camas de ferro. Algumas Irmãs se prestam para ir às fazendas vizinhas para debulhar milho recebendo em troca a palha. Para os sacos necessários para fazer os pobres colchões, recorre-se à caridade da condessa Balbo que repete: “Digam à senhora Cairo que mande o que lhes ocorre, e eu pensarei no pagamento.”

Enfim para costurar os colchões, as cortinas para a cama, etc., prestam-se admiravelmente as senhoritas da cidade, especialmente as irmãs Terzano. Já têm em casa uma máquina emprestada que trabalha febrilmente.

Com tais provas da intervenção da divina Providência, quem pode esquivar-se do trabalho e queixar-se dos eventuais dissabores?

As Irmãs mais fortes ajudam ainda os operários reparando os locais, especialmente a Igreja, que D. Bosco quer que esteja pronta o mais depressa possível para ser benzida e tirar à comunidade o distúrbio grave de ir até a Paróquia para a santa Missa.

É realmente um distúrbio grave: o rio Belbo tem freqüentes enchentes que obrigam a subir à altura do vinhedo, pela íngreme estrada de Vaglio, e de lá descerem, dando uma longa volta para chegarem à Igreja de S. João e assistirem às funções dominicais.

AGRADÁVEIS VISITAS

De quando em quando passam por ali os antigos frades para constatar a restauração do seu convento. E se alegram, enquanto revivem as lembranças do passado.

Sobre os ramos dos robustos olmos da entrada, voam e trinam os passarinhos. Por um quarto de século não se ouvia mais seu canto,

e agora, ao passar do Capuchinho, parecem entoar com ele um “Glória Patri” ao término do lento salmodiar.

Ir. Elisa escreve de Nizza à sua mãe, no dia 18 de outubro, que “a casa de N. Senhora é belíssima, que a Igreja é esplêndida, que o povo da cidade se mostra muito benevolente, que a condessa Balbo, que está passando uns dias na sua casa de campo, se digna dar-lhe algumas aulas de francês...”

Estamos adiantadas, portanto, e a Igreja já está pronta!

MADRE MAZZARELLO EM NIZZA PARA A BÊNÇÃO DA IGREJA

Não foram feitos trabalhos artísticos, naturalmente. Para isso é necessário muito tempo! No entanto foi colocada em ordem, para que Jesus possa retornar como à própria sede. É prevista para o domingo 27, a festa da bênção solene.

Para esta ocasião chega também Madre Mazzarello; gostaria de ter permanecido em Mornese, mas as Irmãs reclamaram sua presença e o Pe. Cagliero lhe fez saber que D. Bosco, naquele aprazado dia, queria vê-la em Nizza.

Portanto ela chega no sábado, com Ir. Emilia Mosca a qual, à força de boas razões, a induz a aceitar um carro que a leva, da estação de Nizza até o convento.

Ao chegar à encruzilhada das duas estradas que conduzem à “Madonna” e à assim chamada “Bruna”⁽²²⁾, Ir. Elisa põe a cabeça para fora e olha ao redor como para se orientar. Duas crianças, cordiais e atentas, se avizinham e perguntam: “Vão à “Madonna”, Irmãs? Nós também vamos até lá. Nós vamos todos os dias lá.”

São as duas irmãs Angelina e Sofia Cairo as quais, perto da entrada do ex-convento, do acolhimento feito às duas novas chegadas e de alguma palavra colhida no ar, vêm a compreender que se tratava de Superiores. Correm então até a mãe que, boa e generosa como sempre, se apressa a mandar dois colchões, e mais tarde, o almoço já preparado.

As senhoritas que se encontram em casa acolhem a Madre com uma alegria comparável só ao desejo que tinham de conhecê-la, porque as Irmãs falavam dela com tanto afeto. A realidade superou a ex-

(22) *Bruna*: nome de uma colinazinha sobre a qual surgiu, posteriormente, o Noviciado “São José”.

pectativa entre as oratorianas do domingo convidadas pelas Irmãs, à saída da paróquia: chegaram quase a trezentas.

A juventude de Nizza foi conquistada pela simplicidade da Madre, até mesmo pelas suas austeridades. Não a deixam por um momento.

BÊNÇÃO DA IGREJA E FESTA PARA OS DE NIZZA

O Diretor geral benze solenemente a Igreja. Depois celebra a Eucaristia assistido por muitos salesianos vindos expressamente de Turim.

Estão presentes também a "schola cantorum" de Valdocco e a banda de música: toda uma juventude serena que, depois de ter cantado a glória de Deus com fervor exemplar e recolhimento, brinca alegremente entre os vinhedos gozando de uma santa liberdade.

A multidão é grande, vinda até dos lugarejos vizinhos. Não faltam os "desordeiros" que, ao se verem pela 1.^a vez entre Irmãs tão boas e tão simples, nem se lembram de que estão em casa dos outros e fazem como se estivessem em praça pública. Chegou a tal ponto que o Pe. Cagliero teve que levantar a voz para se comportarem devidamente, também durante as sagradas funções.

Além das autoridades, estão entre os convidados a condessa Balbo que, logo após a Missa se esconde por temor, quem sabe, de sentir-se agradecida em público. Ela foi, em verdade, extraordinariamente generosa, também naquela ocasião.

Tendo sabido diretamente de D. Bosco, que viriam pessoas de Turim e que também o clero de Nizza almoçaria lá, mandou o necessário em roupa, toalhas, comestíveis de todo gênero. Foi generosa nos doces, frutas, vinho de mesa, finíssimo. Com seu encorajante sorriso disse à M. Petronila: "Sirvam-se de tudo com liberdade. Restituirão somente o que não lhes for necessário."

À noite, vésperas cantadas, Bênção solene e uma simplicíssima festinha que realmente agradou os presentes.

Os de Nizza ficaram satisfeitos por tudo e elevaram até o céu o nome de D. Bosco. Elogiaram e agradeceram imensamente o opúsculo do sacerdote Francisco Arrigotti: "Notícias históricas sobre o convento e o santuário de Santa Maria das Graças" ⁽²³⁾, editado para a circunstância. Recordaram a bela circular de março passado ⁽²⁴⁾ aos coo-

(23) Cópia junto ao Arq. Geral FHA.

(24) MB XIII 297.

peradores salesianos, e a penosa impressão de D. Bosco que ao ver aquela casa de Deus profanada e irreconhecível, tinha exclamado: “Misericórdia!” Depois logo acrescentou: “Sim, sim, o bom povo de Nizza terá ainda a sua querida Igreja de Nossa Senhora.”

Ao término da memorável jornada, lamentaram por D. Bosco não estar presente à festa. Desejar-se-ia expressar-lhe mil e mil vezes o próprio reconhecimento também por ter conservado o título de Nossa Senhora das Graças ao tesouro de seus ancestrais, ao convento de onde se recebiam tantas bênçãos e conforto, especialmente nos momentos de desventura.

PRIMEIRA VOCAÇÃO DE NIZZA

No dia 29 entra como postulante a senhorita Maria Terzano, que foi a primeira a vir à sala de costura com pretexto de aprender a trabalhar, mas que na realidade vinha costurar para as Irmãs o dia inteiro. Conhecer bem e amá-las, experimentar a bondade das Irmãs e sentir-se atraída foi para ela uma e mesma coisa. Desde que viu Madre Mazzarello, que lhe falou e teve a sua mão nas mãos da Madre, que lhe repetia com um acento de convicção: “Você ama Jesus? Ama de-veras Jesus?” não teve outro pensamento senão o de consagrar-se toda e logo ao Senhor, sem se deixar minimamente influenciar pela oposição dos familiares.

Nem as súplicas e as lágrimas dos parentes, nem a palavra autoritária do doutor da família, que achava intempestiva tal resolução, nem a delicadíssima constituição física e a tenra idade, nem a sábia reflexão da mãe, valeram para fazê-la desistir de seu propósito: “Jesus a quer sua e ela quer ser toda de Jesus.”

A primeira flor da casa N. S. das Graças leva também o nome da Virgem Santa. Como não ter esperança nela?

AS INTERNAS DE MORNESE VÃO PARA NIZZA UM NOVO DIRETOR

No dia 31, quinta-feira, pouco depois do levantar do sol, um carro ligado à jardineira transporta um alegre vozerio juvenil. São as internas de Mornese, somente aquelas que podem pagar a pensão ou que são escolhidas para uma instrução regular. As outras, chamadas “filhas de casa” permanecem em seu próprio ninho. Assim ficara resolvido nas recentes reuniões gerais.

Este primeiro grupo é acolhido festivamente.

— É necessário dar um bom café a estas meninas — dizem as Irmãs que as acompanham. Perderam o sono. Tiveram muito frio. Não fizeram economia nem de risos nem de brincadeiras... Portanto... café quentinho e cama até o meio-dia.

O café da manhã é servido logo. Mas repousar não querem mesmo. Há tanta coisa para ver na nova casa, na bendita casa de Nizza tão desejada e tão temida ao mesmo tempo!

As centenas de súplicas e promessas das vivas internas obtêm a devida permissão e o convento se enche de suas vozes alegres.

Na horta, no terreno não cultivado, subindo até o vinhedo... ei-las brincando, rindo e cantando. Mas não sozinhas. Vão em grupos para terem coragem, caso encontrassem "qualquer coisa morta"!

— Atentas! Aqui ficava o cemitério!

— Mas, levaram todos os restos sagrados desde o verão de 71...

— Sim, mas fica sempre algum resto. E escavando...

— Fiquei sabendo que os mortos daqui foram transportados quando o convento passou para a sociedade enológica. E que toda a cidade participou da função do transporte religioso ao cemitério: o pároco, os chefes do município, as diversas corporações religiosas, todo o povo.

— Imaginem a impressão! Havia muitos que choravam (assim contam os velhos) e tantos que prognosticavam desventuras para Nizza.

— Oh! mas agora foi tudo remediado por D. Bosco e pelas nossas Irmãs!

— Atenção: não vão atrapalhar os operários que estão trabalhando ainda!

— Atenta você aí, que se mete entre esses escombros!

— Olhem, que paredes sólidas!

— Eh, se não fosse assim, não restaria pedra sobre pedra.

— Dizem que a Igreja fora reduzida a uma espelunca: destruídos os altares, o pavimento, as paredes e a cúpula, tudo completamente arrasado...

— Não pensemos nas coisas feias. Pensemos, sim, que agora temos uma bela Igreja, tão grande que comporta todas as Irmãs vistas por D. Bosco.

No dia 5 de novembro D. Bosco manda o Salesiano Pe. Stefano Chicco com o título de Diretor local. A acolhida cordial fê-lo sen-

tir-se em família onde a formação chegará a corresponder às elevadas esperanças de D. Bosco.

OUTROS PROBLEMAS RESOLVIDOS

Recebe-se também a autorização escolar já esperada. A Mãe não tem necessidade de despertar o reconhecimento no coração das Irmãs. Todas se sentem afortunadas por serem Filhas de Maria Auxiliadora e de Dom Bosco.

A família cresceu. Aumentaram as necessidades. Da vila dos conde Balbo chegam um bom carro de lenha e também uma linda vaca. Assim a comunidade pode contar com um forte “café da manhã”.

OUTRA PEQUENA COMITIVA DE MORNESSE

Na segunda semana de novembro, chega outra pequena comitiva de Mornese: o Diretor, Pe. Lemoyne chefiando três Irmãs e as internas Gamba e Pentore. Estas prolongaram as férias até a festa de Todos os Santos. Retornando pensavam chegar em tempo da transferência do Colégio. Sentindo-se, porém, quase perdidas lá em cima, solicitaram poderem se unir às companheiras na cidade.

Chegam a Niza vestidas como se fosse para uma festa com o belo aventalzinho branco. Mas sendo um dia nublado e frio, as companheiras brincam com elas por causa do avental branco tão fora de lugar. Sentem, porém, tanta alegria e estão tão animadas e com tanta vontade de rir que se dão, com prazer à brincadeira.

Não demoram, porém, a entender: “casa nova, vida nova”. Começam algumas exigências de ordem disciplinar que em Mornese poder-se-iam transgredir. Passam a falar menos e a observar mais. Escutam de boa vontade as explicações justas ou menos justas, das companheiras. Animam-se em fazer algumas perguntas às Irmãs e se erram em qualquer coisa, estão prontas a dizer: “Não sabemos ainda como devemos fazer em Nizza! Habituar-nos-emos logo, verá!”

Realmente, Nizza não é Mornese e nas reuniões gerais dos últimos retiros foram dadas tantas outras normas para os internatos, segundo o Sistema Salesiano e as exigências dos tempos.

Por outro lado, a troca de casa se presta para as inovações que são vistas necessárias ou apenas oportunas.

DEPOIS DAS REUNIÕES GERAIS NOVA DENOMINAÇÃO PARA AS SUPERIORAS

Dom Bosco dissera — em 1874 — que o título de “Madre” dado àquelas que formavam o Conselho da Superiora Geral podia ser seguido pelo nome de nascimento ou do ofício. Então Ir. Felicina Mazzarello, ao invés de se chamar “Madre assistente” título dado pelas Irmãs de Sant’Ana que o usavam para suas conselheiras gerais — passou simplesmente a Madre Felicina. Quando ela passou para a direção da casa de Borgo S. Martinho e faltando Ir. Maria Grosso que assumira o título de Madre Mestra, deveria haver a troca de título para as duas substitutas: Ir. Emília Mosca e Ir. Henriqueta Sorbone, desde 1876.

A estas, no entanto, as irmãs mais velhas continuavam chamando de: Ir. Emília, Ir. Henriqueta. Entre as mais jovens e as alunas era fácil ouvi-las chamar com afeitoso respeito: Madre Emília — ou Madre Assistente e Madre Henriqueta. A Madre continuou a ser por todas chamada somente de “Madre”.

Quando o Pe. Cagliero voltou da América, ao ver no Capítulo Superior as duas novas conselheiras, disse logo brincando: “Vocês são tão “masná”⁽²⁵⁾ que se o título não lhes dá um pouco mais de importância, não sei onde vocês a encontrarão”.

Depois, com o mesmo tom, isto é, sem importar-se de maneira alguma, dizia sempre a mesma coisa, até que em agosto passado, como presidente das reuniões e com a adesão de D. Bosco e dos Superiores, concluiu: “É bom que de agora em diante a Madre seja chamada por todas, Irmãs e alunas, como “Madre Superiora” ou “Madre Geral” ou ainda se se quiser, “Senhora Madre” de modo especial pelos externos. E que, às outras, do Capítulo, seja dado o título de Madre, quer pelas Irmãs quer pelas alunas.

De hoje em diante, portanto, temos: Madre Assistente (ou Madre Emília) e Madre Henriqueta, como já temos Madre Petronilla e Madre Ecônoma.”

INOVAÇÕES TAMBÉM PARA OS INTERNATOS

Nas últimas reuniões foi ainda esclarecido o ponto da disciplina regulamentar para uma casa de educação: Horário escolar bem distribuído, fidelidade ao mesmo. Conhecimento e prática das normas

(25) *Masná*: no dialeto piemontês significa “menina”.

de bem entendida “civilidade” constituem uma urgência para quem é consagrada à formação cristã e social da juventude.

Secundária, certamente, mas não fora de propósito, foi vista a conveniência de algumas modificações no uniforme das internas, já que se quer satisfazer aos olhos e ao coração dos parentes.

Tudo isto, colocado com autoridade e acolhido filialmente, foi traduzido na prática com religioso interesse. Um conjunto de elementos assinalava, pois, um “novo estilo” e as alunas novatas assimilaram o melhor de cada coisa e no fundo já se gozava do fruto esperado.

MADRE PETRONILA DIRETORA PROVISÓRIA EM NIZZA

Madre Petronilla é designada, provisoriamente, como Diretora da casa. Ir. Elisa é encarregada das relações com os externos, da sala de visita e da correspondência com os parentes das internas, com uma dependência da Diretora que não a atrapalha em seu trabalho e de outra parte, “conserva-a na humildade”, — diz a Madre — dada a sua jovem idade. A assistência geral das internas e o pensamento direto de sua formação moral e prática são confiados à Madre Henriqueta, insuperável no exercício eficaz de seu mandato e na estima afetuosa às suas assistidas. Ir. Rosa Daghero, no momento, está encarregada da escola. Não faltam Irmãs de boa vontade e de exemplar espírito de sacrifício que se dedicam aos operários e ao cuidado da casa.

EM NIZZA TAMBÉM SE COSTURA PARA VALDOCCO

Desde junho de 76 morreu a senhora Rua que era para os moqueques de D. Bosco, uma nova mamãe Margarida. É verdade que as nobres e piedosas senhoras da cidade continuaram e continuam a tomar conta da roupa da Igreja e dos Superiores salesianos. Porém não dão conta de remendar toda a roupa dos jovens, muitos quanto ao número, pobres de tudo, dados também a rasgarem a roupa que vestem.

Para Nizza há mais facilidade de transporte que para Mornese. Ainda mais, em Nizza as “bocas” não são poucas e as despesas reclamam um auxílio financeiro que não se pode esperar que caia do céu. Por isso os sacos de roupa rasgada são bem-vindos e falam do pensamento paterno de D. Bosco para com as Filhas de N. Senhora e de seu coração. Sim, porque são um meio de diminuir os débitos

contraídos com o Oratório Salesiano de onde vem quase toda a alimentação.

APROVAÇÃO DIOCESANA

O Diretor geral comunica ao Pe. Chicco que obteve a aprovação diocesana para o seu completo exercício no sagrado ministério em prol da comunidade de Nizza.

Pe. Chicco faz saber às Irmãs a benevolência do ordinário D. Sciandra, em dar relevo à cataquese e ao apostolado oratoriano como auxílio eficaz aos párocos. ⁽²⁶⁾

ABERTURA DA CASA DE QUARGNENTO

No dia 21 de novembro abre-se a casa de Quargnento. O Diretor geral acompanha as três Irmãs para lá designadas: Ir. Ana Tamietti, Diretora; Ir. Angiolina Buzzetti e Ir. Rosa Giuseppina Tamietti, noviças.

Irão iniciar um internato, uma sala de costura e o oratório.

A MADRE VOLTA A MORNESE

Pronta a casa de Nizza, a Madre, ao término de novembro, retorna com Madre assistente a Mornese.

Gostariam de ir com ela diversas jovens de Nizza conquistadas pelo seu coração; ela porém não permite senão a duas — uma das quais é a já conhecida Maria Terzano.

Para a novena em honra da Imaculada, Madre Mazzarello dispõe que Mornese, este ano, se prepare para ter uma celebração mais solene do que nunca: se a primeira casa da congregação deve se preparar para morrer — e quem não o sente? — que ao menos se apague em um canto harmonioso de amor a Maria SS.ma. Portanto, novena solene. Para esta chega o Pe. Cagliari, na maior escuridão, “a quatro pés” (para usar a sua expressão) subindo a estrada cheia de pedra, de lama, adivinhando ou errando, por atalhos... No dia de Maria SS.ma, máxima pompa nas funções religiosas, com vestições e profissões temporâneas e perpétuas.

(26) Anexo (Allegato) n. 24.

FESTA DA IMACULADA O CASAL TERZANO EM MORNESE

No dia 7 de dezembro o casal Terzano com a filha Adelina chegam a Mornese para fazer a parte do tentador junto à sua diletíssima Maria. São acolhidos com uma cordialidade comovente e ao invés de vencerem a partida, são vencidos, pois, ali passam a festa da Imaculada e o dia seguinte e se rendem ao gentil convite da Madre que pede para deixarem ainda por algum tempo Adelina, a fim de se assegurar que sua irmã Maria se encontra realmente bem.

Não se podem contar as atenções e solicitude das Irmãs — especialmente da Madre Geral — pela senhorita. “Colocaram-me na mesa das Superiores — conta ela mesma depois de retornar de Mornese — uma mesa que não se diversifica em nada das da comunidade. E se alguma vez aconteceu de oferecerem alguma coisa melhor à reverenda Madre: “Leva-a — disse ela — leva à minha Marietta”, a minha irmã, ajuntando: diga-lhe que deve obedecer.

A vida, é muito difícil em Mornese, especialmente na estação invernal que torna impraticáveis as vias de comunicação com as vilas circunvizinhas. Muitas vezes é necessário fazer da necessidade virtude, adaptando-se como se pode, fazendo a menos de muitas coisas que se poderiam ter em tempos melhores. Mas o exemplo da boa Superiora arrasta. O pensamento dela é para cada uma de suas filhas, sempre acima do próprio bem-estar. O seu olhar corre de uma para outra: informa-se sobre as mais fracas, do grau de apetite que levam à mesa, e como em tudo predomina o amor, todas aceitam de boa vontade as privações de cada momento e os sacrifícios do dia-a-dia. A intensa chama de amor divino, do qual a Madre está repleta, transparece também no exterior. Eu mesma vi que, encontrando alguma pela casa, ou ainda na recreação, necessitada de uma palavra ou de um olhar animador, estreitou-lhe calorosamente as mãos entre as suas, dizendo com um modo todo especial: “Você ama muito Jesus?” E, à resposta afirmativa: “Grite agora comigo: Viva Jesus!”

A Madre estuda a fundo o caráter das jovens que lhe são confiadas pelo Senhor. Por isto percebe o seu secreto sofrimento ou apenas suas necessidades ou dificuldades momentâneas.

O que mais custa à minha irmã que tem apenas dezessete anos e é vivacíssima, em seu tempo de prova, é o silêncio de Regra. Chega a sofrer até mesmo na saúde. Pois bem, Madre Mazzarello chamou-a para dizer-lhe “Vejo que a faz sofrer não poder falar alguma coisa durante o trabalho. Concedo-lhe portanto, a licença de falar com voz

submissa à sua vizinha”. E minha irmã, mortificada e reconhecida: “Oh, cara Madre, é o mais belo presente que me possa dar!”

Eu estava bem contente em Mornese. Quando meu pai voltou, tinha esperança de levar comigo também Maria, tanto mais que a temperatura rígida de montanha não lhe era nada favorável à saúde. Mas nada a pôde mover: nem a palavra autorizada de papai, nem meu pedido de irmã mais velha, nem a promessa da Madre Superiora que lhe contaria o tempo de postulado que já tinha feito e a receberia depois para as festas da páscoa! Sempre o seu refrão: “Jesus me quer aqui e Jesus há de pensar em todo o resto.” (27)

Esta narrativa não é senão um pálido reflexo da vida na casa de Mornese.

VESTIÇÕES E PROFISSÕES EM MORNESE COM O PE. CAGLIERO

A festa celebrada no dia 8 foi coroada por 15 vestições, 9 primeiras profissões e 3 emissões de votos perpétuos. Entre as novas noviças surge Ir. Madalena Morano, que N. Senhor guardou em meio ao mundo, com um amor de predileção e que Ir. Elisa Roncallo se apressou em confiar às mãos de M. Mazzarello.

É professora elementar: tem já trinta e um anos, porque os deveres de família a impediram de pensar em si mesma antes. Mas é uma alma não comum. Superiores e Superioras intuem que poderá ser para o Instituto um auxílio válido. O prefeito já a havia nomeada suplemente de Ir. Rosa Tamiatti que ensinou primeiramente nas escolas elementares de Mornese, depois em Lu e agora em Nizza.

Entre as últimas admitidas ao santo hábito, quatro pronunciaram também a fórmula dos santos votos por terem sido escolhidas para fazerem parte do segundo grupo em preparação para a América: Ir. Vittoria Cantu, Ir. Catarina Fino, Ir. Maria Mgdaleine e Ir. Giuseppi-na Vergnaud.

Com palavras ardentes o Pe. Cagliero as preparou para o desapego de tudo para as sublimes conquistas da alma, fora da pátria e entre povos selvagens. Foi grande a comoção suscitada em todos quantos assistiam à cerimônia.

(27) Da relação da Sra. Adele Terzano Scuti, maio de 1920 (in Arq. Geral FMA).

“FIORETTI” MORNESINOS

A comunidade mornesina, crescida em número, continua o seu caminho para a santidade sob as pegadas das virtudes da Madre.

São disto expressão eloquente alguns episódios. Há poucas semanas a postulante Rosa Cordara, boa e simples, ajudante da cozinheira, por ordem desta havia colocado no prato da Madre, um pedacinho de carne melhor, pois ela nestes dias não está bem de saúde. A Madre olha ao redor e percebendo que não tinha sido posta para o resto da comunidade, diz à postulante de retornar com ela para a cozinha. Rosa permanece ali imóvel, ruborizada e muito admirada por aquela recusa não esperada que a faz pensar: “Que Madre bendita, porque não se serve?”

Dias depois, volta com uma bela maçã, certa que desta vez a Madre aceitará. A Madre recebe, sim, a maçã, com um belo sorriso que quer ser um agradecimento, mas a corta em pedaços e distribui pelas mais próximas. “E a senhora? — pergunta Rosa maravilhada — nada, Madre?” Ela responde com um sorriso e a postulante retorna ao seu lugar murmurando alto: “Pensa em todas, menos nela mesma.”

A estação estava realmente fria. Para oferecer à Madre um pouco de conforto por causa de sua delicada saúde, as Irmãs procuraram-lhe um par de sapatos forrados de pelo. Era um luxo, seguramente jamais visto nem sonhado em Mornese!

A Madre olha, faz um meio sorriso, chama a humilde Ir. Assunta Gaino, que toma conta da vaca e da horta e lhe apresenta dizendo: “Tome para você; garanto que jamais teve um igual!” Todas as queixas das Irmãs nada valeram para que ela trocasse a destinação do tal sapato.

Entre tantos rostos serenos, contrasta um dia, a fronte triste, triste de uma postulante:

— Por que você está tão séria assim?

— Não fiz a comunhão esta manhã! . . . e o dia me parece muito longo. . . não acaba nunca! e aquele fogo que ontem à noite a Madre procurou acender nos corações! Ó meu Jesus, perdoe-me. Nesta casa não se pode viver sem a comunhão! . . .

Para alguma que supunha em luta com os estímulos da fome, a Madre manda certa vez, procurar um pouco de farinha. Arranjando a farinha, manda que se vá até a cozinheira para preparar uma polentinha, distribuindo-a depois para as sete presentes, contando com ela. Entre elas estava a já citada postulante Rosa Cordara. De-

pois de uma meia hora, tomada pela dúvida de ter sido de mau exemplo, eis a Madre novamente na cozinha, e voltando-se particularmente à boa jovem: “Fiz mal, fiz mal! Como Superiora não devo reger-me assim. Quem sabe, as outras Irmãs tivessem fome como nós?”

A Madre possui um caráter muito vivo, nem sempre consegue dominar o primeiro movimento da natureza. Então, usa palavras e atos que machucam o amor próprio até mesmo em presença das meninas. Mas não há motivo de escândalo: as humilhadas são tão santas que se tornam antes sujeito de admiração e a Madre é tão humilde que é a primeira a colocar óleo na ferida, com tanta atenção materna e preveniente caridade que não deixa ficar no coração nenhum peso que possa causar insônia à noite.

Da parte das Irmãs e jovens, com filial confiança não falta quem recorra à Madre para exprimir suas dúvidas, para acusar-se de uma falta, ou em busca de uma palavra que tranquilize para que possa comungar na manhã seguinte.

TAMBÉM EM NIZZA SE HONRA A IMACULADA

Em Nizza como em Mornese, a festa da Imaculada passou como um dia de paraíso. É a primeira festa celebrada pela comunidade na casa de Nossa Senhora das Graças.

Na igreja, com a participação também dos fiéis, desenvolveram-se funções devotas, que a todos agradaram pelo fervor das orações e dos cantos, ainda que não acompanhados de notas musicais. “Isto será para o ano vindouro!” falam as Irmãs e jovens, consolando-se reciprocamente com grande e alegre esperança para o futuro.

A única nuvem em toda festa é a inevitável saudade de Mornese, onde a Madre está dando a tudo calor de piedade.

EM MORNESE: NOVENA E FESTA DE NATAL

Aproxima-se no entanto, a hora da despedida das missionárias. Neste ano ninguém foi até Roma, por motivo da sensível estreiteza financeira. De Mornese foram para Turim com o Pe. Cagliero só as que não conheciam ainda o templo da Auxiliadora em Valdocco, ou as que tinham família perto para poderem se despedir.

A celebração da novena reúne em Mornese as neo-missionárias, para passarem um Natal fervoroso. Querem estar santamente alegres e se celebram com solenidade as três Missas da meia-noite; sente-se

no entanto, uma espécie de vácuo em relação ao grupo que será transferido para longe, e a animação está dividida entre as Irmãs ausentes e as que vão partir, enquanto o coração da Madre não fica estranho ao entusiasmo do sacrifício, e diz às filhas: “Em suas penas, não se aflijam muito, e em suas consolações, não se alegrem demais.”

De Nizza escrevem que lá se faz tudo como em Mornese.

FUNÇÃO DO “ADEUS” EM MORNESE

O domingo 29 foi escolhido para a função do adeus das missionárias, realizada na capela do colégio; à imitação da que se fez a 6.11.1877 e a da Imaculada última em Valdocco.

Depois de cantar as Vésperas, o Diretor sobe ao altar e diz ter chegado o momento em que as dez escolhidas devem tomar o caminho para o novo mundo: “Ide — diz ele — que já os anjos da América vos esperam para que tenhais solícitos cuidados com tantas almas que lhes foram confiadas e colaboreis com eles para salvá-las e torná-las eternamente felizes.” Fazendo um paralelo das 10 Irmãs com as virgens do Evangelho, chama-as para ir ao encontro do Esposo celeste. O orador acrescenta: “Não haja entre vós as virgens estultas, mas sede todas virgens prudentes. Sereis assim, se conservardes vossas lâmpadas sempre cheias de óleo; óleo da piedade para com Deus, abandonando por seu amor tudo quanto tendes de mais caro sobre esta terra; óleo de caridade para com o próximo, sacrificando a vossa vida para instruí-lo, edificá-lo, salvá-lo. Coragem portanto: ide unir-vos com as Irmãs que vos precederam naqueles lugares; e sob o vexilo da Virgem Auxiliadora da qual sois filhas, obedeci e trabalhai.

Talvez não tarde a ressoar em vossos ouvidos a possante voz dizendo que o Esposo se aproxima: “Eis que esposo vem, saí ao seu encontro”; e então, sem angústia e sem pena, ireis ao seu encontro e com Ele celebrareis eternas núpcias.”

Estas e outras palavras produzem grande alegria e ao mesmo tempo uma tão viva comoção que por um instante há um livre desafogo de soluções e lágrimas.

Cantam-se o Ave maris Stella e o Tantum ergo, e se dá a bênção com o SSmo. Sacramento. Terminada esta função, o sacerdote lê a oração dos peregrinos, invocando sobre o pio e devoto grupo a proteção de Deus na longa e perigosa viagem que estão para começar.

Como o dia está para cair, a partida de Mornese é transferida para o outro dia. O resto da noite é empregado na troca de recorda-

ções, das promessas de oração uma pelas outras, em palavras e promessas de se encontrarem um dia todas juntas na Pátria celeste, de onde será banida “in eterno”, toda pena e toda a dor. ⁽²⁸⁾

ÚLTIMAS LEMBRANÇAS ÀS MISSIONÁRIAS

O Pe. Lemoine, ao saudar as Irmãs, põe na mão de cada uma pequena imagem de São José, com estas lembranças:

- 1 — obediência pronta à vontade de Deus;
- 2 — resignação alegre à vontade do divino beneplácito;
- 3 — indiferença generosa por tudo aquilo que não diz respeito à vontade de Deus.

A Madre também deu as suas lembranças a cada uma em particular, segundo as necessidades pessoais. A uma, que a queria escrita, escreveu de próprio punho: “Pensa muitas vezes: — que vim fazer na vida religiosa? Vim para fazer-me santa, e fazer o bem às almas. Com este pensamento farás um grande bem. O Paraíso não é para os medrosos: há necessidade de ganhá-lo fazendo violência. Confia no confessor e na tua Diretora. Sê sempre alegre.”

A Madre tem necessidade de falar particularmente com Ir. Maddalena Martini, que é a chefe do grupo, e que chegando à América deverá assumir, com o título de *Provincial* ou *Inspetora*, o cuidado das Irmãs missionárias das casas abertas ou que irão abrir. Será portanto, a primeira Inspetora do Instituto. Possui um tesouro de virtude, mas aborrece todo cargo e é excessivamente tímida; portanto a Madre procura fazê-la amar os seus novos deveres e não se cansa de recomendar-lhe a vigilância para que reine o bom espírito, o trabalho ordenado e incansável, a dependência dela e das Irmãs a D. Bosco e aos Superiores que o representam.

As dez missionárias são: Ir. Maddalena Martini, Ir. Filomena Balduzzi, Ir. Emília Borgna, Ir. Vittoria Cantu, Ir. Caterina Fino, Ir. Maria Magdaleine, Ir. Virginia Magone, Ir. Jacinta Olivieri, Ir. Domenica Roletti, Ir. Giuseppina Vergnaud. Todas estão comovidas; até Madre Petronila, que a Madre chamou de Nizza para satisfazer o desejo de Ir. Maddalena Martini, a ela tão afeiçoada, está enternecida.

As que iam viajar propunham de esperar o momento da partida, sem se entregar ao repouso. Mas a Madre prefere que se recolham,

(28) Cf. Bolletino Salesiano, fevereiro de 1879, ano III, págs. 5-7.

seja mesmo por breve tempo. E as filhas obedecem, embora todas fiquem pesarosas por passarem no sono, essas últimas horas de permanência em Mornese.

No entanto, a Madre aproveita para terminar suas cartas para Villa Colón.

DA MADRE PARA AS SUAS FILHAS DE VILLA COLÓN

Viva Jesus e Maria!

Minha sempre querida Ir. Angiolina [Vallese],

já faz um ano que não nos vemos mais, não é verdade? Como o tempo passa! É necessário que o aproveitemos para adquirir tantos merecimentos e assim estar prontas para quando o Senhor nos chamar. Estou contente que as Irmãs sejam boas e trabalhem; é nossa responsabilidade fazê-las crescer sempre na virtude: primeiro com o exemplo, porque as coisas ensinadas com o exemplo permanecem impressas e fazem um bem maior, mas também com as palavras. Anime-as sempre a serem humildes, obedientes amantes do trabalho, a trabalharem com reta intenção; a serem sinceras e abertas sempre e com todos. Mantenha-as sempre alegres, corrija-as com caridade, mas não lhes perdoe nenhum defeito. Um defeito corrigido logo, às vezes, não é nada. Se ao contrário, chega a lançar raízes, é necessário depois muito trabalho para extirpá-lo.

Agora você terá Ir. Madalena como Provincial: dê-lhe relação daquilo que você faz e de como são as Irmãs. Aconselhe-se com ela muitas vezes, a viva voz ou por escrito. Eu também espero suas notícias; escreva-me sempre. Reze por mim; entre muitas vezes no Coração de Jesus, eu entrarei também e assim poderemos nos encontrar perto e dizer-nos tantas coisas.

Os seus parentes estão bem; reze por eles. A mãe de *Mariín* faleceu, reze também por aquela boa alma. Sua irmã está bem e continua sempre boa; atualmente encontra-se em Alássio como cozinheira; reze muito por ela e por todas as Irmãs.

Fique alegre: não tanto medo por causa dos defeitos que você não consegue corrigir de uma vez; mas pouco a pouco, com a boa vontade de combatê-los, não fazendo jamais a paz com eles todas as vezes que o Senhor lhe concede percebê-los, faça a sua parte para emendar-se, e você verá que pouco por vez os vencerá todos. Coragem, portanto e grande confiança em Deus e um bom espírito de desprezo de si mesma e você verá que tudo sairá bem.

Apresente meus cumprimentos ao seu bom Diretor: diga-lhe que embora eu o conheça tão pouco, agradeço-lhe todo o bem que faz a cada uma de vocês e peço ao Senhor que lho pague com muitas graças e bênçãos. Recomende-me muito às suas fervorosas orações.

Deixo-as no Coração de Jesus e peço a Ele que as abençoe e as faça todas suas e as conserve sempre unidas e alegres, e rezem muito por mim que não as esqueço em minhas pobres orações e creiam-me, no Coração de Jesus Menino, a sua

Af.ma Madre

a pobre Irmã Maria Mazzarello

As notícias das Casas, as Irmãs as darão; façam-nas contar muita e muita coisa; mantenham-nas alegres; dêem-lhes muita coragem.

Viva Jesus Menino! e Viva Maria! Viva São José e vivam todos os Santos do Paraíso! E vivam todas as boas Filhas de Maria Auxiliadora! Coragem, coragem minhas boas filhas!

Viva Jesus e Maria e S. José

Minha boa Irmã Laura,

o seu bilheteinho, embora escrito em espanhol, eu o compreendi e me deu muito prazer.

Embora não a conheça, quero-lhe muito bem, minha querida Irmã Laura, e rezo por você. Espero conhecê-la um dia no Paraíso. Oh! que bela festa faremos então!

Você, no entanto, que é a primeira Filha de Maria Auxiliadora da América, precisa tornar-se uma grande santa, para que muitas jovens americanas sigam o seu exemplo.

Embora tão grande distância nos separe formemos um só coração para amar o nosso amado Jesus e Maria SS. e podermos sempre nos ver e rezar uma pela outra.

Creio ser inútil recomendar-lhe ser obediente, humilde, caridosa e amante do trabalho. Faz poucos meses que você fez vestição. Portanto, ainda está bem fervorosa. Recomendo-lhe que não deixe apagar o fervor que o Senhor lhe acendeu no coração. Pense, uma só coisa é necessária: salvar sua alma. Mas para nós religiosas não basta salvar a própria alma. Devemos nos fazer santas. E com as nossas boas obras, fazer santas outras muitas almas que esperam de nós um auxílio. Coragem, portanto. Depois de poucos dias de combate, teremos o Paraíso para sempre. Fique sempre alegre. Tenha grande confiança com seus Superiores. Não esconda nada. Tenha sempre o

coração aberto. Obedeça sempre com toda simplicidade e jamais errará.

Reze por mim e por todas as Irmãs. Todas, Irmãs e postulantes agradecem as saudações que mandou e enviam outras tantas no coração de Jesus.

O Senhor a abençoe e lhe conceda santa perseverança e todas as graças necessárias para ser uma boa religiosa e verdadeira Filha de Maria Auxiliadora. Adeus, minha boa Irmã. Creia-me no Senhor

Af.ma Madre

Ir. Maria Mazzarello (29)

DE MORNESE A SAMPIERDARENA

Ainda não soara a primeira hora do dia 30 e a pequena comitiva enfrentava a escuridão quebrada apenas por algumas lanternas. As dez missionárias vão acompanhadas por Madre Petronilla e pela postulante Giacinta Borgna, irmã de Ir. Emília que partia e de Ir. Joana que já se encontra no Uruguay.

Quanto sofrimento naquele jovem coração! Mas mostra-se forte, também em sinal de gratidão à Superiora que quis uni-la às missionárias, para que saísse na fotografia e assim sua mãe que está na América, possa vê-la juntamente com a irmã que parte.

Não está mais nevando. Tudo porém, está coberto de neve e o caminho se torna cansativo.

As primeiras subiram na carruagem discretamente. Mas as outras... Tratava-se de uma charrete bem alta. E os degrauzinhos que permitiam alcançá-la estavam úmidos e escorregadios por causa do gelo. Precisava, pois, que tivessem bastante cuidado para não caírem antes de se acomodarem lá em cima.

Os solavancos eram tão fortes que algumas preferiram descer e fazerem a caminhada a pé. Mesmo porque isto as ajudaria a aquecerem-se um pouco. Não conseguem, porém, vencer o gelo. Além disso têm que atravessar o rio Albedosa, não profundo, mas largo e cheio de pedras. Está tão escuro e as dificuldades são tantas, que é preferível aguentar os solavancos e voltar ao carro de novo.

Finalmente, eis Serravalle. Madre Mazzarello, prática do caminho, partiu depois delas e chegou primeiro. Comprou as passagens e as espera.

(29) Os originais autografados se encontram no Arquivo Geral das FMA.

Encontram-se no trem com o Diretor Geral que logo procurou assegurar-se de que estivessem bem preparadas para o frio, providas de tudo e se precisavam de algo em particular. Em que ele não pensou? Em Turim esteve atento e lhes seguiu o estudo da língua espanhola, depois lhes deu normas práticas para a vida missionária; recomendou à Madre que as fizesse estudar também em Mornese e predispô-las a qualquer trabalho mesmo o de ensinar, qualquer matéria, confiando em Deus, que oportunamente, operará milagres.

AGRADECIMENTO E ORAÇÃO

Em Sampierdarena já se encontram os missionários e o próprio D. Bosco que quis acompanhá-los até o navio.

Em Mornese, o ano termina com tantos motivos para reflexão e para oração: dez Irmãs partem. A Madre se ausenta, a casa está quase vazia, em Nizza as internas fazem festa em torno às caríssimas superiores. Estas, no entanto, voam com o pensamento até Mornese, à Madre Mazzarello, às Irmãs que partem, e com um hino de gratidão a Deus, elevam augúrios de “boa viagem” às missionárias e de súplica ao Coração Divino, para que bem depressa a Madre se estabeleça entre elas, em Nizza.

ANO 1879

O ANO NOVO MISSIONÁRIO

Vive-se o mesmo pensamento em Mornese, Nizza e Turim: a partida das dez missionárias. É o segundo grupo que vai para longe e a família sofre com isso.

As que partem são as mais alegres.

Deixaram Mornese, mas o silêncio da noite — fim de um dia cheio de novidades, e na expectativa de outras maiores na manhã seguinte — presta-se muito bem para se tentar compor o quadro do futuro próximo, já delineado claramente no Boletim Salesiano de novembro e dezembro passados: fundar jardins de infância repassados de caridade e de paz, para acolher os pequeninos emigrados italianos nas periferias mais populosas dos centros argentinos; por meio deles, abrir o caminho entre os selvagens; encontrar-se em terras distantes onde os nomes de Jesus e de Maria ainda não ressoaram e entoar, com os neófitos, o canto de fé e de amor e continuar a obra da redenção divina.

Grandes serão as barreiras, muitas as insídias, inúmeros os sacrifícios; mas teremos conosco os Anjos da Guarda de todos que hão de receber de nós a luz do Evangelho.

Assim, as dez missionárias, hóspedes felizes das boas Irmãs, que cuidam da rouparia dos salesianos em Sampierdarena, entretêm serenamente o pensamento nas silenciosas horas noturnas que as preparam para o verdadeiro dia do “adeus”.

A MADRE ESCREVE À IRMÃ JOANA BORGNA

A Madre não vai dormir sem escrever uma cartinha à Irmã Joana Borgna.

Viva Jesus! Maria! José

Minha querida Irmã Joana,

o teu bilhete trouxe-me tanta alegria. Estou contente por saber que tens boa vontade em tornar-te santa. Mas lembra-te de que não basta começar, é preciso continuar, é preciso combater sempre, a cada dia. O nosso amor próprio é tão esperto que, quando nos parece estar um pouco adiante em algo de bom, nos faz bater com o nariz por terra. Ah! Esta vida é uma contínua guerra e não podemos cansar-nos se quisermos ganhar o Paraíso. Coragem, minha boa Irmã Joana, procura ser sempre modelo de virtudes: de humildade, de caridade e de obediência, e como o Senhor vê o coração, é necessário que estas virtudes sejam praticadas lá em nosso íntimo, mais do que em atos externos. Se a obediência te parece muito difícil, olha o Paraíso e pensa no prêmio que te espera lá no alto.

Agora tens tua irmã mais perto de ti; estás contente? Giacinta está bem. Reza para que seja boa e fica tranqüila. Terei todo cuidado com ela. É verdade que estás “muffita” ⁽¹⁾? . . . Fica logo boa, pois tens que trabalhar. Pedes ao Senhor que te dê o tempo para tornar-te santa e salvar muita gente. Fica sempre alegre, sê muito boa, trabalha de coração para Jesus e reza para que um dia nos encontremos no Paraíso. Coragem, reza por mim, por todas as tuas Irmãs. Que Deus te abençoe e te faça toda sua. Sou no Coração de Jesus

Afeiçoada Madre,

a pobre Irmã Maria Mazzarello ⁽²⁾

Viva Maria!!! Responde-me.

1.º de janeiro de 1879

O DIA DA PARTIDA

Cedinho, as missionárias já estão de pé com o rosto radiante e o coração em festa. À hora fixada, participam da Missa celebrada pelo venerando Fundador, recebendo dele a Santa Comunhão e palavras de encorajamento.

A bênção do Santo Padre chega aos missionários através de um telegrama enviado a D. Bosco.

(1) *Muffita*, expressão dialetal que significa: de aspecto extenuado, desgastado.

(2) Original autógrafo in Arq. Geral FMA.

As nossas missionárias desejariam levar as primeiras cópias das Santas Regras que já estavam na gráfica, desejavam também levar a fotografia do 1.º grupo, pois, ali no meio estava a Madre. Mas... “Sinto muito — diz Madre Mazzarello — mandar vocês para tão longe sem que as Regras estejam prontas. Contudo fiquem tranqüilas: as primeiras cópias serão para vocês; vocês vão ver que poderemos mandá-las logo.

O venerado Pai, já com a saúde bastante abalada, não pode ir ao porto, por isso, antes que saíssem definitivamente para Gênova para o embarque, dá às queridas filhas, uma bênção.

A quem lhe pede: “Ó Pai, abençoe-nos de modo que nenhuma morra em viagem”, D. Bosco, depois de um momento de reflexão, responde: “Não, não acontecerá nenhuma desgraça. Mas se alguma terminasse seus dias no oceano, enquanto vai para as missões — oh! que maravilha! — nem passaria pelo Purgatório!”

Ao ver os Salesianos e as Irmãs indo embora, o bom Pai se comove e sofre tanto que decide, de ora em diante, abençoar seus missionários quinze dias antes da partida.

As dez Irmãs foram acompanhadas até o navio por Madre Mazzarello e Madre Petronilla que ali se entretêm até o último instante.

Às 16 horas do dia 2 de janeiro, o Sudamérica, com um tiro de canhão, deixa o porto e as missionárias continuam a dar adeus às duas Superiores até que não mais se distingue o aceno dos lenços.

O navio se afasta e as duas voltam silenciosas ao Instituto onde encontram D. Bosco à espera das últimas notícias. Ele as ouve comovido; depois, assumindo um aspecto de inspirado, abre os braços e exclama com muita alegria: “Fiquemos alegres. Fiquemos alegres! A Congregação se expande!...”

Depois de combinar com o Fundador algo sobre a reorganização da Casa de Mornese que se esvazia cada dia mais, a Madre volta de Sampierdarena para tomar as medidas relativas à transferência da Casa Mãe para Nizza Monferrato. Aí se reunirão, pouco a pouco, as Irmãs vindas do ninho mornesino, e para aí também acorrem as postulantes que desejam pertencer ao Instituto.

O “BOLETIM SALESIANO” APRESENTA O ORATÓRIO DE CHIERI

Com um artigo intitulado “Uma esperança não frustrada”, o Boletim Salesiano de janeiro dá relação do Oratório de Santa Teresa, em Chieri.

“Entre as vinte e duas casas que, com a ajuda da Divina Providência e com o apoio dos nossos cooperadores e cooperadoras, abrimos no ano passado, está o Oratório de Sta. Teresa para as crianças e jovens da ilustre e laboriosa cidade de Chieri. Noticiando no Boletim de agosto que enviamos as Irmãs de Maria Auxiliadora, pertencente à Congregação salesiana, para dirigir aquela casa, externávamos ao mesmo tempo a esperança de que Deus a abençoaria e a faria prosperar. A nossa esperança não foi frustrada.

As jovens que freqüentam o Oratório nos dias festivos, especialmente à tarde, de 250 que eram no princípio, hoje perfazem um número superior a quatrocentas.

Pela manhã, abre-se a Igreja. Há possibilidade de confissão para quem desejar. Ali pela 8h. começa a Missa. Preparadas pelas Irmãs assistentes, muitas comungam. Recebem Jesus que as conservará puras e as protegerá das insídias que o demônio e o mundo lançam sobre elas ainda inexperientes e de tão frágil idade. Um breve sermão adaptado às jovens encerra a devota função.

Porém, com isso não terminam as ocupações da manhã. É bom saber que a cidade de Chieri tem muitas fábricas de linho e tecido, nas quais se ocupam, da manhã à tarde, centenas de adolescentes e jovens. Por essa razão, especialmente nos anos passados, muitas que não puderam e mesmo agora não podem freqüentar as Escolas Públicas, ficam quase analfabetas e não sabem nem mesmo escrever o próprio nome. Como tal ignorância dos primeiros elementos de leitura, escrita e aritmética poderia hoje, mais do que nunca, ser de grande dano à família, as Irmãs providenciaram uma escola gratuita, das dez horas ao meio-dia. Freqüentam essa escola mais de cem meninas entre os nove e quinze anos e mais umas quarenta maiores, divididas em três classes, conforme a idade e a instrução.

Esta era a outra ocupação do Oratório pela manhã, nos dias festivos: a primeira exclusivamente religiosa, a segunda, cultural; ambas resultam de muito agrado para as laboriosas e modestas famílias da cidade.

Mas as ocupações e funções mais proveitosas do Oratório Santa Teresa, são as da tarde. Que maravilhoso espetáculo, das duas às cinco! No primeiro pátio, vemos umas duzentas crianças de sete a dez anos; num segundo, mais de cento e cinqüenta de onze a quatorze; depois, num terceiro, umas sessenta, de quinze anos para cima e todas como filhas da mesma família, travessas e alegres, divertem-se juntas com grande amizade.

Há quem corra, quem salte, quem cante, quem converse animadamente, sempre assistidas nos respectivos pátios, por uma ou mais Irmãs e pelas jovens mais crescidas e maduras. Não é portanto de se admirar que ao mesmo tempo que estas inocentes brincadeiras lhes sejam agradáveis, sejam também apreciadas por seus pais, os quais, sabendo que suas filhas estão naquele lugar, seguras e longe dos perigos, ficam muito contentes. Sabemos de uma boa mãe, que tendo levado uma de suas filhas e tendo visto aquele espetáculo se comoveu tanto a ponto de chorar de emoção.

Depois de mais ou menos uma hora de brincadeira, a um toque da campainha as meninas tomam seus lugares por classe e por idade e acompanhadas pela própria professora ou catequista seguem para uma meia hora de catecismo.

Em seguida o canto do Magnificat ou de outro louvor a Maria; depois uma pequena instrução ou prática e enfim a bênção com o SS.mo Sacramento. Assim, felizes espiritualmente, voltam aos jogos e distrações até o anoitecer. Então volta cada uma para casa contando os fatos, o que ouviram e esperando ansiosamente um outro domingo.

Como se vê, desta maneira, se conseguem dois resultados: instruir convenientemente as meninas e tirá-las dos perigos aos quais, principalmente hoje, estão expostas.

Colocamos aqui uma bela prova de piedade que deram, no começo do mês, as jovens maiores do Oratório e outras que elas trouxeram. No dia 8 de dezembro, Festa da Imaculada Conceição, era o dia do 2.º aniversário da inauguração do Oratório, quando se benzeu e colocou num simples canto da casa, uma imagem de Maria Auxiliadora.

Então, resolveu-se que seria muito oportuno celebrar neste ano, uma solenidade toda especial, para agradecer à Santa Mãe de Deus pelas inúmeras graças concedidas durante este tempo. E para preparar bem as jovens, fez-se uma novena de pregações. Todos os dias, às cinco e meia da manhã, celebrava-se a Missa e depois se fazia a pregação como nos exercícios espirituais.

A hora parecia imprópria, mas era a melhor para a maioria delas, já que às sete horas deviam estar no trabalho nas fábricas. A notícia da novena no "Santa Teresa" se espalhou entre as companheiras da cidade e foi aceita tão bem, que na primeira manhã a igreja estava repleta. Para que as maiores tivessem lugar, foi preciso avisar que nos dias seguintes, as menores de treze anos não poderiam vir. Mas, mesmo assim, nos dias seguintes o número das participantes não

foi menor que quatrocentas, pois o bom exemplo e a novidade da coisa, ou melhor, a graça de Deus, ia cada dia atraindo muitas jovens da cidade que jamais tinham ido ao oratório. Naqueles dias teve-se ocasião de falar sobre conceitos e verdades apropriados às condições delas; sobretudo mostraram-se os graves perigos que correm na sua idade inexperiente; que se pode muito bem unir a verdadeira alegria com a piedade sólida, e que só com a virtude, com a submissão, com a fidelidade ao trabalho e com a prática da religião católica, uma jovem consegue a alegria do coração e faz a sua felicidade e a da sua família.

O fruto da novena foi que todas, ou durante esta ou na festa, se aproximaram dos santos Sacramentos, de forma edificante, a ponto de muitas pessoas das cidades ficarem admiradas e dizerem: "O casal Bertinetti ficou feliz de ver, do céu, a sua casa servir assim à glória de Deus e ao bem das almas."

Para terminar, devemos dizer ainda de certas oposições de alguns, ultimamente contra este oratório. Mas se for preciso voltaremos ao assunto em outra ocasião".

Nas últimas palavras é evidente a alusão a uma penosa desavença, já existente há alguns meses no relacionamento com as Autoridades eclesiásticas. A Madre não se espanta: reza e pede orações e encoraja a aumentar o número das renúncias quotidianas e das ofertas espirituais ao Senhor, para obter a vitória da fortaleza cristã àquelles que são mais expostos aos ventos contrários: Ir. Rosalia Pestarino, Diretora da casa de Chieri; Pe. João Bonetti, o zeloso Diretor daquele oratório e, indiretamente D. Bosco, nestes momentos fora de Turim. ⁽³⁾

MORNESE REVIVE NAS CONVERSÇÕES DE NIZZA

As Irmãs transferidas para Nizza revelam o quanto em Mornese se conserva aceso o fervor, não obstante a diminuição do pessoal e as dificuldades económicas sempre mais sentidas. Que a casa de Nizza se torne êmula de tanto entusiasmo, transparece claramente nas conversas das Irmãs e das meninas, sempre animadas e alegres durante as recreações.

— Falta lenha? a Madre se une às filhas para ir buscar um pouco no bosque, ou fica sozinha em casa para fazer a polenta e levá-la depois às filhas espalhadas pelo bosque; chova ou faça frio, para ela nada representa!

(3) Anexo (Allegato) n. 22 a) - 22 i).

— Faltam braços na lavanderia? São os seus que estão aí. Assim para os diversos trabalhos de casa, conservando tal espontaneidade e desenvoltura que quase faz esquecer o seu cargo de Superiora. Goza-se trabalhando com ela; se ela falta por um momento, sofre-se, sentindo-lhe a falta.

— São sempre mais animadoras e fortes as suas palavras: “Tenhamos coragem! o bom Deus fará sempre mais bela a nossa alma e premiará aqui na terra e no Paraíso o mínimo sacrifício que fazemos.”

“Você já fez alguma coisa sem a intenção de agradar a Deus? Por caridade, não trabalhe só porque há trabalho ou por outro motivo qualquer, mas assegure-se o mérito do que faz orientando para Deus todo o seu sofrimento e ações.

— Vós que não a conhecestes ainda vos admirais talvez de nos ouvir sempre falar da Madre, porque não conhecestes. Se vierdes logo a Nizza, como esperamos, vereis e sabereis, também vós, tantas coisas belas e grandes!

— Vamos Angeliquinha, diga às suas novas companheiras o que recorda de Mornese!

— Recordo que as Irmãs punham pedrinhas nos sapatos quando iam passear conosco ou quando iam ao rio para lavar a roupa. Falavam-nos muitas vezes do Anjo da Guarda e nos diziam para deixar-lhes um lugarzinho à nossa direita e de ceder-lhe também na cama, a parte melhor, e alguma por ceder e ceder, dormindo, acabava caindo da cama.

— Lembram-se da Luisa Verdi?

— Oh, sim! Para imitar o Menino Jesus no frio da gruta, quantas vezes, de noite tirava a coberta de lã e de dia não se agasalhava bem! No verão, ao contrário, inventava sempre um modo para cobrir-se mais do que o necessário e sofrer o calor do Menino Jesus na areia do deserto africano!

— Era maiorzinha esta Luisa Verdi?

— Não! Tinha nove ou dez anos como eu; a sua mãe levou-a para casa com medo que se tornasse Irmã; e a pobre Luisa chorava a mais não poder! Por sorte, na noite anterior fora preparada por Nossa Senhora para aquele sacrifício, senão eu não sei o que teria feito!

— Preparada por Nossa Senhora?

— Sim! sonhou que seus parentes viriam buscá-la e que . . .

— Mas eram todas santas em Mornese e também vocês crianças!

— Ouça, ouça! A Verdi, para se confessar bem decorava um pedaço do exame de consciência que encontrava nos livros e depois o repetia ao confessor. É claro que o confessor percebia isto, porque algumas vezes, depois de ouvi-la um pouco, fechava a janelinha do confessionário. . . E ela chorava a valer; e nós todas em volta a consolávamos. Mortificava-se tanto que se por exemplo, tinha muita sede, pedia muitas vezes a nós mesmas a licença para ir beber um pouco de água, e ia à fonte da água fresca, mas ficava ali a contemplá-la e voltava sem ter tomado uma gota.

— É verdade, Angeliquinha, que na sua primeira comunhão Nossa Senhora lhe disse não sei que e que você fez uma feridinha na testa?

— Não fui eu, não fui eu! Foi Giacinta Borgna. Éramos sete da primeira comunhão, todas já no altar para receber o Senhor. A Madre nos tinha feito uma recomendação: “Nem a sombra de um pensamento deve apagar o vosso candor: e se um só vier incomodar-vos, deveis afastá-lo logo.”

— Giacinta deve ter se lembrado porque começou a mexer os pés, depois a sacudir a cabeça, a passar muitas vezes a mão na testa e finalmente a beliscar-se e arranhar-se tanto até sair sangue. Vimos isto depois da comunhão e o soubemos pela própria Giacinta quando lhe perguntamos o motivo. Começamos a rir, mas ela muito séria disse: “Quando a Madre fala, fala mesmo; e eu iria ao fogo para praticar o que ela diz.”

Giacinta entendia as coisas melhor do que eu, ainda que não houvesse grande diferença de idade entre nós.

— Era a noite de Natal de 75, na primeira Missa do Pe. Campi. Eu tinha então apenas sete anos e recorde que perto do confessionário do Pe. Costamagna, especialmente nós, as menores, chorávamos todas, porque ele tinha dito que primeira comunhão é o primeiro elo da corrente: e nós tínhamos medo de não fazer bem aquele primeiro elo.

De uma outra coisa me lembro ainda: naquele dia procurei uma Irmã para pedir uma bela imagem e minha irmã, Ir. Henriqueta me disse: “Como? No dia da primeira comunhão se pensa em imagens? É em Jesus que precisa pensar, em Jesus que está no coração.”

— Misericórdia! Que seriedade lá dentro! Eu não ficaria em Mornese nem três dias!

— É porque você não esteve lá, senão... Elas nos faziam também estar alegres, sabe? Entre os cantos que o Pe. Costamagna tinha composto para nós e as comédias do Pe. Lemoine, pode acreditar! passavam-se grandes e belos dias de recreações. E depois... e depois; depois vocês verão também aqui quando a Madre vier, o quanto a gente se sente bem perto dela e como tudo toma o tom da mais singela alegria.

— Realmente Irmãs e meninas vindas de Mornese dizem a mesma coisa: a Madre tem o poder de fazer gozar mesmo no sacrifício; e não se sabe de onde tira a virtude de fazer amar e procurar aquilo que, por natureza, é desagradável e só serve para mortificar alma e corpo.

— É verdade que duas ou três das de Mornese tendo que tomar leite porque eram fraquinhas, punham dentro do leite ervas amargas e também vinagre para não sentir o bom gosto e fazer uma cura espiritual enquanto cuidavam da sua saúde?!

— Se é verdade? É a coisa mais natural deste mundo para aquelas que viveram com a Madre.

— Que estará fazendo neste momento, a nossa Madre em Mornese?

— Certamente a sua tarefa de Cirineu e de Verônica!

— Mas... é realmente o seu trabalho este de ajudar a todas e de enxugar lágrimas?

— Assim dizem as Irmãs, e aqui está uma que pode tirar qualquer dúvida.

— Irmã, Irmã, é verdade que a Madre é tão maravilhosa para enxugar lágrimas?

— Oh, se é verdade! Lembro-me como se fosse ontem! A Madre não tinha nada para dar de almoço para o grupo que ia ao rio lavar a roupa, e disse a nós três ou quatro postulantes de Mornese: “Enquanto nós vamos na frente, vocês passam bem depressinha em suas casas para um abraço e vejam se lhes podem dar um pouco de farinha para uma bela polenta”. Assim fizemos e a farinha chegou. Paramos um instante para acomodar o pacote dos poucos punhados de farinha que obtivemos e... caiu por terra todo aquele bem de Deus! A estrada era toda de pedrinhas e terra e sentimos um calafrio! Apanhamos o que pudemos e o mais depressa possível. Corremos para o rio para dizer à Madre tudo o que tinha acontecido. Ela nos olhou nos olhos e com aquele seu jeitinho sério e bondoso, nos disse: “Mas

vejam se é preciso chorar por isso! Temos a farinha e graças a Deus! Não tínhamos tempero, mas a Providência no-lo deu na estrada. Ah! Ah! A água fervendo conserta tudo. Aquela polenta, asseguro! — nunca comi outra mais gostosa; pois foi temperada com sonoras risadas enquanto era saboreada, pois a Madre a cada rangido da areia entre os dentes repetia: “Atenção à música!”

— Quem não se lembra da última excursão que fizemos a S. Silvestre, em Mornese?

— Que beleza! que beleza! quantos cantos, risos, colheita de castanhas para comê-las cozidas! A própria Madre as cozinhava para nós, não é Ir. Henriqueta?

— Pois bem, digo-lhes agora o que ainda não lhes falei. A pobre Madre estava preocupada porque também naquele dia não sabia o que nos dar no jantar: tinha acabado tudo e nada havia chegado de Gavi!

Ela me disse: — Como faremos, Riqueta?

— Madre, vamos colher castanhas, apanhamo-las pela estrada, depois uma belo punhado de castanhas que sirva de merenda e jantar. . . ; depois, um pouco de oração e vamos dormir!

— Sim, sim. Riqueta, vamos fazer assim; eu também vou com vocês. . . e que o Senhor no-las mande bem boas!

— A Madre. . . lembram-se? . . . a primeira da fila; a mais esperta para chegar às castanhas; a mais ágil para recolher as boas entre as estragadas. . . e a ajuntar gravetos e lenha seca para cozinhá-las ao ar livre em uma panela emprestada e ao mesmo tempo animando o canto, o jogo, a corrida. Ao final, oh! que cansaço nas pernas! . . . e quase nenhum apetite.

É verdade, é verdade sim! Chegando a casa, fomos logo para a cama, muito contentes, sem saber que as castanhas tinham tirado um grande peso da Madre e tinham dado uma alegria imensa.

— Destes episódios da Madre teríamos muito para contar; mas vocês também a conhecerão. . .

A MADRE NA VÉSPERA DA SUA TRANSFERÊNCIA PARA NIZZA

Naturalmente estas conversas aumentam ainda mais o desejo das filhas de terem a Madre em Nizza. Ela, por sua vez, começa a sentir a necessidade de chegar à comunidade já quase toda reunida na nova casa.

No entanto sente pena de ver quase deserto o colégio, a obra que tinha custado inúmeros sacrifícios; sente ter que deixar crianças, companheiras, conhecidos queridos, prevendo que ficarão sem tantos auxílios morais e espirituais, com a partida das Irmãs.

Parece-lhe sentir a tristeza do Pe. Pestarino, por aquele colégio que morria e que fora construído mais com orações e lágrimas do que com pedras e tijolos. Além disso, tem presente os seus queridos velhos pais, pelos quais foi sempre amada e apreciada e que deverá deixar justamente no momento em que eles têm maior necessidade de conforto e auxílio. Mas o Senhor tinha disposto assim, por meio de D. Bosco e o sacrifício devia ser feito com merecimento e alegria de espírito: por isso a Madre sorria ao pensar em Nizza e alegrava as poucas doentes ou enfraquecidas, que ficaram com ela em Mornese.

No entanto, Ir. Elisa Roncallo, do novo educandário N. S. das Graças, escrevia à sua mãe dizendo que em Nizza pode-se estar ao ar livre quanto se quiser; que as Irmãs têm uma bela vinha, uma igreja grande e linda, uma Madre vigária cheia de afetuosos cuidados para com cada uma delas e que, logo terão também a Madre...

PRIMEIRAS NOTÍCIAS DO SEGUNDO GRUPO DE MISSIONÁRIAS

A Madre recebe em Mornese as notícias das Irmãs missionárias e se apressa em comunicá-las a Nizza e a Turim.

A carta foi mandada da ilha de São Vicente, onde o navio ancorou na tarde da Epifania. Assegura que as missionárias, depois de terem sofrido o enjôo nos primeiros dias de viagem, estão bem, muito alegres, rezam, têm a sorte de ter a Missa e a Comunhão quase que diariamente.

Passam os dias trabalhando, estudando o espanhol e passeando ⁽⁴⁾.

Com esta visão das suas filhas que, em pleno oceano, serenas e confiantes, vão se afastando da pátria, a Madre já se prepara para eminente e definitiva partida de Mornese, para fixar sua residência na casa de Nizza Monferrato, pronta para acolhê-la.

É uma grande reviravolta na sua vida, como também na do Instituto, que com um mais amplo respiro vai ao encontro do seu futuro.

(4) Bollettino Salesiano, março de 1879, ano III, págs. 7-9.

Para os "Anexos" (Allegati) — consultar:
CRONISTÓRIA — Vol. II — pgs. 389-438.
Scuola Tipografica privata FMA, Roma, 1976

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	5
Ano 1872	
As provas não faltam	7
"Que importa o que dizem?"	9
A primeira conferência semanal	10
Admirável prudência do Pe. Pestarino	11
A primeira escola de humildade	11
Novas postulantes e pobreza antiga	12
Previsões consoladoras	13
O precioso dom do Menino Jesus	14
Madre Mazzarello intui o espírito de Emília Mosca	15
A noviça Clara Spagliardi se retira	15
Ano 1873	
Sábio projeto do Fundador	16
Os primeiros quadros da Via Sacra no Colégio	16
Humilde cordialidade	17
A primeira a aconselhar-se	18
Confessor extraordinário — 1. ^a quaresma no Colégio	18
Primeira Semana Santa no Colégio	19
Volta das Irmãs de Sant'Ana	20
Socorros providenciais	20
Um temor	21
Primeiro mês de maio no Colégio	21
Ver um Santo vivo	22
Encontro desejado	23
Conseqüências do encontro	25
Henriqueta Sorbone em Mornese	25

Reminiscências queridas	26
Abertura mornesina	27
A Vigária compreende o valor de Henriqueta e a prepara	28
Proposta das irmãs de Sant'Ana	29
Humildade desenvolva	29
Previsão da volta do Sr. Bispo	30
Santo Retiro em preparação às novas profissões e vestições	31
"Veni Sponsa Christi"	31
Ansiedade e vitória de Ir. Corina	32
Chegada de Dom Bosco	33
Dom Bosco deve antecipar a partida	34
A coroa de rosas	35
O primeiro aniversário abre-se com prática das lembranças	35
Novas Vestições e Profissões — A palavra do Bispo	35
Outras novidades	36
As coroas à Auxiliadora	37
Visita pastoral e celebração da crisma	37
Primeiros privilégios do Bispo	38
Exames e premiações no Educandário de Mornese	38
Partida das Irmãs de Sant'Ana	38
Irmã Mazzarello insistia em pedir uma Superiora	39
Propaga-se o conhecimento do Educandário de Mornese	39
A Senhora Blengini	40
Rezar por mais tempo?	41
E para a alimentação?	42
Mortificação e caridade	42
Ir. Mazzarello entra na visão de Dom Bosco sobre a instrução	43
Uma surpresa	43
A Senhora Blengini e Dom Bosco	43
A primeira Missa da meia-noite no Colégio	44

Ano 1874

O primeiro túmulo	45
Dúvida angustiante	45
Relatório do Padre Pestarino	46
Episódio significativo	48
As "recordações" do Santo Padre	48
Próxima visita do Padre Cagliariro	49
Primeiros exercícios espirituais das alunas	50
No confessor está Deus	51
Disposições paternas	52
Dom Bosco pela aprovação das Constituições	53
Nobre competição	54
Pobre Corina	55
Via Sacra em prantos	56
O pensamento em Corina	56
Notícias da Família	57
Aprovação das Constituições Salesianas e conseqüências para as FMA	57
A Senhora Blengini não voltará a Mornese	59
A carta da humildade	60
Outras postulantes e a pequena Sorbone	60
Nas pequenas pensará a Vigária	61
Corina volta	61
Uma postulante particularmente querida de Jesus	62

Alegria que entenece	63
O Diretor troca a terra pelo céu	63
Benfazejo mesmo após a morte	66
Primeira fotografia do Padre Pestarino e preparativos para os funerais	67
Chegada do Padre Cagliero	67
Funerais	68
Morre a aluna Emília Chiara	69
O novo Diretor	69
Também Ir. Corina no céu	69
Dom Bosco vem pessoalmente consolar as suas filhas	70
Primeiro aceno de Borgo S. Martinho e da Eleição da Superiora	71
O inimigo não dorme	72
Almas simples	73
As pequenas provas mornesinas	73
A palavra do Pai	74
Ainda algumas mudanças no hábito religioso	74
Dom Bosco e os mornesinos	75
Dom Bosco à Senhora Pastore	75
Primeiras eleições e primeiro Capítulo	76
Disposições de ordem e disciplinares	77
Uma conferência somente para as Superiores	78
Em Turim para os exames	79
Novas preocupações	80
Um presente de Nossa Senhora da Assunção	80
Os Exercícios Espirituais	80
A família cresce	81
O Diretor está muito doente	81
Vocação combatida	82
Morre o Padre José Cagliero — O Diretor Geral volta a Mornese	83
O Padre Cagliero admira a intuição espiritual da Madre	84
O novo Diretor, Padre Costamagna	85
Padre Bonetti em Mornese	86
Em direção à nova colmeia	87
Novas partidas	88
A Madre pela primeira vez em Turim	88
A primeira FMA nomeada professora municipal	89
Solenidade de Todos os Santos. Um presente da Madre	89
Um decreto episcopal	90
Novena e festa da Imaculada	90
Novena e festa do Natal	91
Pequenas iniciativas de Irmã Henriqueta e episódios graciosos	92

Ano 1875

Saudação religiosa	94
A Madre vê, trabalha e consola	95
Frutos de emulação	96
Pobres mas alegres	97
Ação do Diretor	98
Modificações nas práticas da comunidade	99
A lavagem de roupa no rio	100
O carnaval santificado	101
Outras Postulantes — Vocação de obediência	101
Novena de São José. — Uma rosa para o céu	102
Nova perplexidade	103

Festa de São José	103
Maria Belletti Postulante	104
As chaves da casa para Maria Auxiliadora	106
Postulantes de Sondrio e de Turim	106
A resposta de Dom Bosco	106
A primeira imagem de Maria Auxiliadora em Mornese	107
A florzinha mais bela	107
A serenata à Auxiliadora	108
Não mais como fradezinhos	108
O vestido branco para a vestição	108
Uma tonsura e uma primeira Missa	109
O hábito preto	109
Esplêndida reunião noturna	110
O trabalho da Madre sobre as almas	110
Um “postulante” recusado	112
Duas novas Irmãs estudantes em Turim	112
Primeira visita do Padre Rua	113
Gratas visitas	113
Um passeio	114
As Irmãs de Borgo S. Martinho	114
Alguma nuvem na comunidade	114
A Ave-Maria pela a paz em casa	115
O sermãozinho de Boa-Noite no jardim	115
Humilhação evitada	115
Exercícios espirituais	116
Dom Bosco anuncia os votos perpétuos	116
Primeiras profissões perpétuas — Outras profissões temporâneas	118
As “Lembranças” de Dom Bosco	118
Palavras do Fundador sobre a clausura	118
Dom Bosco em Ovada revê as Regras para as FMA	120
Também Angiolina Sorbone conquistada pela bondade da Madre	120
Novembro: partida do Padre Cagliero para a América	121
Por causa da Bacchialoni, a Madre em Borgo e em Turim	121
Os pedreiros se vão	122
Festa da Imaculada — Padre Rua Diretor Geral	122
Uma saída	123
Primeira Missa do Padre Campi — Primeira Comunhão no Natal	123
Também a segunda das Arecco	124
O ano termina bem	125
Uma carta da Madre para o Padre Cagliero	125
Escreve também o Padre Costamagna	129

Ano 1876

Decreto de aprovação das Constituições “ad experimentum”	131
Irmã Laurentoni recai doente: outras pioram	132
Para um dique ao protestantismo	132
As primeiras “Quarenta Horas” no Colégio	133
Um fato extraordinário	133
Partida para Bordighera	134
Morte de Irmã Cassini	135
Segredo revelado... pela metade	135
Irmã Madalena Martini — Professora Municipal	135
Em Bordighera	136
Experiência fracassada	137

Livres do perigo	137
Finalmente a casa para as jovens em Valdocco	138
Fundação importante	138
Notícias de Turim	139
Partida de Irmã Jandet	140
Madre Mazzarello ao Padre Cagliari	140
Irmã Maria Grosso deixa a terra pelo o céu	143
Sinal visível de proteção celeste	145
A Madre vai a Turim	145
Volta da Madre a Mornese	148
Cura instantânea	149
Festa de Maria Auxiliadora	149
Agostinha Simbeni	150
As alunas pequenas têm medo dela	151
“Provai-a na humildade”	151
Irmã Mina vai a Turim	153
Irmã Henriqueta escolhida para a colônia de Sestri	154
Partida para Sestri	154
Outras esquisitices de Agostinha	155
Como Madre Mazzarello cuida das postulantes	161
A Madre conduz Agostinha a Dom Bosco	161
A Madre em Mortara, por erro	162
A “Menina” reconduz Agostinha a Mornese	163
Finalmente a libertação	163
O onomástico da Madre	164
Terceira carta da Madre ao Padre Cagliari	164
O espírito turbulento de Agostinha	167
Questão espinhosa	167
Onomástico do Diretor e passeio a Tobio	168
Exercício de pobreza e afeto religioso	169
Retiros para Senhoras	170
Nova variação no hábito	171
Dom Scotton muda de opinião	172
Festa dos prêmios	173
Paterno interesse do Padre Rua	173
Uma outra Irmã no Paraíso	174
Paternidade sempre vigilante	174
Os Retiros para as Irmãs somente	175
Troca de caras notícias: de Mornese	175
De Borgo S. Martinho	177
De Bordighera	177
Até as migalhas	177
Com as postulantes	178
De Turim	178
Transferência de pessoal	179
Primeira Missa do Padre Fassio	179
Retorno de Sestri	179
Ainda as conseqüências de Agostinha Simbeni	180
Também Ir. Mina no céu	180
A fundação de Biella	180
A fundação de Alássio	181
Notícias do Padre Cagliari	182
Outros movimentos de pessoal — Duas novas Assistentes Gerais	187
As vocações, mesmo pobres	187

Os “dois pratos” juntos	188
A casa de Lu Monferrato	188
Morte de Ir. Maria Belletti	189
As Irmãs em Lanzo	190
Festa da Imaculada e do Natal	190
Ainda notícias para a América	191

Ano 1877

“A Religiosa, cópia das Constituições”	194
Carnaval no Colégio: teatro e mortificação	194
O pensamento de Dom Bosco na visita às casas	196
Dom Bosco às filhas de Alássio	196
A Madre em Biella	198
A Madre em Borgo S. Martinho	199
A Madre volta a Mornese — Irmã Anna Succetti adoce e morre	200
Também Ir. Paolina Guala deixa esta terra	201
Novas professoras e noviças	202
Modificações no hábito: o modestino	202
A compra do convento de Nizza	204
Irmã Catarina Mazzarello de Alássio ao céu	205
Projetam-se as missões para as Irmãs	205
Também nos passeios a Madre é... uma mãe	205
Festa de Maria Auxiliadora e Vestições	206
O Colégio pelo Jubileu Episcopal de Pio IX	206
A Madre em Alássio	207
A festa da gratidão	208
Notícias alegres	209
O Padre Bonetti e Dom Ceccarelli para os exercícios espirituais	209
Virtude austera e amável da Madre e das Filhas	210
Encerramento do Retiro Espiritual	214
A espera de transpor a fronteira	215
O primeiro Retiro em Turim	215
Primeira fundação na França	216
Chegada do Padre Cagliari	217
Espírito de observância em Turim	217
Nas casas de Dom Bosco ninguém fica à força	218
Irmã Elisa Roncallo e o Sagrado Coração	218
Uma cartinha do Colégio	219
D. Bosco anuncia a primeira partida das Missionárias para a América	220
As primeiras Missionárias	222
Irmã Madalena Martini em Biella — Irmã Catarina Daghero em Mornese	222
Vocações preanunciadas pela Madre	222
A Madre em Lu Monferrato	223
Chegada do novo Diretor — Pe. Lemoyne	223
Partida do Padre Costamagna	223
Porfia de humildade para a viagem a Roma	224
Função do adeus	225
A Madre e as duas Missionárias de Mornese em Roma	225
Em Roma	225
Espera e chegada a Sampierdarena	228
Também a imagem da Auxiliadora com as Missionárias	230
Recomendações — Bênçãos — Lágrimas de adeus	231
“Quero amar Maria”	232

“Pai, eu irei à América?”	232
“Vocês se salvarão e salvarão outras...!”	233
Primeiras notícias da viagem	233
Dos Bosco abençoa e cura Irmã Josefina Quarello	234
Festa da Imaculada — Vestições e Profissões	234
Uma aluna que dá trabalho	235
A Mãre escreve ao Sr. Francisco Bosco	236
Festas natalinas — Súplicas ardentes	237

Ano 1878

Irmã Henriqueta na “prova”	238
De Mornese a Nice	239
Volta por Bordighera-Alássio	239
Ema promete finalmente	241
Outras notícias missionárias	241
Primeira visita ao ex-convento de Nizza Monferrato	243
A “Nossa Senhora”	244
Em Lu Monferrato	245
Dor e luto mundial	246
Ema começa a ter juízo	246
Alegria na Igreja Universal	247
A primeira casa das FMA na América	247
Um mês entre as Irmãs da Visitação	247
O Padre Cagliero em Mornese — Novas Vestições	248
A Madre com Irmã Emília em Biella	249
De Biella a Borgo S. Martinho	250
Falecimento da noviça — Irmã Teresa Guiot	251
Mês de maio: as “Doze Estrelas”	252
Carta da Madre a Maria Bosco	253
De Mornese a La Navarre (França)	254
Volta a Mornese	255
Conclusão do mês mariano — Festa onomástica antecipada	256
Ema Ferrero começa a dar esperança	256
Festiva partida para Turim — Fundação de Chieri	257
A Madre presente na festa de Valdocco	258
As Irmãs de Turim narram os encontros com Dom Bosco	258
Devoção a Maria Auxiliadora	259
As primeiras inscritas entre as Filhas do Sagrado Coração	260
Mamãe Roncallo	261
A Madre em Lanzo	262
A Madre em Chieri	263
Ema Ferrero celebra a volta da Madre a Mornese	263
6 de julho: onomástico da Madre	263
A Madre no quotidiano exercício da caridade	264
Exercícios espirituais para as Irmãs	266
Reuniões gerais especiais para Diretoras	267
A Madre não diminui a sua dedicação	268
“Todas iguais”	269
Preciosas recordações paternas	269
Transferência de Diretoras	270
Os Exercícios Espirituais em Turim	270
Notas de profundo reconhecimento	271
Desenvolvimento no apostolado das “Filhas do Sagrado Coração”	272
De Turim a Mornese e depois a Nizza Monferrato	273

Primeira visita aos Condes Balbo	274
Visita retribuída	275
Os trabalhos aumentam	276
Fundação de La Navarre e primeiras notícias	276
Primeira Vestição na América	276
Notícias de Nizza	277
Agradáveis visitas	277
Madre Mazzarello em Nizza para a bênção da igreja	278
Bênção da igreja e festa para os de Nizza	279
Primeira vocação de Nizza	280
As internas de Mornese vão para Nizza — Um novo Diretor	280
Outros problemas são resolvidos	282
Outra pequena comitiva de Mornese	282
Depois das reuniões gerais — Nova denominação para as Superiores	283
Inovações também para os Internatos	283
Madre Petronilla, Diretora provisória de Nizza	284
Em Nizza também se costura para Valdocco	284
Aprovação diocesana	285
Abertura da casa de Quargneto	285
A Madre volta a Mornese	285
Festa da Imaculada — O casal Terzano em Mornese	286
Vestições e Profissões em Mornese com o Padre Cagliero	287
“Fioretti” mornesinos	288
Também em Nizza se honra a Imaculada	289
Em Mornese: novena e festa de Natal	289
Função do “adeus” em Mornese	290
Últimas lembranças às Missionárias	291
Da Madre para suas filhas de Villa Colón	292
De Mornese a Sampierdarena	294
Agradecimento e oração	295

Ano 1879

O ano novo missionário	296
A Madre escreve a Irmã Joana Borgna	297
O dia da partida	297
O “Boletim Salesiano” apresenta o Oratório de Chieri	298
Mornese revive nas conversações de Nizza	301
A Madre na véspera da sua transferência para Nizza	305
Primeiras notícias do segundo grupo de Missionárias	306

*Composição: Grupo Impressor – Gráfico e Ed. Ltda.
Impressão: Press Gráfico*